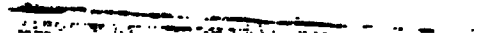
Antonio Ribeiro dos Santos,
es el nombre verdad.° i propio
del Autor de estas bellas
Poesias Portuguesas.



# POESIAS
## DE
# ELPINO DURIENSE.

*TOMO I.*

LISBOA,
*NA IMPRESSÃO REGIA.*

1812.

*Por Ordem Superior.*

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarcal, quando foi nomeado Reformador Reitor da Universidade.*

---

Cheio d'obrigações de vosso nome,
De vosso sangue, dos Avós famosos,
Que na paz e na guerra á Patria alçárão
Mil brilhantes padrões de immortal honra,
Ides reger, ó Castro, hum tenro povo,
Nova esperança da formosa Elysia.
Ao destemido Gama mandou Jove,
Que arrancando a Neptuno o azul tridente,
Fosse romper os encantados mares,
E por nova derrota abrir ao Mundo
As aureas portas, donde nasce o dia:
Mandou o grão Pacheco, o invicto Almeida,
Albuquerque, Silveira, e Castro, ardentes
Raios da guerra, a fulminar o Ganges;
E sobre Reinos cem da rica Aurora
Erguer á forte Elysia hum novo Imperio:

E mandou, que Cabral, perdida a rota,
Levando-o os ventos nas sublimes azas,
Não nos Indicos mares, mas primeiro
No pego entrasse do deserto Occaso,
E as Quinas fosse alçar em Novo Mundo,
Donde hum dia virião prenhes d'oiro,
Mil undivagas náos ao sacro Téjo.
Móres coisas a vós vos manda Jove,
Coisas, que vencem todo o nobre feito
Dos claros Argonautas, das illustres
Descobertas de novos Ceos e terras,
Dos triunfos da Asia tão famosos.
A mór obra, que importa a hum Rei, a hum Reino,
De que pende da Patria o bem e a gloria,
He educar os Cidadões futuros,
Qualquer que seja o seu destino e arte,
No regaço das Leis, e sãos costumes;
Mas muito mais, os que hão de vir hum dia
Defender com prudencia zelo e sizo
Os bens, a liberdade, a vida, a honra,
Os direitos do homem, as regras santas
Da Moral, da Justiça, da Equidade;
Prestando a voz á tímida Donzella,
A'mesquinha Viuva, ao Orfão triste,
Ao Cidadão oppresso e Desvalido:
Os que hão de vir com animo constante
Sustentar sem pendôr nas mãos intactas
Da grave Astrêa a divinal balança;

Libertar a innocencia da impostura,
Guardar justiça, castigar o crime,
E co' a vara fatal dar vida, ou morte:
Os que hão de entrar, oraculos da terra,
No Conselho dos Principes arcano,
Dar Leis ao Orbe, e presidir aos povos:
Os que hão de vir Filosofos sublimes
Descubrir os segredos da Natura,
Que por elles não só se preste auxilio
A's Beneficas Artes, mas o esprito
Da creatura ao Creador se eleve;
E por tudo se veja a Mão Potente,
Que fez os Ceos, o mar, a terra, o homem:
Os que hão de vir alfim, accezo o facho
Da Santa Fé, por entre escuras trevas
Allumiar a mente enferma e cega
C'o sacro lume da immortal sciencia:
Que montão sem moral, sem bons costumes,
Sem justiça, sem solida piedade
Os Reinos do Universo? Que aproveitão
Fastuosas sciencias, grandes planos,
Projectos e tenções de altiva gloria,
Calculos sabios, raras descobertas,
Que espantão os mortaes, mas não os unem?
Só á Santa Virtude e á Lei foi dado
Prender em laços sociaes os homens,
Faze-los bons, faze-los venturosos,
Doceis á voz do Rei, á voz da Patria.

Porque os Reinos prospérem, porque cresção
Em harmónica força, e hum mesmo esprito,
Hum mesmo interesse os animos governe,
Cumpre nos campos juvenis florentes
Semear a Moral, primeiro mobil
Dos severos costumes, das virtudes,
Das maximas prudentes, dos dictames;
Fecundo germen das acções sublimes,
Reger os mesmos Guias, que dirigem
Cada tribu per si, porque os ensinem
Com sãa doutrina, e ainda mais c'o exemplo;
E dar assim nos seculos vindoiros
A' cara Patria prole digna della,
Que bem succeda á geração presente.
Quanto não pésa, ó Castro, este alto empenho?
Quaes atlanticos hombros d'aço puro
Não pede a empresa sublimada? quanta
Somma de siso de destreza e de arte,
Quanto saber, quanta energia e zelo?
Mas sobre vós, quando vos deo ao dia,
Dia rico de gloria e de fortuna,
Poz Jove os olhos divinaes: *vós honra*,
Disse, *sereis de Elysia*. Então, presentes
Todos os Deoses dos Olympios Paços,
C'o almo assopro dos sagrados labios
No peito te inspirou claras virtudes,
Discrição, e prudencia, e grãa bondade,
E amor da Lei, e do decoro e ordem,

Illustres brios de justiça e d'honra,
Recta tenção, intrepida constancia,
Coração bemfeitor, alma sublime.
Da obra excelsa os Deoses se comprazem,
E bemdizem de Elysia os novos fados.
C'o sinal do sobrôlho magestoso,
De que estremece a terra, o mar, o Olympo,
Assélla Jove tantas prendas raras.
Desde então vos reserva, ó Castro illustre,
A grande empresa, que vos ora entrega:
Eia, mostrai-vos já á Patria, ao mundo,
Qual já vós sois, e qual sereis ainda:
Mostrai-vos, qual os Deoses vos fizerão,
Hum Nume do alto Ceo mandado á Elysia.

8

# A
# FABRICIO

*Avisando-o, que tenha medida em seus estudos, e não deixe por elles o trato dos seus amigos.*

---

. . . Quid aeternis minorem
Consiliis animum fatigas?

Horat. Liv. II. Ode XI.

*Repousa o pensamento c'os amigos.*

Antonio Ferreira Liv. I. Carta XI.

---

Se teus severos rispidos estudos
Soffrem descanço huma hora, os olhos volta
A's cartas dos amigos. Já são quatro,
Que te tenho mandado, sem té agora
Ter resposta de ti, nem saber novas.
Que mania te traz tão alheado
De teus caros amigos, de ti mesmo?
Engolfado inda estás nesses estudos
Da Fisica profunda, nos segredos
Da vasta, da sublime Astronomia?
Gastas o claro dia, a noite gastas,
Consomes a saude, e te envelheces,
Em mil combinações evaporado:

Huma hora indagas, porque o fogo ardente
No Ceo convexo o alto assento busca;
A levidão do ar outra hora pésas,
Que ás avidas mãos te escapa, e foge.
Humas vezes meditas, como a terra
No circumfuso ar está pendente
Em seus pesos direita: como os braços
A marinha Anfitrite cristalinos
Ora alarga, ora encolhe sobre as praias:
Outras vezes saber procuras, donde
Rebentão em tropel os duros euros
C'os bravos aquilões fortes brigando;
Donde as chuvas, e as neves fluctuantes,
Donde o saltáõ graniso, donde o raio
Ardente vibra as tortuosas frechas.
Achas da terra estreitos os limites,
Estreito o aureo curso, que o Sol rege;
Mais longe te abalanças e atrevido,
Vas devassar os términos do mundo,
E ao largo plaino dos desertos ares,
Povoado de sustos, te remontas,
Entras nos vastos luminosos mundos,
Nesse povo de globos infinitos;
Co' sagaz astrolabio os astros medes,
Que o immobil Ceo no largo giro fórça;
E queres sugeitar ás Leis soberbas
Os estrellados Orbes despedidos,
Esses mundos de luz, que vão seguindo,

Sem desmentir hum ponto os dois caminhos,
Que Deos traçára com saber profundo.
As ignoradas Orbitas calcúlas
Dos viajantes astros espantosos,
Das horridas desgraças mensageiros;
E que tiras dahi? Es tu mais rico?
Gozas maiores bens, maior descanço?
Tens mais saude, tens mais sãos costumes?
Conhéces-te melhor, qual és? conhéces,
Como te has de reger nas paixões feras?
Como deves curar teus males? como
Melhor c'os homens viverás, em quanto
Viver com elles te he forçoso? sabes
Melhor prevêr as voltas de teu fado?
Sabes mais dos teus fins, onde caminhas,
Onde has de ir dar no derradeiro dia?
Pois se nada de cousas, tão precisas
A'vida, por teus calculos sublimes
Podes medir, de que te serve, ó Fabio,
Pouco tempo de vida, que podéras
Levar em ocio brando c'os amigos,
Em profundos estudos consumi-lo?
Ah! volta, volta a ti; a ti te torna;
Torna-te, Amigo, aos amigos; torna-te
Desse ermo, em que ora vives, todo abstracto,
Ao mundo social, a que és devido:
Torna-te a mim, que te amo; não debalde
Formou em nós o Ceo esta amizade.

11

# A
# JOAQUIM JOSE FERREIRA GORDO,

*Monsenhor da Santa Igreja Patriarcal, sobre os erros dos Filosofos.*

Quão diff'rentes não são, Ferreira, as Seitas
Dos discordes Filosofos soberbos!
Que diversas ideas te apresentão
De Deos e da Natura! Hum lá te grita:
Tudo, o que existe, he Deos: se haver podesse
Hum ser distincto delle, hum Deos seria;
E dois Deoses nem soffre hum Deos potente,
Nem era necessario ao mundo: logo
Eu mesmo, e tu, Amigo, e os mais, que vivem,
E os animaes da terra, e a planta, e a pedra;
Tudo quanto no vasto mundo existe,
He parte deste Deos; e Deos he tudo.
Eis-aqui como pensa o Pantheista;
Como pensa Spinosa; como o antigo
Catão pensava, oraculo de Roma:
Tudo quanto tu vês, he Jove: hum dia
Disse indignado com sublime aspecto,

Quando importuna gente lhe rogava,
Nas regiões, d'Africo Sol queimadas,
Que fosse consultar a Ammonio Jove.
Outro te brada: não ha Deos; o medo
Fez primeiro crear no orbe os Deoses:
O mundo, que tu vês, existe eterno,
E eternos somos com mudadas formas:
Entrando muita vez no fundo abysmo
Deste Universo, germinal dos entes,
Tomamos novos corpos e figuras,
Quaes as massas do ferro dobradiço,
Que na dura bigorna martelladas
Dos membrudos Cyclopes, vão tomando
Diversas formas: tu ha poucos annos
Ave alígera foste, que cortavas
Co'as pandas azas os vazios ares:
Hoje és homem; no Ceo, rico de estrellas,
A manhã serás astro refulgente;
E passados dois evos, demudado,
Serás hum nadadôr do pego undoso,
De barbatanas lúcidas vestido;
Depois rigido marmore, cortado
D'Africa extrema, que de regios paços
Forme as colunnas, e sustente altivo
Hymecias vigas, portico soberbo:
E eu, que ora sou homem, eis já outra hora
Fui hum manso cordeiro, que nas aras
Verti meu sangue em sacrificio aos Deoses;

E inda hum dia serei alto pinheiro,
Que desde os montes desça a ver Neptuno,
E a surcar atrevido as bravas ondas;
Ou já figueira d'horta, cujo tronco,
Depois por destro Escopas torneado,
Se volva n'uma estatua veneranda,
Mór que a de Jove Olympico soberba,
A que cegos mortaes dem honra e culto.
Assim Natura os sêres vai mudando
E de evo em evo as sortes lhes reveza;
E cria huns agora, depois outros;
E os sorve, e esconde, e outra vez os mostra
Já outros mui diversos: do seu seio
Fecundo, e immenso infinitos sêres
Dá de continuo, e os reproduz ao mundo.
Não forão não vãas fabulas sonhadas,
As trasmudadas formas, que o Peligno
Vate, de huma alta Musa acompanhado,
Desde a origem do mundo até seu tempo,
Em longo verso decantou: verdades
Só forão da Natura; forão ricas
Transformações de seus fecundos partos,
Em mil diversos vultos demudados.
Eis já outro Filosofo te grita:
Mortal, Sectario de huma lei, de hum culto,
Tu não examinaste, se Confucio,
Se Zoroastro, se o Sabino Numa,
Forão dos altos Deoses ensinados;

S'Ormuzud e Abrimàn, ou Mahomete
Merecem maior fé em seus mysterios;
S'o Aruspice, ou Druidas Gallezes,
Se o Bonzo, ou Bramene, ou tenaz Rabbino
Melhor acertão suas contas: Logo
Porque adoptaste mais huma doutrina
Do q'outra; porque logo inda na infancia
Marchas sob o estandarte de hum Profetà,
Mais do que em volta d'outro? Por ventura
Escolheste o teu culto? O culto segues,
Que ao nascer no paterno ninho achaste;
Que teus pais te inspirárão, que imitaste;
Que o imperio do habito constante
Em teu peito firmou de largos annos.
Algum outro accrescenta vozeando:
A tua fé por certo não foi obra
De hum alto exame, e da razão profunda,
Que os sagrados motivos analysa
Da crença; do local foi tudo acaso:
Nasce o homem Christão sobre as ribeiras
Do Tibre, nasce Idólatra no Indo,
Musulman no Eufrates, como nasce
Na Europa branco, negro na Ethiopia.
Assim, assim desvairão tantos homens,
Havidos por mui sabios, porém cegos,
Que o que releva mais, menos entendem.
Assim miseros errão entre tantas
Oscillações voluveis de doutrinas,

D'opiniões, e seitas encontradas.
Os fracos olhos dos mortaes não podem
De longe divisar altas verdades:
Como as aves da cega noite errantes,
Desatinão em treva escura e horrenda,
Se lá do Empyreo o santo lume eterno
Não vem raiar no tenebroso mundo.
O que a humana Razão, a si deixada,
Não póde descubrir, tu lho descobres;
O'voz Divina, que dos Ceos soaste;
Tu lhe bradas de lá, que Deos existe,
Author e Regedor deste Universo:
Que tudo nelle, e só por elle vive:
Que a crença e a moral e a lei he huma,
Vindas da mão Benefica, Potente,
Quaes nos mostrão os feitos sobrehumanos
De profeticos sons, d'altos prodigios,
Que o sello nellas da verdade imprimem;
Que as distingue em luz clara dos errores
Dos Filosofos vãos, das falsas seitas:
Que ha hum Reino de paz, mór que mil mundos,
Maior, que quantos orbes infinitos
Póde idear no mundo a mente humana:
Hum paiz de deleite sempiterno,
Assento firme da virtude santa:
Que a alma he immortal, que sobrevive
A's ruinas do corpo; e o corpo hum dia,
Da Urna funeral surgindo, ao esprito

Outra vez se unirá formoso, e eterno:
**Dogma sagrado, que o mortal consola,**
**Que lhe inspira moral no fundo peito,**
**(Unico laço, que os mortaes aperta**
**Na harmonia da paz, do bom, do justo)**
**Que o faz soffrer asperrimos trabalhos,**
**Que o faz sentir em si já nesta vida,**
**Não sei que de divino, e hum grão desejo**
**Do alto Ceo, que em vão lhe não foi dado.**

17

## AO DOUTOR SIMÃO DE CORDES BRANDÃO E ATAYDE

*Sobre a direcção dos estudos e applicações para o util.*

---

*O que convem á vida, he o que presta.*

Ferreira Liv. I. Carta IX.

---

Des que nós, ó meu Cordes, apontámos
No mundo, conviria, que estudando
Menos palavras, e mais coisas, menos
Theoricas sublimes do que praxes,
Soubessemos melhor o que releva
A cada hum de nós na vida breve.
Prodigos vãos do tempo, que fugindo
Nos vai subtil na rápida carreira,
Os dias consumimos, só cevados
Em puras bagatellas, e embelècos,
Quaes meninos brincões, quaes loucas Damas;
E o que mais importava ao corpo, ao esprito,
Deixamos de saber, sabendo tudo.
Não assim, não assim os Camponezes,
Que perto mais da natureza vivem:

Moral, que basta, para serem justos,
A Lei a dicta, e o coração a inspira:
Nó fysico quão pouco necessitão
Das sciencias theoricas sublimes!
Não tem que demandar a douta Athenas,
Nem ler livros da antiga e nova idade;
O que he á vida humana prestadío,
O que mais lhe convem em seus mesteres,
Aprendem logo de meninos: ouvem
Dos padres seus uteis lições, mais sabias
Que as do Lycêo Argivo fastuoso.
Longo saber de experiencias feito
Transplantado depois ao peito tenro,
Como garfo castiço perfilhado
Em hum torrão fecundo, péga, e vinga;
E vai sempre, qual arvore, crescendo
Em évo occulto, sem fadiga insana:
Assim que apenas nelles raia o tino
Da primeira razão, e apenas podem
Usar dos braços na lavoira, logo
Como se fosse de natura, sabem
Sem mór ensino, como a madre terra
Se lavra: como o fertil grão a tempo
Nos almos regos Cereaes se lança:
Como se monda o milho, que está basto:
Como a vinha se poda, e inuteis ramos
C'o fecundo podão se descarregão:
Como as vides adultas se maridão

C'os alamos, que as prendem nos seus braços:
Como as antigas arvores se esmontão:
Como dos seccos ramos decotada
Se desenseia a fertil oliveira.
Elle próvido sabe, quaes remedios
Usar se devem, quando os bois enfermão;
Quando a cabra engafece; quando afracão
Com muito vello as languidas ovelhas;
Quando reina o pulgão, a negra alôrra;
Nem ignora jámais, des que Silvano
Ensinou aos mortaes na prisca idade
As camponêzas artes proveitosas,
Os tempos, e estações accommodadas
Ao bom plantío, á grata sementeira.
Pelos sinaes do Sol, pelos da Lua,
Pelos vôos das aves adivinhas
Sabe o por vir, que serve a seus mesteres;
A calma, o frio, o vento, a chuva, o gelo,
A brava tempestade assoladora,
Que affia os córtes do feroz graniso;
E com mente presaga, se acautela.
Que lhe pode faltar na vida? nada:
Da-lhe a próvida terra o seu sustento,
Dão-lhe os rebanhos leite e ricos vellos.
A hum destes, Amigo, que lhe importa,
Para viver feliz no torrão patrio,
Saber de Troia, e dos Argivos feros,
Saber de Roma, e da rival Carthago?

A

# ANTONIO ALVARES

*Da Congregação do Oratorio, sobre os bens da Paz, e os males da Guerra.*

. . . . . *Pax optima rerum,*
*Quas homini novisse datum est; pax una triumphis*
*Innuméris potior.*

Em tanto, que Aquilão ardente trôa
E os desavindos Reis em dura guerra,
Que assim o soffre o Soberano Jove,
Certo que dos mortaes enfastiado,
Se combatem crueis, e desbaratão:
Em tanto que sem jus e sem piedade
Mandão marchar os malfadados povos
C'o peito ás frechas da sanguinea morte;
E fazem retinir de toda a parte
Tristissimos gemidos moribundos
De mil e mil mortaes, que vão cahindo
Sobre seu sangue do pelouro ardente:
Nós, que habitamos regiões serenas
Do Meio Dia, placidos gozemos
O Bem da Paz, que ha tantos annos rege
Com justo Sceptro o Lusitano Imperio;

Nem ouçamos contar de loucas guerras,
De barbaras victorias, de triunfos.
Cerremos os ouvidos; tristes novas
Não venhão perturbar nossos prazeres;
E se inda assim cá chegão, ah! fujamos;
Do mundo hum canto, huma escusa ilharga
D'algum ermo e remoto monte, vamos
Ambos buscar, onde chegar não possa
Rumor funesto de tamanho estrago.
Deixa, que os Sabios das Nações estranhas
Nos taxem de grosseiros; que apregôem
Que somos pouco cultos, pouco menos
Que Barbaresca Gente, que está perto;
Que não figura Lysia; que não pésa
Na Balança Politica da Europa:
Que não ha entre nós hum Genio Grande,
Que dê luz ás Sciencias, força ás Artes,
E que alce Lysia, e a nivel a ponha
Dessas altas Nações, que o mundo assombrão.
Embora seja tudo, se ellas vivem
Em dura guerra, em dissensões funestas,
E nós em tanto em doce paz vivemos.
O Homem só quer paz: a paz dourada,
Vendo os mortaes agrestes divididos
No principio vagar por densos bosques,
Imigos huns dos outros, de si mesmos,
Dos Celestes Umbraes descendo á terra
A todos se mostrou serena e bella:

Os homens a si chama, e carinhosa
Com a candida mão os une e ajunta;
Adoça os agros feros de seus genios;
Tinge da meiga côr os seus costumes.
Eis do meio dos bosques vem sahindo
Cidades sociaes de amiga gente;
Aos ares erguem torreadas frentes
Ou sobre a c'roa de vistosos montes,
Ou já nas leivas de estendidos valles.
Hum bem commum a todos prende, e enlaça;
Amão-se todos, todos se auxilião;
Quanto para si quer, quer hum ao outro;
Entrão todos nos bens, nos males todos.
Escolha se faz de hum, Pai de hum só povo,
Que delle cure com ternura e siso:
Debaixo de seus olhos, de seu mando
A Industria, as Artes, a Abundancia cresce;
Pulão os campos co' a encrespada espiga;
O verde azinho loiro mel goteja;
Rios de leite dos rochedos manão;
Verão eterno reverdece os prados;
Com seus tepidos halitos refrescão
Os Zefyros suaves as campinas:
A planta, a flor, o pomo, a fonte affagão:
A candida Innocencia, a Singeleza,
A Verdade, a Alegria, a Paz amavel,
A Equidade, a Razão, a sãa Justiça,
As Graças, e outras Deosas bemfeitoras,

Que só por nosso bem dos Ceos vierão,
Nos arvorados campos passeando,
Ora travão mil danças sonorosas,
Ora alternão mil canticos divinos.
Mas quão pouco durou tão lédo estado!
Passou o tempo d'ouro: eis outra idade
De baixa veia em seu lugar se assenta;
E o Sceptro empunha mui feroz de genio
A bronzea prole; horrendo vicio a rege,
Que as solidas virtudes desbarata,
Que os costumes escala; destemida
A impia geração os Ceos despresa;
As Leis sagradas da Natura calca;
A Piedade, o Pudor, a Fé, a Honra
Ultrajadas da terra aos Ceos se forão;
A Fraude, e a Força, e as Traições, e o Dolo,
E a sordida Avareza, e a vil Cobiça
Tomão o campo da Virtude; eis logo
A barbara madrasta aos enteados
Mistura os baços aconitos; logo
Com parricida mão o filho ingrato
De seu pai a senil garganta opprime:
Logo a guerra de ferro e fogo armada,
Co' a mão sanguinea crepitante corre;
Miseros povos contra povos arma:
Sôa a trombeta das Lipareas forjas,
Horrendo trôão fulminantes raios;
Nas cerradas falanges estrallando,

De fileira em fileira a morte levão:
Tropa de vis escravos arma o Ganges,
Fecunda o Nilo cem diversos Reinos,
Assento infame do Despóta horrendo:
O sanhudo furor a Europa turba,
Sceptros de ferro, que as nações governão,
Dictão as cruas Leis, a guerra, a morte.
Sobre as margens do Rheno já reluzem
Bosques de lanças do cruel Mavorte;
O Danubio de sangue tinto corre,
Tinto de sangue o Ebro, o Sena, o Pado.
Ora que as luzes da razão se estendem,
Que tanto se apregôa a Humanidade,
Que o Seculo Filosofo se chama,
Que vemos, caro Amigo, nesses povos,
Que se tem por mais cultos, mais humanos
Sobre todas as gentes do Universo?
O' da Europa vergonha sempiterna!
Ardem em ambição, em odio, em guerra;
Com a morte na mão huns contra os outros
Marchão crueis por cima desses campos
De insepultos cadaveres juncados;
Inventão-se mil artes homicidas
De Tactita feroz; as Leis sagradas
Da Natura, e Razão se calcão todas;
Roubão-se povos; queimão-se campinas,
Prenhes de fertil grão; como despojos,
Reinos inteiros pela força ousada

Entre os mais poderosos se repartem;
Miseros Reis, quebrada a c'rôa, e o sceptro
Descem do throno, ao cadafalso sobem;
Impio cutelo Principes decepa,
E cidades inteiras desgraçadas
Dos proprios Cidadões no sangue inunda.
Ah! basta, Amigo, os olhos afastêmos
Do barbaro espectaculo nefando:
Sejão os Lusos menos cultos, sejão;
Mas sem crimes em santa paz se rejão.

## 26

## A

# D. JOÃO JOSE ALBERTO DE NORONHA,

*Conde de S. Lourenço, contra os libertinos.*

---

Que me dizeis, ó Conde, honra de Lysia,
Do moral destes moços alterosos,
Que os nomes mais Sagrados profanando,
Filosofos se chamão? qual membrudo
Porfyrio, audaz jaculador dos troncos,
Ou o Cem-braços Gias, ou o enorme
Tyfêo de minaz corpo horrendo e fero,
A túmida cabeça aos ares, crespa
De verdinegras viboras, levantão;
Denunciando guerra ao Ceo sublime,
Qual outra Lei nos clamão de continuo,
Que outro moral nos prégão mais frequente,
Que Natura, e Razão, e Liberdade,
E Igualdade entre todos; e as Franquezas
E Direitos do Homem, e o Bem da Patria?
Por Caridade, nome santo, dizem
Humanidade, a Deos chamão Natura,
E ao Proximo os nossos Semelhantes;

Nomes, com que se o povo nescio engana
He bem, mudem-se os nomes, mas mudárão-se
Os antigos costumes devassados,
Abusos, e paixões, e vis interesses?
O' vergonha dos homens, ó cegueira!
Inda reina a maranha, inda a trapaça;
Inda o agro ciume o peito accende;
Inda a ira insoffrida os diques rompe.
E impéra a ambição faminta e ôca;
Inda manda a cobiça; ainda arde o fogo:
Hum traz sempre na boca o amor dos homens,
O bem commum, o bem da humanidade;
Mas seus brios na pratica desmente:
Prega igualdade, e os seus iguaes não soffre;
Pregôa humanidade, e he duro e fero:
Clama contra os tyranos, e he tyrano:
Não quer hum Deos, e quer ser Deos dos outros.
Tu, barbaro Varville, que ostentando
Humano coração, que te era alheio,
Já contra os crimes brandas leis dictavas;
Foste de teus irmãos verdugo infame:
Como tu foste, são os teus sectarios;
No rosto trazem mascaras dolosas,
Que recatão seus animos tredôres:
Humanos termos, Coração tyrano:
Açama-los convem, que são mais feros,
Do que lobos cervaes, que crueis tigres;
Tenho delles mais medo, do que tenho

De feras zarvatanas e azagaias.
Se se houvessem de dar leis novas, certo
Não contra barregãas, ou vis rameiras,
Não já contra ladrões, nem onzeneiros,
Contra estes se houvera de armar Themis
Co' a vingadora espada sem piedade:
Ou se vós mais quereis, se poupe sangue,
Sangue, que inda malvado, o esprito aterra,
Quando no Cadafalso se derrama,
E faz gemer o coração sensivel;
Saião da Patria, embrenhem-se ferozes
Em erma terra, defezada em mato;
Nos sordidos covis das bravas féras;
Onde possão viver muito a seu salvo.
Deixem-nos huma vez, lá sejão livres,
Lá sejão entre si iguaes c'os brutos.

# AO
# DOUTOR NOGUEIRA

*Sobre os prazeres innocentes da vida.*

A rompa e a escravidão á Corte deixa,
E aos Filosofos vãos, que se debatem,
Sua louca ignominia e seu orgulho:
Deixa ao avaro o oiro, que amontôa,
Que ha-de largar á borda do sepulcro:
Deixa aos homens crueis o vil cuidado
De enganar a innocencia, deixa tudo,
O'meu Nogueira, ó honra da amizade.
Se claro ves, o que he o mundo, busca
Nelle ao menos viver, fiando pouco
De quanto te apresenta: poucos dias
Já nos restão da vida incerta e fragil,
Que longas esperanças nos defende:
Cuidemos de passar alguns ainda,
Em quanto durão, em prazer honesto.
Amigo, o são prazer sómente vive
No seio de huma casa sem tumulto,
Sem requerente, sem crédor á porta;
Sem mór cuidado do futuro incerto,

Que poucas provisões da vida pede:
Vive no trato dos fieis amigos;
Nas praticas suaves, que entretenhão
Nosso ávido esprito em lédas horas;
Na lição de bons livros, bons Poetas,
Nas Chronicas, que os grandes feitos guardão,
Que as varias scenas desse antigo mundo,
Melhor do que este nosso, nos amostrão:
Vive o prazer tambem no honesto jogo,
Limpo de int'resse, de mil graças rico;
No passeio por sitios deleitosos,
Livres de gentes; por hum campo ameno,
Onde te assentes, como quer que apraza,
Ou sobre hum alto oiteiro, donde vejas
Vergeis e prados, donde o mar descubras;
Ou já sob a copada faia, ou olmo,
Donde te cantem aves sonorosas
Cantigas naturaes de seus amores:
Vive na fresca veiga, matizada
De boninas gentis, de belvedéres,
Junto á matriz da resonante lymfa,
Que excita leves somnos saborosos;
Sob o docel das parras, donde estende
O rôxo Baccho os pampanos frondentes;
N'uma mesa, não parca, não sobeja,
Mas simples e frugal, singela e limpa,
De só dois convidados rodeada,
Que te brindem a ti, a quem tu brindes

Com sobria taça do licor divino,
Que esforça o coração, remoça a vida:
Vive a pár do fogão no frio inverno,
Que os tremedores gelos afugente:
Entre os Zefyros vive, que bafejão
Frescor das azas no calmoso estio:
Poisa no molle somno em brando leito,
Onde não chegão pallidos terrores;
Em fortuna meãa, que não se inveje,
Que te dê, quanto baste á vida breve,
Sem fausto, mas sem mingoa e sem cuidados.
Se isto tiveres, és hum Deos na terra,
Eu desejo estes bens, e t'os desejo.

## AO DOUTOR
## JOSE BARROSO PEREIRA

*Sobre a desigualdade dos premios e fortunas.*

---

*Fallo comvosco como em puridade.*

A. Ferreira.

---

Tu lamentas, Amigo, muitas vezes,
Quão mal os bens da vida se repartem,
Que huns lá gemem na misera pobreza,
Outros no seio da abundancia dormem:
Não me espanta com tudo, não me espanta
Esta desigualdade: este he activo;
Aquelle inerte; estoutro engenho e arte
Recebeo ao nascer, e sabe destro
O campo cultivar, que os Ceos lhe dérão:
Aquelloutro porém, a quem não coube
Dom algum da natura, em vão se esforça,
Que quanto mais trabalha, menos lucra.
Mais me offende, se devo abrir meu peito,
Outra maior diff'rença, que eu cá vejo:
Vejo muitos poltrões, ao Estado inuteis,
Em brilhante fortuna; e muitos vejo
Que tem servido a Patria com seus braços,

Sem nenhum galardão. Como he possivel
Que quem nas Artes próvidas trabalha,
Viva em desprezo, pobre, e sem ventura;
E quem descança, em ocio vil sentado,
Em pródiga riqueza estê nadando?
Não vês, como, rompendo o alvor do dia,
Vai o obreiro amanhecer na obra,
Em quanto o Cortezão, a somno solto,
Toda a manhãa em torpe leito dorme,
Nem s'ergue a mais, que a profanar o resto
Do almo dia, e a consummar seus crimes?
Mas hum que galardão recebe? O outro
Que affronta, que castigo? A noite desce
Em sombras, d'altos montes despenhada,
Sobre os tectos das Villas e Cidades,
Cançado o obreiro do trabalho cessa,
Recolhe os instrumentos, e caminha,
Suado o rosto, ao denegrido alvergue,
E que acha nelle que o console? Apenas
A afanada mulher, e os rotos filhos
Em tosca banca sobre o lar fumoso
Lhe apresentão do alho a sorda esquiva,
Ou salgada sardinha de mistura
Com pão de soborralho; e muitas vezes
Nem isto lhe quer dar a escassa mesa:
Porem em tanto o Cortezão soberbo,
Sem officio, sem arte, sem trabalho,
Vive em descanço, em ocio vil prostrado;

Em sumptuosas ceas céva a gula;
E em bachanaes regalos se apascenta.
Se a Razão, n'outro tempo do Universo
A Rainha, outra vez voltasse á terra,
Que rico premio não daria áquelle,
Que em quentes bagas de suor banhado,
Os seios abre da fecunda terra;
Que o duro ferro na bigorna dura
C'o possante martello vai batendo;
Que as pedras corta, que altos lenhos fende,
Que apascenta lanigeras manadas;
Que lança as rèdes sobre os bravos mares,
E arranca ao fundo pégo a turba immensa
Dos escamosos peixes nadadores;
Que tece o branco linho, e as lãas do gado;
Que c'os braços da industria trabalhando
Os homens alimenta, os homens veste!
Porem a ti, ó Cortezão inerte,
Que inutil peso ao mundo, a ti só vives,
Qual rocim mazellado te arrojára
Lá no almargem deserto, onde acabasses,
Sem cá ficar de ti memoria, ou rasto
De existires na terra. O'meu Barroso,
Eu hia agora longe e arrebatado,
Não sei, não sei, como perdi meu tino;
Fallei a puro esmo, em quanto disse:
Torno-me a mim, e a ti, que já deixára;
E pois que já não tem remedio o mundo,

Soffremo-lo; paguemos-lhe calados
Esta alcavala, e foro. O Ceo te guarde.

## AO CAPITÃO MANOEL DE SOISA

*Sobre o Infante D. Henrique.*

Demos louvor aos nossos: tu, ó Soisa,
Que muito podes na Thebana lyra,
Escolhe ao novo Canto teu divino
Heroe sublime, hum Principe de Elysia,
Que fez abrir os encantados mares,
E deo brado a seu nome, e nome á Patria.
Cria-se em vão, que a próvida Natura
C'um eterno divorcio dividira
Dois Hemisferios, dois diversos mundos;
Que já, porque ninguem romper ousasse
Com impia quilha os terminos vedados,
De fervidas voragens, de arrecifes,
De horrisonas tormentas, de mil sustos,
Maiores que os da morte, povoára
Os pélagos profundos, que em tormentas
Desde o Cabo fatal de Nam sanhudo

Té os confins do Mundo Austral volvião
Enormes massas de medonhas aguas.
Crião outros em vão, que o Sol descendo
Do curso de alto Olympo, e já deixando
Os Orbes todos, e inclinando os raios
A's regiões do tenebroso occaso,
As estrellas, os Ceos, e o mar profundo
Comsigo arrebatava em veloz giro:
Ou já que ardendo com fervor immenso
As Atlanticas ondas escaldava,
E n'um rápido vento as resolvia,
Que os navigeros pinhos destroçava.
Em vão se cria em fim, que o eixo ardente
Do flammivomo Carro, que o Sol rege,
Visinho ás terras, dardejava fógos,
Que essas torridas Zonas abrasavão;
Que nem humana gente alli vivia,
Nem já féras, nem aves voadoras,
Nem Ceres os seus dons alli criava.
Tudo ameaça inevitavel p'rigo;
Tudo apresenta aos pavorosos nautas
Miserrimo naufragio, abysmo, e morte:
Mas nada estorva ao sublimado Henrique
O projecto de gloria. Quando hum dia
Acceso em maior fogo se elevava,
Revolvendo na mente altas idéas,
Talha o celeste façanhoso plano
Dessa navegação, que abrindo ousada

Os segredos do mar, sujeite a Lysia
Hum imperio de pélagos immensos,
E do Ceruleo Reino os Deoses todos.
Então Urania, bella Mãi dos astros,
Dos Ceos em rosea nuvem desce: O' Filho,
Diz ella ao claro Infante, ó Filho caro,
Não desistas da empresa: arma teu peito
De rigido diamante, e firme segue
Essa róta de gloria, que talhaste,
Que os astros todos te serão benignos.
Disse, e voando Soberana ao Olympo
Lhe deixou liberal em donativo,
O sublime Astrolabio, do Sol filho,
A Magnetica Bussola, o Quadrante,
E o compasso sagaz, com que media
As esferas do Ceo, e o Orbe inteiro.
Este grande Varão de Lysia, ó Soisa,
Sobre todos os outros louva: a este
São devidos os cantos, são os loiros
Do claro Febo; a este são devidas
Estatuas Colossaes, bronzeas medalhas,
E em gratos Cippos publicos letreiros.

# A ALMENO *

*Excitando-o a cantar Objectos dignos da sua Lyra.*

*Emprega teu engenho puro e raro,*
*Teu claro e brando estilo*
*Em sugeitos de ti sómente dinos.*

Pero de Andrade Caminha Ode IX.

Em quanto cem Poetas, caro Amigo,
Levão de rojo com desdoiro eterno
Pelos profanos córos as divinas
Canções das castas Musas, mendigando
Aos pés dos Cortezãos fortuna, e nome;
Tu sobranceiro a tudo, ó grão Poeta,
Canta só coisas dignas d'alta estima:
Nem tu pejes a lyra d'oiro fino,
Que do Permesso te doára Apollo,
Co' assumptos baixos de lisonja insana.
Se Heroes queres cantar, té ás estrellas
Alça em teu canto os nomes sublimados
Desses mortaes, que ao homem bem fizerão.

(*) O P. Fr. José do Coração de Jesus.

Sonoroso clarim á Fama entrega,
Que, todo o mundo discorrendo, leve
Do pólo austral ao congelado arcturo
Os nomes immortaes, que os Deoses amão,
Do Divino Platão, do Stagyrita,
Filosofo profundo; dos dois astros
De Túsculo, de Córdova. Mais alto
Se inda queres subir, ás Musas manda,
Que em claro metro aos Deoses alevantem
O claro Atheniense, que primeiro
Chamou dos Ceos a sãa verdade á terra, (*)
E a mostrou aos mortaes, posto que ingrato
Povo lhe désse em galardão funesto
Copo de morte. Nem tu deixes outros,
Que mais perto de nós mil bens fizerão
Ao Homem e á Razão: hum hymno sacro,
C'roada a fronte d'amarantho eterno,
Sobre as estrellas lúcidas consagre
O famoso Barão de Verulamio,
Que o *nexo* e *ordem das sciencias* víra;
E fatidico vate adivinhára
Não trilhadas veredas, que aos vindoiros
Suas vastas ideas abririão.
A's estremas do mundo leva ufano
Em eterno pregão a nobre fama

(*) Fallamos aqui poeticamente, e assim mesmo da verdade puramente Filosofica.

Do Sabio Locke, que a razão aclára,
Do douto Malebranche, que descobre
As nossas prevenções, os nossos erros.
Que voz sublime te não está pedindo
O excelso Newton, que a Natura alcança!
Poz nella os olhos d'alto lume accesos,
E a noite escura, que a cobria, abisma,
E faz raiar a clara luz do dia.
Estes, Almeno, são os que merecem
Hum eterno padrão de jaspe e bronze;
Huma estatua sublime, que honre a praça;
Hum nobre quadro do famoso Apelles:
A estes taes de juro he que pertencem
Os sagrados Poemas, almos hymnos
E o harmonico som da eburnea Lyra.

# A ALMENO

*Sobre o mesmo Assumpto.*

Desejas de cantar Varões famosos
Maiores que os Filosofos sublimes,
Maiores inda do que he Locke e Newton?
Se assim te agrada, muitos tens que cantes:
Bemfeitores do homem, soberanos
Deoses das Artes. Canta aos sons da Lyra
O Pan Tegeo da Arcadia, que as florestas
Deixando de Lyceo, e o patrio bosque,
Ensinou a pastar aos ovelheiros
O manso gado nos Menalios montes;
Mungir o branco leite em curvos tarros;
Queijá-lo fresco nas trementes natas;
Os densos vellos tosquiar, que afrácão
As enfermas ovelhas; fazer destro
Da láa vestido, e hum çurrão da pelle.
Canta o Padre Silvano, cuidadoso
Guardador das estremas, que afanado,
Da grenha da cabeça sacudindo
As cebólas cecens, descobre como
De fructiferas arvores se adornão

Os montes ermos, os pousios valles.
Honra co' a lyra d'oiro, se tu podes,
O sabedor Triptólemo, que ensina
Trocar por fertil pão do culto Epiro
A bravia bolêta. Elle primeiro
C'os alviões e picaretas corta,
E os virgens matos arrotea; mette
Ao duro jugo os indomaveis Touros,
Rasga co' arado a terra; e ensina como
Se alqueiva e grada; como o grosso milho
Se rega em tempo, e monda, e sacha, e arrenda:
Como se apanha a loira massaroca,
Se escamisa nas eiras, e debulha;
Como se móe sob a redonda pedra,
E se amassa, e no ardente forno coze.
Não te esqueças de dar por novo estilo
Excelso canto, a quem primeiro soube
Soltar do duro pedernal de fogo
Fulgurantes faiscas; e ajuntando
A secca lenha nos sagrados Lares
Viva chama accender, que aos ares sobe,
Que aquece os membros aos mortaes cançados,
E os frios Euros e Aquilões nevosos
Para os Cymerios montes afugenta.
Que louvor acharás, que seja digno
De quem nos trouxe á clara luz do dia
Dos mineiros da terra o duro ferro,
Instrumento das Artes; que os membrudos

Cyclopes de Vulcano, regaçados
Sobre a negra bigorna martellando,
Fazem tomar em dobradiças massas
De vivo fogo accesas mil figuras.
Louva o mortal, que delle fez primeiro
A potente alavanca, apoio forte
Da pasmosa Mechanica sublime;
O estrondoso martello, a tenaz dura,
O agudo prégo, a destra fechadura,
Cumpridos enchadões, e curvos sachos;
Retorta foice, que os inuteis ramos
Valente poda, e os pães maduros ceifa;
Quem a serra, o formão, a enchó, e a goiva
E o possante machado, com que fende
Do espesso bosque o lenhador os membros;
E a reluzente relha, que abre os seios
Da madre terra, e ás genitaes sementes
Prepara os almos regos, donde brotão
Os ferteis esquadrões da flava Ceres.
Nem menos te mereça hum doce canto,
Quem primeiro mostrou á Gente rude,
Como no Campo alagadiço nasce
De grossas febras o mourisco linho;
Como se colhe, e da baganha alimpa,
E em seus maçames se ata, e curte n'agoa,
Como se grama, se tasquinha, e asseda;
Como depois se fia, e se ennovela
Em brandas massarocas, que torcendo

Das candidas donzellas afanadas
Vão os roliços fusos; como logo
Se doba, e no estendal ao Sol se cura;
Como por fim co' pentem sonoroso
Se corre, e delle tece branca têa.
Quem estas coisas fez primeiro, ó Musas,
O'sagrado Thymbrêo, este he só digno
De mil grinaldas de mimosas flores,
Tecidas pelas mãos das brancas Nynfas;
A estes, e outros mais, que o bem procurão
Do homem, são devidas mil capellas
De loiro e d'hera, galardão formoso
De suas obras de immortal memoria.

45

## AO DOUTOR RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA

*Sobre o prazer da leitura dos Poetas na solidão.*

Tu dizes, que estou só, e vivo triste,
Longe do trato social: mas chamas
Viver em solidão, quem vive lédo
De Lucrecio, d'Horacio, de Virgilio,
De Sá, e de Ferreira acompanhado?
Quem conversa Camões, Menezes, Castro,
E outros vates illustres d'alta Lysia,
Aos Romanos iguaes, iguaes aos Gregos?
Nas horas ao prazer só dadas entra
Ora hum, ora outro: quantas coisas
Me contão, que meu esp'rito me arrebatão;
Quantas me mostrão de belleza rara,
Que os olhos prendem com suave encanto?
Eis vem Lucrecio com sublime aspecto,
E vem com elle em léda companhia
A casta Venus, mãi da Natureza;
Nobre como ella he, risonha e bella

Desdobra a Deosa o rico véo, que a cobre,
E a meus ávidos olhos espantados
Os divinos arcanos me descerra:
Como na mão tomando o facho ardente,
Que tenebrosos mundos allumia
Próvida desce aos penetraes sagrados
De toda a redondeza; e sacudindo
Vivas faiscas sobre o Orbe inteiro
Fecunda o Ceo, o ár, a terra, os mares
De infindos seres, que povôão tudo.
Outras vezes converso gravemente
O sabedor Virgilio: elle me conta
Os altos feitos do Varão piadoso,
Que deixando de Troia os abrasados
Muros, primeiro demandou a Italia,
E as praias de Lavinio; e me refere
Quantas coisas no mar, quantas na terra
Soffreo constante, entregue ao rancor diro
Da Rainha dos Deoses vingativa,
Até que edificasse a alta Cidade,
E nella collocasse os patrios Deoses,
Donde descende a Geração Latina,
E os Albanezes Padres, e as muralhas
D'altiva Roma, que deo Leis ao mundo.
Humas vezes em dia mais sereno
O Venusino Horacio me apparece
Risonho, e festival: *Anda comigo*
Me diz, da mão me péga; e vamos ambos

Por hum campo de flores estrellado;
De passagem me leva a ver Glycéra,
Que em viva chama o coração lhe torra;
A ver Licymnia de fulgentes olhos,
E a mais que todas Lálage formosa,
Gentil de doces fallas, doces risos.
Quando quebra do ardor o secco estio
Pelos altos Sabinos vou com elle,
Ora aos liquidos Baios sonorosos,
Ora á fria Preneste, prazer doce
Dos antigos Romãos; ora aos cabeços
Da Herculea Tibur, que se está sorrindo,
Obra do Argêo Colono: muitas vezes
A'antiga Alba concorremos ambos,
E ao ameno Lucretil, onde Fauno
Costuma passear, e com semblante
Risonho visitar as tenras crias.
Outra hora vamos ao Galéso, rio
Do Laconio Phalante, e ás terras, onde
Não cede o mel a Hymetto, aonde a baga
Com o verde Venafro se debate.
Ora subimos Formiano oiteiro,
E lá onde as Falernas uvas nascem:
Com que gosto não vemos d'altas rochas
O Anio reluzente despenhado,
Que com aguas mais claras, do que electro,
Os campos réga, e a resonante Albunea,
Onde esteve Mecenas, onde Augusto!

Sentamo-nos alli; alli desfére
O Vate a Lesbia Lyra, e ao som divino
Canta as graças, e os jogos prasenteiros,
Que em torno vôão da Acidália Deosa,
E os prazeres do Deos, que a frente cinge
Com o pampano verde: alli bebemos
Bojudas taças de purpureo vinho,
Que já próvida mão tinha assellado
Desde o Consul Metello: eis que no meio
Dos formosos festins, que o estro excitão,
O Vate illustre de repente s'ergue;
*Vôa*, me diz; de brancas azas logo
Me impluma todo; já com elle vôo
A'Rhodope, cursada de pé barbaro,
E á Odrysia Thracia, em frio gelo branca:
De lá me mostra o Hebro, prenhe d'oiro,
O Caucaso medonho, a Assyria praia,
Brava co'ardor das áridas arêas;
Mostra-me Bacho nas remotas fragas
C'os satyros Caprípedes em roda,
E ás aurícomas Nynfas ensinando
Canções divinas, que nos ares soão;
E em roda delle as Thyades protervas
As torneiras de vinho desatando.
Eis vou dalli com elle arrebatado
Por sobre as altas nuvens galopando:
Do Beotico monte a testa altiva
Sublime tóco: vejo alli, e adoro

Os divinos rochedos consagrados
Pelas Musas Ladónides, e as aguas,
Que das torrentes fozes de Hippocrene
A borbotões rebentão. D'alli vôo
Inda mais alto; os Ceos affronto, e firo
Co' a excelsa fronte os radiosos astros;
Entro no Olympo, assento-me c'os Deoses
A's sacras mesas de diamante, e d'oiro.
Vês tu, Amigo, quanto mundo corro,
Quantos astros, e Ceos? Vês quantos Numes
Trato aqui, de Virgilio, de Lucrecio,
Do Venusino Vate só guiado?
Que te direi dos Lusos? que formosa,
Que nobre companhia me não fazem
O douto Sá, o inclito Ferreira?
Que solidas sentenças, que virtudes,
Que grãa Filosofia me apresentão?
Não essa de theoricas altivas,
Que ignotas regiões, invias veredas,
Sem prumo, e lastro vagabundas correm;
Mas practica, e segura, e certa guia
Na carreira da vida: quando os oiço,
Que conselhos, que maximas prudentes,
Que regras sociaes delles aprendo?
Tão alta, tão christãa Filosofia
Trasluz nas suas Obras, nos seus ditos,
Que outro em Lysia não acho mór, do que elles.
Depois destes se quero outra companhia,

Quantos amigos não vem ter comigo?
Vem o terno Caminha mavioso,
Nascido para amar, e ser amado;
E huma a huma me conta as graças bellas
Da sua ingrata Lília: vem Bernardes,
E em brando estilo do seu Lima canta
Hora gostos de amor, outr'hora mágoas.
Quantas vezes comigo cá practica
O Lobo cortezão altos primores
Da vida social; e quantas outras
Pelos formosos campos discorremos
Do Lis e Lena, que inda agora levão
Ao som das mansas agoas os amores
Do Pastor Peregrino, que chorava
Os duros males da travêssa flecha.
Se quero variar, eis outros tenho
Perto de mim, amigos deleitosos,
Ora te oiço cantar, ó sabio Antrizo,
Co' a lyra igual á Venusina lyra,
Da tua Laura bella as gentis graças,
Lumes dos astros, que se accendem dellas.
Ora chega co' a cythara doirada,
De Gangeticas perlas guarnecida,
O inclito Fernão; e canta nella
Da Transformada Lysia altas historias,
E segredos, que envolve em varias flores.
Que visita melhor, que companhia
Que se iguale a Camões? Camões divino

Não se peja de vir honrar-me a caso,
E em alto metro recontar-me, como
Ceruleo Gama destemido e forte,
Arrancando a Neptuno o poderoso
Trisulco sceptro, insolita carreira
Abrio por mares nunca navegados;
Quantos cabos dobrára, quantas ilhas,
Barbaras costas, descampadas praias;
Quantas gentes de estranho gesto, e lingua;
Quantos ceos, quantos novos astros viu;
Até que pôde vencedor dos mares
O berço registrar do Sol luzente,
E os thalamos da Aurora, donde nasce
O radiante dia, sempre o mesmo;
Onde alçárão Pachecos, Castros fortes
Da nova Lysia o Oriental Imperio.
Apôs este vem outros: vem Menezes,
E a Chrysèa Malaca, empresa nobre
Do feroz Albuquerque, me apresenta,
Hoje emporio fatal do fulvo Belga.
Vem o Corte Real, e em solto metro
Da sem ventura Leonôr me conta,
E do esposo infeliz os duros fados,
Que sobre o horrendo tormentorio Cabo
Entre trovões, e raios crepitantes
O fero Adamastor vaticinára:
Nem me falta tambem o douto Castro,
Co' sagrado Poema, em que elle sólta

Muitos sons varonis do Vate Argivo,
Do Mantuano Vate; reina nelles
Vencedor d'alta Troia o vago Ulysses,
Que traspondo os limites, que puzera
No Calpe Tingitano o forte Alcides,
Do tremendo Occeano as ermas ondas
Impávido affrontou, e sobre o Téjo,
Que vê banhar-se o Sol nas rubras agoas,
Ergueo aos astros a Cidade altiva,
Rainha do Occidente, mãi dos Lusos.

# A JOSINO

*Que havia enviado ao Author algumas de suas Poesias.*

Leio teus versos, que me envias; leio
Versos a baixo assumpto mal devidos,
Perdôa, se te fallo liso; cantas
Em teus poemas Cortezãos potentes,
Garridas damas, juvenis cuidados:
Não são estes, não são, Amigo, objectos
Dignos do canto das Pierias Musas.
Se tu queres honrar a eburnea lyra,
Se desejas deixar hum nome eterno,
Que o amem sempre os seculos vindoiros,
Acaso mais illustres, que estes nossos,
Em que os aromas Apollineos ardem
Ou nas aras da torpe Cytherêa,
Ou já aos pés dos Cortezãos validos,
Canta sómente Deos; canta a Virtude;
Depois della a Natura bemfeitora;
Depois destes o homem bom, e util;
O pai que educou bem seus caros filhos
No regaço das Leis, dos bons costumes;

O Filosofo sabio, que indagando,
Quanto póde a Natura, quanto a Industria,
Com novas traças aos mortaes bisonhos
Suas Artes beneficas melhóra.
Louva co' a lyra, que de Lino herdaste,
O agil Lavrador, que incultos campos
Arou, e ferteis fez os ermos valles;
Que nos áridos dias a faminta
Cidade farta em cereal sustento.
Louva o soldado ardido, que se arroja
Contra as lanças crueis de imigas tropas,
E a patria salva da fatal ruina:
O grave Cidadão, que justo, e firme,
Sem se dobrar ao vil temor da morte
Segue a Virtude, a sãa Verdade, a honra:
O grave Senador, que nunca deixa
A balança falsar da justa Astréa:
O fiel Conselheiro, que no meio
Da turba cortezãa e aduladora
Ousou dizer verdade aos Reis da terra,
Sem se assustar de ver o torvo aspecto:
E o Rei humano, que fez bem aos povos,
Que os amou, como pai, e irmão, e amigo,
Estes só canta nos teus versos: nelles
Começa por crear já nesta idade
Modello digno, que apresente Apollo
A' nobre imitação das Bellas Musas,
Quando raiarem seculos doirados.

# A
# FABRICIO

*Sobre a indagação das Antiguadhas.*

Lês Fabricio, esta Carta, ou to prohibe
A velha Roma, que lá tens comtigo?
Tu consomes cem dias, e cem noites
Curvado sobre os Grevios, e os Panvinos:
Tu devóras com ancia, quanto Goltzio
Quanto estampou Vaillant, quanto Morello:
D'uma fendida lápida cuberta
De verde musgo, ou já gastada ao tempo,
Que a lisonja dos mobiles Quirites
A Capitães ferozes consagrára,
Avido apuras com affinco insano.
Ferrugenta medalha carcomida
Dos fastuosos Cesares indagas,
E a apagada inscripção, que absorto adoras,
Pertendes decifrar, e muitas vezes
Dás a Nero, o que toca aos Antoninos.
Mas dêmos, que acertaste, que te monta
Por fim de taes fadigas, sem mais fructo
Saber, que as peças são do bravo Cesar,

Que são d'Augusto, de Trajano, ou Tito?
Se folgas de tratar antigo mundo,
Lida, que eu te darei hum premio rico,
Que inveja faça aos Principes da terra,
Por ver alfim, se podes forcejando,
Desencerrar das trévas d'alta idade
Os famosos Varões, que os Ceos mandárão
Crear na terra as prestadias Artes;
Que a força, e a industria aos mortaes augmentão
Que dão ás coisas novo ser e forma,
E á vida humana põem mais firme esteio.
Indaga, quem primeiro com seu rogo
Fez dos astros descer a rica Ceres,
E vir benigna co' as doiradas tranças
Por seu collo estendidas assentar-se
A' porta desses rusticos alvergues;
E dalli ensinar aos Lavradores
A abrir a terra, a semear os regos.
Trabalha por saber, se inda mais queres
Empresa de ti digna, qual primeiro
Os altos choupos esposou co' as vides;
Qual co' agudo podão infructuosos
Ramos cortando ás arvores agrestes,
Perfilhou nellas garfos mais castiços.
Vê, se descobres, quem primeiro soube
Os valles altear, rasar os montes,
Rapidos rios enfrear, contê-los
Em profundas prisões adormecidos;

Os paúzes abrir, fazer esclusas,
Levar aos ares as torrentes d'agoa,
A força de seu peso desprezando;
E do alto depois precipita-las,
Porque venhão com próvido soccorro
Matar a sede aos áridos terrenos.
Eu te prometto hum galardão sublime
Se me mostras ao certo, qual dos homens
Soube primeiro dar ao ferro inerte
Util figura de instrumento agudo,
Que mais valeo que todos os trabalhos
Do famoso Lyceo da clara Athenas:
Quem primeiro inventou a destra agulha
De mais proveito do que as obras todas
Dos sabios de París: (*) quem cá nos trouxe
O fuso, e a róca, e o mobile sarilho:
Quem primeiro forjou dura bigorna,
Que o ferro ardente fez ceder ás Artes:
Quem doutrinou os povos, que soubessem
Cardar os densos vellos de Mileto,
E *tingi*-los co' a bella côr de vidro
De Xanto e de Tarento: quem primeiro
Ensinou a colher da verde Oliva
Os negros bagos oleosos, gratos
A' sabedora Pallas: e moê-los
D'Achaia Sicyóne nos lagares.

(*) Dito de Mr. de Voltaire.

# AO DOUTOR RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA

*Sobre os objectos dignos da Poesia.*

Que delirio, Nogueira, que mania
A tantos escritores arrebata,
Que huns enchem mil volumes de patranhas
De D. Queixote, de Amadis de Gaula,
Devanêos da ardente fantazia:
Outros folgão com côres sanguinosas
Pintar em negros quadros horrorosos
Tragicas scenas do voraz Mavorte;
Deleitão-se em contar com largo estilo
As cruentas façanhas, os estragos
Desses raios de guerra assoladora,
Que arrazárão campinas e cidades;
E sobre montes de insepultos corpos,
Inda vertendo sangue das entranhas,
Trotéos erguêrão de victoria insana:
Gemem co' peso enorme dos volumes
Mal seguras estantes; melhor fôra,

Que o provido Vulcano os entregasse
A's negras forjas dos Cyclopes feros,
Ou mar iroso os submergisse: a estes
Não Deoses, não Heroes de loiro dignos,
Não homens, que hum só bem nos não tem feito,
Mas brutas feras, barbaros verdugos,
O' das Musas vergonha sempiterna!
Dão vis Poetas Apollineo incenso.
Se eu pudesse da terra alçar meu canto
Por cima desses astros não cantára
Taes monstros de fereza; outros diversos
Heroes soárão na Castalia Lyra:
Tu, immortal Bacon, que audaz e sabio
A densa treva, que os prodigios raros
Da Natura encobria, descerraste,
Objecto altivo de meu plectro fôras:
Em sons divinos cantaria ufano
A extensão de teu genio vasto, immenso;
De tuas vistas a sublime alteza,
E essa intrepida mão, que pôde forte
Resgatar a razão das vis cadeias,
E a sãa Filosofia desprezada
De baixo estado levantar aos astros.
Após este viria acompanhado
De todo o côro das Pierias Musas,
O discreto amador da sãa verdade, (*)

(*) Falla-se aqui de Erasmo como Filosofo.

Da nobre Rotterdão immortal honra,
Sublime Erasmo, que em seus claros livros,
Longe de hum agro humor, e dos excessos
Do feroz fanatismo, só respira
A doçura, e a paz; próvido sonda
O fundo abismo das paixões do homem,
E o mostra, qual elle he, á luz do dia;
Com mil rísonhas graças, com motejos
Louva a Loucura, e a sãa Moral ensina.
A Urna cineraria, que saudosa
A sabia Leyda, d'alto amor vencida,
Em firme pedestal alçou aos ares,
Inda não basta, não ao nome excelso
De Boerhaave; seus trabalhos fundos
Nas Artes uteis aos mortaes, terião
Todo o canto das Filhas da Memoria,
Se eu dar-lhe todo o canto seu pudesse.
Que luz brilhante ainda agora vejo
Do illustre Valla scintillar? Só elle,
Das frias cinzas do sepulcro pôde
Tirar a casta Filha de Epicuro,
A sãa Filosofia humana, e pura;
A quem não vil desordem, nem deleites
Carnaes, nem ruins affectos, nem remorsos
Acompanhão, mas doce, mas serena
Alegria, e doirada paz, e os gostos
Dessa innocente próvida Natura:
Debalde os Escolasticos se embandão,

Com satyricos rasgos denegrindo
Seus Livros d'oiro, que as Aonias Musas,
A pezar de seus barbaros imigos,
Huma estatua em meus versos lhe erguerião.
Sobre os alados Hymnos ás estrellas
Voaria de Boyle o nome illustre,
Que descobrio da Fysica sublime
Hum novo mundo, da Natura inteira
Altas verdades, até alli occultas,
Aos ávidos mortaes desencerrando.
Quaes benignos Tyndárides luzentes
Que no meio das trevas d'alta noite
Fulgem dos Ceos aos pavorosos nautas,
Taes eu cantára o excelso Locke, e Clarke.
Novos astros, que sobre o mundo escuro
Da vasta Metafysica profunda
Lançárão luzes, que inda agora brilhão.
A dádiva mais rica, que hum só homem
Pode fazer aos homens, tu lha déste,
Illustre Presidente, n'um só livro
O Codigo sublime apresentaste
De todas as Nações; que grão coragem
Não tinhas, quando hum dia te lançaste
Em tal empresa, sem que a immensidade
De tão vasto projecto te espantasse?
Co' as santas regras da immortal Natura
Os Direitos dos povos combinaste,
Os Costumes, o Culto, os Sentimentos,

O Estado, as Artes, o Commercio, a Industria,
O Genio, o Esp'rito, a Força, a Terra, o Clima,
Mil outras relações na mente altiva
Volvias sabio, quando as Leis dictaste.
Mas se eu estes cantar inda não posso,
Tu, a quem Febo deo com mão benigna
Tanto manancial de rica veia,
Sólta, que he tempo já, Nogueira, sólta
As fozes todas das Pierias agoas:
Qual Pindaro das altas ribanceiras
Te despenha em torrentes de Aganippe,
E vem fertilizar as terras, onde
Jazem as cinzas dos Varões famosos;
E faze renascer em torno ás loisas
Frondiferos loireiros, verdes myrthos,
Frescor eterno, eterna primavera,
Dalli trocado em Cysne alipotente
Desprega o vôo, e sobre as azas leva
Seus nomes immortaes aos altos Deoses;
E aos Deoses agradece em nobre canto
Os bens immensos, que nos derão nelles.

# A ALEXIS:

*No dia dos Annos de D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarcal, tendo-se pouco antes fallado, entre elles e o Author, ácerca do desprezo em que estava o estudo da Lingua e Poesia Portugueza.*

---

Que má ventura, meu Alexis, corre
A nossa lingua, outra hora tão senhora
De povos mil, de vastos continentes,
Desde as margens do Tejo ao Indo e ao Ganges!
Huns a desdenhão, outros a atassalhão;
Este tacanha a faz, transida, e magra;
Aquelle a taxa de ensoada, e fria;
Estoutro lhe dá costas atrevido,
Como se fosse rustico Numída:
Qual a troca por outras estrangeiras,
Menos gentis do que ella, menos ricas,
Ingrato filho ao leite, que mamára,
Cidadão desleal, de Lysia indigno.
Em que, em que peccou tão alta dona
De tanta gravidade, e acatamento,
Que tal desprezo mereceo? Que crime

Commetteo a mesquinha, que a quizerão
Marcar com vil ferrete? Foi-lhe culpa
Brilhar na rica prosa, inda primeiro
Que o gabado Francez, que agora impéra,
Que o marinho Bretão da ultima Thetis,
Que o tortuoso Gothico Tudesco
Da cerulea Germania; que mais tarde
Todos entrárão na gentil carreira?
Foi-lhe crime antes delles ter seus vates,
Cysnes do Tejo, e Monda, e Doiro, e Lima
Que em lyra, em frauta, em pastoral avena,
Em sonorosa trompa modulárão
Versos dignos de cedro, e jaspe, e bronze?
Certo que então alçou a fronte augusta,
Radiada de luz, quando appar'cendo
Por entre vítros na palestra Olympia,
Correo parelhas c'o Espanhol polido,
E hombreou c'o Italo romance,
Unicas linguas, porque então volvia
Delfico Apollo harmonicos segredos:
E com tudo inda então não tinha o Sena
Ao sublime Corneille, ao grão Racine,
Ao critico Boileau padrões erguido:
Inda não tinha visto o flavo Rheno
Raiar Opitz e abrir-lhe a nova idade;
Nem a escura Albion, de mar cingida
Sobre as bordas do Támisa soberbo
De Shakspeare, e Milton sublimados

As canções desusadas entoava.
Tão cedo floreceo na Lusa Lingua!
E por ventura perdeo ella as galas?
Perdeo seus polimentos, seus donaires
Sua nobreza, garbo, e melodia?
Não assim: acendrado em grão seu oiro
Não rebaixou de peso em seus quilates,
Nem jamais se tornou em vil alquimia;
Nem seus grossos dobrões, que enriquecião
Povos inteiros, em metal grosseiro
De seitis despreziveis se trocárão:
Restão-nos inda desde aquella idade
Vinculados padrões de grãa riqueza;
Preciosa baixella de ouro e prata
Inda no bom Miranda, inda em Ferreira,
Inda em Corte Real, Fernão, Bernardes,
Caminha e o grão Cantor de ousado Gama,
Inda em Barros, Moraes, Lucena e Couto,
No eloquente Pinheiro, astro luzido,
E em tantos outros d'alta prosa, e rima,
Padres da Lingua, mil thesoiros restão,
Alfaias recamadas de diamantes
Mais puros do que o Sol, brilhantes perlas
De cem reinos da Aurora alto tributo,
Com que póde alfaiar-se rica, e bella;
Sahir airosa a publico theatro;
E com todas as linguas do Universo
Primores apostar, e gentilezas.

Mas tu, o claro Alexis, a quem Febo,
Quando nasceste, deo a voz é o esp'rito
Igual ao nome, e á lyra Lusitana,
Tu nossa lingua vingarás d'affronta:
Tu aos ricos colares e arrecadas,
A's joias de valor, que nos seus cofres
Os Avós opulentos lhe deixárão,
Juntarás a fulgente pedraria,
Que, ou nas margens auriferas do Tejo,
Ou lá no Novo Mundo, com mão cheia
As Sicelides Musas te doárão:
Tu novas graças lhe darás: tu novos
Brios, e lustre, e força, e arte, e gosto;
E a farás resoar c'o plectro altivo
Nos gratos coros do Castalio Monte
Apar da Argiva, e Lacial Camena.
Já para cantar nella assumpto excelso,
Grandes Heroes Elysia te apresenta.
Escolhe entre elles hum, que mais que todos
Por só seu raro mérito subido
Alteia a fronte, sobranceiro aos astros
Escolhe a Castro, teu, e meu; de Apollo
Brilho immortal: Varão da antiga raça,
De antigos bons costumes, nesta idade
Tão falta delles, exemplar sublime;
Maior que seus maiores tão famosos,
De alto sangue de Reis, de acções crôados
Ou na ditosa paz, ou já na guerra:

Inda maior que seu destino, e Elysia:
Seus feitos de mui sãa virtude, feitos
Illustres de prudencia, de constancia,
De justiça, e benefica bondade,
De amor das Letras, d'alto amor da Patria
Por ti cantados em sonoro metro
Darão realce á Lusitana Lingua;
Seu nome só, seu nome grato aos Deoses
Basta a honrar o teu canto, a honrar Elysia.
Eia, sólta os teus sons divinos; canta
Nosso Castro, e seus feitos de alta prova;
E o lédo dia de hoje, em que Natura,
Hum rico alardo de seus dons fazendo,
No regaço de Elysia venturosa
O deo por nosso bem ao almo dia.

# A
# LERENO

*Sobre a lição dos Poetas Portuguezes.*

*Docemente suspira doce canta*
*A Portugueza Musa, filha herdeira*
*Da Grega e da Latina.*

Ant. Ferr. Liv. II. Carta X.

Pois tens lido de Gregos, de Romanos,
Poetas d'alta fama, e nome eterno,
He tempo de passar aos nossos: certo
Que eu não sei d'outros das nações modernas,
Que mais os bons antigos imitassem.
Se lês os nossos, nelles achas tudo:
Rica linguagem, elegancia, estilo,
Doce harmonia, sazonado gosto,
Apurada moral, saber profundo,
Sentimentos já ternos, já sublimes.
Se tu queres ouvir em metro altivo
Os sons divinos dos celestes Deoses,
O Cantor immortal do Gama, o sabio
Cantor do vago Ulysses te apresentão
Epica tuba, quasi igual á Grega,
Quasi igual á Romana: ouvirás feitos

Em grandiloquo estilo remontados,
Que enchem de brio, e d'estro o peito humano,
E a grão valor os animos levantão.
Se mais terno, e sensivel só desejas
Ouvir fallar o coração, a frauta,
Que o mavioso Eurípedes soprára,
Nas mãos te põe o inclito Ferreira:
Soão de Ignez suspiros, soão mágoas,
Do caro esposo seu as queixas soão:
Falla amor, e saudade, e susto, e medo,
Terror, e ira: nunca a Lusa Lingua
Abrio mais vivamente as paixões d'alma.
Se das tragicas scenas affrontado,
Te apraz aliviar hum pouco a mente,
E festivo dançar nos leves córos,
Ferreira se transforma; e já trocando
Pelo sócco o cothurno, enfia destro
Com Gil, e Sá, e Jorge, de mãos dadas,
Comicos bailes, quaes Terencio, e Plauto
Derão a Roma, quaes Menandro á Grecia.
Nem te faltão as brandas Elegias,
Que o gosto de Propercio, e de Tibullo
Já vão na Lusa Lingua restaurando:
Tu, Ferreira, o renovas; já comtigo
Camões, Bernardes, e Caminha, e outros,
A quem o Lusitano Pindo inteiro
De Delfico Laurel as frontes crôa,
Em metro desigual vem descantando

Ora tristes queixumes, tristes fados,
Ora doces prazeres, doces jogos.
Se mais te encanta harmonicos accentos
Ouvir da eburnea lyra, não te canse
Meu Ferreira outra vez ouvir, que sólta
Os hymnos de Callimaco, cantando,
E o esp'rito venusino resuscita:
Ouve Camões, que a estrepitosa tuba
Depondo, faz Cupido, e a Mãi formosa
Brandos soar na Teïa lyra d'oiro:
Ouve o sonoro Veiga, que reveza
Thracio plectro, e a Lesbica Tiorba,
E ora canta sublime coisas grandes,
Ora alça Anfriso e a gentil Laura aos astros.
Folgas acaso co' singello canto
Da gaita pastoril, que esses primeiros
Mortaes tocárão nos campestres lares?
Eis vem sentar-se amigos a teu lado
Da Lusitana Arcadia os Deoses todos;
O terno Bernardim, que amores canta,
O bom Miranda, que o Mondego aclara,
O suave Cantor do brando Lima,
E o potente Camões, que o Tejo espanta;
Ribeiro, (*) e mais Fernão, filho da Aurora, (**)

(*) Antonio Ribeiro antigo Poeta, que compoz huma Buc lica.

(**) Fernão Alvares d'Oriente.

gráa destreza tóca a rude avéna,
á foi honra dos Menalios Bosques:
)m das sete canas brando entôa
astoris Canções, que invejariáo
racusio Vate, o Mantuano,
moço Pescador de Margelline. (*)

---

Theocirto, Virgilio, e Sanazaro.

# A DORINDO

*Sobre o solido merecimento do homem.*

Não te louvo, Dorindo, ás maravilhas
D'homem gentil, que es; deo-to Natura:
Não te louvo da inclita linhagem
D'altos avós de sangue antigo e claro:
Hum mero acaso foi nascer fidalgo.
Não te louvo de fulgidas riquezas;
Herdaste hum grão morgado; deo-to a sorte:
Não te louvo da roda prasenteira
Dos Cortezãos incertos, que te buscão;
Deixa a sorte mudar, desapparecem:
Eu não te louvo alfim do valimento,
Que tens no Paço; espera tu hum pouco,
Que o capricho da Corte sempre instavel,
Hoje to dá, e já ámanhãa to rouba.
Eu de ti a ti só louvára; dera
Mil gabos a essa tua sãa vontade,
Constante e limpa, com que sempre estudas
Fazer a todos bem; honrar a todos;
Guardar tua palavra firme e inteira:

Ser fiel ao amigo, á esposa, á Patria;
Ser lhano a todos; liberal ao pobre;
Amparo certo dar ao desvalido;
Amar os teus; amar os homens d'honra.
Como não subiria o som da lyra
Sobre as altas esferas, s' eu pudesse
Çantar teu coração sublime e puro,
Que he tal, qual o teu rosto: essa brandura;
Esses teus sentimentos d' alma nobre;
Bondade sem limites; genio docil;
Profundo siso, com que reges sabio
Tuas acções, a ti igual em tudo:
Isto he teu. Estes são teus bens seguros,
São bens d'essa tua alma sempre grande;
D'esse espirito bom, que o peito anima.
Estes, Amigo, a ti sómente deves;
Por elles só te méço, e te diviso;
Por elles te amo e prézo: ninguem póde
Nem dar-tos, nem tirar-tos; são teus proprios:
Póde o tempo imprimir a senil ruga
Na têz desse teu rosto; póde hum dia,
Mudada a veste, desertar teus lares
A perfida ventura; porém nada
Póde jámais no mundo, sempre vario,
Roubar-te hum só desses teus bens formosos:
Ou tu vás pelas veigas deleitosas
Do fulvo Tejo, do amoroso Lima;
Ou vás pela estuosa Lybia, madre

De barbaros Leões, são sempre os mesmos
Os teus ditosos bens, comtigo os levas,
Vinculados nessa alma pura e bella,
Aonde quer que a sorte te conduza.
Tu pois bemdiz o Ceo, que tal thesoiro
Depositou em ti, e quiz benigno,
Que já com tantos bens d'alta fortuna,
Que quasi nunca fazem parceria
Co' a solida virtude, em ti s' unissem
Tantas prendas gentis, inda mais ricas,
Inda maiores, que a fortuna e o mundo.

# A
# FRANCISCO DE BORJA
# GARÇÃO STOCKLER

*Sobre o Genio das Mathematicas.*

S' eu pudesse cantar, ó sabio Stockler,
Em rima soberana acções pasmosas,
Primeiro do que tudo cantaria
Esse genio feliz constante e sabio,
Que com possante mão o veo rasgando
Que a Natura celeste recatava,
Descobre ao Universo os seus arcanos.
Elle sublime desde a baixa terra
Do Ceo calcúla as orbitas immensas,
E os movimentos das Esferas todas
A seu compasso divinal submette;
E as distancias dos astros infinitas
Abraçando, se atira ao fundo abismo
Do *Espaço* e *Duração*: eis a seus olhos
Desse Universo nova ordem brilha.
O homem, muitos tempos limitado
A simples apparencias, nada via
No movimento eterno desses astros,

Senão hum jogo só desconhecido
De corpos luminosos, que julgava
Rodarem sempre em derredor da terra,
Ponto central de todas as esferas.
Mas eis que tu, ó Genio excelso, erguendo
Teu luminoso esp'rito a móres coisas,
Por calculos altivos descobriste
Deste nosso Planeta a redondeza,
Até então a nós mortaes ignota.,
Deste facto primeiro as consequencias
Logo a novas ideas te levárão;
Que d'inducções em inducções marchando
Alças o vôo em fim de sobre a terra,
E aos mais altos conceitos te romontas
Da Astronomia e Fysica sublime:
Então, então na mente concebeste
Qu' este globo terreno, que habitamos
He hum pequeno circulo sómente
No circulo maior dos Ceos inserto:
Das concentricas causas por si mesma
A grande Theoria á tua hypothese
Brilhante se apresenta: então triunfas:
Pelos marcados pontos descubertos
Desse estrellado Globo, os inda ignotos
Do Globo Terreal destro resolves:
Este atomo pequeno, em que habitamos,
Já deixa de ser centro: á massa enorme
Do Sol o dás: o Sol astro sagrado,

Pai da Luz e senhor do dia e noite,
Bemfeitor do Universo, alma do mundo,
Da oito Esferas, que nos Ceos o cercão
He fóco ardente, que de lá constante
Faz circular essa subtil materia,
Sève de fogo, que a Natura nutre,
Forma a vegetação, produz a vida.
Musas, deixai vãas fabulas antigas;
Deixai de heróes guerreiros vãas empresas;
Tomando assumptos, que de vós são dignos,
Fazei soar pelo Orbe inteiro os feitos
Dos Filosofos sabios: tu com ellas,
Pois co' a voz podes tanto, ó claro Stockler,
Descanta em alta rima altos portentos
Desse Deos dos Geometras sublimes.

A

## FRANCISCO JOSE DA SERRA

*Sobre o desprezo, em que muitos tem a Lingua Portugueza, preferindo-lhe as estranhas.*

Assim he, assim he, ó Serra amigo,
Homens desnaturaes, filhos ingratos
Ao leite que mamárão, desmandados
Despeitão nossa Lingua veneranda:
Querem deixá-la á rustica gentalha,
Ou qual velha entrevada aposenta-la
No hospital dos invalidos. Não fallão
Já nossos moços Portuguez, só parlão
Ou Linguas estrangeiras, que mal sabem,
Ou hum Dialecto informe, nunca ouvido,
De Portuguez e de Francez meado.
Assim se educão no Collegio os moços,
Assim se falla em publico theatro,
Assim nos vem defora, parolando
Mancebos viajantes, que aprendêrão
Quatro termos da moda, vinte frases
Do estrangeiro Romance mal trazidas.
Se assim se desafórão, certo em breve
Acaba o Luso idioma, nem mais podem

Entender-nos a nós, nem nós a elles.
Neste transtorno, em que isto vai, depressa
Ficará a mesquinha Lingua, outra hora
Tão tratada em civil cortejo, e rica,
Ora pobre, e deserta e montesinha,
D' urzes e tojo e cardos abafada;
E cedo em seu lugar já só veremos
O fanado nazal Francez reinando:
Que estranha servidão! se ainda agora
O cabelludo Godo dominasse
Sobre o throno de Hespanha, se inda agora
O feroz Agareno nos pizasse
As frescas ribas do sagrado Tejo,
Fôra menos desar tomar a Lingua
Dos fortes vencedores; porem sendo
Nós outros livres de nações estranhas,
Sendo senhores no solar nativo,
He mui grande sandice e desgoverno
Pagar a estranhas Linguas alcavala.
Mas tu, com alguns poucos amadores
Das coisas patrias, que já poucos vejo,
Que conheces melhor, do que eu os dotes
Da Lusitana Lingua veneranda,
Sua riqueza e magestade e brios,
E o jus que tem a se manter no throno,
Farás, com teu exemplo illustre e claro,
Que ella seja mantida e respeitada
Nas doutas obras, que lá estás compondo.

# A SILVIO

*Por occasião da morte de hum que muito tinha abusado de seu poder e riqueza.*

---

Nulla certior tamen
Rapacis Orci sede destinatâ
Aula divitem manet
Herum

Horac. Liv. II. Od. 18.

---

Quando a hora fatal, ó Silvio, chega,
Morre, como o mais vil da terra aquelle,
Que elevado no mundo recebêra
As honras de immortal; de nada serve
Nem sangue de reaes avós herdado,
Nem ter sahido vencedor do campo
C'o rosto em negro pó e sangue envolto:
Em vão o rico, poderoso em oiro,
Seus thesoiros caudaes ostenta, cedo
De esfaimados herdeiros desbarato,
Que nem com elles todos peitar póde
A morte austéra, que já vem marchando
De pavorosas sombras rodeada.
Curta porção de baixa terra cobre
O exangue corpo nú, informe, horrendo:

Derredor do sepulcro uivando fica
A Honra e o Fausto e a Riqueza; tudo,
Para nunca mais ver, tudo cá deixa:
Na mesma barca, entre a tropa escura
Da mais villãa gentalha, o mette a rojo
Carrancudo Charonte inexoravel,
E o trata, como vil alga marinha.
Eis ante a mesa do implacavel Minos,
Como réo, se apresenta de mistura
Co' aquelles mesmos desnuados pobres,
Que altivo e fero acalcanhou na terra.
Eia, com olhos crimes Rhadamanto,
E Éaco Juiz de torvo aspecto,
„ Responde desses bens, que amontoaste;
„ Donde os houveste? como usaste delles?
„ A quem servio tanta riqueza e fausto?
„ Que bem fizeste ao homem? dize, e treme;
„ Que a tua gloria lá ficou na terra;
„ Aqui és réo; e as penas se aparelhão.„
Cahe de pavor o iniquo, arranca a grenha,
Cose co' a terra a cara, o pó revolve,
Urra como hum leão, mas sem remedio.
Só a virtude vai alem da morte;
Ella só, ó meu Silvio, nos resalva
Da Stygia treva, e nos repõe nos coros
Das pias almas nos Elysios campos,

# A
# ALMENO

*Para que volte as suas poezias, em que louva o Author, para outros assumptos que o mais mereção.*

*Volve teu doce canto, a mim mal dado,*
*Ao grande objecto teu.*

Ant. Ferr. Liv. II. Soneto XXV.

Tu me louvas, Almeno, e a lyra d'oiro,
Bem que affeita a cantar assumptos grandes,
Cortez se dobra, e a teu desejo acode;
As cordas desce hum pouco, e os sons tempéra;
De teu Elpino caro o baixo nome
Ora por teu favor mais alto soa;
Porem do rude objecto, que mal soffrem
Os harmonicos sons da eburnea lyra,
As Ladónides Musas se espantárão.
Volta tu pois teu canto, a mim mal dado,
Ao grande objecto teu, á grande empresa
De trespassar á Lusitana Lingua
As ficções Sulmonenses. Se tu queres
Novos assumptos a teu rico plectro,

Canta illustres Varões de claros feitos,
Que á Razão, á Justiça, á Honra, ás Letras,
A' Innocencia, á Virtude, á sãa Verdade,
Padrões alçárão de immortal memoria.
Entre todos porem se mais te agrada
Cantar de teus amigos, dons sagrados,
Com que o Ceo te prendou, escolhe delles,
Sublime assumpto, os tres amaveis Silvios: (*)
Louva o que tu cá tens em versos d'oiro,
Em tão devassos tempos raro exemplo,
Que no meio das fulgidas riquezas,
Em tão viçosos annos, n'uma Corte
Vive sisudo, comedido, honesto:
Que os thesoiros, que o Ceo lhe deo benigno,
Consome não em prodigas larguezas,
Não em solturas vãas da mocidade,
Mas no bem dos mortaes: que compassivo
Ampara o pobre, o desvalido, o orfão;
A fome mata á pallida viuva;
Veste-lhe os filhos nús, como seus filhos;
Recolhe a virgem no sagrado asilo:

(*) Os tres Silvios são João Baptista da Silva, particular amigo, e honrador do Author; o Doutor Jose da Silva, insigne Medico de Setubal, e illustre Poeta do nosso tempo; e o Excellentissimo e Reverendissimo D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Malaca, que em suas Obras Poeticas, que são honra das Musas Portuguezas, tem tomado o nome de Silvio, todos tres amigos intimos de Almeno.

Que hum e outro poder do claro Apoll
Logo no berço recebeo; ou queira
Ferindo a Lusa cythara sonora
Cantar formosas odes, almos hymnos,
Que espantem Musas Laciaes, e Gregas
Ou antes queira co' a potente dextra
Sopear o furor das duras Parcas,
E d'entre os negros pavilhões da morte
Os tristes moribundos arrancando,
Trazê-los outra vez á luz do dia.
Canta depois o outro Silvio, honra
Da Lusitana Gente; ou elle pize
Os Italos paises, e na Arcadia
As agoas beba das torrentes fozes,
Que fertil abre o Lacial Apollo;
Ou venha ao patrio ninho, acompanha
Das risonhas Pierides formosas,
Soltar nas margens do Sadão seu canto
Ao som da maga lyra; ou já benigno

E faça renascer costumes d'oiro.
A estes louva, Almeno, a estes canta,
Que não a mim, que não mereço tanto.
Depois de os tu cantares, cessa, e a lyra,
Consagrada a seus inclitos louvores,
No regaço das Musas deposita.
Nem com meu baixo nome, nem com outro
Se profane jamais; fiquem soando
Só os tres Silvios nas doiradas cordas.

## AO DOUTOR
## JOSE BARROSO PEREIRA

*Sobre a falta vulgar de alguns estudos uteis ao homem.*

*O que convem á vida, he o que presta.*

Ant. Fer. Liv. I. Cart. IX.

Que coisas vãas e ôcas, que de nada
Servem á vida, loucos estudamos
Sob o soberbo portico de Athenas!
Em mil indagações desnecessarias
Os bellos dias desta vida breve
Consumimos, meu candido Barroso,
E faltamos ao util, que convinha,
Que soubessemos todos. Por ventura
Sabemos melhorar huma só Arte
Das muitas que por nosso bem trabalhão?
Sabemos da Mechanica sublime
O que mais serve ás precisões da vida?
Sabemos, com quaes hervas morredoras
Possamos, sem alheio auxilio, hum dia
Por nós mesmos curar os feros males,
Que sobre a humana geração cahirão,
Depois que a próle de Japéto insana

Do Ceo roubado fogo trouxe á terra?
Sabemos, com qual arte se contenhão
Nossas paixões crueis, que nos investem,
E nos levão de rojo ao precipicio?
Com qual agua se apague o fogo ardente
Do torpe amor, que a mocidade enerva;
E do agro ciume, que raivando
Dentro do peito o coração lacéra?
Como a óca ambição, sempre faminta,
Ponha termo huma vez a seus projectos?
Como a soberba cólera se estronque,
Que não nasça, e se ponha o sol sobre ella?
Como se affaste o descorado medo,
Que com gélida mão torpôr infunde?
Como arrancar se possa das entranhas
O fero dardo da mortal cobiça?
Pois se nada aprendemos disto, como
Nos damos por bem pagos desses nadas
Que na pomposa Athenas estudamos?
Oh! dos homens fadigas vãas, inuteis,
Doença dos mortaes, e muito antiga!
Querer tudo saber, menos aquillo
Que mais saber compria! mas o mundo
Assim vai, ó Amigo, ha muitos tempos;
Quem he que ha de mudar o estilo ao mundo?

## AO DOUTOR SIMÃO DE CORDES BRANDÃO E ATAIDE

*Sobre a Educação,*

Sic hominum genus est: quamvis doctrina politos
Constituat pariter quosdam; tamen illa relinquit
Naturae cujusque animae vestigia prima:
Nec radicitus evelli mala posse putandum est;
Quin proclivius hic iras decurrat ad acres;
Ille metu citius paulo tentetur: at ille
Tertius accipiat quaedam clementius aequo;
Inque aliis rebus multis differre necesse est
Naturas hominum varias moresque sequaces.

Lucr. Lib. III. de Rer. Natur.

Quantas desordens, ó meu Cordes, quantas
Por lá, e por cá vão! Quantos mancebos
Estragados na flor da idade! Quantos
Varões ambiciosos, refalsados!
Quantos velhos avaros, tençoeiros!
Quantas mulheres devassadas, loucas!
Gritas co' a educação, mas dize, Amigo,
Quem ha de cuidar della? Os Pais, as Amas,
Aios, e Mestres? Huns não podem; outros
Não sabem; outros, inda mal, não querem.

Mas dêmos que se cuide disto: entendes
Que hum genio ardente, despenhado, altivo,
Cortez se dobre á educação severa?
Que a Arte vencer possa a natureza,
Fazer manso cordeiro hum fero lobo,
Tornar Ulysses, quem nasceo Achilles?
Confias muito nesta mestra, eu pouco:
Os moços, que nós vemos cada dia
Frustrar de todo os paternaes cuidados,
Depõem, Amigo, contra o teu systema.
Senão desce dos Ceos virtude santa,
Próvida graça, que a Natura emenda,
Mui pouco val contra a Natura a Arte:
A Natura faz quasi tudo; tudo
Quasi della nos vem. De igual semente
N'uma mesma estação, n'um mesmo campo
Eu vejo par a par ir rebentando
Desde o seio da terra dois arbustos,
Hum vem logo direito, outro se entorta:
Hum cresce e cópa e abrólha e fructifica;
Outro se tolhe e mirra, e a mão que o planta,
Debalde espera os promettidos pomos.
O que vejo no fysico, observo
Muita vez no moral: dois gemeos nascem:
O mesmo leite os cria; o mesmo bafo
Dos pais lhe inspira sentimentos nobres;
O mesmo pedagogo, o mesmo mestre
A tenra mão lhes rege, e os passos guia:

Vão ambos á la par no mesmo ensino,
Promettendo correr igual carreira;
Mas hum sahe bravo, e qual cruento Marte,
Armado de coiraça adamantina,
Rompe sanhudo os esquadrões cerrados;
Outro rabaça vil em ocio dorme,
Inutil peso a si e á patria e ao mundo:
Hum caminha á virtude, e hum só passo
Não torce da direita estrada; o outro
Despenha-se por ingremes rochedos,
Barata a honra e o brio, e se desliza
Em torpes vicios de vergonha infame:
Hum he Nero cruel; outro Antonino.
O' Tu causa das causas, tu só sabes
Os escuros segredos da Natura:
Hum atomo rasteiro sobre a terra,
O homem, pode alçar ousados olhos,
E devassar sacrilego os arcanos,
Que tu de escuras trevas rodeaste?
Mas eu voei mais alto, do que he dado;
E temo, que nas unhas aguçadas
Me apanhe algum milhafre de arribada
D'aquelles, que Escolasticos se chamão:
Andemos terra a terra mais seguros. (*)

(*) Toda a Epistola se ha de entender não da absoluta inutilidade da educação, mas só da sua pouca medrança, quando não recahe sobre hum natural proprio e accomodado a ella.

# A FILENO

*Sobre a variedade e mudança das paixões nas diversas estações da vida.*

*O que ontem muito aprouve, hoje aborrece.*

Francisco de Sá de Miranda Carta VI.

Quanto, Fileno Amigo, com a idade
Nossos costumes, e paixões se mudão!
Tu amavas Marfiza, hoje a desprezas:
Gostavas de Cerveja, hoje a abominas:
Eras alegre então, és ora triste:
Querias companhia, hoje a aborreces:
Que Maga te tolheo com vesgos olhos?
Ou qual infame feiticeiro pôde
Co' as Thessalicas hervas trasmudar-te?
De mim que te direi, que tambem me acho
Outro diverso, do que eu d'antes era:
Quantas coisas amei, que hoje não amo!
Quantos bens desejei, que agora engeito!
Ah! d'onde nasce, Amigo, esta mudança,
Que outros nos torna agora tão diversos?
A maquina do corpo já gastada
Do veloz trilho dos vorazes annos
Ja vai das fracas molas desmentindo:

Tardios movimentos leva: perde
Cada vez mais energicas virtudes,
Que lhe davão frescor e actividade:
Ja lá se foi a mancebia (*) ardente,
E os benesses da fresca juventude:
Vem arida velhice, que affugenta
Altivos ardimentos, que descarta
Vãos cuidados e amores e prazeres,
E os faceis somnos, que o vigor repárão:
Bota-se o esp'rito; a mente se fatiga;
O sangue coalha; o coração esfria;
E assim a partes vai morrendo o homem.
Antes que nós de todo nos mirremos,
Façamos sacrificios á virtude,
Sacrificios ás Musas: vem comigo
Hoje jantar, e desfranzir a mente
Dos rugosos cuidados, que apouquentão:
Vem tu c'o teu Bernardes doce e brando,
Que eu cá tenho Ferreira grave e nobre:
Estendidos na relva junto á fonte
Sob a copada faia, donde canta
Sonoro roixinol doces cantigas,
Lerêmos pela sésta seus bons versos;
E dirás tu depois, banhado em gosto,
Se inveja tens a algum mortal no mundo.

(*) Por idade de mancebo, significação que este nome teve antigamente.

# AO DOUTOR
# JOSE BARROSO PEREIRA

*Sobre a vaidade das coisas do mundo.*

*Pompas, e ventos, titulos inchados*
*Não dão descanso, nem mais doce sono.*

Ant. Ferr. Trag. Castro. Coro do Act. II.

De quantos modos, meu Barroso amigo,
O mundo nos illude! Que trapaças,
Que maranhas nos arma! com que engodos
Nos caça e prende, como se inda agora
Sahissemos do berço, e das mantilhas!
Acenão-nos co' Habito, co' a Borla,
Co' a Golilha, co' a Vara, co' Roquete,
Co' reclamo das honras, dos applausos;
E cahimos, quaes passaros no visco,
Que astuto caçador armou no ramo.
Assim sagazes Europeos enganão
Co' vermelho barrete, co' a missanga
Os tostados Ethiopes selvagens;
Duros grilhões lhes lanção sem piedade:
O que fôra senhor nos rudes bosques,
Na polida cidade he hoje escravo.
Eu corri noutro tempo sem mais tino

Após os falsos bens tão deslumbrado,
Que a Borla tive por hum sceptro d'oiro,
Real Manto o Capello; mas, Amigo,
Eu disto que tirei, que me aproveite?
Nem mais saude, nem mais longos annos,
Nem mór descanço, nem mais doce somno,
Os dias, que me restão, são já poucos;
Quizera-os empregar em ocio livre,
Em retiro do mundo, lá n'um canto
Escuso, onde ninguem de mim soubesse.
Bastava-me hum torrão de pouca terra;
Hum torno d'agua pura, hum fresco bosque
De curtas geiras, e a esperança certa
Da loira sementeira, e brandos pomos;
Honra da parca mesa, me bastavão:
O mais para que serve? Quando a Parca,
Que não mente, viesse disfarçada,
Não me achava na mente revolvendo
Fastuosos projectos, grandes planos
De sciencia, ou fortuna; eu repousára
Nos braços da virtude; e assim morrêra:
Nem inutil letreiro em fria campa
Diria, onde meus ossos descançavão.

# A
# ALMENO

*Dando-lhe o Author conta de si, e pedindo-lhe que viesse passar alguns dias na sua companhia.*

Honra illustre de Febo, amor das Musas,
O' tu, meu caro Almeno, ou estejas ora
Lidando por levar ao cabo hum dia
A empresa honrosa, com que o Lacio assombres,
E dès de ti aos seculos vindoiros
Eterna fama co' mimoso verso:
Ou estejas ora doce repousando
No seio da virtude, aos Ceos erguendo
Da baixa terra castos pensamentos;
O que quer, que tu faças, não te pejes
Receber estas letras, que te mando,
Penhores de purissima amizade.
Eis outra vez ao Tejo sou chegado,
E estou de ti mais perto, mas saudoso
Inda mais de te ver, do que era dantes.
Em quanto te não vejo e abraço e gózo,
Eu daqui te saudo, ó caro Amigo,

Com meus incultos versos, que o não pude
Até agora fazer, de donde estive.
Lidava lá com brava gente imiga,
A trabalhos forçado dia e noite;
Tomei entejo a tudo o que erão Letras,
Menos ás doutas Musas, que amei sempre;
Mas nem as tinha lá; nem que as tivesse,
Entre tantas fadigas poderia
Lançar-me em seu regaço huma só hora
A descançar mimoso. Em tal desuso
Tornou-se-me então rude a mente inerte;
Nem tudo quanto, Almeno, me ensináras
Me pôde lá soster, que o fraco engenho,
Em tanta cerração de nevoa escura,
Não perdesse de vista o farol claro
Que tua sãa doutrina me accendêra;
Nem nunca mais tangi; nem canto digno
Cantei; desafinou a voz; e logo
Dasafeitas as mãos da branda lyra,
Se forão rudemente entorpecendo;
E pouco me faltou, que em dura pedra,
Qual Batto, e Aglaura, e outros mais, que contão
Tuas Metamorfoses, me tornasse; (*)
E tal aqui cheguei tão rudo, e boto,

(*) Almeno tinha mostrado ao Author no anno antecedente a Traducção que fizera do primeiro Livro das Metamorfoses de Ovidio, no qual vem a Fabula de Batto, e Aglaura transformados em pedra.

Que mal podia abrir palavra; menos
Soltar do rouco peito hum canto digno
Das Musas, e de ti, que lá soasse:
Trabalho foi, primeiro que eu podesse
Huma só corda temperar da Lyra.
Ora que comecei de ler teus versos,
E os do grão Silvio, que lá tens comtigo, (*)
Sinto novo vigor em mim, e sinto
Mais destra a mão, e a voz mais firme e clara;
E vejo pouco a pouco ante os meus olhos
O denso nevoeiro desfazer-se,
Que me estava tolhendo a luz do dia.
S' ora tu cá viesses, quão depressa
Aquelle esforço altivo cobraria,
Com que eu ousava já, bem que de longe,
Ir-te seguindo na gentil carreira,
Que abres de novo ás Lusitanas Musas!
Ao passo que te ouvisse, sentiria
Crear-se em mim hum novo engenho, e arte,
Hum éstro digno de cantar teu nome,
E de o levar nas azas de meus versos
Ao Conselho dos Deoses. Ah! não deixes,
Não deixes de vir cá, que cá te chamão
Muitos amigos já de ti saudosos;

(*) O Doutor Jose da Silva Xavier, Medico de Setubal, e excellente Poeta de nossos dias, de quem o Author havia recebido versos juntamente com os de Almeno.

Chama-te Silvio, nosso amigo certo, (*)
Das letras honrador, e das virtudes,
Quaes as tu tens; nós ambos te esperamos
Em nossos braços, de ternura cheios.
Aqui sereno passarás teus dias,
Conversando co' as Musas a teu salvo,
Sem te estorvar profano vulgo; as noites
Virás aqui passá-las só comnosco
Folgadamente; e ao doce som da Lyra,
Que o meigo Anacreonte te doára,
Das Musas, quanto ouviste, irás cantando:
Ora nos cantarás, como Acidália,
E o filho Amor, que os corações farétrão,
Da Natura são alma, e vida ao Orbe:
Ora farás soar brandos suspiros
De Nynfas, e Pastores, e altos Deoses,
Que tudo o Filho tende á Mãi formosa.
Humas vezes irás em quadros ricos,
Da Natureza simples debuxando
As graças bellas, quaes tu só conheces;
Outras vezes irás com gentil arte,
Da fresca Primavera as lindas flores
C'os brandos pomos do fecundo Outono
Em teus mimosos versos entrançando.
Ah! vem, não tardes; e comtigo venhão
Todas as Musas do Sadão ao Tejo.

(*) João Baptista da Silva, Amigo de Almeno, e do Author.

## AO MESMO

*Para que venha com a sua Traducção da Metamorfose de Ovidio, de que já tinha mostrado parte ao Author.*

---

He tempo, Almeno, de deixar o Sado;
O aurifero Tejo cá te chama
Co' as Ladónides Musas, que aqui vivem
De ti muito saudosas; vem, não tardes,
Fartar os teus desejos. Eu não cedo
A nenhuma que seja, que mais te ame.
Ah! vem que assim to peço com mil rogos
Por ellas, e por mim; e vem risonho
C' os novos versos, que lá tens composto:
Nem te esqueça trazer, quando vieres,
N'uma só obra toda a grãa riqueza
De Grecia e Roma; que outra vez queremos
Do Vate Sulmonense ver os versos
Ainda mais gentis, inda mais puros
Na Lusa Lingua, em que os tu vais fundindo,
Sem liga, e com mór lustre; em que já vimos
Sahir fervendo em luz mais refulgente
Do escuro Cahos o esquadrão dos Astros;

Raiar em meio sobre a madre Terra
A Idade *d'Oiro*, mais formosa, e bella;
Menos turva a de *Prata*; e mais macio
O seculo cruel de *Bronze*, e *Ferro*.
  Nem deixarás de recontar a historia
Da impia guerra dos Gigantes feros,
Que bem me lembro, quando a tu contaste,
Sobre montes tão altos os puzeste,
Que vi tremer os Deoses de assustados.
  Depois mostrar-nos-has os novos quadros
Do fero Lycaon; de Jove irado;
Do *Diluvio* fatal, que alaga a terra;
Da nova *Geração*, que depois naspe
Das duras pedras, para tras lançadas.
  Outra vez ouviremos mais mimosas
Queixas de Apollo, e Pan, que as que soltárão
Ao Lacio Ceo nos Sulmonenses versos;
Que se as ouvisse a esquiva Dafne, e aquella
Formosa Nonacrina, a seus amores
Mais brandas se tornárão; nem serião
Em verde loiro e cana trasmudadas:
Ouvio-as Febo, e eis outra vez no peito
Ardêrão chamas d'alto amor por Dafne;
E a ti, que as accendeste com teu canto,
Do loiro, em que a alva Nynfa se mudára,
Por suas mesmas mãos te ornou a fronte.
  Passaremos daqui a ver tecidos,
Em recamadas télas d'oiro fino

C' os diversos matizes de mil cores,
Os ciumes de Juno, e a gentil filha
De Inácho, amor de Jove, convertida
Em formosa novilha; que ao pai triste,
Que a não conhece, as mãos lhe está lambendo
E as beija, e quer fallar, nem póde, e chora;
E o seu nome co' pé na arêa escreve;
E a Deosa inda ciosa, que a cobiça,
E a dá para a guardar com mór cautella
Ao de cem olhos Argos; e o manhoso
Filho de Maya, que o matou dormindo;
E Juno, que os cem olhos seus na cauda
Pôz dos pavões, que por seu carro tirão.
  Que desejo não tenho, que me leves
Outra vez ao palacio refulgente
Do Sol, que tu me abriste, alevantado
Em sublimes columnas, e cosido
Todo d'oiro e rubi, que imita as chamas!
Eu vi, eu vi o moço de Clyméne,
Entrar ousado os radiantes paços,
E ao Sol pedir sinal de ser seu filho:
Eu vi o pai, seus lumes affastando,
Dobrar a magestade, e nos seus braços
Meigo acolhê-lo: eu vi pelo tremendo
Lago jurar, que compriria certo
Qualquer seu rogo, e co' a fatal promessa
Caminho abrir-lhe á morte. Elle atrevido
Pede hum dia reger o igneo carro;

Nem do Pai os conselhos e os temores
Ouve, preságos das desgraças. Entra
No coche temerario; mas apenas
Começa de correr, eis logo enfia;
Mandar não sabe, nem soster as redeas
Aos fogosos Etontes, que o estranhárão;
Pallido treme, perde a luz dos olhos;
Do alto vem precipitado o carro
C'os alígeros brutos sem governo:
Quanto encontra no Ceo, abrasa, e perde;
Fumão as nuvens, as montanhas ardem,
Seccão-se as fontes, rios, lagos, mares:
Tudo acabára; mas doído Jove
Dos graves males, que trazia ao Orbe,
C'um raio o fere, e da carroça o lança
Sobre as aguas do Pado, onde inda agóra
As Naiades Hesperias, com Lampecia
Faetusa e Lamptusa Irmãas, o chorão.
Com estes e outros quadros portentosos,
Obra prima da mão de sabio Mestre,
Virás, Almeno, dar a nossos olhos
Hum suave prazer, qual dar não pode
Nem oiro, nem bastão, nem toga, ou sceptro;
Assim as Musas te acompanhem sempre;
Assim Apollo te encordôe a lyra.

## AO MESMO

*Rogando-lhe, que venha com as suas novas Traducções Poeticas da Metamorfose de Ovidio.*

Que saudades não tenho, que desejos
Ardentes de te ver, meu caro Almeno!
Porque tardas cruel, quem te demora?
Se as Musas te detem, as Musas podem
Apar de ti cá vir; ah! vem com ellas,
E vem c'os versos teus, que te inspirárão,
Depois que de cá foste; que eu, e Silvio (*)
Queremos outra vez com maravilha
De tua rosea boca estar pendentes:
Ao meigo som da lyra ouvir queremos
Os novos versos, em que tens passado
Do Sulmonense Vate á Lusa Lingua
As primorosas delicadas graças,
Mimo das Musas. Pelas fundas magoas
Começarás da misera Calisto: (**)

(*) João Baptista da Silva particular Amigo do Author e de Almeno.

(**) A fabula de Calisto era a primeira, que se seguia nesta

Com tal ternura as cantarás, que certo,
Se tas ouvisse a rigida Diana,
Menos irosa e fera, a triste Nynfa
Da casta companhia não lançára;
Nem tu, Saturnia Juno, de affrontada
Em sedeúda ursa a convertêras.
Que energico pincel na mão sagrada
Terias tu, ó claro Almeno, quando
Pintaste, como Apollo irado hum dia
D'altos ciumes contra a Nynfa bella,
Que ao lindo moço Emonio se rendêra,
C'uma seta a frechára; e enternecido
Gemêra, quando a vio banhada em sangue
Bradar com voz tremante agonizando:
„ Olha que já es pai, e o proprio filho,
„ Que te trago no ventre, d'hum só golpe,
„ Cruel, matas comigo „ e logo em ancia
Soltar da boca fria, inda formosa,
Envolta em morte, o seu final suspiro!
Quantos pesares te custou, ó Febo,
A ira insana, a que te déste, quando
C'o já tardo remedio, e inutil arte
Tentaste em vão vencer seus duros fados!
Apenas arrancar então pudeste
Co' as mãos sagradas das entranhas quentes

---

parte da Traducção da Metamorfose de Ovidio, e em que Almeno havia trabalhado, depois que tornára para Setubal.

Da desgraçada Mãi o tenro infante,
E dá-lo á vida, e ao Chiron, que o cria.
Com que doce sorriso já te vejo
Apresentar-me o bello quadro, aonde
A fatídica filha do Centauro,
As entranhas dos Fados revolvendo,
Cheia do Deos, que a agíta, vaticína
Do menino Esculapio, tenro filho
Do sabedor Apollo, que seria
Saude ao Orbe; que milhares d'homens,
A despeito da Morte tiraria,
Das frias sombras outra vez á vida!
Ah! vejo nelle esse teu Silvio, Almeno,
Que os altos Deoses por mercê te dérão;
A quem Chrysêo Apollo enamorado,
Depois de lhe doar a lyra d'oiro,
Que fôra já do Venusino Horacio,
Lhe deo, só para bem da Humanidade,
Quanto saber ao caro filho déra. (*)
Que frescas rosas de Helicón colhidas
Despejaria alegre em teu regaço
Todo o Coro das Musas, quando foste
Cantar-lhe o claro Irmão, que, as alvas pelles
Em Missena vestindo, co' silvestre

(*) O Doutor Jose da Silva Xavier, Medico de Setubal, Amigo de Almeno, e excellente Poeta, o qual traduzia algumas Odes de Horacio.

Cajado de oliveira apascentava
Os rebanhos de Admẽto; e o seu desterro
Co' doce som da flauta, que ordenára
De sete canas, consolava: e como
Lhe foge o gado para o Pylio campo;
E da Atlantida Maia o filho astuto
Lho rouba, e n'um cerrado bosque o esconde:
E como desleal lhe não guardava
Batto o segredo, bem que fôra d'antes
Co' dom da linda vaca penhorado,
Que em Lydia pedra o converteo por pena!
Passaremos depois a novos quadros;
Veremos, como Pallas bellicosa
Os raios vibra do semblante iroso
Contra Aglaura infiel, que o cesto abríra,
Em que o biforme infante recatára:
Eis torpe inveja macilenta e magra,
Sahindo lá dos paços denegridos,
Irá tocar de Aglaura o peito avaro
Co' as mãos mirradas, em veneno tintas:
Qual posta sentinella sobre o pique
Encostada na porta de invejosa
Atalha os passos a Mercurio, e véda
De Herse gosar os cristalinos braços:
Em vão o Deos humilde rogo e arte
Tentou, que lhe não cede, até que iroso
Em dura pedra a converteo por pena.
Mas entre as ricas obras, que formaste,

Que lugar não terá o grão Tonante
Em branco e manso toiro demudado
Nas praias de Sydonia! Que de affagos
No toiro não porás! Que novas graças
Na filha de Agenôr, carga formosa
Sobre os hombros de hum Deos, senhor dos Deoses!
Oh! quanto ferve em mim desejo e ancia
De ver outras mais coisas portentosas,
Em que sempre realças, sempre vences
Todos os brios do Peligno vate.
Se nos amas, Almeno, vem não tardes;
Vem-nos cedo fartar estes desejos;
E mostrar-nos riquezas tão subidas,
Quaes nunca teve algum mortal. Nem temas
Ondas do Tejo, que a marinha Thetis
Co' a formosa Anfitríte te aparelha
Hum carro de cristal, em que tu venhas
De conchas alistradas guarnecido,
De verdes esmeraldas, de safiras,
De vermelhos rubins, de perlas finas,
Obra pasmosa, e bella, porque tirão
Dois candidos cavallos, que escurecem
A branca neve dos Alpinos montes:
De suas redeas refulgentes pégão
Ao som de grandes buzios retorcidos
Dois ceruleos Tritões de escamas d'oiro,
*Tritões, que de ser filhos se glorião*
*Do Rei, e da Salacia*, que tens perto.

Doris co' as filhas, porque as tu pintaste
Com tanta graça nas argenteas portas
Dos aureos paços do almo Sol, te esperão
Com alvoroço gratas sobre as ondas. (*)
Já eu de cá estou vendo o mar coalhar-se
Co' a branca chusma de louçãas Donsellas
De lindos olhos, de mimoso gesto,
De nitidos cabellos de esmeralda
Pelos candidos hombros debruçados:
A esquiva Galatêa, a meiga Efire,
A bella Ericia, a loira Dinaméne,
Panopéa gentil, e a que fugíra
Das iras de Athamante, inda trazendo
O Deosinho Palémo ao branco collo;
E todas as mais Tágides formosas,
Nas ceruleas espadoas cavalgando
Dos Delfins, namorados da alta carga,
Já vão por sobre as ondas galopando:
Erguendo o padre Tejo sobre as aguas
A placida cabeça, rodeada
D'agudas espadanas, co'Tridente
Que rege quanto mar se volve immenso
Desd' estas praias até o Indo, e Ganges,
Te enfrêa as vagas, e te encalma as ondas,
Porque venhas sem susto: o vento manso

(*) Este quadro da Metamorfose he hum dos mais bellos na Traducção; ao que aqui se faz allusão.

Por te servir a ti, e a elle, e ás Nynfas,
Já se ensaia, já veste novas azas,
Já te espaneja dellas brandos sopros,
Com que os ares serene, e te refresque.
Ah! não desprezes a monção formosa,
Meu caro e doce Almeno, nunca sejas
Aos teus amigos, que te cá desejão,
Nem a mim, nem a Silvio, nem ás Nynfas,
Deosas do Tejo, que te são tão brandas,
Ingrato, e duro co' a tardança esquiva.
Vem; e em quanto não vens, eu lá te mando
Meus sinceros desejos, que são todos
Por ti, e por teus bens, e santas Musas,
Que sempre o Ceo tas deixe gosar livre,
C'os Amigos, em paz, e com saude.

# A
# ANFRISO

*No principio do Anno Novo.*

*Contente vive o anno, o mez, e o dia.*

Ant. Ferreir. Ode V. Liv. II.

Começo este anno novo desejando
Novos bens aos Amigos: tu primeiro
Demandas os meus votos, grato ás Musas,
Grato ás Nynfas do Doiro, grato aos Deoses
Do Ceo e terra, e a mim, que mais te estimo,
Que as fulgidas fortunas d'honra e d'oiro:
Deves ter entre todos primo assento.
A todo o homem fazem bem os Deoses,
Mas mais áquelle, ~~que entre os~~ mais se estrema:
Que acatando devoto os santos Numes,
He fiel á virtude, á Patria, á honra;
Que as Leis observa, que os Amigos ama,
E faz bem aos mortaes, que auxilio pedem;
Tu és hum destes, ó meu caro Anfriso,
Não só nos ditos, que dizer he facil,
Porem nos feitos de bondade rara
Tu te mostras varão piadoso, e justo,

A todos hospital, humano a todos:
Logo no berço teu com mão benigna
Te doárão mil dons os altos Deoses;
Mas tu os tens dobrado co' bom uso,
Que delles fazes: tu por obras dignas
Ao Ceo te elevas: pões-te a par dos Numes;
Por bem de ti, de mim, dos mais Amigos,
Por bem dos homens, que tu honras tanto,
Dè-te o Ceo viver muitos novos annos;
Dè-te gosar em paz, em ocio brando
Os teus prazeres sãos, honestos, justos;
Ao menos hum, que hum Deos te faz na terra,
O santo amor da candida Marilia.

# A ALMENO

*Havendo o Author recebido Poesias delle em seu louvor.*

---

*Por mais, que me desejes, mais que me ames,*
*Não empregues em mim tão cegamente*
*Teu canto, com que he bem, que Heróes affames.*

Ant. Ferreir. Liv. I. Cart. XII.

*. . . Já que tens iguaes ó alto conceito*
*O Canto, o Verso, o estilo,*
*Em tudo toma sempre igual objeito,*
*Em que possas melhor que em mim subilo.*

Caminha Od. VI.

---

Porque tão semrazão ~~gastas~~ comigo
O tempo, ás Musas consagrado? Emprega
Melhor teu canto, Almeno, não profanes,
Que inda do baixo vulgo mal me estremo,
Comigo os dons sagrados: arreceio
Que se irem contra ti Apollo, e as Musas,
Anojados de ver, que lhe esperdiças
Em mim teu canto, e com meu baixo nome
Pejas a lyra d'oiro, que te dérão,
Digna de altos Heróes, de Deoses digna.
Ah! volta da carreira, volta, Almeno,

Esses versos a mim tão mal devidos
A's grandes coisas, que Natura offrece,
Que as sabias Artes te apresentão: canta
A Virtude, a Doutrina, a Industria, as Obras
Dignas do homem; foi-te dada a lyra,
Foi esse esp'rito acceso em novo lume
Para coisas vulgares? Quando a casta
Lucina nos seus braços cristalinos
Da mãi te recebeo, e trouxe ao dia,
Eis o Thymbrêo Apollo „ O' bem nascida
„ Esperança de Lysia, então te disse
„ C'os olhos em ti postos, por quem fico,
„ Que escura seja Grecia, Roma, e quanto
„ O Rheno lava, o Tamesis, o Sena,
„ O Tybre, e o Mançanares; esta lyra
„ Atégora de mãos mortaes intacta,
„ Aqui te entrego, ó novo Vate; canta,
„ Canta só coisas dignas della. „ Disse,
E a virgem lyra, de mil sons dotada,
Honra de Lysia hum dia, assombro ao mundo,
Te deixou sobre o berço, em que as doiradas
Horas já docemente te embalavão
Ao som do canto das risonhas Graças.
Cumpre ora, Almeno, o teu destino; cumpre
Quanto os Deoses de ti fiárão; canta
Em novo verso as novas maravilhas
Da Natura, e do Homem, que abençôa
A mão potente dos Supremos Numes.

# A
# D. MARIA LUIZA
# DE VALLERÉ

*Remettendo-lhe o Author cópia de hum Soneto seu, que havia feïto em honra do antigo Poeta Antonio Ferreira, que a mesma Senhora lhe mandou pedir pelo ter ouvido louvar.*

---

*Vive, vive, Ferreira,*
*Teu canto sempre sôe;*
*De ti alta fama vôe.*

P. de Andrade Caminha Ode III.

---

Eu vos mando, Senhora, esse Soneto
Consagrado ao Louvor do grão Ferreira
Pois que outro alto Ferreira illustre e sabio
De meu pincel esse pequeno esboço
Se dignou de exalçar; (*) e vós benigna
Cópia delle pedís, e os vossos rogos
São mais do que mandar: comtudo a obra
Não merece esse empenho: he fraca, e tosca,
Parto informe de meus primeiros annos,
Em que eu cuidava, que podia hum Canto

---

(*) Monsenhor Ferreira.

Alçar aos astros de Ferreira digno;
Hoje me côrro de atrever-me a tanto.
O louvor deste Vate só podia
Outro Vate, como elle, soberano
Tecer em ricas télas de oiro fino.
Que coisas não diria deste Genio,
Creado pelas Musas, que quizerão
Dar nelle hum raro esp'rito, em quem se unisse
Engenho, alta doutrina, estudo, e arte,
Solidez, correcção, decoro e siso,
Pensar sublime, honrados sentimentos,
Pura dicção, estilo proprio e grave,
Fecunda rima de mil sons prendada;
E o que he inda mais raro, fino gosto,
Tacto subtil do bom, do nobre e bello:
Mas pois inda não temos, quem nos cante
Seus meritos preclaros, vós, Senhora,
Com quem Minerva os altos dons reparte
De bom saber, e de eloquencia pura,
Podeis formar a analyse sublime
Das obras immortaes do grão Poeta.
Em quanto tregoas dais a essa saudade,
Do tão querido Pai, do mais amavel
Dos homens, desse General prudente,
Que com novos inventos d'alto genio
Firmou em Lysia a marcial defesa; (*)

(*) O Tenente General Mr. de Valleré.

Seja vosso prazer por algum tempo
Ler a Ferreira, e meditá-lo; e ao mundo
Que inda pouco o conhece, os raros dotes,
Descobrir de seus versos d' oiro fino,
Com que elle ornou a Lusitana Lingua.
Maior do qu' elle não tem outro Lysia:
Pelo numen de Phebo Apollo o juro.
Que não achareis nelle? Se quizerdes
Ouvir a Natureza, e as simples fallas
Dos Pastores do Ménalo sagrado,
Que Grego, que Romano, que outro Vate
Das estranhas nações, que ora mais brilhão,
Com mais suave pastoril avêna
Fez resoar os bosques, que Ferreira?
Já Lycidas, Castalio, Aonio, e Alcipo,
E Silvano, e Faleino, e Androgeo, e Eurillo
Das florestas do rico Tejo, e Monda,
Com seus silvestres arrabís canóros
Espantão Melibeo, Tityro espantão;
Nem as graças gentis de Celia, e Lilia
De Marilia, e Crinaura em primor cedem
A's bellezas da candida Amarilis,
Doce prazer do Mantuano Vate.
  Se mais vos movem brandas Elegias,
Eis elle vos descanta em doces rimas
O Maio grato Mez da linda Venus,
C'roado d'odoriferas boninas,
Que só pelo fazer brilhar mais bello,

Loira o Sol seus cabellos; vem mais cedo,
Vai-se mais tarde; o brando vento assopra;
O campo reverdece; as flores brotão;
Frescas tendas de myrtho se levantão;
E as lindas Graças desatando os cintos,
Por toda a parte esparzem seus encantos:
Tiros despara o filho de Acidália;
Vôa solto o prazer; entra no prado
Soberba a Formosura, a Affeição céga,
O Pensamento aos olhos todo atado,
Léda a Esperança, o Encolhimento honesto.
Mas que direis, quando a formosa Deosa
Alli descobre a neve, e sólta o oiro,
Quando as Graças na clara fonte a banhão,
E apparece de Amor rico thesoiro!
Quantas gentis figuras, quantos grupos
Em hum só quadro c'o pincel mimoso
Do grão Vate a fecunda idéa pinta?
Vereis depois n'outro painel divino
Núa dos pés, cabello solto ao vento
Correndo amargurada valles, montes
Em busca de Cupido a triste sua
Mãi Cytheréa; ah como em mágoa pura
Suspira e cansa e sua e geme e chora,
A todos por Amor pergunta; a todos
Dá sinaes de seu filho; a todos conta
Os ardis, que elle tem, que se acautellem;
E o pede ás Nynfas, se lho tem nos braços;

E o pede aos ventos, se o levárão longe;
E o pede ás fontes, se lho estão banhando;
E até o pede aos brandos pensamentos,
Que se preso lho tem, lho tornem preso.
  Vêde depois, como o travesso joven,
Orvalhado pela alta noite, bate
A' porta do Pastor, que o bem recebe
E ao fogo o aquece, e já lhe enxuga as azas;
Que depois que cobrou calor se anima,
E em tom de experimentar seu arco froixo,
O arma, como em riso, e jogo; e a seta
Já contra o peito ao bemfeitor dispára
E vai voando, do que fez contente.
A mais inda se estende a Musa: huma ora
Junto á fogueira funeral bradando
Lugubre rima entôa: já prantea
Do caro Betancor illustre a morte,
E os immaturos fados presurosos
Do Principe João alta esperança,
Em agraço cortada aos Lusitanos:
Já sobre a loisa, que Marilia encerra,
Perda sensivel, lagrimosa imprime
Magoados suspiros de saudade,
Que vão fazendo arder as cinzas frias.
Outra hora em sons festivos troca o pranto,
E solta o *Viva* aos Capitães valentes
Do Loiro Triunfal c'roados: canta
O nobre Vasconcellos, e Albuquerque,

Alto terror da aurifera Malaca;
E o claro filho seu, que nos seus Fastos
Os memorandos feitos lhe eterniza,
Alçando, como vós, ao pai sublime
De filial amor padrão sagrado. (*)
Se vós folgais de ver a Musa solta
Nos comicos dançar, com que primores,
Com que guapas lindezas se apresenta!
Airosa as roupas arregaça: toma
Todo o terreiro, e ao som das Lydias frautas
Enfia as leves ruidosas danças.
Eis entre os jogos prasenteiros, entre
Joviaes annexins, motetes, graças,
Que do sisudo a frente desencrespão,
Vem o Cioso com seus vãos cuidados,
De mordazes suspeitas afumado,
Qual já de Plauto o temeroso avaro.
Descobrem-se os ridiculos costumes,
As vulgares paixões, e se desvendão
Tençoeira malicia, astuto dolo,
As cegas affeições, os baixos vicios;
Que entre as comicas mascaras Thalia
Corrigindo os defeitos com seus risos
Sólta no coração moral sagrada.
Quereis vós ver da Musa o Sócco humilde,

(*) Allude-se á Obra que esta Senhora escreveo das Anecdotas de seu pai o Tenente General Mr. de Valleré.

Em Argivo Cothurno trasmudado?
De rosto grave, mas pesado e triste
Nas frias margens do ancião Mondego
Abre a scena Melpomene severa,
Nunca vista té então na Lusa terra:
Inda antes que Corneille, que Racine
Novo theatro sobre o Sena alçassem;
As fluctuantes roupas desaperta,
E arrastra pelo chão o longo manto.
Vem a par della os horridos cuidados,
Feras suspeitas, tristes ais gementes,
Terror e compaixão do peito humano,
Tingidos todos de pallor funesto,
C'roado d'amaranto eterno o Vate
Pela primeira vez desfere em Lysia
Tragicos sons da maviosa frauta;
Eis apparece com magoado aspecto
Donzella divinal, Ignez formosa,
Descendente de Reis, de Reis só digna,
Nascida para amar, e ser amada.
Já no centro da dôr geme em silencio;
Já sólta o pranto dos cançados olhos,
Que dão a clara luz ao Sol, e ao dia;
Onde arde o casto amor em chama pura:
Mas em vão chora, em vão a Ama a consola:
Cresce a fatal tormenta em negras sombras;
O Rei vacilla; os Conselheiros instão:
O caro esposo ausente, e a esposa entregue

Aos momentos escuros do seu fado,
Cahe abraçada c'os filhinhos tenros,
Ao barbaro punhal aberto o peito:
Sobre o marmoreo pavimento ondea
Sangue innocente, que seus filhos tinge,
Estremece a natura, que a formára
Em mostras de immortal belleza: chorão
Os lamentosos coros: alção gritos
Ao surdo Ceo as Nymfas espantadas
Do gelido Mondego, e as grutas correm
Em crua dôr, em negro luto involtas:
Desafiai, Senhora, as nações todas,
Argivos Vates, Laciaes Poetas,
Que vos amostrem, onde com mór força,
Com maior energia os sons exprima
A lingua das paixões; onde mais falle
Per si a natureza, mais sublime,
Que toda a arte; aonde amor, ternura,
Saudade e desejo e ancia e susto,
Tristeza e compaixão, terror e ira,
E todas as paixões, que n'alma reinão,
Com mór viveza as expressões devolvão:
Quereis inda outras rimas de grão preço,
Bem que a muitos o não pareção? Lêde,
Lêde suas cartas d'alto aviso, e d'honra,
Onde se assoma toda a grão riqueza
Todo o Attico estilo, todo o siso,
Todo o primor da lingua e gosto e arte:

Onde brilha a sciencia mais profunda;
Não essa de theoricas altivas,
Que ignotas regiões, invias veredas,
Projectos infructiferos commette;
Mas practica, e segura, e certa guia
Da carreira da vida. Que doutrina,
Que solidas sentenças, que conselhos,
Que regras sociaes dalli se aprendem!
Quão civil, quão christã filosofia
Achareis neates cofres d'oiro fino!
Quantos preceitos, maximas prudentes,
De bem viver illustres sentimentos,
Beneficas virtudes d'alma nobre,
Hum grão saber de experiencias feito!
Aqui achão lições, de que aproveitem
O escritor, o poéta, o bom letrado,
O rude camponez, o destro artista
O peão, o fidalgo, o moço, o velho,
O amigo leal, o conselheiro,
O esposo fiel, e a terna esposa:
Aqui aprende o pai, e o grato filho,
O ardido soldado, o heróe guerreiro,
O bom Vassallo, o Senador prudente,
O valído dos Principes da terra,
E o Rei que quer reger em paz seus povos
„ *Rei homem, Rei e Pai, Senhor e Amigo.* „ (*)

(*) Verso do mesmo Antonio Ferreira.

## AO DOUTOR
## RICARDO RAIMUNDO
## NOGUEIRA

*Estando em Ferias.*

Nogueira amigo, injúria te fizera,
Se esquecido de mim lá te julgára,
E duvidar de teu amor quizera.

Na foz do Doiro, aonde a Nynfa rara
Espalha ao som da lyra os sonorosos
Versos, que o claro Apollo lhe ensinára,

Entre mil passatempos deleitosos,
Em que correm teus dias docemente,
Quanto mais livres, tanto mais ditosos;

Lá te lembras de mim, que não consente
Nossa antiga amizade, que hum só dia
S'esfrie a chama, que teu peito sente.

Ingrato e duro a tanto bem seria,
Se com amor igual te não pagasse
Este teu puro amor, que a mim te guia.

Se clara luz de Febo me raiasse,
E como em brando amor nunca te cedo,
Assim na branda lyra te igualasse,

Deste fresco lugar, em que ora ledo
Meus dias passo, a ti e a Nynfa cara,
Em vez de rima em que te escrevo a medo,

Assellados das Musas te mandára
Versos, em que os affectos d'alma pura,
Quaes os eu por ti sinto, te expressára.

Porem não me foi dada essa ventura
Não o celeste dom, qual te foi dado,
E não ouso subir a tanta altura.

Tu só podes cantar canto sagrado,
Que a ti te inspira a natureza, o estudo,
E a clara Deosa, que lá tens ao lado.

Eu cá só me contento em verso rudo
Dar-te meus bons desejos qu' al não tenho,
E co' assim tos mandar, te mando tudo.

Saude, paz, prazer, teu bom engenho,
E honesta liberdade lá conserva:
Estes são meus desejos, meu empenho.

Em quanto dos trabalhos de Minerva
Em nossa patria terra lá descanças,
Gozando os bens, que ha tanto te reserva,

Estende os olhos pelas ondas mansas
Do Doiro, quando em fresco e claro dia,
As Nynfas soltão suas finas tranças;

Ah! veste-te de placida alegria,
Chama Sirene, Panopéa, Argira,
Chama de Thetis toda a companhia.

Nos meigos versos, que te Apollo inspira,
Sólta doces canções ás Deosas bellas,
E as traz apôs o som d'eburnea lyra;

O mar deixem por ti, e as ricas télas,
Em que estão trabalhando; e primorosas
De gentis flores teção-te Capellas.

Tu entre as synfonias sonorosas
Com ellas salta em rápida chorêa,
E prende-te das alvas mãos formosas.

Colhendo pela praia d'entre a area
As lindas conchas de diversas cores,
As reparte por Lize, e Galatea.

Compra os lanços da rede aos pescadores,
E o peixe inda saltando mais mimoso
Offrece á nova Deosa dos amores.

Ora verás o mar, como alteroso
Em grossos rolos d'agua se arregaça,
E vem medonho com semblante iroso:

Como as praias co' as ondas ameaça,
Como cahe nos cachopos levantados,
E em borbotões d'espuma s'espedaça.

Ora verás ao longe empavezados
Soberbos galeões, que vão rasgando
Com ferrea prôa os mares empollados;

E os navios ao perto demandando
A estreita barra, e seu Castello antigo
Co' duro estrondo dos canhões salvando.

Destes deleites, que lá tens comtigo,
A outros passa, de que não se isenta
Teu brando peito, do prazer amigo.

Toma o fervente ponche, que te aquenta;
Bebe o chá, e o café; come as torradas,
Que a branca mão de Silvia te apresenta.

Rizonho o Whist joga, e essas doiradas
Peças, em quanto os ventos te assoprarem,
Ganhando vai nas horas bem fadadas.

Quando as Graças formosas te levarem
A esplendido banquete, e mil manjares
Em doiradas baixellas te offertarem,

Depois que a par das Deosas te assentares,
Trincha, reparte, gosa d'ambrozia,
Que tanto exaltão Bachicos cantares.

No roxo sumo, que o alto Doiro cria,
Ruins cuidados affoga, e o pensamento
Deixa voar nas azas d'alegria.

Teus versos canta, e em sonoroso accento
Alevanta cantando até ás estrellas
Os dons d'Amor, e seu contentamento.

Depois conta com graça mil novellas,
De tua boca fiquem pendurados
Tenros meninos, ávidas donzellas,

Ouvindo de Quixote os mal fadados
Successos, e com chaves mil seguros
Castellos d'altos Mouros encantados.

Em tanto eu solto de cuidados duros,
Passando vou tambem meus lédos dias,
Bebendo o esp'rito destes ares puros;

Debaixo destas arvores sombrias
Neste campo, que habito, assocegado
A mim só vivo em doces alegrias.

Aqui meu coração, e meu cuidado
Com minhas castas Musas só reparto,
Tão docemente nellas enlevado:

De seus doces prazeres cá me farto,
Só nisto penso, e se alguma hora alheio
Deste só alvo o pensamento aparto,

Outro objecto não busco, outro recreio,
Que estar vendo d'aqui desta morada,
Quanto meus olhos prende em doce enleio.

Lá vejo a alta Coimbra: está sentada
No erguido monte; lá se está revendo
Sobre as aguas do rio debruçada:

O seu Mondego, que d'aqui estou vendo
No verde leito quasi descoberto,
Como as aguas lá vai adormecendo!

Como alvejão ao longe em campo aberto
Os longos areaes e mil esteiros,
Que os vão cortando com seu giro incerto!

De faias, olmos, choupos e salgueiros
Avisto as frescas ribas adornadas,
E verdejando ao longe altos oiteiros;

Lá estão essas campinas dilatadas,
Em que anda repastando o manso gado,
E bandos de cornigeras manadas.

Pela fresca manhãa descendo ao prado
Patentes vejo os dons da natureza,
Que o homem fazem bemaventurado:

De tantas maravilhas fica presa
Minha alma, e pasma; e nellas contemplando
Do Creador adora a summa alteza.

Oiço de ramo em ramo andar chilrando
As aves sonorosas, que o primeiro
Raio do Sol nascente estão saudando.

Ora á sombra d'hum verde medronheiro
Junto á branda matriz de huma alva fonte
Vejo nascer hum placido ribeiro.

Ora correm meus olhos o Orizonte;
Encantão-se co' as nuvens de mil cores
Que doira o Sol c'os raios d'aurea fronte.

Como he bello apanhar as lindas flores,
Inda orvalhadas, em que a roxa Aurora
Entorna, ao vir o Sol, seus resplandores!

E ir colher por minhas mãos outr'hora
Das arvores os pomos sazonados,
Cuja só vista os olhos me enamora!

Nos bosques ao silencio consagrados
Entro ás vezes com passos vagarosos,
E alli fallo a mim só, e a meus cuidados.

Alli me sólto todo, e os meus formosos
Pensamentos, que n'alma trago lédos,
Os dou ás faias, e álamos frondosos.

Alli sob os sombrios arvoredos
Meus versos canto, cujo som dobrado
Me tornão com seus échos os rochedos.

Quando a noite, fugindo o Sol doirado,
Dos Ceos estende o magestoso manto,
De lucidas estrellas recamado,

Os meus olhos aos astros alevanto,
E vendo o curso, que lá vão fazendo,
De tantos mundos cá me pasmo, e espanto.

Ora altos pensamentos revolvendo
Entro dentro de mim, meu ser medito,
Que fui, que sou, e que serei morrendo.

Ah! sinto-me immortal, mando a meu esp'rito,
Que vôe acima da estrellada esfera,
Onde eu mais alto subo, e os olhos fito.

Ordeno-lhe, que a terra, que nos géra,
Despreze; e a eterna patria reconheça,
Onde huma paz eterna nos espera;

Que por ella suspire, e se estremeça,
Porque aos braços de Deos, donde cá veio,
Inda hum dia feliz voltar mereça.

Quando eu me apoio neste firme esteio,
Sinto-me sabio, e bom; aprendo, amigo,
A ter entre os extremos justo meio.

Assim vivo d'acordo só comigo,
Amo a Deos, amo os homens, a mim me amo,
E em tudo a Lei, e sãa Natura sigo.

Só isto he vida, e paz; isto só chamo
Meus ricos bens, meus solidos averes;
Esta a doutrina, que a mim mesmo clamo.

Aqui tens meus estudos, meus prazeres,
Em que ora passo as ferias descançado,
Em quanto por meu bem cá não vieres.

Ah! venha cedo o dia affortunado,
Que a meus saudosos olhos felizmente
Te traga, e torne a nosso antigo estado.

Se o Ceo mais este bem cá me consente,
Fico, que este prazer e sãa doutrina,
Amigo, com teu trato se accrescente:
Ah! vem, e a ser mais sabio, e bom me ensina.

# A ALEXIS

*Que convidava o Author para festejar com versos o dia dos Annos de D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarcal.*

Si quantum cuperem, possem quoque . . .

Hor. Liv. II. Epist. I.

Alexis, tu querias, que eu cantasse
O claro dia, em que nasceo meu Castro:
Meu dia, e teu, formoso dia ao mundo,
Cantára, se eu pudéra; mas a lyra,
Que n'outro tempo em sete cordas d'oiro
No gelido Mondego resoára,
Ora quebrada e torpe jaz, pendente
Dos seccos ramos d'hum annoso tronco:
Eu só de Evandro a velha Mãi converso;
Outra ora lido c'os antigos Celtas
E tanto a meu prazer vivo com elles,
Que al não sei nem de Gregos, nem Romanos,
Deoses da lyra: neste rude estado
Só sei cantar chacotas villanescas,
Menear os pandeiros com soalhas,

Tocar silvestre Berecynthia gaita:
E julgas ora tu, que em tal figura
Poderei ante Castro em claro dia
Festivo, e cortezão apresentar-me,
Sem estranheza, e novidade? Julgas,
Que poderei soltar a voz medonha,
Sem os cabellos lhe ouriçar, ferindo
Com sons desafinados seus ouvidos?
E qual das nove Irmãas, e qual das Graças
Quererá ir comigo a cortejá-lo?
E eu rude, e sem ellas como iria?
Tu que de dia, e noite nunca cessas
De ler mimosos delicados versos
Do Lesbio Cidadão, do Venuzino,
Tu podes presentar-te a Castro Illustre
Co' as gentis Graças, c' os gentis Cupidos,
Co' as Musas Laciaes, co' as Gregas Musas:
Tu pois, que podes, fere a eburnea lyra,
Que Febo ta encordôa, e ta tempéra;
Seus harmonicos sons nos ares sólta,
E faze resoar o sabio Castro
Por cima das estrellas: oiça Jove
Lá na Olympica mesa recostado
Entre os festins divinos, com que os Deoses
Alegres brindão tão formoso dia,
Os louvores de Castro sublimados.
Depois que o tu cantares, cessa; e a lyra
Entre os celestes signos põe seguro,

Que eu fico, que ella seja em toda a idade
Astro brilhante dos Poetas Lusos:
Que o Nome excelso do benigno Castro
Qual o de Augusto, qual o de Mecenas,
Será o Numen tutelar dos Vates.

# A FILENO

*Sobre os Epicos Portuguezes.*

Porque tu, meu Fileno, tanto exalças,
Sem me fallar dos nossos Lusitanos,
Os Epicos gentis de Grecia e Roma,
Da rica Italia, da polida França,
Da Bretanha Insular, da Grãa Germania?
São bellos, quem o nega? Mas só nelles
Se assôma todo o bom, que as ricas Musas
Tem creado no mundo? Certo escassas
Não tem sido comnosco; não tem sido
Com nossa lingua; bom quinhão lhe dérão;
E o que lhe dérão, porque nós ingratos
Havemos desprezar? Louvem-se embora
Poetas Laciaes, Argivos Vates;
E louvem-se outros, a nós mais chegados,
Das estranhas Nações; porém os nossos
Louvemo-los tambem, que louvor pedem
Seus versos sonorosos sublimados.
Em verdade, Fileno, nossa lingua,
Por Febo o juro, he mui barão; e póde
Apár da Grega e da Romana altivas

Epica tuba embocar soberba;
E ao som harmonioso de seus versos
Marchar ao campo c'os heróes valentes,
Filhos de Luso, raios de Mavorte,
A debellar a ferro imigas hostes;
Ou já outros levar por novos mares,
Por novos ceos e climas, novas terras,
A fazer gentís feitos d'alta gloria,
Tornando-os Deoses da celeste esfera.
Assim, assim com ella leva ufano
O grão Camões, por não rompidas ondas,
Novo Neptuno, o destemido Vasco:
Elle se engolfa c' o Varão constante
Na solidão de pélagos immensos;
Corta por entre as horridas procellas;
Passa abrasadas Zonas, que temião
Antigos Gregos, e Romanos: passa
Por entre os novos monstros do Oceano:
Despréza ardentes iras, e ameaças
Do fero Adamastôr, filho da Terra,
De quem Jove enfiou, e o Olympo todo:
Vé as faces do Austro temerosas;
E as insolitas costas trespassando,
Já, guiado de nova estrella, chega
A's Gangaridas portas do Oriente,
Berço do Sol. No novo Carmen quantos
Valerosos heróes de nossa gente,
Por nobres feitos d'armas sublimados,

Aos astros soão, quando falla o Gama
Ante o Rei de Melinde! quando falla
Discreto Paulo, e mil acções guerreiras,
Nos Lusos estandartes debuxadas
Ao Catual em Calecut amostra!
Quando na Ilha dos prazeres se ouve
Presaga Nynfa, ao doce som da lyra,
Cantar façanhas dos heróes famosos,
Que inda havião de vir fazer Vassallos
Os Principes do Indo ao Rei dos Lusos,
E fundar sobre o Ganges, rico d'oiro,
Hum novo Imperio á Lysia, mér que o antigo!

Por esta arte já vai acompanhado
De nova Musa o inclito Menezes,
Que o golfo de Bengala atravessando,
Conduz o Albuquerque invicto, horrendo
Trovão de Marte, a fulminar os muros
Da Chrysêa Maláca, o Emporio d'Asia;
Quantas coisas sublimes, quantas outras
Formosas nos off'rece em ricos quadros!
Quaes varios caracteres, quaes costumes
Em tão diversas scenas apresenta,
Inda não vistas entre nós! que certo
Bem pudéra invejar Meoneo Vate;
Ou seja, que elle cante as graças bellas
D'alta Princeza de Catai, que hospéda
Garcia, o namorado; e os raros dotes

D'Alaida, que a chama de amor sente,
E de Glaura e Tritonia os fados tristes:
Ou seja que elle em sons mais remontados
Descreva os Capitães de peito d'aço;
Ou ao trepido Mouro já reconte
De Albuquerque os triunfos, alcançados
No Roxo Seno, na Indostana Goa.
Mas quanto sóbe, Amigo, d'alto ponto
O som da tuba, quando o Heróe terrivel,
O Erebo vencendo, e as negras tramas
De Asmodêo e Lusbel, co' a espada em punho,
Por entre ferro, e fogo rompe ousado;
Rende Maláca, e á nobre Elysia ajunta
O Imperio do Sol, e a rica Aurora!
Não menos, que Menezes sólta as vozes,
Cantor do Quinto Affonso, o grão Quebedo:
Qual a Olympica Aguia, mensageira
Dos raios d'alto Jove, a quem nativo
Vigor fóra do ninho seu arranca,
E aos insolitos vôos a arremeça,
Por ir brigar c'os luctadores dragos;
Tal elle o leva desde o patrio Tejo
Pelas ondas do mar, que estremecêrão
Do novo Rei, senhor do azul tridente,
A obrar nas Mauras regiões prodigios
De inaudito valor, de que pudérão
Espantar-se os Achêos de finas grevas,
E a Romulida Gente vencedora.

Alli verás, com que nobreza o Vate
Eleva os pensamentos; com que estilo,
Com que força de côres pinta os quadros,
Quando os Lusos Varões em nobres feitos
Apostão brios entre si valentes;
Quando o intrepido Rei co' a forte espada
Fórça de Africa os fados; entra Arzilla,
E a cerviz doma ao barbaro Mourisco.

Que dirás tu de Castro, excelso Vate,
Que elle só nos bastava, bem que muitos
O não tenhão em tanto: vê, como elle
A trompa altiva do Cantor de Smirna
Soberbo emboca, e põe nos sons canoros
C'o mais valente harmonioso estilo
O filho de Laerte, o claro Ulysses,
Que desde o Jonio Mar soltando as velas
Corta do Egeo os procellosos campos,
De gentes feras passa as bravas costas,
Vence do horrendo Polyfemo as iras,
Vence encantos de Circe, tudo vence.
Que grandes coisas com pincel fecundo
Não descreve sublime, quando o Grego
Na scena põe os dolorosos quadros
Dessa Neptunia Troia desolada,
Premio do rapto da formosa Heléna!
Quando de si seguro, e de seus fados
Desce aos Elysios campos, vê os novos

Reinos da sombra; e de Anticlêa escuta
Alta serie de Lusos Reis vindoiros,
Reis d'alta gente, em claros feitos rara!
Que variados horizontes vemos,
Quando se atreve a trespassar sem susto
As Herculeas Columnas, fins do mundo;
Quando entra no novo Oceano, e aborda
A's rubras praias do tremendo Occaso,
E faz surgir no Tejo a Grega antena;
Quando a nova Cidade, alta Princeza
Do Orbe Occidental, levanta aos astros;
Então quantos Varões Gregos, e Lusos
Epica tuba bellicosa sôa;
Que huns Górgoris anima, outros Ulysses,
Por quem em bando os Deoses se repartem!
Quantos trofeos Orientaes não canta
Clara Lagêa, com divino accento,
Da Lusa Gente na remota idade!
Que viva força, que energia! quantas
Em seus versos da Iliada divina
Saltão faiscas de abrazado fogo!
Lê estes: dir-me-has depois, se os Lusos
Gerão nobres Poetas d'alta trompa,
Iguaes no estilo aos Epicos Cantores
Dos Italos, dos Francos, dos Britannos,
Dos que bebem do flavo Rheno as fontes;
E dirás, senão são formosos filhos
Das Musas Gregas, das Latinas Musas.

# A ALMENO

*Na vinda de Silvio.* (*)

Eis já os Ceos, Almeno, te cumprirão
Teus desejos, e votos: suspiravas
Ter outra vez comtigo o caro Silvio,
Metade de tua alma, e os Ceos benignos
A elle, e a ti, das Africanas costas,
Onde foi semear altas virtudes,
To repõe outra vez nas frescas margens
Da marinha Cetóbriga formosa.
Péga da lyra, que mais digno objecto
Tens ora ao canto teu. Ah! canta, Almeno,
Canta teu Silvio: mór assumpto que elle
Não ha em Lysia: se te apraz louvá-lo
Dos claros dons, que as Musas lhe darão,
Quando Jove o mandou á luz do dia,
Seus harmonicos metros engrandece,
Que á Lysia Patria trespassar pudérão
Do Ménalo sagrado a melodia:

(*) D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Ma depois de Angola.

Se mais te agrada de o mostrar ao mundo
Guardando as santas aras incruentas,
Louva com versos dignos d'alta fama
Seu grande coração, sua alma grande,
Seu animo tenaz na tenção recta;
Mostra, como defende firme a estancia,
Em que os Ceos o puzerão: como inteiro
Co' sublime poder das santas chaves,
Sem se dobrar a preço, a força, a medo,
Seguindo vai intrépido a direita
Vereda da virtude, e da verdade,
Tudo o mais baixo tendo por deshonra.
Ah! venha Silvio aos versos teus divinos,
E ao mundo nelles appareça todo,
Qual elle era, qual foi, qual ora veio;
Venha pobre de bens, de premios dignos,
Só de honrosos trabalhos venha rico.

## A
## JOAQUIM FERREIRA
## DE SAMPAIO

*No dia dos annos do Author.*

Sampaio, Amigo, eis o meu dia he este;
De teus vestidos o mais rico veste;
De rosas orna a frente, empôa a coma,
E as tranças unge de cheiroso aroma:
Vem hoje celebrar meus ledos annos;
E os dons gentis, que os Deoses soberanos
Logo ao nascer com larga mão me dérão;
Que rico mais, que Cresso me fizerão:
Corpo sadio, huma alma nobre, e pura,
Sensivel coração, doce ternura;
Peito d'honra e firmeza; que deseja
O bem somente, livre d'odio, e inveja,
Aos amigos firmissima amizade,
Amor ás santas Musas, e á Verdade;
Eis os meus dotes, que me os Ceos doárão,
Quando os benignos Deoses me formárão,
Brazões mais nobres, do que quantos ornão

As armas, e os escudos, com que adornão
Os descendentes de Egas entonados
Os antigos Castellos levantados.
Se a tantos bens accrescentar quizeres
Algum talento, e genio, se entenderes,
Que merecem louvor algum meus cantos,
Então serei mais rico, do que quantos
O Sol illustra na carreira d'oiro,
Que faz do Ganges té o Tejo, e o Doiro,
Mas tu cá dirás tudo, quando alçares
Aos Ceos meu nome, e lédo levantares,
Enxugando o licor das taças bellas,
Por mim alados brindes té ás estrellas.

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarcal no dia de seus Annos em* 18 . . . .

*Não me foy dado sprito, não foy dada*
*Igual boca ao grã canto: bom desejo*
*Não basta*

Ant. Ferr. Liv. II. Carta VI.

Louvem-te, ó Castro, ao doce som da lyra
Aquelles, a quem Febo o peito inspira,
As gentis prendas, as virtudes raras,
Com que doiras o mundo, e lhe preparas
No novo Templo, que a Minerva alçaste,
Columna eterna ás letras, que chamaste;
Vencendo com brilhante claridade
Esses Varões da antiga e nova idade.
De ti eu só louvára, se pudéra
A constante tenção, que o Ceo te déra,
De fazer bem aos homens: então quantos
Unindo sua voz á minha, cantos
De doce gratidão entoarião,

Que tão alta virtude exaltarião!
Ou seja Cavalheiro d'alto estado,
De nobre sangue dos avós herdado;
Ou seja peão raso, e sem valia,
Que só nas acções proprias se confia;
Ou rico, ou pobre, ou sabedor, ou rudo,
Em ti sempre acha seu amparo, e escudo:
Teu coração, de bem fazer amigo,
Presta igual gazalhado, igual abrigo:
A bemfeitora mão ninguem affasta,
Se he varão virtuoso, isto lhe basta.
Eis-aqui, ó grão Castro, o que eu quizera
Cantar de ti, se a tanto me atrevêra,
No grato dia de teus lédos annos,
Em que á porfia os Deoses soberanos
Em ti nos derão tanto bem: mas vejo,
Que a Musa he desigual a meu desejo;
E que em tão festival brilhante dia
A theatro sahir não poderia
Com tão sublime som, que alevantasse
Aos Ceos teu nome, e aos Deoses o levasse.

# AO MESMO

*Pouco antes do dia dos seus Annos em* 18 . . . .

Que quereis, vós Senhor, que lá vos mande
Para o dia feliz, em que nascestes?
Versos, com que folgueis, que sejão dignos
De lá vos irem com gentil cortejo
Presentar-vos meus votos de amizade,
Meus desejos de vosso bem sinceros?
Mal cuidais vós, em quaes fadigas anda
Este meu esp'rito, já cansado, e gasto,
Sem hora de repouso, de que sempre
Me queixo, vivo aqui; e as Musas pedem
Ocio sereno, dias descansados,
Forros de enfadamentos, de más lidas;
Pedem brios de hum animo liberto,
Pedem, inda com isto não contentes,
Bosques sombrios d'Apollineo Loiro,
Roscidas grutas, com parleira fonte;
Hum altivo docel de espessa parra,
De Corymbos, e pampanos pendentes:
Hum vergel de boninas esmaltado,

Onde corrão regatos fluctuantes,
Onde dancem as Dryades formosas
Co' as lisas Graças, c' os brincões Cupidos,
Soltos os cintos, que os donaires trazem.
Já vós vedes, Senhor, porque apoucado
Não me alargo a escrever-vos huma carta
Em brando verso, que lá foste agora
Mais enfeitada do que em baixa prosa,
Saudar-vos com mostras sinaladas
Dos bons desejos, que de vós cá tenho,
Ha tantos dias saudoso, e triste.
Tende saude, tende bens a montes,
E vivei para vós, que já vivestes
A' Patria ha muito com tão raros feitos,
Que ainda vivereis em melhor tempo,
Q' Jove mandará melhores dias.
Cedo trará o Sol, e muitas vezes
Feliz o traga na carreira Olympia
Aquelle, em que nascestes, consagrado
Por destino dos Deoses regedores
A' Elysia terra, ás Letras, á Virtude
Dia que trago na memoria vivo,
Por ser tão vosso e meu; e nos vir nelle
Tanta mercê do Ceo, que em vós nos derão
Varão d'altas tenções, de grão bondade,
Dos antigos costumes, que saudades
Já nos fazião em tão baixos tempos,
Que tudo dos avós esclarecidos

Cada vez a peior nos tem mudado.
Se eu então me puder roubar ás lidas,
Em que ora lucto de continuo, espero,
Oxalá que assim seja, apresentar-me
Ante vossa pessoa, a mim tão grata,
C'uma singela offrenda d'alvos hymnos,
C'uma fresca grinalda bem tecida
Pelas formosas mãos das castas Musas,
Que vos conhecem bem, que bem vos amão.

# A
# HUM AMIGO

*Sobre os entretenimentos do Author.*

*Quid quaéris? vivo et regno.*

Horac. Liv. I. Epist. X.

Perguntas-me, que faço: vivo agora
Como d'antes; em placido retiro
Sem mudar de teor meus dias passo:
Nossos avós os Celtas, tronco antigo
Da Lusitana Gente, meu cuidado
Só são, que delles vivo, e me apascento.
Nas horas fôrras, ao prazer só dadas,
Folgo por entre as trevas d'alta Historia
Subir co'a idéa aos primitivos tempos;
E decifrar depois de longas voltas,
Que gente, que nação naquella idade
Em nossas terras fez primeiro assento;
Buscar os troncos, donde procedemos,
E saudar nossos Padres venerandos;
Registrar os foraes dos avoengos,
As leis, os ritos, a moral, as artes,
Os costumes, e usanças, que tiverão,

Ou no estado de paz, ou já na guerra;
Quaes vicios delles, e quaes bens herdámos;
Quaes maneiras, quaes modos, quaes donaires;
Que prisca língua entre nós fallárão,
De que inda resta grande fundo e copia,
Antigualha de casa rica e nobre.
Mas tu já te estás rindo da mania,
Zombas de meus cuidados: „ Eia (clamas
Co' a sãa Filosofia) o util, util;
„ Que te importa saber dos bravos Celtas?
„ Quem forão os antigos Lusitanos,
„ Que linguagem fallárão, que costumes
„ Tiverão? De que antiga gente vimos?„
He bem: vamos ao util, pois me bradas
Com esta cantilena já safada,
Comecemos por ti: Tu lá que fazes?
Cansas o largo dia, e a longa noite
Em revolver as velhas leis de Roma:
Nas horas, em que folgão teus trabalhos,
Lês de Quixote as raras aventuras,
Cavalleiros de forte lança em punho,
Ou barbaros Gigantes corpulentos
Com alfange mourisco arrodelados,
Que commettem cavernas tenebrosas,
E encantados Castellos descerrando,
As damas roubão, e os rivaes derrubão.
E que tiras tu disto? Que aproveitas?
Outra hora ávido lês volantes folhas

Da cançada gazeta, que vem vindo
Prenhe de falsas novas: porem dêmos
Por ora, que são certas; que te importa,
Que o Turco vá cedendo ao Russiano?
Jogas co' as damas; perdes teu dinheiro,
E o tempo perdes, que te vai fugindo,
Mais precioso que oiro, que diamantes,
Que não te volta mais, inda que queiras
Comprá-lo a troco de baixella rica,
Que nas Siculas mesas reluzia.
Perdoa, Amigo meu, perdoá lédo,
Se esta salva te dou; mas tu me obrigas
C' o util, util, que me sempre clamas.
O util que nos basta he pouco; s' ambos
Quizessemos conter nossos desejos,
Viver somente á lei da natureza.
Que tudo quanto foi preciso ao homem,
Ante os olhos nos põe, quando nascemos,
Nem tu tratáras c'os Romanos tanto,
Nem eu ignotos Celtas conversára:
Do patrio Doiro as Thyonéas ribas
Não deixaramos ambos; nem nas margens,
Que as agoas banhão do ancião Mondego
Hiriamos fazer dura campanha;
Nem borla verde a mim, a ti vermelha,
Por fim de mil fadigas e cuidados,
Sobre a lassa cabeça pesaria,
Que nem nos faz melhores, nem mais sabios,

Nem mais sadios; mas o luxo altivo
Entrou em tudo; até entrou nas Letras;
Nós com grande apparato consumimos
A vida toda em doutas bagatellas,
E tão pagos vivemos disto, quanto
Com suas modas, loucos embelecos,
Vivem as damas, e os galães, que as amão.
Mas não permitta o Ceo, que por mais tempo
Te enoje, Amigo, com sentenças: basta
Que soffras, que eu a meu sabor cá viva
Comigo só mettido, e c' os meus Celtas.

# A
# HUM AMIGO

*Que reprehendia o Author sobre o objecto de algumas de suas Poesias.*

Tu me accusas, Amigo, de máo gosto
Que faço versos a hum Monge: e irado,
Que tem as Musas co' burel? Me clamas.
Já te entendo aos dois lanços; quererias,
Que ou os fizesse a donas e donzellas.
Amigo, as damas por commum não folgão
Com graves versos; que se tu as vires
Com grandes gabos, com esgares certos
Applaudir os teus cantos sonorosos,
Crê que te enganão, crê que mais estimão
Ouvir-te lêr as magicas novellas,
Cheias de mil patranhas façanhosas
De D. Quixote, de Amadis de Gaula;
De ouvir os contos da visinha louca,
E as modas de París ha pouco vindas;
De jogar co' parceiro, e de mistura
De mão a mão c' os homens enfiadas

Do que os fortes Heroes de peito d'aç
Do que grandes senhores d'alto estad
Do que os ferozes Cesares soberbos.
Nunca profanarei os dons sagrados,
Que as santas Musas ao nascer me de
Com baixo assumpto de lisonja insan
Mas tu desculpa tens, que o não con
Julgas que he homem: como tu te en
He hum Filho de Delio, hum novo Ni
A quem o Padre deo a lyra d'oiro,
E o primo assento no Castalio monte.
He honra d'alta Lysia, que invejárão
Nações estranhas, se seu canto ouvis
Que se vivêra em seculos doirados
Da Musa Lacial, da Argiva Musa,
Fôra assombro aos Romanos, fôra asso
Aos Argolicos Vates sónorosos.
Ou elle cantar queira em doce metro
Da bella Natureza as graças bellas,

De Heróes sublimes remontar aos astros,
Com rapido vigor desprega as azas,
E aos celestes alcaçares se eleva,
Traspondo as raias, que o Thebano Cisne
Poz a seus vôos na carreira Eolia;
De lá entôa resonantes versos,
Canta Deoses, e Heróes de Deoses filhos:
Ou queira alfim aos candidos amigos
Soltar seu coração, seu esp'rito nobre,
Exprimir os affectos da amizade,
Fazer sentir os gostos da virtude,
Que Vate illustre ha, que com mór força,
Que com mór energia abra seu peito,
E as paixões mostre de sua alma inteira,
Beneficas paixões, paixões só dignas
Do homem bom, do homem recto, e justo?
Tal he o Nume, que tu não conheces.
Bem devidos lhe são meus cantos todos,
Nem acho em Lysia mór assumpto, que elle.

## A
# SILVIO (*)

*Na morte de Almeno.*

Como te escreverei, ó Silvio, como
Te fallarei da dolorosa perda,
Sem te rasgar a ti e a mim de novo
A ferida cruel, que a morte dura
No peito nos cravou, quando inhumana
Levou ás fataes trévas do sepulcro
O mór dos teus, o mór dos meus Amigos?
Ainda o Ceo de ti houve piedade,
Que te poupou, lá tendo-te distante,
De o ver penar no doloroso leito,
Cercado de crueis mortaes angustias;
De ver chegar a elle armada a morte
E sem respeito ao santo Vate, ás Musas,
Que por cima dos astros lhe querião,
Descarrégar o inexoravel ferro
Sobre seu Corpo de soffrer cançado:

(*) D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Malaca.

Vio-a de longe vir o Varão justo,
E a esperou sem pavor, constante e firme.
Nesses funestos ultimos momentos
Tomando-me a mão lédo: „ doce Amigo,
„ A minha hora, diz, já vem chegando,
„ Fica-te em paz de Deos; a elle vôo,
„ Lá te amarei ainda mais, que agora: „
Cinge-me largo c' os trementes braços
E c'um saudoso abraço a si me estreita
„ Adeos, me diz, o extremo adeos he este. „
O' parte de minha alma, ó caro Almeno!
Abraço-me com elle, e chóro, e beijo
A já tremula mão que o plectro d'oiro
Tantas vezes de Apollo sustentára:
Persinto, que da morte o frio gelo
Nas veias lhe circula, e que o terrivel
Anjo, que escolta os mortos, vem chegando.
Hum peso de ternura, que estremece
Toda a minha constancia, me suffoca:
Rolão pungentes lagrimas nas faces
De hum e d'outro de saudade eterna;
Ficamos mudos, o silencio falla,
Eis nos olhamos hum a outro, oh Deoses!
E os nossos corações se despedirão
Pela ultima vez: que dor acerba!
Alfim o Varão sabio, ò Varão justo
Expira: foi com elle á terra avara
Muita riqueza, o alto engenho nobre,

Qual seria a mortal angustia minha,
Qual o pesar desta minha alma, ven
Tanto de perto a fatal scena; vendo
Em somno escuro os olhos seus cer
De que ambos nós pendiamos conte
E postos em silencio pavoroso
Os roxos labios, que sellou a morte
Para nunca jámais soltar ao mundo
Aquella voz divina, que encantava
Teu coração e meu; ah! nunca, nun
Sahirá da lembrança luctuosa
A triste imagem do Amigo; nunca,
Inda que o Ceo iroso me forçasse
A viver por meu mal neste desterro
Mil, e mil annos: choraria sempre
A cruel perda do meu caro Almeno:
Ditoso Almeno, em santa paz descan

# A
# S I L V I O (*)

*Sobre o mesmo Assumpto.*

Tu, a quem Febo deo canora lyra,
A lyra toma, ó Silvio, e o aureo plectro;
C'os brandos sons da musica harmonia
Do teu Elpino a dôr cruel mitiga,
Que n'alma lhe encravou a morte acerba
Do nosso caro Almeno, Almeno amado,
Morrendo tu, morrêrão meus prazeres,
Metade de minha alma foi comtigo,
A outra de que serve? Certo a vida
Mais triste ora me he, que a mesma morte.
Era-me dado, em quanto tu vivias,
Com teus preceitos rectos instruir-me;
Encher meu peito de teus sãos conselhos;
De sublimes idéas, de virtudes:
Era-me dado sob as frescas sombras
Dos copados loureiros muitas vezes

(*) O Doutor José da Silva Xavier.

vir-te ao mago som da doce lyra
ntar os versos teus, que me compunhas,
levantar meu esp'rito arrebatado
ver as Musas, a ver novas terras,
vos astros e Ceos, a ver os Deoses.
a que me elle falta, ó Silvio, e falta
seu claro farol, que me guiava,
n treva escura dia e noite vago
mo fóra de mim em ermo sitio;
nde quer que vou, vai só comigo
lembrança de Almeno, e vai com ella
dór cruel de o ter perdido: n'alma
sa-me sempre huma saudade interna,
e em negra angustia o coração me abafa.
as tu, meu caro Amigo, se te movem
minhas duras magoas, experimenta

# A JOÃO BAPTISTA DA SILVA

*Sobre o mesmo assumpto.*

Não mais, não mais, ó Silvio meu, choremos
Em roda do sepulcro, que banhamos
De amargo luctuoso inutil pranto,
O nosso caro amigo, o nosso Alcino.
De que lhe serve a elle e a nós o pranto?
As obstinadas lagrimas sem fructo
De sua sepultura a paz alterão,
E ao Ceo, que assim no lo levou, irritão.
Se sua alma innocente, em tudo pura,
Cheia d'altas virtudes nobre e santa,
Rota a cadeia vil, que o cá prendia,
Deixou o triste cárcer, peso grave;
Se elle de si já solto, e bem remido
Co' as novas azas, que lhe deo virtude
Traspondo immensos stios voou sublime
E o Olympo demandou, e foi veloce
A' sua excelsa origem remontar-se;

Foi feliz em deixar o baixo Mundo
E trespassar-se a ver o Mundo Eterno
E buscar o seu bem, que só lá tinha.
Vestido já de huma immortal firmeza
Não tem mais que temer sua alma santa
Nem cuidados, que os animos quebrantão;
Nem turbidas paixões que a alma combatem;
Nem fraquezas e dôr do corpo enfermo;
Nem já trévas que a mente humana offuscão;
Ou do homem fallaz torpes embustes;
Nem precisa de estudos, de fadigas,
Para achar a verdade. Lá vê tudo,
Cheio da immensa luz, que Deos exhala;
Vê toda a Natureza e os seus arcanos
A' cega mortal gente recatados;
Os segredos do Ceo, que cá na terra
A santa Fé co' alto pavor respeita,
C' os proprios olhos já lá vê patentes:
E quanto cá de Deos cria e prégava,
Já nelle o acha, como cá pensava;
E ainda muito e muito mais do que elle
Pensar podia; que por mais que suba
A mente humana, conhecer não póde
O que he Deos, que nem inda os olhos virão
Nem os ouvidos inda ouvir pudérão
Os infinitos dons do Nume Eterno:
Assim que nessa Olympica morada
Em tanta maravilha absorto adora

Tudo o que já lá vê em Deos: lá toca
Nova lyra melhor que a que cá deixa;
E em vez dos versos, que elle cá compunha,
Junto do Throno, de mil soes cercado,
Em sacro fogo de virtude acceso
Canta hymnos de gloria ao Deos Supremo:
Porque pois sua morte choraremos,
O' cáro Silvio, se sua alma vive
Nos eternaes palacios; se em Deos vive!
Choremo-nos a nós, que nós perdemos
Ambos o mór Amigo, que nos déra
O Ceo por nosso bem, que não pudémos
Por mais tempo merecer, que elle vivesse
Comnosco sobre a terra: eu mais que todos
Nelle muito perdi: perdi hum lume
Que dos meus olhos apartava a nevoa;
Que era a meus passos guia clara e certa;
Hum amigo fiel, que sem lisonja
Nem altivez de sabio me soltava
Seu pensamento chão, seu bom conselho;
Hum grão Mestre da Lingua, que mil coisas
Me ensinou della, que inda eu não sabia;
Hum Poeta gentil, que me excitava
Com seus poemas a fazer meus versos;
Com quem passei suaves horas quando
Elle nos seus e meus lia e notava
O que era digno de notar-se nelles;
Hum Filosofo sabio e bom, não duro

Não austero e sombrio, não imigo
Da Natura e do homem, mas humano,
Benigno, social, discreto, e livre
D'extremos, que firmava meus conceitos
Na Crença e na Moral, e me marcava
Com sabedor compasso os pontos certos
Dos limites da Fé, da Lei, do honesto,
Longe da opinião do erro e seita,
Da vãa superstição, do fanatismo:
Hum sagrado Orador, que me movia
Co' a força da palavra as paixões d'alma
E mas voltava a Deos, que as só merecia.
Se nelle, ó Silvio, tu perdeste muito,
Vê ora, quanto mais eu perdi nelle.

# A
# FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER

*Sobre os Estudos da Natureza.*

Qu' alto conceito não farás, Amigo,
Do Creador potente, que fez tudo,
Quando entre o Ceo e a terra suspendido,
Espantado meditas n'alta mente
Esses globos de estrellas infinitas,
Esses mundos de luz, de Soes brilhantes,
Que n'um immenso espaço vão girando,
Sem jámais desmentir huma só volta
Dos dois caminhos, que lhes Deos traçára.
Hum Genio soberano, alçando os olhos
Da baixa terra aos rutilantes astros,
Tentou medir e calcular hum dia
As forças perennaes deste Universo,
Em que nós habitamos. A potente
Acção do Sol sobre os terrestres corpos
O levou a pensar na excelsa mente,
Qu' elle era hum fogo elementar; e delle

Hum Oceano derivou immenso
D'um luminoso ether, igneo fluido,
Das oito Esferas, que nos Ceos o cercão,
Fóco inflammado. E logo entrando ousado
Nos calculos d'analyse sublime
Da Fysica profunda, reconhece
O mesmo ou semelhante fogo em tudo:
Então claro percebe, que igneo Ether
He o que enche de si esse Universo;
O que faz circular essa Materia,
Séve do fogo, que a Natura immensa
Nutre, e os Seres todos alimenta:
Que só elle era no Universo o Agente
Deste espontaneo vivo movimento,
Que tudo anima: que he em toda a parte
Vegetação nas sensitivas plantas;
Vida nos animaes; alma do Mundo.
D'aqui compr'ende o jogo, e o mechanismo
Deste immenso Universo, como sendo
Hum *só Todo homogeneo*, de hum só corpo,
Cujas partes, supposto que distantes,
Tinhão sempre entre si c'o *grande Todo*
Interna ligação, que as apertava;
E vio o mundo todo hum ser vivente,
Pelo organico circulo animado
Desse ignifero fluido electrico,
Que tem ao Sol por coração e fóco.
Homem, que isto pensaste, que grandeza,

Que alliança de idéas sublimadas,
Que tacto fino d'alta mente tinhas,
Quando nella volveste e combinaste
Este systema da Natura inteira,
Que por si só descobre a mão potente
Do Deos que tudo fez com harmonia.
Eia, Amigo, prosegue em teus estudos,
Estudos, que te dão melhor, do que outros,
A conhecer o Creador de tudo.

Os Prazeres, Senhora, são diversos,
Como o são sempre as condições do h
Chamão-me gôdo, solitario, e triste,
E sem prazer na vida; e eu vivo alegre
A mim e aos meus; e de mim só conte
E d'aquelles, que eu amo, estimo, e pr
Por cima das estrellas: que mais quero
Hum lá se apraz, bem que visinho á m
D' erguer palacio, que assoberbe a pra
Alvo da inveja: aquelle só procura
Amontoar Attalicos thesoiros,
Desbarato de pródigos herdeiros:
Este já regalar com seus banquetes

Ou com veloz carroça de seis urcos
Atormentar as ruas de Ulyssea,
Com quem vão a la pár duros cuidados.
Hum folga de bater a mata umbrosa
C'os sabujos; varar c'o dardo as feras;
Prear as aves; e por só recreio
Tirar-lhe a liberdade, ou doce vida,
Que como a nós, Natura lhes doára.
Outro já de gastar o dia e a noite
No ardido jogo, em que o dinheiro perde,
Com que falta a si mesmo, á esposa, aos filhos.
Quantos ha, que em molleza e ocio inerte
Curão só de contar de seus maiores,
A que não se assemelhão, feitos raros
Ou na paz ou na guerra! Quantos outros
Já vivem só de cortejar airosos
Com vagabundo amor garridas damas,
Como elles, infieis; ou de ir na noite
Consumar do mal gasto dia o resto
No Comico theatro, não pudica
Escóla de costumes, de acções bellas,
Qual foi na Athenas, e qual ser devia;
Ver os Jonicos bailes devassados,
E ouvir de impuro amor mil garridices,
Que ver não podem sem córar de pejo
Graves dónas e moços, castas virgens!
Eu cá vou n'outro bordo: outros prazeres
Me embalão dia e noite mui sereno.

Quereis saber, Senhora, em que consistem?
Em gosar de meus lares, de meu predio;
Ter huma casa minha só, não d'outrem;
Não sumptuosa e grande, que se espantem;
Mas nem pequena, em que eu respiro largo,
Aonde tenho em camara risonho
Leito, tambem só meu, não compartido,
Sem cuidado de filhos, que me chorem,
E sem sustos, que em torno de mim voem,
E meu placido somno me quebrantem.
Onde tenho a Banquinha, testemunha
Fiel de meu pensar, de meus escritos,
Que eu desejo, que suba aos astros, quando
Finar meus dias, feita clara estrella:
Aonde a boa fé, onde a verdade,
Lizura, quietação, e paz serena
Morão comigo: aonde nunca chega
Hum só crédor, nem já cruel demanda,
Que venha perturbar meus doces lares:
Onde me assiste huma familia antiga,
Que me ama e estima, e me alivia em parte
O peso dos domesticos cuidados:
Onde ha decentes moveis, não modernos,
Não splendidos, mas limpos e arranjados;
Pouca alfaia, e baixella, mas que basta,
E nada deve a quem a obrou do preço:
Onde ha vinte paineis de mão de mestre,
Que quanto mais os vejo, mais me agrado.

E em longa sala estantes enfiadas
De bons Livros da douta antiguidade,
Que ensinando mil coisas me deleitão
Sem risco de lisonja, ou vil engano,
Tão geral entre os homens, que ora vivem.
Que vos direi do meu torrão campestre,
Do meu vergel, não hum jardim vistoso,
Esteril a seu dono, que o cultiva,
Mas natural e util, que Pomona
C'o Pan Tegeo da Arcadia, e com Silvano,
De pomiferas arvores me c'roa,
Onde Baccho de pámpanos frondente
Com o Coro das Ménades Thyrsígeras
Me vem tingir no deleitoso outono
De purpura luzente os racimosos
Bagos das vides; onde a olho cria,
Inda sem rega d'aguas fluctuantes,
As nutriticias plantas saborosas,
E odoriferas hervas, que tempérão
Singellas iguarias n'uma mesa,
Não lauta, não mesquinha, mas poupada,
Em que posso off'recer a meus amigos
Sobrio jantar de mil amores rico.
Nem me falta, se quero, a branda Flora,
Que seu almo regaço léda abrindo,
Por entre as verdes plantas me derrama
De mui vario matiz mimosas flores.
Nem as doces toadas, que me enlevão,

Dos lédos passarinhos sonorosos:
Nem bafejos de Zefyros suaves,
Que cruzão entre as arvores viçosas:
Nem debruçadas sombras d'altas parras,
Que dão frescura no calmoso estio.
Se já fóra daqui lanço meus olhos,
Quantas vistas e scenas; quaes paisagens,
Quão largos Orizontes se apresentão!
D'aqui estou vendo sobranceiro o Tejo,
Famoso mais, do que o Romano Tybre,
De undivagos baixeis soberbo e ufano,
Onde ainda diviso nessas aguas,
Qual lactea via, impressa a grande esteira,
Que abrio o Gama, desferindo as vélas,
Intrepido Argonauta, o Deos das ondas,
Desde estas praias té o mar da Aurora,
Té o berço do Sol, e fins do mundo:
Vejo d'aqui d'alem do Tejo a crôa
Desses montes, em linha repartidos,
Da fronteira Almadém (*) da grãa Palmélla
Que escála as nuvens co' a cabeça altiva,
Donde o Ceo commetter Typheo pudéra:
Da piscosa Cezimbra, da cimeira
Arrabida, de rubra grãa vestida,
Que já tingio reaes purpureos mantos
De triunfantes Cesares Romanos:

(*) Nome antigo Arabigo de Almada.

Os frescos valles das gentis villagens
Da frondosa Azeitão, já noutro tempo
Grato recreio a Duques: dessa antiga
Estuaria Equabona (*) inda soberba
Da via militar, que alli cursava
Até a grande e imperial Salacia; (**)
Por onde cuido, que inda vão marchando
Os Lusos esquadrões do grão Sertorio,
Desse grão Viriato, horror de Roma.
Quero subir mais alto em meus prazeres
O esp'rito aos Ceos ceruleos se remonta;
Contemplo o pai da luz, author do dia,
Séve de fogo, que fecunda o Orbe;
Contemplo n'uma noite magestosa
Essa filha do Sol, argentea Lua;
E os bellos astros, tantos sóes brilhantes,
Que fulgem derredor de immensos globos,
Que nesse espaço eterno vão girando,
Sem de seu curso desmentir hum ponto;
E cheio de tão altas maravilhas,
Das creaturas, que contemplo absorto,
Alço meu esp'rito ao Creador potente;
E lanço-me n'um vasto mar profundo

(*) Coina.

(**) Via militar que corria desde Equabona, ou Coina, até Salacia, ou Alcacer do Sal, chamada antigamente Cidade Imperatoria.

De idéas deleitosas da Bondade
Do Immenso Sêr, que todo o sêr creára.
Dos astros e de Deos, em que me abysmo,
Torno-me a mim: acho prazer interno
Em pensar só comigo na existencia,
O que fui, o que sou, o que ainda espero
Que serei por mais tempo sobre a terra,
Se assim prouver a meu Senhor, que eu viva.
Sinto grande consôlo, quando penso
Nas vivas energias de minha alma,
Que circulão meu corpo: quando penso
Nas affeições do coração sensivel,
Que não as deo debalde a Natureza:
Na saude, que tenho; nos sentidos,
De todo inda do tempo não gastados:
No desejo constante, e alegre, e limpo
De fazer, s'eu podesse, bem aos homens;
De dar soccorro ao misero indigente;
De prestar meu conselho, a quem mo pede;
De ensinar o caminho áquelle, que erra:
Ao pensar nestas coisas docemente
Todo m' encho de mim, e mais do Nume,
Que me deo o sêr, e que meu sêr conserva.

## A'
## MESMA

*Sobre o mesmo Assumpto.*

Senhora, eu vos fallei de meus prazeres,
Innocentes, singellos, quaes os tenho:
Mas cuidais vós, que nelles se resume
Toda a soma dos placidos deleites,
Que o Ceo a mim benigno me dispende?
Elle me dá em doces horas, livres
De severos trabalhos, ler com gosto,
Ler com grande proveito muitas vezes
Já Filosofos sabios, altos mestres
Da formosa virtude e da Natura;
Discretos Oradores, gentis Vates,
Filhos do Genio Creador das Artes;
Já os Padres da mestra antiga Historia,
Que pelas vastas regiões do mundo
A ver me levão longes terras, povos
De diff'rentes costumes, vario gesto,
Fenicios, Celtas, Gregos, e Romanos,
Godos, e Arabios, de que muito aprendo.

Huma ora escrevo meus discursos varios,
E humas certas memorias, talvez uteis,
De assumpto a meu padar mui saboroso;
Outra ora lido absorto em descobertas,
Que são os meus encantos, sobre a lingua,
Ou antiga ou moderna, das diversas
Gentes de Espanha e Lysia; investigando
Por gostosas analyses, que encantão,
Seu natio e linhagem, seus solares,
Sua gentil carreira, seus progressos,
A força e concisão, a melodia;
Coisas, que possão ser proveito aos nossos.
Pois já que vos direi, se o claro Apollo
Alguma vez me raia, e brando inspira
Versos a meu sabor: quamanho gosto!
Sente-se, mas não se explica este deleite,
Que excita a fantasia, a mente inflamma,
E entorna dentro d'alma altas doçuras;
Que não outro mortal, somente os filhos
Do Grynêo Febo taes deleites gozão.
Nem me contenta só o meu: eu juro
Por meus olhos; e vós, Senhora, o crêde,
Que iguaes são meus prazeres, quando leio
Alheias obras, ou de prosa ou rima,
Selladas pela mão do Genio; quando
Vejo peças gentis das Bellas Artes,
Que aos olhos fallão, fallão-me aos ouvidos.
Louvo então seus artifices sublimes,

Bemdigo, quem louvor alto merece,
E tanto de os louvar me apraz, que saio
Muito fóra de mim: extasi doce
Me toma todo; só então me sinto
C'uma voz eloquente, mas sincera,
Que a Natura me inspira, e a sãa verdade;
Não arte, não ficção, não vil lisonja.
Tal eu fico, Senhora, quando leio
As Obras e Anecdotas, que escrevestes
Ao nome do melhor dos homens todos,
Do vosso illustre Padre, consagradas;
Onde amor filial, nobre ternura,
Onde eloquencia natural respira
Do grato coração: quando vos oiço
Fallar com tão discreto, e raro aviso,
Dos bens reaes da solida amizade,
Dos costumes singellos, mas mimosos
Filhos da idade d'oiro affortunada;
Das ricas producções das Bellas Artes,
Germes de mil prazeres, mil encantos,
Que só as Nove Irmãas, e as lindas Graças,
Soltando seus donaires, seus primores,
Vos podem inspirar vossos dictames,
Tão sublimes idéas, tanto gosto
De fino sentimento, e de doutrina;
Tão polida expressão, tão nobre estilo.
Tal fico, quando eu oiço o grão Ferreira,
Ferreira vosso e meu, alto portento

De vivo engenho, de saber facundo,
Que, qual Nestor Argivo, muitas vezes
A seus discursos lá na Lusa Athenas
Suspenso teve esse ancião Mondego;
E inda ora espalha, onde quer que chega,
Frescor ameno d'hum fallar urbano,
Cheio de siso, discrição e graça.
Quando oiço alfim a Nicoláo, o novo
Sublime Orfêo de Lysia, mór que o Thracio,
Que, se no Elysio campo a voz soltasse,
O incompassivo Deos mover pudéra
E Eurydice trazer á luz do dia,
Sem tornar a rouballa o duro Averno:
Se vós e elle, oh Deoses! se vós ambos
Em suave harmonia concertados,
Cantais ao som da lyra as Canções bellas,
Como minha alma arrebatais aos astros,
Em transportes de espanto e puro affecto!
O coração tresborda de doçuras,
Nem sei, que de divino nelle espira,
Que outro me torna: vós me fazeis ambos
Igual aos Deoses que nos Ceos impérão.
Não honras, premios, fulgidas riquezas,
Não bafagens do Paço, altas medranças,
Não o mando dos Principes da terra,
Nada, Senhora, neste mundo invejo:
Se eu gózo este prazer tão soberano
Sou maior do que Rei, maior que humano.

# A
# MANLIO

***Que muito entregue aos estudos da Filosofia Moral se esquivava aos convites da mesa.***

. . . . . Impune licebit
AEstivam sermone benigno tendere noctem.
. . . . . .
. . . . . Potare et spargere flores
Incipiam : patiarque vel inconsultus haberi.

Horac. Liv. I. Epist. V.

Os olhos, Manlio, já de ler cançados
Alça, desobre os livros mal fadados
Desses Sénecas doutos, que te enganão,
Donde mil males contra nós dimanão:
Não ponhas nelles confiança, e estudo,
Teu coração estuda, em ti tens tudo:
Nelle acharás toda a moral bastante,
Do Homem justo, do Varão constante;
Deixa ao duro Chrysippo a vãa mania,
Que contra a natureza, que nos guia,
Severas leis dictou, sem ter piedade,
Contrarias á Razão e á Humanidade.

A vida em breve acabará: iremos
Ver os reinos da sombra, que tememos;
Por que razão, Amigo, de hum momento,
Que o Ceo nos dá, faremos hum tormento?
Sê sabio, mas a tempo: o Deos do Pindo
Deve seguir o vencedor do Indo:
Tu une o thyrso co' a doirada lyra:
Estuda, porem bebe, ri, delira.

## A
## ANTONIO ALVARES

*Da Congregação do Oratorio, havendo perguntado ao Author o juizo que formava do merecimento dos dous Poetas Diniz e Garção, e a qual dava a preferencia.*

Folguei, Amigo, que nas doces horas,
Em que repousão teus trabalhos graves,
Lêsses os dous Poetas: bem ditosas
Horas, que te inspirárão taes desejos!
Que mores Vates queres tu, do que estes
Em nossa lingua e em nossa escassa idade?
Vio Febo Apollo hum dia, quando alçado
Sobre a Parnassia rocha o Orbe olhava,
A Lysia, outra hora de briosos vates
Cercada, e então deserta: „ A voz alçando,
„ Nascei, ó Esp'ritos, bem fadados (disse)
„ Ide abrir nova róta á clara Lysia. „
Eis nascêrão Garção, Diniz, dous astros,
Do Lusitano Ceo, que inda hoje fulgem:
Seus nomes immortaes, que os Deoses amão,
Alto gravados na doirada fronte

Levou ufano o seculo passado:
Garção da nova lyra, dom de Febo,
Os sons desfere, ou meigos, ou valentes:
Ora a Marilia, flor gentil das Graças,
Canta doces Canções, que Amor inspira;
Ora aos grandes Heróes de Lysia off'rece,
Não Arabico incenso, oiro luzente,
Não perolas, que o rico Ganges cria,
Dadivas frageis, que devóra o tempo;
Mas Hymnos immortaes, que vão tecendo
Altiva crôa ás inclitas virtudes.
E que dirás do grão Diniz? Qual Cysne
Alipotente aos ares se abalança;
Leva nas azas de seus almos versos,
Famosos Capitães, que fulminárão
Da Titanide Aurora os largos campos
Co' a espada invicta, que cortou mil palmas,
E nosso nome ergueo aos Ceos sublime.
Perguntas-me, qual delles mais me apraza;
Responder-te não sei: eu tanto os amo,
Que não ouso marcar-lhe a preferencia.
Hum vai caminho recto ao fim do curso,
Igual e facil, natural e grave,
Gracioso, elegante e meigo e terno;
O outro forte magestoso e altivo,
Tira sons varonis da eburnea lyra,
Sem regra ás vezes corre, e se devolve
Por cem fozes, que o Luso campo alagão:

Aquelle nos seus versos deleitosos
Serenos raios de esplendor esparze,
E em doce luz os orbes allumia;
Este incendido e fulgurante tôa,
Despede labaredas, que inda abrazão:
Aquelle salva sem ruido a méta,
No leve carro placido suave;
Este ennovela o pó do Olympio curso,
Faz resoar estrepitosas rodas,
E dos ferventes eixos fogo exhala.
Qual delles he maior, Grynêo Apollo
Que os inspirou, o diga: a ambos prézo,
Dignos de imitação, de immortal fama.

# A ALEXIS

*Sobre a affectação dos que escrevem por linguagem velha.*

Quantos folgão fallar á prisca lingua,
Qual Egas, qual fallou Fuas Roupinho,
Qual esse Conde antigo, que levára
A Villa de Condeixa por Compadre!
Mas como a fallão? Põem sua méestria
Em palavras sédiças, termos velhos,
Termos de saibo e môfo, que arrepião
Os cabellos da gente. Huns ha que estupidos
Dos Comicos de Sá, e Vasconcellos
Palavras da mais baixa estôfa tirão,
E as põem, como sainete, em grave assumpto,
Enderençado a altas personagens;
Nem se pêjão levar-lhes, como off'renda,
Hum bico d'obra mal acepilhado,
E posto em maçorral cançada prosa:
Outros já tem de sobremão palavras,
Ha já mais de quinhentos annos, mortas,
Que, emque lhe pêz, hão de metter á cunha

Em todo o seu fallar. Que dizes disto?
Como chamas a estes, meu Alexis,
Que eu não acerto a dar-lhe hum nome proprio,
Que bem quadre a tão rancidos guedelhas?
Quando estas coisas desvairadas vêjo,
Dão-me engulhos de riso, ou já bocêjos,
Como arrepiques certos de grãa fome.
Favorino, Filosofo mui grave,
A hum louco mancebo desta laia,
Que por velhas palavras lhe fallava,
Hum dia torvo lhe tornou: ó moço,
Marco Curio, Fabricio, e Coruncano,
Antigos nossos Cidadões famosos,
E os Horacios Tergéminos, que forão
Mais antigos do que estes, com clareza
E chãamente fallavão por palavras,
De sua idade proprias; porem nunca
Pelas dos Auruncanos, ou Pelasgos,
Qu' antes delles cá forão; mas tu louco,
Como se ora co' a velha mãi de Evandro
Estivesses fallando, usas de termos
Mortos já de mil annos: certo queres
Que não te entendão: se o pertêndes nescio,
Teu fim, calando, conseguir pudéras.
Se tanto dos antigos te contentas,
Pois que forão honestos, sobrios, justos,
Porque tu seus costumes bons não tomas,
Se tomas as palavras, de que usárão?

# A HUM AMIGO

*Sobre a Poesia Epithalamica de Antonio Ferreira, e Manoel de Galhegos.*

Tu costumado a ler o teu Catullo,
Tanto te elevas nas mimosas graças
Do doce Epithalamio, que ergue aos astros,
A's gentis nupcias de Peléo e Thetis,
Que cuidas não ha hum igual em Lysia,
Que chegue a rastejar os seus primores;
Pois crê tu, que apar delle poderias
Collocar Lusos Vates, que souberão
Em grandes bodas festivaes airosos
Tocar, como elle, a Lyra, e alçar seus cantos.
Filho da casta Urania, os nossos campos
Virão já Hymenéo risonho e grave
Vir d' açucenas candidas c'roado,
As melênas de néctares banhadas;
De verdes esmeraldas, de pyrópos,
De azul safira a tunica bordada:
Virão com elle vir em jogo e dança
A turba das Napéas co' as madeixas,
Toucadas de mil flores; revezando
O verso intercalar com sons mimosos,
E o cantico amebéo soltando aos ares.

Assim, assim Ferreira aos Ceos levanta
Do Principe de Parma e de Maria
As soberanas bodas: elle mostra
Vivas forjas do Amor, onde se forma
A aurea séta: Amor a força toda
No arco e tiro põe, de si soberbo;
O golpe sôa; e ao desarmar o estallo,
Que suspiro brandissimo não solta
A Donzella gentil! A chama lavra,
E em sacro fogo o coração lhe inflamma;
E brandamente o peito lhe amollece;
Eis que logo Hymenêo fúlgido accende
A facha nupcial, sorri-sé, e tóma
Pela mão crystalina a Deosa bella,
E a Filha arranca á Mãi saudosa e terna;
Ao caro Esposo seu a entrega, e diz-lhe;
Que boa estrella a seu Esposo a leva.
Então na scena a loira Cytherea,
De myrtho coroada e d'alvas flores,
Em gloria deste dia se descobre
Linda, como ella he nos Ceos sagrados;
Ambrosia dos cabellos seus espira;
Verte em tudo prazer; em tudo verte
A graça divinal, que tudo anima.
Manda ao Sol, faça o dia mais doirado:
Manda ás nuvens, de cor de aljofre vistão
Os celestes docéis; e manda ás Nynfas
Suas, de grãa belleza, que concertem

Gentis coréas, c'os gentis Cupidos,
Assim o immortal Galhegos canta
As bodas de Sidonia e de Bragança:
Ouvio seu canto o sonoroso Borba,
E o cristalino Azeca; as bellas Dryades,
Em quanto elle cantava, lédas queimão
Em derredor dos soberanos Paços,
Quanto cheiro Sabá e o Ganges crião;
Quanto ambre, quanto aroma peregrino
Pelos mares conduz Indica Thetis.
Que grandes coisas, que gentis primores
Se não vem neste dia! Quão brilhante
Raio de luz os ares doira! Tudo
Se veste de prazer e de alegria:
Festeja a Aurora as bodas, e já novos
No Ceo tapizes de cor varia estende:
O Sol nasce mais cedo, renovando
Dos Orbes a belleza; e ao prado ameno
A Natura os perfis retóca, e o cobre
De alcatifa de rosa e de boninas.
No meio dos encantos deste dia,
Bemdiz ao joven Bragançáo o Vate;
Bemdiz a Esposa; e roga ao Ceo com votos,
Tenha sempre ventura igual ás graças:
E depois de os cantar, seus nomes leva
Ao Templo augusto da immortal Memoria.

## A
## D. MARIA LUIZA
## DE VALLERÉ

*Sobre o Pomar do Author.*

Vinde, Senhora, pois que já me déstes
Doce esperança de aqui vir hum dia,
Por diversão dos nobres pensamentos,
Que volveis de continuo n'alta mente,
Passear meu vergel, ver nelle as arvores
De meu Pomar, por minha mão plantadas:
Venhão comvosco os tres, que eu muito estimo,
Como os meus olhos, d'alto amor bem dignos,
A nobre Margarida e Guilhermina,
E o grão Ferreira, immortal honra á Lysia,
Amêna companhia, grata aos Deoses.
Vereis aqui, não bosques arvorados,
Onde dançem os Satyros e Faunos
Co' as aurícomas Dryades formosas;
Não de infecunda rama excelsos troncos,

Postos em linha de esquadrão armado,
Dos Alemos de Alcides, dos Olmeiros,
Gratos a Bacho, de robustos Choupos,
De Plátanos c'os Cedros elevados,
De Palmeiras altivas, de Carvalhos
De que orna a fronte Jupiter supremo:
Nem Teixos em Ithureos arcos curvos,
Nem altas Faias de copada sombra,
Que, n'outro tempo mais ditoso, ouvirão
A Tytiro cantar com doce avêna
O nome da bellissima Amarillis,
Que os namorados bosques repetião.
Fiquem essas grandezas sublimadas
Para soberbas quintas d'alto luxo:
Vereis coisas menores, porem uteis,
Poucas, mas quanto basta á vida breve:
Serão fecundas arvores caseiras,
Que já com novas gemmas intumecem,
Virente germe de vindoiros fructos,
Huns muito temporãos, outros serodios,
Que vossos só serão, se os vós quizerdes.

Aqui disputão entre si briosas,
Qual vos ha de off'recer maior regaço,
De bellos sazoados pomos cheo:
Em tão gentil contenda todas entrão:
Entrão duas *Gingeiras* rubicundas
D'alto pórte e valia, que costumão

De pômo garrafal encher seus ramos,
Doce prazer na delicada mesa;
E sete mais vindiças da Galliza,
Que não menos estima tem, que as outras.
Entra tambem com novo brio em campo
Formosa *Cerejeira*, recamada
De purpureo coral, illustre raça,
Das que Lucullo vencedor trouxera
Da clara Cerasunte ao patrio Tybre:
Quando ainda mui tenras se plantárão,
Passeava Silvano, e com bom gesto
Se sorrio para ellas, e as bemdisse.
Com estas apostando estão primôres
Tres *Pecegueiros*, que inda hoje ostentão
Persiana linhagem d'alta origem;
Hum he Maracotão pelludo e forte,
Os dois de lisa fronte mui polidos.
Nem cedem na contenda altas *Pereiras*;
Varios os nomes, varios os sabôres;
A *Carvalhal de Agosto*, a *Virgulósa*
A *Bonita*, a do *Conde*, a *Rio Frio*,
Humas já Syrias, Crustumías bellas,
Outras já de enxertía primorosas.

Com todas hombrear pertendem cinco
*Maceiras*, d'alta Media descendentes,
D'amarellada *Anáfega*, de *Pérola*,
De cheiroso *Craveiro*, de *Reguengo*,

De encarnada *Bemposta*, maçãas lindas
Inda mais, que a que deo Troiano Paris
A'mais formosa das tres Deosas Venus;
Inda as ama Acidalia, e Amor seu filho.
Que vos direi de seis *Amexieiras*
De varia casta e nome! humas florentes
Ramos de antigo tronco Damasceno;
Outras já nossas de natio: entre ellas
Promettem grãa colheita de seus pomos,
Preta *Reinol*, *Saragoçana* roxa,
*Gostos* gentis da *Vida*, e a que se préza
Ser da *Doria Rainha* illustre filha;
Mas mais que tudo a *Pecegal* ufana,
De grande coração, de fino gosto,
Que seu sangue de Deoses apregôa
Que só bastára a me dar nome ao prado:
Trouxe-ma aqui por dadiva sublime
Hum Fauno, grão cultor desta pomagem,
Quando tu, ó Silvano Padre, hum dia
Lha déste em premio de seu bom trabalho:
Nem faltão *Abrunheiros*, transplantados
De agreste solo, que mudando o clima,
Perderão seu brabio, e se polirão,
E altos nomes de *Duque* e *Rei* tomárão.

Nem me falleee liberal *Figueira*,
Que a seus pimpolhos escarçando as vestes,
Off'rece molles regoados *Figos*,

Já negras *Beb'ras* de encarnado seio,
Já *Rebanquios* de espumante nectar,
Dom grato aos cubiçosos passarinhos:
Nem pállidos lanígeros *Marmêllos*,
De dobradiças varas pendurados,
D'alta Cydonia generosa prole,
Que me mandão de mimo á sobria mesa
Em dia festival doce compóta:
Nem Púnica *Romeira* de grão peito,
Filha de Reis, que purpuras arroja,
E dentro em seus crôados pomos guarda
Real thesoiro de mui ricos bagos
De Indico Rubi e de Pyrópo:
Hebbes formosa hum dia, aos Ceos sobindo,
Della á meza levou da clara Juno,
Grãa Rainha dos Deoses, n'uma pinha
Seis formosas *Romãas*, que bem podião
Tirar-lhe o fero enôjo, que lhe dera
A sentença fatal do Pastor de Ida.

Talvez perguntareis, se ha neste sólo,
De fluviaes arroios não regado,
Verdosas *Larangeiras*: aqui tendes
Humas tres mui recentes, que começão
A dar seus pômos já, com que mal podem;
Huma tira a linhagem generosa
D'aquellas, que deixando de animosas
Os camarins da Aurora e ultimos Sêres,

Pelos mares Austraes dobrando o cabo,
Sem fero Adamastor temer, vierão
Ver as occiduas praias de Ulyssêa:
As duas forão dadivas mimosas,
Que da aurifera plaga Brasilense
O Novo Mundo me mandou hum dia:
Se diante de At'lanta se lançassem,
Inda mais na carreira a detiverão
A favor do mancebo, que a seguia:
A todas tres entalharei nos troncos,
Senhora, o vosso nome illustre e grato;
Sob os vossos auspicios florecendo
Cresceráõ ellas, crescerá o nome.
A estas ajuntai huns sete Etruscos
*Limoeiros*, nos muros encostados,
C'os aureos pômos, que imitar pertendem
Os peitos virginaes, que não se imitão:
Buscá-los bem pudéra o Heroe Tyrinthio,
Mais que os que as Hesperides guardavão.
Nem em silencio deixarei sem nome
Huma terna *Amoreira*, que saudosa
De Píramo, e de Tisbe escuros fados,
De dia e noite em viva dor sentia,
Qu' ora muda de sorte n'esperança
De ser só vossa, e as lagrimas enxuga,
E já rubras *Amoras* vos prepára.

Mas que verso, Senhora, não merecem

Sobre toda a mais arvore do prado
Quatro formosos grandes *Damasqueiros*,
Que largo estendem as copadas tranças!
Lá dos montes de Armenia cá vierão;
Hum *Damasceno* branco, saboroso;
*Folha de rosa* os outros: os meus olhos
Nunca os virão maiores, nem mais bellos.
Em derredor de hum delles n'uma noite,
Quando a Lua raiava nos seus ramos,
Vi eu, nem me enganei, Deoses, e Deosas
Dançando andar n'uma gentil corêa:
Desde então respeitei o tronco, amado
Dos altos Numes; desde então o vejo
Alçar aos Ceos seus ramos mais frondentes;
Pomôna foi a que os plantou; risonha
Disse então: crescei, arvores ditosas,
Para Marilia: não cahi no dito,
Ora da Deosa entendo o alto segredo,
Que vós ereis, Senhora, o nobre objecto,
A quem presága a Deosa os consagrára
Para o tempo d'agora: bem felices!
Que tanto bem lhes deo seu lédo fado:
Nunca o Aquilo forte, que aqui cursa,
(Que vente rijo) as tranças lhe desgrenha;
Nem fero Vendaval lhe escarcha as varas,
Nem granizo cruel lhe açoita os pômos.

Cuidais vós por ventura, que me falta

Para c'roar o meu Vergel a *Uva*?
Corre de hum lado, e d'outro junto aos muros
Estendida ramada verdejante
De pampinosas vides penduradas,
Qu' hum continuo docel me estão formando,
Donde mui meigas sombras se debrução,
Para abrandar o ardor do secco estio,
Por baixo de seus ramos de esmeralda
Costumo passear nos fins da tarde,
E soltar por alli meus sentimentos,
Quaes na minha alma os trago, mui formosos
De honra e de amizade; os meus desejos
De fazer bem ao homem, se eu pudesse;
E as ideas, que formo da Natura;
E já de mim, que dentro nella vivo.
A's pendentes Parreiras juntai ora
Nas orlas do Pomar em longas alas

A *Redonda Mourisca* de grão bago,
E as outras, de mais gosto, saborosas
A *Tamara Ferral*, a *Ferral Roxa*,
*Muscatel* Appiana, e *Malvasia*,
Mais doce que a da Atlantida Madeira:
De Silênos, e Ménades cercado,
Que aos sons de sistro *Evohé* retumbão,
Vem aqui Bacho Bassarèo c'o Thyrso,
Todos os annos; e elle mesmo tinge
Já de albôr luzidio, já de roxo,
Já de cor Tyria os gravidos cachinhos;
Que são por certo os que primeiro vestem
Nestes contornos purpura luzente.
Quando chega a sazão, o Deos me envia
Das ribeiras do Thracio Hemo a tropa
Dos ruidosos fortes Corybantes;
Entrão tangendo estridulos adúfes,
A Berecynthia gaita, e os crepitantes
Pandeiros dos Curétes; vem fazer-me,
Sem bago se perder, toda a vindima:
Que em quanto danção rubidos Silvanos
Co' as Thyrsigeras Thyades em roda,
Enchem-me elles os largos açafates
De grandes cachos de luzentes Uvas,
Que não invejão nada ás de Falerno,
Que o Venusino Vate tanto amava.

Quando se ausenta a turba dos Bachantes,

Nem por isso se cuide, que me fica
Sem companhia o meu Pomar: de hum lado
Habita huma cabrinha mocha e gorda,
Que me dá recentaes, e vem no dia
C'os lacteos retezados ub'res sempre
Duas vezes ao tarro: de outro lado,
Bando de meigos pombos desposados,
Tem seus casaes visinhos, donde lédos
Com seus ternos arrulhos annuncião
A chegada da Deosa de Cythéra;
E a doce chama que lhe accende amores,
E seu ardor reciproco sustenta.
Em tanto sobre as arvores frondosas
Chilrão volateis tenros passarinhos,
Sem já temer do Caçador cilada,
O Chamariz gemmado, a Toutinegra,
O Chapim de ferrete azul vestido,
A Arveloa de branco e preto tinta;
O Verdelhão de amarellado peito,
E o gentil Pintasirgo, modulando
Os varios versos, que lhe amor inspira:
Alguma vez o Merlo, que assobia,
E até a flebil doce Filomela;
E muitos mais de varia casta e nome.
Huns c'os bicos compõem ao sol as azas,
Outros já loiras palhas nelles levão,
Para tecer seus ninhos; nelles outros
Aos recentes filhinhos, que pipilão,

Do conjugal amor castos penhôres,
Dão com ternura próvido sustento:
Hum destes ninhos mais mimoso e lindo,
Com tres implumes passarinhos dentro,
Grata offerta ha de ser á Guilhermina.

Eis meu Pomar, Senhora: vinde hum dia,
E delle tomai posse; poderemos
Hum' ora passear hum pouco, outr'a ora
A' sombra de alguma arvore sentados
Lêr poêmas campestres: vós, Ferreira,
E eu tambem leremos, se quizerdes,
Revesados em doce consonancia,
De Marão a Bucólica polida,
Mór inda, que os Eneiados sublimes,
Que o douto Leonel nos trouxe á Lysia:
As Eclogas gentis do meu Ferreira,
Que nos assopros da silvestre avena
O Syracusio e o Mantuano excede:
O Pastor Peregrino do grão Lobo,
Rico das Musas, que do Lis e Lêna,
Como de outra Hippocréne, as veias sólta,
E inda hoje faz soar por esses valles
As amorosas queixas de Lereno:
Os Idyllios de Gesner pittorescos,
Obra de novo estilo; e se algum outro
Da campestre Natura em sons mimosos
Os prazeres cantou, e as graças bellas.

Doirado seja o dia, e sempre fausto,
Em qu' eu, Senhora, aqui vos veja, e goze
Estes bens innocentes: venha cedo,
E seja por mais vezes repetido,
Que sempre os contarei por mais formosos
Entre meus dias bemaventurados.

# A
# D. MARIA LUIZA
# DE VALLERÈ

*Sobre a Horta do Author.*

Eu vos mando, Senhora, hum pouco ousado
Frescaes Alfaces de meu Horto ameno,
Off'renda humilde; mas os Deoses sabem,
Quão pura, quão sincera; e vós só estas
Prezais, que não pomposos donativos
De váa ostentação, de vão capricho,
Mais cheios de valôr, que de amizade:
Já o disse huma véz, dillo-hei mil vezes,
Tudo, o que tenho no meu Horto, he vosso;
De tudo vinde hum dia tomar posse,
Pois já me annunciastes tal ventura.
A Horta vos presenta em campo aberto,
Por verdes alcatifas estendido
Hum luzente esquadrão destas *Alfaces*,
Já *Repolhudas* de encrespada folha,
Já *Alemãas* de avermelhada fronte;
Grato refresco na calmosa mesa,
Com ellas junto todo o povo hortense
N'uma só horta está: vereis, Senhora,

A *Couve Repolhal*, que entroncha e fecha,
E á Portugueza sôpa o gosto apura:
A *Nabo*, criador de muitos filhos;
E a que he Gallega, que se não despreza,
Vinda d'alto solar do claro Minho;
E huma outra, que tendo dado fructo
(Não sei ora qual nome tem) de novo
Com as hybernas aguas reverdece;
Refilha e tenros grelos saborosos,
Por que me eu esperdiço, fertil cria.

Tambem não deixareis de ver hum dia
Verde *Nabiça*, que as primeiras aguas
Diligente aproveita, e o branco *Nabo*,
Que d'outras nasce, dadiva dos Faunos,
Melhor do que o da Beira tão gabado:
Nascem defronte em razos taboleiros
Frias *Celgas*, que os loiros grãos ameigão:
Crespa *Chicoria*, que semeia Maio,
Quando a argentada Lua as pontas enche;
E a branqueada larga *Chicarôla*,
Rica celada, que refresca o sangue.
A ambas, porque mais amadureção,
Próvida mão as estendidas comas
Com huns laços de verde junco aperta.
Nem me faltão aqui outras mais hervas,
Uteis á mesa, ao estomago sadias;
Os tenros *Espinafres*, de que fólgo,

Que dão respiração ao peito oppresso.
Os frescos *Labaçaes*, que os prados amão;
E *Almeirões*, que sem tornos d'agua crescem.

Poderei eu calar as varias plantas,
Que aos guizados da mesa honesta e parca
Prestão mui gratos vividos sabores?
Aqui cresce melhor, que em regadio,
Hum largo *Cebolal* de grossa fronte;
*Cebolos* cria, quaes os Transtaganos,
Que muito tempo sem grelar aturão.
Nem falta *Alho* villão, porem mui rico
De grandes bens, de próvidas virtudes,
Que herdou feliz do Pan Tegêo da Arcadia;
Que ao corpo dá calor, a voz aclára,
A sede mata, a má ferida cura,
Tira a peçonha, e muito longe arréda
A venenosa serpejante Cobra.
Nas ourellas da horta, como em pinha,
Cresce crespa *Hortelãa*, que por ciumes
Prosérpina feroz mudou em planta;
Verde *Coentro*, que bom cheiro exhala;
*Salsa* inda melhor, que a regadia;
*Segurelha* gentil, *Serpões*, que cheirão,
E a vermelha picante *Malagueta*,
Da Brasilica terra transportada.
Nem já deixo em silencio as amarellas
*Cenoiras*, *Cerefolho*, *Pimpinéla*,

Frescas *Azêdas*, que dão picante graça;
Macedónico *Aypo* lagrimoso,
E o humido *Tomate*, muito ufano,
Que as rubras faces intumece, e tinge
De nova côr e gosto ás iguarias.

Que lembrança de mim não pede honrosa
Todo o *Grão*, que aqui nasce mui possante?
A grossa *Fava*, que se alteia e cerra,
Suas pejadas vagens ostentando;
Huns *Milhos*, que mui bêdos me verdejão,
E com flavos pendões já se embandeirão:
Cereaes massarocas darão cêdo,
De que meus ternos Afilhados gostão,
Tostas a brando fogo por entre elles
Enleados já sobem mui seguros
Trepadores *Feijões*, sedonda *Ervilha*:
A illustre Margarida, Dona amavel
Por mil virtudes, que seu peito adornão,
Que vossa nobre casa providente
Com grãa prudencia e alto sino rege
A bel prazer de todos, póde sempre
Mandar ir de meu horto, o que lhe apraza;
Será o que lhe for, frescal, viçoso,
De mais grato sabor, que tudo quanto
Lhe pode vir das praças de Ulyssêa.

Que vos direi, Senhora, de outras plantas

Que aqui ha salutiferas? hum dia
O Filho sabedór do claro Apollo
Aqui plantou algumas, quando andava,
Ensinando aos mortaes, com que uteis hervas
Remir podião dolorosos males,
Que Promethêo, roubado aos Ceos o fogo,
Trouxe incauto aos mortaes, prisente infausto.
Aqui vereis em fertil cópia a *Salva*,
*Salva*, que mil virtudes tem comsigo,
Que usar cumpria mais do que estrangeiro
Indico Chá de grão despendio e nome:
A casta e forte *Arruda*, a feia *Losna*,
Rôxas *Violas*, cordeaes e bellas;
*Cidreira Herva*, que victorias canta;
Com a outra *Terrestre*, que aproveita;
Tambem esquivas ásperas *Borragens*,
Sempre ao languido corpo prestadías:
Oh! se os homens co' as simplices hervagens,
C' os tenros pômos, co' a corrente Lynfa,
Com hum tarro de leite, que lhes désse
Cabrinha farta do hervançal do prado,
Reger quizessem seu frugal sustento!
Se quizessem sómente co' as sabidas
Plantas curar seus males, quão sadios
Quão ditosos vivêrão longos annos!
Tarde viria a Morte, que vem cedo
Visitar os mortaes nas lautas mesas,
De exquisitos manjares carregadas.

Finalmente, Senhora, porque nada
Falte a meu Horto, tambem nelle habitão
Odoriferas Plantas deleitosas,
Ou de regalo ao vivo olfato, e aos olhos,
Ou já d'uso benefico na vida:
Eis rescendem aqui gratos aromas,
Que no prado espalhou branca Dione,
Quando hum dia cá vindo d'alta Chypre
Os cabellos soltou de pura ambrosia:
E outros mais, que as tres Graças carinhosas,
De Eurynome e de Jove castas filhas,
Dos aureos azues cintos, onde trazem
Mil encantos, mil gostos innocentes,
Neste florido chão me derramárão:
Olorosa *Alfazema*, acceita ás Damas,
Gratos perfumes apresenta léda:
Com esta dois rivaes se vos off'recem,
O fragante *Alecrim*, que com seus cheiros
O cérebro conforta, e a namorada
*Mangerona* gentil, que lhe disputa
Mór extremo e firmeza em seus amores:
Tambem a *Virgamota*, que as madeixas
Banha de aroma á nitida Donzella.
Contai entre ellas odorosas flores,
O *Jusmin*, côr de leite, a Cypria *Rosa*,
O Tyrio *Cravo*, a candida *Açucena*,
Branca *Cylindra*, avelludado *Goivo*,
Terno *Junquilho*, e toda a flor mimosa

Em grato olor, de que meu prado abunda.
Em todo este arraial de plantas, vêde
Quão varios os verdores e os matizes,
Huns mais verdes aqui, alli mais claros;
Aqui vivos, alli desvanecidos;
D'alli hum verde-mar, de lá já outro
Verde-gaio doirado, que me encanta;
Acolá hum fechado, que escurece,
Alá hum outro escasso, e descorado
Que vai fugindo aos olhos de medroso.

Hum bem somente a meu torrão fallece,
Rio não ha, que as fluviaes correntes
Da Urna de crystal aqui me entorne,
E a sede mate ao árido terreno;
Nem inda parca fonte, que da rocha
Por entre a fresca tágueda cahindo
Com sua branda veia a horta regue:
Mas não he dado a hum mortal ter tudo;
Bemdigo o santo Ceo, que me deo muito,
E a mesma falta, em que me poz, me suppre:
Benéfico a meu prado muitas vezes
A' Aurora manda, que ao nascer do dia,
Matutinos orvalhos me derrame
Sobre o meu hervançal, sobre o plantío,
Na pomagem gentil, nos criadoiros:
Ao Ether manda, que co' a fertil chuva,
Ao regaço da terra desça, e faça

Inchar com ella as genitaes sementes:
Eis pula a herva, viça a tenra planta,
Abrolha a Vide, as arvores agomão;
De garfo, de botão, e de borbulha
Vingão tenros enxertos, bem castiços;
Cresce o Alfôbre, criador da horta:
Toda a nova pomagem me veceja,
E já de tenros ramos seus se empluma;
Gradêce a loira massaroca ao Milho;
Os seus botões as flores desapertão;
Tudo me cresce a olho, e tudo medra.
Que mais desejo, ou quero? vou contente
Por tanto bem sacrificar aos Deoses,
E a vós primeiro, ó Eleusina Ceres,
A vós, Silvano guardador dos hortos,
A vós, ó Flora, ó cándida Pomona:
Aos Deoses todos da Abundancia lévo
Bem tecida de varia flor grinalda,
De varia planta hortense hum fresco molho,
Com que as suas estatuas orno, e as aras;
E a meu exemplo os tenros Afilhados,
Que em santa educação se estão criando,
Vão com flóridos ramos, que colhêrão,
C'roar tambem os seus pequenos Deoses.

## A
## D. MARIA LUIZA
## DE VALLERÉ

*Sobre o Jardim do Author.*

---

Já' vem a Primavera, Mãi do Mundo,
Os prados adornar de ricas flores:
Já meu fertil torrão sentio ditoso
A chegada da Deosa, e a viva chama,
Que de hum almo calor seu seio aquece,
E desenvolve as genitaes sementes.
Eis as primeiras flores, que brotárão
De seu regaço criador fecundo:
Dellas, Senhora, lá vos mando hum ramo,
Primicias de meu prado, a vós devidas:
Acceitai-o benigna; e entre essas flores
Envolta recebei minha vontade,
Singella e sãa, tão pura como os astros,
Que os Deoses amão mais, do que as off'rendas,
Quando huma casta mão nas santas aras
As flóridas grinaldas lhes consagra:
As outras flores, que ora vão rompendo,

Do almo germe a ver a luz do dia,
E quantas mais depois se irão abrindo,
Todas são vossas: podereis de todas
Dispôr a bom prazer: vós vinde hum dia,
Para desenfadar vossos cuidados,
O prado visitar, onde ellas nascem.
Não tereis de ver nelle concertado
Jardim d'alta invenção; não taboleiros
Com gentil ordem, com gentis recortes
Desses buxos e myrthos de Cythéra,
Que já hum dia aos cobiçosos Faunos,
A linda Venus encobrir pudérão;
Não marmoreas estatuas d'alvas Ninfas,
De Satyros, de Cesares, de Deoses,
Que obra déstro sinzel, robusto escôpro:
Não cascata, que adorne o prado, e o regue,
Rica de conchas de lavor formoso,
Que Indico Mar, ou Luso Sádo cria
Nas rubras praias, em que o Sol renasce,
Ou já, onde se põe, quando visita
A piscosa Cetobriga marinha.
Não houve mão industriosa e rica,
Que derramasse aqui estes primores;
Mas fico, que em lugar de taes grandezas
Vos apraza, Senhora, a simples graça,
Que Natura aqui poz sem mais relêvo;
Huma leve cultura, que nem cança,
Nem já despende muito, ou dá cuidados;

Hum toucado sem arte, hum ornamento
Sem maior artificio e compostura.
O claro Sol, que doira os altos montes,
Tambem estende a luz aos baixos valles;
E os mesmos Deoses dos jardins d'Olympo
Descem a visitar vergeis humildes.
Vós pois, émula ao Sol, émula aos Deoses,
Entrai benigna co' esse brando gesto
No meu pequeno campo; vereis nelle
Montes de flores mil de vario gesto,
Em que a Thaumancia Iris entornára
Do Arco seu Celeste as lindas cores:
Vereis primeiro no florído estrado
As pudibundas *Rosas*, descendentes
Das que reinárão nos jardins de Idalia;
Humas, que já seu seio desabrochão,
Outras, inda em botão cerradas, mimo
Do casto seio da gentil Donzella.
Apar dellas reluzem, como estrellas,
*Rosinhas de toucar* loiros cabellos,
De que pendem huns tenros Amorinhos,
Mais lindos, do que perolas brilhantes:
Aqui rescende com fragancia pura
O *Cravo* em Tyria purpura vestido,
Vindo de estranho ceo ao ceo de Elysia;
Sua linhagem traz daquellas flores,
Com que as Filhas de Jove, Horas doiradas,
O myrtheo berço ao infante Amor ornárão,

Quando com brandos versos o embalavão:
Vem todas as manhãas a linda Flora
Com pôma de crystal de Laçaria,
E olorosos borrifos nelle esparze.
Não são de menos garbo e formosura
Em longas alas de estendidos vasos
Outras flores dispostas: alli crescem
Os soberbos *Rainunculos* vistosos,
De carmezim, ou d'aurea côr trajados:
Alvas *Cambraias*, que a alva neve excedem
Que á matutina estrella as graças roubão:
As *Túlipas* de rubra rosa tintas,
Outras de gredelem; e as *Borboletas*,
Humas brancas, já outras de escarlate,
Já de amarello e roxo, já c'roadas
D'uma verde alcachofra, que as adorna.
Quereis que nova vista vos presente
O Prado liberal em seus floreios?
Aqui e alli ostentão seus primôres
Raiados *Goivos* de matizes varios,
Que o pensamento animão; e o, que guarda,
Os ais de Apollo em sua folha escritos,
Brumal azul *Jacintho*, bem querido;
As *Mosquetas*, de Amor vivo cuidado;
E immortaes *Amaranthos*, que não secca
O voraz tempo, nem o Sirio ardente:
Ajuntai vós com estas as formosas,
Do Prado esmalte, flóridas *Boninas*,

Que a prateada Lua faz mais bellas;
Poronde voão lindas Borboletas,
Poronde vão libando as susurrantes
Melliferas Abelhas engenhosas
Fresco nectar, que a Aurora entorna nellas.
Nem faltão outras de feições diversas,
*Maravilhas*, *Angelicas*, *Cilindras*,
Branco *Junquilho*, de olho cor de cana,
Extremosa *Artemisa* de Mausôlo,
De carmesim de *França* purpurada;
O *Lyrio* de *Narciso*, flor Cefisia,
Qu' em vão foi de si mesmo namorado,
Que as tristes magoas inda recordando,
Languido rosto inclina, e os damnos foge,
Que vio na transparente fonte pura,
Ingrato contra a Nynfa, que o seguia.
Com elle estão em branda companhia
Amorosas *Saudades*, já vestidas
De roxa cor, que soltão seus suspiros,
Já c'roadas de hum ramo verde em meio,
Que suas esperanças alimenta.
Junto dellas na leve canna sóbe
Gentil *Caracoleiro*, flor estranha,
Que a cerulea marinha concha imita,
Em que Venus sahio do mar formosa;
Suave odôr espira, qual da Deosa
As aurícomas tranças exhalavão.
Que vos direi da turba de florinhas

De mui gentis matizes, que se alastrão
Aqui e alli pelo tapiz do Prado,
Ricas de graças mil! entre ellas brilhão
Os mimosos *Melindres* arraiados,
O *Amor Perfeito*, mui formoso e bello;
Huns brancos *Alfinetes de toucado*,
Huns *Botões d'oiro*, que são mil lindezas;
E huns mais pequeninos; todos querem
Ir hum dia enfeitar o gabinete
Da tenra Guilhermina, e ornar seu peito.
Apar destes as roxas *Violetas*,
Nuncias da Primavera, que estimava
O Pastor Corydon mais que as alfénas;
A Alva da manhãa do roxo seio
Aqui deixou cahir estes primores;
E com elles tambem as engraçadas
Purpureas *Margaritas*, mui formoso
Mimo do prado; que já estão tecendo
A' vossa amavel Margarida hum ramo,
Não sei, com que outras flores de mistura,
Certo que das mais lindas, que aqui nascem.
Por diversão dos olhos vereis outras;
(Nem vós as desprezeis) que aqui vierão
Do campezino solo transplantadas,
Fragante *Madre Silva*, que celébra
A vinda do Verão, que neste clima
A face e o cheiro melhorou mais bella:
*Campainhas* de azul celeste, e outras

Brancas de neve: até vereis com ellas,
Bemque de ingrato olôr e baixa plebe;
Porem de si vistosas, outras flores,
As roxas e encarnadas *Sardinheiras*,
Que as ourellas do prado em ala postas
Guardão, qual esquadrão de gente armada;
E os amarellos *Cravos*, que acompanhão
Corpo mortal, que já findou seus dias,
A's fataes bordas do Sepulcro eterno,
C'o Aipo em pranto e o funeral Cypreste.

Se desejais destas humildes flores
Alçar os olhos ás que em nobre pompa
A fronte sobre excelsas hastas erguem,
Quão varias scenas vos off'rece o Prado,
Fertil de prendas, que lhe deo Natura!
Eis vos mostra do seio seu nascidas
*Açucenas*, de nectares banhadas,
Tão claras, como a luz do claro Dia;
Por seu candor e virginal pureza
Escolhidas do Nume soberano:
*Josefinos Bordões* abençoados,
De niveas alcachofras de olho preto;
E a *Belladona*, que alvas flores borda
C'o matiz de encarnada cor mimosa,
E os roxos *Lyrios*, onde Amor suspira.
Como apraz ver nas orlas dos canteiros
Hungaricos *Malvões* de altiva canna,

Que em pinhas brótão rubros *Malvaiscos*!
As pomposas *Papoulas* Indianas,
Que embaladas dos Zéfiros entornão
Das roseas folhas pelos lassos membros
Dos enfermos mortaes plácido somno:
E a infeliz *Clycie*, novo Sol do Prado,
Qu' inda antigos amores suspirando,
Segue fiel c' os namorados olhos
O aureo curso do maior Planeta,
Senhor do Dia, desde que elle nasce,
Até que morre nas Hesperias ondas.
Porem com qual louvor direi, Senhora,
D'huns arbustos, e d'arvores floridas?
Eis vede humas *Giestas*, cor doirada,
De amor lédas lembranças, de que Maio,
Grato mez de Acidalia, as tranças touca,
Quando com ella vem e c'os Prazeres
Os jogos enfiar, e as lindas danças:
A *Dorida* da Grecia, de escarlate;
*Alfineiro* de nitidas *Alfênas*
Brancas de leite que he recreio aos olhos;
*Sevadilha* tambem, que ostenta airosa
Punicas flores de estrangeiro clima,
E *Viuvas* de roxa veste ornadas,
Que as paredes me cobrem com seu manto.
Nem deixareis de vêr, oh flor divina!
Os *Martyrios* de estranha forma e gesto,
Qu' altos mysterios na figura encerrão;

Nem hum *Lóiro* de eterna folha; tenro
Arbusto, vindo do Parnassio Monte,
*Folhado*, de branquissimas florinhas:
Ouvi hum dia ao Cytharêdo Apollo,
Quando eu lia do vosso e meu Ferreira
Os versinhos gentis, que me mandára,
Que de seus bellos ramos cortaria
Sacro Laurel, que lhe cingisse a fronte,
Assento de formosos pensamentos,
De idéas nobres, de saber profundo.
Será doce prazer de vossos olhos
Longa latada de *Jasmins* que alveja,
E os muros com cem voltas me guarnece:
Gotas de leite, que dos alvos peitos
Da soberana Juno se entornárão
Na lactea via do celeste Olympo,
Aqui tambem cahirão: no regaço
A Terra as recebeo, e as tornou logo
Nestes Jasmins de mui gentil candura.
Qual planta de florida gala póde
Emparelhar c'uma sublime *Oliva*,
Filha da Aurora? Esta deo-lhe em dote
Mais rico, do que as pérolas do Ganges,
De arroxeadas flores grão thesoiro.
Mas qual hombrêa co' as pomposas *Garcoas*,
Que desde a terra até os altos tectos
Erguem seu verde tronco, recamado
Das apinhadas alcachofras d'oiro,

Que a entrada a meu Museo sagrado adornão?
Desejo que as vejais, e de passagem
Podeis entrar na longa sala, rica
De varios livros, que me deo Apollo,
E muito mais daquelle, que vós mesma
A vosso illustre Padre consagrastes,
Honra da Humanidade, honra de Elysia,
Com que seu nome, e o vosso eternizastes;
Elle desde que vós mo déstes, sempre
Alli preside, Soberano a todos.

Longo seria, se eu quizesse d'outras
Flores contar, que bem não sei seus nomes,
Que me alcatifão meu terreno ufano;
Humas, que só Natura aqui me abrolha,
Quando os perfis do Prado me retoca;
Outras, que Flora da viminea cêsta
Liberal despejou, quando eu plantava
Em honra della meu jardim viçoso;
Algumas, que Amalthêa, ama de Jove,
Da fertil cornucopia me lançára;
Já outras, que nascerão das pégadas
Da formosa Dione, quando hum dia
Passeou por aqui c'o Amor seu filho,
Que quantos passos dava, tantas pinhas
De graciosas flores rebentavão:
N'uma manhãa serena veio Doris;
Pedio-me dellas; dei-lhe quantas pôde

Levar hum açafate de regaço;
Mas ora o não farei, que já são vossas,
Nem temo, que jámais de todo faltem
Nesta ou n'outra estação as flores: cresce
A prole sempre, nem ha flor esteril;
Entre todas espira Amor e Venus,
E a todas o Hymeneo risonho prende;
Que ao regaço das femeas amorosas,
Ou flores varonis o pó fecundo
Lanção de seus estames, ou já delles
O mesmo vento forte lho sacode,
Donde me vem mil gerações de flores,
Dos dois sexos arcano, recatado
A todas as idades, que a moderna,
Mais curiosa e sabia, doutrinada
Pela sublime Flora, póde hum dia
Descobrir aos mortaes com pasmo e gloria.

Em tanta esta abundancia só me falta
Huma vistosa flor, que a tudo excede,
A Rosa carmesim da *Peonia*,
Clara filha do Ceo, a flor dos Deoses,
Mais formosa que o Sol, que a rubea Aurora,
Se ma vós mandais vir, que o promettestes,
Do solar Transtagano, que mais quero?
Fico, que ella só seja das mais flores
A Princeza gentil; e todas juntas
Por senhora vos tenhão de meu Prado.

# A
# LORINO

*Convidando-o para festejar o dia dos Annos de Fabricio.*

Eis já raiou, Lorino, o alvo dia,
Dia de nossos brindes, que nos déra
A' luz da vida, á luz de nossos olhos
O mór de nossos candidos Amigos:
Eia, vamos jantar hoje com elle;
Com elle consolar-nos docemente:
Enfeita-te de novo, cróa a frente
Da grinalda de rosas, que te dérão
As lindas Graças: o Laurel de Apollo
Traz n'uma mão; na outra a Lyra d'oiro:
Tu com estas insignias adornado,
E mais que tudo co' as virtudes santas,
Que a larga Natureza te doára,
Que figura gentil serás, Lorino,
Ante o nosso Fabricio, ante Marilia!
Eu irei ao meu modo preparado
Hum gothico de marca, mas com peito

Honrado, e liso, qual Fabricio estima:
Tu versos lhe darás; eu bons desejos:
Tu farás ressoar canções divinas;
Eu baterei as palmas: tu co' as Graças,
Tu c'os Cupidos teus, c'os teus Prazeres
Com alternado pé as líndas danças
Irás travando em derredor da mesa;
Eu dançarei tambem co' as bellas Nynfas
A Amizade, a Ternura, a Singelleza,
A innocente Alegria, a sãa Verdade,
Depois com todas ellas assentados
A' mesa comeremos, beberemos.
Entre mil anexins, mil lindos motes
Soltaremos aos ares nossos brindes,
A cada Nynfa hum, que aos Ceos se eleve,
Outro a ti, outro a mim, outro a Fabricio,
Que longos annos descançado viva
No regaço da candida Marilia;
E Marilia gentil, prazer dos olhos,
Prazer da terra, tenha trinta brindes,
Que fulgurando desde a mesa aos astros
Levem seu nome amavel retinindo;
E vão com elle aos radiantes paços
Accrescentar aos immortaes a gloria.

# A
# HUM AMIGO

*Remettendo-lhe da Quinta humas galinhas de casta.*

Vou saber como estás, que muito estimo,
Se tens firme saude: a carta leva
Apar humas seis frangas d'alta casta,
As melhores, que havia em meu rebanho:
Não as rejeites, por ventura crendo,
Que me fazem cá falta: tenho muitas,
Que me podem servir na farta mesa;
E pois tu folgas c'os extensos bandos
Destas aves domesticas, e d'outras,
Que costumas criar por teu regalo,
Folgaria eu tambem, que aqui viesses
Dar tregoa a teus estudos, e alguns dias
Passar comigo á sombra destas faias,
Em ocio brando, longe da Cidade,
Longe de lidas vãas, de vãos cuidados:
Aqui a teu sabor verias lédo,
Quando a experta Caseira pela tarde

Do lumiar da porta pia, e chama
A criação, que em largo campo pasce;
Quão numerosa tropa vem correndo
A' ração costumada, e ao usado poiso;
Quaes brancos cysnes, quaes pavões soberbos,
Que ao carro acodem de safira, e d'oiro,
Quando Venus marinha os Ceos deixando,
Vai visitar Cythéra, e Gnido, e Paphos;
E a Rainha dos Deoses magestosa
Parte do Olympo a residir em Samos:
Aqui verás a bel prazer dos olhos,
As varias castas, as diversas formas:
Verás ligeiras rusticas galinhas,
Que o Ligustico mar atravessárão:
Verás outras pedrezes alvadias,
Criadoras, na mesa saborosas;
E as sorrillas sem cauda corpulentas,
De solida substancia: se outras queres,
Não me faltão as moiras alterosas
De grandes pernas, de vermelhos olhos,
Nem as cruzadas de diversas raças,
De moira, e portuguez meadas filhas.
Quanto não folgarás de ver correndo
As galinhas legitimas do Cairo,
Co' a altiva popa da cabeça ufanas,
Que vem cacarejando muito lédas;
E as outras ferteis de tombada crista
Com os pintos annelos, que pipilão!

E aonde fica o capitão da tropa?
Atraz com passos desiguaes correndo
Soberbo gallo de encarnada grimpa
De pernas altas, de esporões calçado,
Escoltará o nitido rebanho.
Que te direi já de outras aves uteis,
Que aqui me cria a próvida Caseira?
As solitarias rolas não fallecem,
Mais lindas, que as de Chipre; e as brancas pombas
Que com arrulhos meigos annuncião,
Que tu, ó madre Venus, tens chegado
Na formosa estação a dar fecunda
Teu almo fogo a toda a natureza.
Seguem-se logo em turba numerosa
Os cevados perús; e mais tardios
Os alvos gansos, que voar mais alto
Em vão adejão; e os ronceiros patos,
Alta raça daquelles, que gasnando
D'altiva Roma o Capitolio excelso
Das Gallicas falanges resalvárão.
Perdôa, se em silencio aqui não deixo
Dois sedeúdos porcos grunhidores,
Que mal se tem em pé; tão gordos andão
Que a caridosa mão lhes deita sempre
Sobrôso pasto, a fresca verdizella,
Dos comaros frondosos arrancada;
E as bravias alandroas co' a bolota
Dos estendidos azinhaes colhidas;

Que Fauno, guarda das extremas, cria.
Vem rusticar comigo nestes dias,
Põe pausa, e ponto a teus cuidados graves,
Despega-te da Corte; aqui te esperão
A Amizade sincera, o Prazer doce,
O Ocio, e a branda Paz, e a Singelleza.

# A
# JOAQUIM FERREIRA DE SAMPAIO

*Convite.*

---

Quid sit futurum cras, fuge quaerere; et
Quem sors dierum cumque dabit, lucro
Adpone:

Horac. Liv. I. Od. IX.

. . . . Ille potens sui
Laetusque degit, cui licet in diem
Dixisse, vixi:

. . . Liv. III. Od. XXIX.

---

A hum só alvo, Amigo, ambos tiremos,
Se ser ditosos ambos nós queremos;
Hum prazer doce nosso bem só seja;
Elle os nossos cuidados guie, e reja:
Prazer doce, Sampaio, só reside
N'uma aceada mesa, em que preside
Sem cumprimento a candida Amizade,
Dom do Ceo, já mui raro nesta idade:
Do futuro os arcanos não curemos,
O tempo de ámanhãa inda o não temos;

He nosso o de hoje, gozemos do que he nosso:
Quantos prazeres offertar-te posso
Neste alvo dia, já te off'reço, Amigo;
E se mais queres próvido comigo,
Que quanto temos já vivido, e quanto
Inda havemos viver, com doce encanto
Neste só dia placidos vivamos,
Vem comigo jantar; ah, vem bebamos
O almo Bacho; o nectar peregrino
Far-te-ha immortal, e a mim divino.

## AO DOUTOR
## RICARDO RAIMUNDO
## NOGUEIRA

*Convite.*

Dona præsentis cape lætus horæ, et
Linque severa.

Horac. Liv. III. Od. VIII.

O dia está sereno, a mesa prompta:
Vem, Amigo Nogueira, vem depressa
Com os Jogos, co' as Graças, co' as Virtudes
Jantar comigo em placido socego.
Sob alçapão ferrado encarcerados
Deixa os feros cuidados das Pandectas,
Que quaes ferozes Euros insoffridos
Em torno das abóbedas de Eólo,
Comsigo briguem lá, e se espedacem.
Assentados á mesa sem cuidados,
Candidas horas, ao prazer só dadas,
Gozemos, ó Nogueira, em quanto os Deoses
Nos são benignos com doirados dias:
Gozemos hum do outro docemente;

Minha alma, e a tua desabafem: meigas
Ternamente se abracem; ternamente
Se beijem huma a outra: eis ambos lédos
Comamos, e bebamos sem fastio,
E sem gula, e sem pressa; e hum ao outro
Alcemos sobre os copos doces brindes:
Conversemos depois hum novo mundo,
Melhor do que este he, não que o Supremo
Artifice o fizesse de tão rude,
De tão baixo metal, como ora o vemos;
Mudárão-no porem tenções danadas
Mudárão-no as paixões do homem louco.

# A
# HUM AMIGO

*Contra os Causticos.*

Accusais-me, Senhor, que me encastello
Forte em meus muros, e inda dentro delles
Com chave adamantina me aferrolho;
Que não fallo a ninguem, que a ninguem oiço:
Mas não me fecho a vós, aos meus amigos,
Amigos, não fingidos, mas sinceros
Que poucos são, e serão sempre poucos:
A pobres não me fecho, que me pedem
Co' as mãos famintas próvido sustento;
Nem eu me fecho ás partes, bemque duras,
Se alguma de mim pende em seus negocios:
Fecho-me, e fechar-me-hei eternamente
A causticos nojentos esfaimados,
Que sem piedade vem roubar-me o tempo,
O tempo, em que eu converso as castas Musas,
Mais rico que os Attálicos thesoiros;
Não os posso soffrer, não posso; nunca
Os soffrerei, indaque eu viva centos

E centos de mil annos; não, não posso:
Contão-me historias muito longas; contão
Novidades, que nada cá me importão;
Coisas, que bem podião n'um só quarto
D'hora dizer: mas rancidos gosmentos
Gastão manhãa e tarde, e noite gastão
Com vãos rodeios, digressões penosas,
Fallando já de si, já dos parentes,
Já dos amigos, já dos professores
Do mesmo officio e arte: hum mal acaba,
Eis entra outro e outro, e se revezão,
Como á porfia, os barbaros algozes.
Quando Jove immortal irado hum dia
Deo em pena a Sisipho, que lidasse
Co' voluvel rochedo de continuo;
Quando deo Ixion ao fero abutre,
Que as entranhas eterno lhe roesse,
Melhor os condenára a soffrer sempre
Estes teimosos causticos malditos.

# A FILINTO

*Sobre huma jornada que o Author fez da Cid da Porto á Vallongo.*

Pedes novas de mim, e saber queres,
Como fiz a jornada: ora eu to digo
Em breves termos, que lugar não tenho
De escrever mais de espaço: concordamos
Eu, o João, o Conego, e o Sampaio
Em ir de cavalgata até Vallongo
Por fazer a vontade ao nosso Marques.
Eis raia o dia e cada qual, as botas
Calçando, cuida de se pôr mais prompto
Que hum gamo na carreira: já com brio
O vermelho Sampaio se apresenta
N'um formoso ginête, bem montado,
Qual leva o Delio Apollo com grão fausto
Nas Pythonicas festas galopando:
João n'uma bestinha mansa, e linda,
Que inveja foi das Damas cavalleiras:
O Conego no seu rocim, nascido

Nos curtos dias do engelhado inverno:
E eu, que sabes, sou como hum rabaça,
N'um esgalgado macho de Vallongo,
Que o bom do Marques me mandou por peça,
Monto tremendo na escaldada sella;
E benzo-me tres vezes mal seguro,
E aos lombos d'alta besta me encomendo:
Logo ao sahir comigo deo em terra,
Não sem motetes dos amigos: subo
Outra vez ao gigante em novos sustos;
E assim tal e quejando fui meus passos
Atrás de todos co' a poeira em rosto:
Mil vezes me lembrei de D. Quixote,
E mil de Sancho nesta cavalgata;
Mas elles hião vêr formosas Damas,
Filhas do Sol, e eu o Padre Marques.
Depois de varios trances, e paradas
Alfim chegamos a Vallongo: o Marques
Com grandes salás, e folias desce
A' porta a receber-nos, rindo muito,
E tomando pitadas de tabaco.
Apenas da fadiga descançamos,
Eis nos dá c'o jantar na mesa prompta,
Advinhador da fome, que já todos
Traziamos: no meio se apresenta
Verde alguidar vidrado d'alto brio,
De açafroado arroz arrebentando,
Que elle só bem pudéra em grandes bôdos

Fartar por dias dez todo o Vallongo.
Hum grão prato de vacca, a quem fazião,
Que era muito de vêr, brilhante escolta
Hum Lamegal presunto e quatro paios,
Valentes capitães de almogavàres.
Geme c'o peso enorme a velha mesa,
Que esteve a pique de arrasar por terra
A toalha, o comer, baxella, e copos;
E banhar de bom vinho o pavimento.
Por remate do splendido banquete,
Hum atacado prato de altas bordas,
Soberbo com doirada sôpa, chega,
Que desde o albôr do dia arregaçadas
Duas moças esbeltas trabalhárão,
Mais guapas, e gentis, que as Cyprias rosas,
Que as cerejas de Maio mais córadas,
Por quem dois Faunos namorados morrem.
Findo o banquete pela tarde fomos
A vêr os Fojos, decantado monte,
De que muito se falla: alli talhadas
Em viva fragoa, dura penedia
Concavas casas vimos, não sem susto,
Que ainda foi maior, quando avistamos
Rotas cavernas, temerosas furnas:
Pedras lançamos dentro, que troando
Com medonho fragôr por largo espaço
Hião cahindo no profundo abysmo.
O vulgo julga ser obra moderna

De Moiros encantados, quando Cale
Era em poder das Agarenas tropas;
E o fero Aboazar, fronteiro em Gaia,
Regia as margens do paterno Doiro:
Outros porem com melhor tino entendem
Que já forão mineiros, que se abrirão
Por sagazes Romanos, que rompêrão
As entranhas da terra, cobiçosos
Por oiro, e prata, estimulos do crime,
Que natura escondêra em estygia sombra:
Tu julgáras, que alli do escuro Averno
Erão as fauces horrorosas: crêras,
Que por alli entrára o Pio Eneas,
Co' a tremenda fatídica Sybilla
A ver Anchises aos Elysios campos;
E o Grego astuto a visitar Laerte:
Se t' eu quizesse, Amigo, por miudo
Contar tudo, o que vi, tu clamarias
Que te encantava fabulas, patranhas
De Esplandiano, ou de Amadis de Gaula;
Mas isto basta, o mais direi outra hora.

# A
# JOAQUIM FERREIRA
# DE SAMPAIO

*Convite.*

. . . **Rapiamus, amice,**
**Occasionem de die:**
**Dumque virent genua,**
**Et decet, obductâ solvatur fronte senectus.**

**Horac. Epod. Ode XIII.**

***Quem sua vida guarda***
***Para outro dia?***

**Ant. Ferr. Liv. II. Ode V.**

Passou, Amigo, o dia de hoje, e temos
Em curta vida a este dia menos:
Mas dize, que fizemos ambos nelle,
Que fosse digno, que de nós contassem
Nossos vindoiros netos, quando lessem
Os annaes deste tempo tão gabado
De gosto são, de sãa Filosofia?
Nada de grande; foi-se o dia inutil:
Não seja assim da noite, indaque brame

O pluvial arcturo, e os tremedores
Gelos sacudão das rorantes azas
Saltáõ granizo, que nos tectos tine,
Tu não te assustes, nem te encolhas timido
Mettido em ti na solidão dos lares;
Toma o Hispano tépido capote,
E o felpudo barrete põe por gorra;
E qual soldado, que co' a espada em punho
Cuberto de coiraça adamantina
Imigas tropas accomete ousado;
Por entre os sibilantes ventos rompe,
E vem unir comigo as forças tuas;
Espanquemos daqui o duro inverno,
Os mordazes cuidados espanquemos:
Va-se tudo de nós embora, menos
A próvida Saude, a Paz singella,
A candida Amizade, e essa formosa
Irmãa de todos ellas, a Alegria,
Que todas quatro cá te esperão lédas
Assentadas á mesa: vem depressa;
O fogão invernífugo já arde;
Tenro perú a lento fogo assado,
E não sei, que mais coisas saborosas
De sua invenção nos appresenta
Na branca mesa o cozinheiro esbelto:
O succo do bacello do alto Doiro
Que em botelhas lacradas por dez annos
Se esteve levedando, já se empola,

Já quer arfar a borbulhante espuma,
E em torno derramar vitaes esp'ritos:
Por ti, e por mim chama; ah! vamos ambos;
Bebamos trinta copos bem bebidos,
Entre brindes a ti, a mim, aos nossos
Bons amigos, ás quatro illustres Nynfas,
Nossas formosas commensaes; aos Deoses
Que folgão ver, quão bem dos dons gozamos,
Que pelo Lyéo Padre nos mandárão;
E digão nossos netos, nesta noite
Que môr façanha os Capitães valentes
Da antiga Lysia entre nós obrárão.

# A
# A L E X I S

*Sobre hum Sonho.*

Hei de contar-te, Amigo, hum caso triste:
Em huma destas noites, quando em somno
Dos trabalhos do dia repousava,
Sonhei, ó Deoses, temeroso sonho,
E inda mal, que foi certo; a mim chegárão
Pelignas velhas, e Sabinas Bruxas,
Feias Estrias, que ás crianças tenras
Inda no berço o sangue novo aventão,
E aos nove dias os sepultos ossos
Dos fundos cemiterios desenterrão;
Nas quaes eu nunca cri, que só por isso
Se vierão vingar de mim ferozes.
De rojo me arrebatão taciturnas,
E a hum adro deserto pavoroso
Me levão, semque eu possa defender-me,
Nem gritar, que não sei, que peso n'alma,
Que grão torpôr na lingua me puzerão,
Que soltar não podia a voz do peito.

E que vi eu então? Entre esconjuros
Queimão alli bravas figueiras; queimão
Luctuosos cyprestes; queimão ovos
De torpe rãa em negro sangue untados;
De nocturna coruja infaustas pennas,
E mais, não sei quaes, hervas erriçadas,
Que a Thessálica Colchos feroz cria.
Em tanto algumas dellas presurosas
Co' veloz fuso sobre a terra girão:
Outras huns livros de Sabellos versos,
E de Marsos encantos estão lendo
Com rouca voz: a terra treme; a Lua
De susto pasma, e as derradeiras pontas
Sóme de todo; attonito de medo
O fero Escorpião encurva os braços,
E encolhe o Drago a retorcida colla,

Brado de susto, e de pavor; dou gritos
De dor e magoa, que abrandar pudérão
Peitos de feras, duras rochas vivas.
Não se abrandão crueis: volto-me á rogos...
Peço humilde perdão; prometto, e juro,
Que dalli por diante a todas ellas
Hei-de adorar por altas Divindades.
De meus ais, de meus rogos se commove
A mór das Bruxas todas: parar manda
O supplicio cruel: e diz-me: Aprende
Infiel a saber, quanto podemos:
Vivirás, mas não sem grave castigo;
Has de soffrer, por teu grão mal em vida,
De dia e noite causticos pesados:
Com ancia de taes males estremeço;
E acordo espavorido; e o moço chamo:
Acode, mas gritando: Levantai-vos,
Que já desde alta madrugada esperão
Por vos fallar dez homens importunos,
E já oiço bater outros na porta:
Amigo, amigo, não foi vão meu sonho;
Desde então até agora nunca cessão
De perseguir-me causticos tenazes.

# A
# ALCINO

*Dando o Author os motivos de lhe não ter escrito em verso.*

Amigo, s'eu pudesse ter sobejo
Tempo, que te escrevesse longa carta,
Huma escrevêra em verso, qual desejas,
Como outra hora já fiz: porem não posso
Tomão-me o tempo mil cuidados duros,
Pensões de vida publica pesada,
Que já me canção nos cadentes annos.
Mas tudo fôra menos, tudo houvera
De soffrer, senão fossem huns teimosos,
Huns causticos cervaes, que me não deixão,
Qu' em apontando, as Musas estremecem,
E quaes aves, que vem falcões rapaces,
Batem as azas presto, e vão fugindo;
Geração imprudente, infesta praga,
Que nas horas mais de ocio, ou de trabalho
Me vem pejar o tempo, sem piedade:
Hum, qual gusmento ganso vagaroso,

Com voltas e rodeios longa historia
Por incidentes varios balbucia;
Conta o que fez, e quantos passos déra,
Poronde foi, quem encontrou, que disse,
Que nada disso serve ao fim da historia:
Outro refere, não já coisas novas,
Saborosas de ouvir, porém já velhas,
Já soadas noticias por mulheres,
Que as não pode aturar hum peito d'aço:
Este toca de douto, e só profere
Frias empolas, leves maravalhas:
Aquelle seus serviços, que assoalha,
Que tem feito sem premio; e já descendo
A' vida alhêa, que me nunca importa,
Falla de huns taes, que não valião nada,
E com tudo Commendas conseguirão;
E eu, ó Deoses, ouvindo disbarates,
Mais mudo do que estatua taciturna!
Poisque te hei de dizer de huns pegamaços
Que ainda ao despedir se me atravessão
No patamal da escada, aonde enfia
O negro Boreas, que constipa o peito,
E alli revezão novas vãas arengas,
Que estoiro de os soffrer e fico morto.
Já te eu oiço repor-me, hum pouco iroso,
Porque lhes fallas, porque não te negas
A gente tão tenaz e pegajosa?
Nego-me huma e mais vezes; mas não basta;

Se saio de passeio, ao recolher-me
Dão-me caça e de encontro me abalrrôão:
Quando me safo delles, eis já outro
A fugitiva espalda me insta, e déstro
Vem-me no encalco, e colhe-me de envolta,
Põe-se logo a la par, e vem comigo:
Hum outro, quando eu passo, da janella
Mal me vislumbra, qual soldado ardido,
Do tópe das amêas bráda: A' tarde
Lá sou comvosco: se á janella chego
Outro apparece, salva-me da rua,
E me empraza mofino, e vou soffrello:
Mas he peior ainda hum mais manhoso
Que me escreve com grandes cumprimentos,
E huma hora certa de fallar me pede;
E que lhe hei-de fazer? safa-te destes.
Amigo, basta: dá remedio a isto;
Ensina-me a fugir destas ciladas,
Que será arte nova, se a descobres,
Que fico seja a mór das artes todas:
Eu prometto estudá-la, e ser hum dia
Discipulo o melhor da tua escóla,
Que livre já de causticos pesados
Com verso inda melhor, do que este agora,
Lhe darei fama, e exaltarei teu nome.

# O AUTHOR

## *A's suas Musas.*

*Eu, Musas, a vós sigo, em vós espero.*

Ferr. Liv. I. C. 8.

Nestes ultimos dias, que me restão,
Para acabar a rápida carreira,
Que já tocando vai a fatal méta,
Quero ser vosso, ó Musas: só comvosco
Quero gastar meus ultimos momentos:
Só vós me assistireis em torno ao leito,
Quando vier a dura Libithina,
Será, se vos eu vir, menos severa:
Só vós me cerrareis os froixos olhos,
Só vós, ó Musas, de meus roxos labios
Recebereis meus ultimos suspiros.
Solto huma vez do corpo o esp'rito, lédo
Descerei aos Elysios, aos ditosos
Reinos da paz: alli se os Deoses prezão
Esta terna affeição, que sempre tive
Por vós, ó Musas, dar-me-hão os Deoses
Nesses formosos valles, onde brilha

Eterno Sol, eterna primavera,
De mistura habitar c'os santos Vates:
Irei, irei saudar o sabio velho,
Sagrado pai das Lusitanas Musas
Illustre Sá, Varão d'alta doutrina,
Que inda mais me ensinou, que a douta Athenas:
Lançar-me-hei nos braços de Ferreira,
Que eu amo ternamente, e sempre leio,
E quanto mais o leio, mais o estimo.
Então conversarei o namorado
Bernardim, e o ternissimo Caminha,
O sublime Cantor do ousado Gama,
O Cantor de Albuquerque, e o que levára
Por sobre as ondas desde a ufana Lysia
O Quinto Affonso á Berberesca Arzila.
Nem menos tratarei os outros Vates,
O suave Bernardes, rico Lobo
De fertil veia, que inda agora corre;
Ó gentil amador da excelsa Laura,
O Vate oriental da nova Lysia,
E o sonoroso Castro d'alta trompa,
Que alçou no Tejo os muros de Ulyssea:
Depois Diniz, Garção, dois bellos astros
Da nova idade, que mil luzes derão.
E o meu dilecto Almeno; ó caro Amigo,
Por quem inda ora lagrimas derramo;
Com que prazer te não verei no Elysio,
Cantando junto ao Sulmonense Vate!

Como estas minhas intimas saudades
Comtigo fartarei! Depois dos nossos
Voltarei meu cortejo respeitoso
Ao grão Meonio Vate, honra de Apollo,
Ao Pastor Syracusio, ao meigo velho
Da Teïa Lyra, a Sófocles sublime,
Ao mavioso Euripides: quão lédo
Verei o meu Marão, que eu sempre adoro,
O sabedor Filosofo Lucrecio,
Que da madre Natura desencerra
Por novo estilo os providos arcanos:
O nítido Catullo, o engenhoso
E fecundo Nasão, brando Propercio,
Facil Tibullo; e outros mais, que Roma
Do alto Capitolio ouvio soberba.
Porem com qual estreito e terno abraço
Te cingirei, meu culto Venusino,
Depois de te amar tanto, e ler teus versos,
Depois de ter passado á Lusa lingua
Quanto cantaste na Romana Lyra!
Desde o somno do leito em vossos braços
Levai-me já, ó Musas bemfeitoras,
A vêr no Elysio tantos Vates Deoses.

## AO DOUTOR
## RICARDO RAIMUNDO
## NOGUEIRA

*Em louvor das Bellas Artes do Desenho, da Pintura, e da Esculptura.*

Por que razão louvando, Amigo, os Vates
Em altisono métro tantos feitos
De guerreiros heroes, de Reis potentes,
Tantas prendas gentis de gentis damas,
Nunca louvão no canto seu os grandes,
Os famosos Artifices sublimes,
Que ao vivo a bella Natureza imitão?
Tu, que as Artes de Gosto tanto prézas,
Quanto mais sentes seus encantos bellos,
Péga hum dia da Lyra; põe nas cordas
Os nomes desses homens bem fadados,
A quem bafeja o Ceo, a quem Natura
Debuxos, e modelos seus entrega,
A quem as Artes dão poder sublime
D'irem inda mais longe, que ella mesma,

De crear novos Sêres, imprimindo
Em estranha materia novas formas.
Qual ante todos cantarás no verso?
Aquelle, que primeiro vendo a sombra
Do gentil corpo da adorada Nynfa,
A' forma, que assim mesmo obscura, he bella,
Correo com hum feliz transporte, e logo,
Debaixo de seus olhos encantados,
Com seus ligeiros dedos cobiçosos
As bordas e os perfis fixou contente
Da sombria figura; este, ó Nogueira,
Primeiro venha aos nobres sons da Lyra.
Elle imitando o doce objecto, que ama,
Nas proporções, que risca, nas medidas,
Deo a sublime creadora idêa
Do *Desenho* e *Debuxo*, apoio ás Artes,
Que próvida Minerva ensinar veio
Aos bisonhos mortaes na antiga idade.
Depois deste te pede a Lyra aquelle,
Bem querido do Ceo, que fez primeiro,
Que o mágico pincel co' sabio accorde
De quatro cores, que do arco ethereo
Iris formosa na palheta entorna,
Empregando a figura, e os vivos traços,
Ao panno, á taboa, á lamina polida,
Fiel os proprios vultos trasladasse,
De tudo, quanto os olhos vem no mundo.
Já huma nova natureza nasce,

Novos Sêres resurgem sob os rasgos
De seu almo pincel, da mão fecunda,
E o que inda he mais, de seu poder celeste,
(Que mais podia hum Deos fazer na terra?)
Os moldes todos manejando déstro
Da varia forma humana; delles tira
Transumptos taes, que hesitas duvidoso
Entre o mesmo or'ginal, e a copia bella.
Assim, assim rival da Natureza
Nossas feições, e gesto, nossos ares,
Quaes ella os deo, ao vivo nos traslada.
Desta arte, oh portentosa maravilha!
Com nossa semelhança, nova vida
Nos dá, o nosso ser reproduzindo,
Que cuidas, que são dois hum mesmo objecto.
Que prazer grato d'um saudoso amigo,
Não he vêr, que inda quando a morte rompe
Os nossos doces laços da amizade,
Esse objecto querido, que nos leva
Nossa homenage ao tumulo funesto,
Apesar da distancia, que o separa
De nossos olhos c'uma sombra eterna,
Em sua mesma imagem cá nos resta!
Nella comnosco vive sempre amado.
Nem menos te mereça hum novo canto
Ess'outro, que alcançou por premio digno
Huma palma immortal das mãos dos Deoses:
Elle pôde com arte sobrehumana

Affeiçoar hum rustico madeiro,
Ou já vivo rochedo desbastando,
A informe pedra arredondar; torná-los
Co' a tenaz goiva, c' o sinzel potente
Em diversas figuras; converté-los
Inda mais vivamente, que a Pintura,
Nas feições naturaes d'um corpo humano.
Elle desta arte poderoso ensina
Ao tosco páo, ao marmore rebelde,
A tomar de hum Varão a forma augusta,
A tomar meigos ares, brandos modos
D'uma linda Donzella, e as gentis graças,
Os sorrisos da boca, o ar dos olhos,
Os dois globos, que o niveo peito guardão;
O garbo de seu cólo; o corpo airoso;
E o macio das núas alvas carnes,
E não sei, que inda mais de vivo e tenro,
Que os olhos só de a ver se lisonjeão;
E cuidas, que respira, e a mão apalpa,
Por vêr se bate o coração no peito.
Assim, assim do marmore lusente
Sahe alto Heroe de poderosos braços;
O Hercules de Glycon, que ameaça
C' o torvo aspecto, co' a tremenda Clava
Domar da profanada terra os monstros:
Assim do seio do alabastro nasce
A bellissima Venus de Cleoménes,
Prazer da Natureza, que inda pasma

Das attitudes, dos gentis contornos,
Com que enamora a terra, os Ceos, e os mares.
Que falta, porque seja viva a imagem,
Que o creador sinzel na pedra talha?
Quando o grão Donatello, transportado
D' éstro divino, que lhe inflamma o genio,
A' sua estatua deo ultimo golpe,
Co' a soberana voz gritou-lhe: *Falla.*

# A
# ANTONIO FERREIRA
## DE SAMPAIO

*Sobre o estudo da Lingua Portugueza, pelo que respeita aos Prosadores.*

---

„ *Floreça, falle, cante, ouça-se e viva*
„ *A Portugueza Lingua.*

Ant. Ferr. Liv. I. Cart. III.

---

Tens lido de Francezes, de Toscanos,
E dos outros, que banha o fulvo Rheno,
E o Tamisa soberbo: ah! volta, amigo,
Volta já da carreira, que levaste;
Volta-te aos nossos, que não menos, que esses,
Que tanto exalças, são de gloria dignos:
Delles estuda bem a Patria Lingua,
Lingua outra hora tão farta, tão refeita
De bellos termos, de escolhidas frases,
D'Attico estilo, de gentis maneiras,
Que não cedia a Italos, a Francos,
E menos a Bretões, inda então rudes,
Ou a vermelhos Gothicos Tudescos.
Que falta nella, se a tu bem souberes,

Para escrever com penna sublimada
Obras dignas de cedro? Se tu queres
Fallar em rica prosa, a sabia Elysia
Grave e fecundo idioma te apresenta,
De que possas tirar caudal riqueza.
Eis primeiro, que todos já te mostra
Nossos antigos Padres, opulentos
Creadores da Lingua, os que formárão
As Leis do Quinto Affonso, grão thesoiro
Da Sciencia Civil, que os povos rege:
O grande Author do nobre Condestable,
Que quantos termos tem, tem outros tantos
Dobrões e joias de valor immenso:
O piadoso Alcobaça, grande mestre
Da Lingua e da virtude: os Tres Estados
Da formosa Christina, e as santas obras
Da devota Noronha, honra do sexo,
Deosas do Elysio Ceo, que inda hoje brilhão.
O nobre Bernardim, muito saudoso
Alma amorosa e terna, que grão somma
De maneiras eroticas, de frases
De grande extremo em seus escritos volve!
Com estes ajuntar já pódes outros;
O rico Lopes, grão Chronista antigo,
Manancial perenne de mil termos,
De grave estilo, de dicção fecunda:
Azurara, e Galvão, e Pina, todos
Altos Padres da Lusa Historia e Lingua,

Passa depois aos outros mais polidos
Do évo d'oiro, que de novas galas
Vestem a Lingua: volta-te ao mór delles,
Ao douto Barros de immortal memoria,
De todo o bom saber luzido Mestre;
A Goes, Couto e a Lucena e a Pinto,
Que do claro Ataide os feitos narra,
Escritores de grãa valia e preço:
Nem te esqueça entre tantos lêr com gosto
O simples e singello Castanheda:
As Viagens de Pinto encantadoras,
Herodoto de Lysia: o claro Andrade,
Que ao bonissimo Rei dos claros Lusos
Ergueo padrão de gloria em seus escritos:
E o grave Castanhoso, que hum dos Gamas
Eterno fez, seus feitos memorando.
Com que palavras te direi, que leias
A Moraes, bello Author do Palmerino,
Que fixou o primôr da Lusa Lingua,
Que nos leva após si com mil façanhas
D'Andantes Cavalleiros esforçados,
Nobres Damas, e pontes, e castellos
Co' a forte espada em punho defendendo.
Que não acharás tu em Vasconcellos!
Quão largo cabedal ufano ostenta
Nessa briosa Tabola Redonda,
Em que conta proesas, nunca ouvidas!
Quanto alarde te faz com gentileza

Nas tres comicas peças, em que ajunta
Adagios, annexins, e mil sentenças,
De todo o bom fallar formosas galas!
Quanto não acharás nas claras obras
De Pinheiro gentil, que romancêa
Muitas vezes de origem Lacia, e a Lingua
Com novas frases, com maneiras novas,
Mais louçãa inda fez, do que antes era!
Nem te faltão, se os queres, eloquentes
Escritores de unção sagrada; observa
O douto Paiva, clara luz da Igreja,
Alto farol de Trento: o sabio Fêo:
Corrêa c'os triunfos seus illustre:
O Ceita popular: o nobre Calvo:
O douto Hilarião: o Bras perfeito:
O captivo Thomé; e os dois, que brilhão,
Quaes estrellas Tyndarides fulgentes,
Heitor e Arraes de erudição fecunda,
Que nos dão co' a palavra amena e grave
O sabor da verdade e da virtude.
Quão luzido esquadrão se segue a estes,
Em cuja frente vem, illustres guias
De nossa Historia e Lingua o grave Brito,
E socios seus os dois Brandões discretos,
A quem devidos são padrões de gloria:
Esse harmonico Freire, que engenhoso
Periodo gentil, brilhantes frases
Devolve em novo estilo, quando conta

Do grande Castro as immortaes façanhas:
O facil Sousa, que a dicção voltêa,
E qual a molle cera, a move e abranda,
E a faz flexivel, onde quer que a leva:
O sabio Nunes, escritor de Lysia,
Que muito honrou a Toga, muito as letras:
As successões de Pinto, alto vassallo,
Que escreveo com vigor de illustre pluma:
As bellas Epanaforas de Mello,
Que novas voltas deo á Lusa prosa:
E as obras todas desse engenho raro,
De todo o bom dizer cultor facundo,
Honra da Lingua, o immortal Vieira.
Nem desprezes, se mais riqueza ainda
De outra estôfa procuras cubiçoso,
As fieis relações dessas viagens,
Que Brito e outros estampárão: quanto
Cabedal de expressões não volve a Lingua,
Costumada a fallar ao mar, e aos ventos,
A fallar c'os Tritões e co' as Nereides,
C'os Deoses todos do ceruleo imperio!

## AO MESMO

*Sobre o estudo da Lingua Portugueza, pelo que respeita aos Poetas.*

Perguntas-me, se nossa Lingua, sendo
Rica na Prosa, o he tambem no Verso;
E tão nobre e gentil, que subir possa
Apár das outras, que ora brilhão tanto.
Respondo-te, que sim: que buscas nella
Que o não aches em larga copia! muita
Nobreza de dicção, viva energia
De vocabulos proprios pitorescos,
Imitativos sons da natureza;
Valentes expressões, concisas frases,
Que fundem muito em pouco; agudo estilo,
Que vigorosa grava de hum só traço;
Ufania de bellos termos; lindas
Maneiras de dizer, gentis floreios
De todo o bom fallar, e airosas voltas;
Riqueza e pompa de formosas galas,
Com que apparece nos festivos Córos.

Que te direi da grata consonancia,
Melodja de metro sonoroso!
Musica Lingua, igual á Lingua Argiva,
A' Italica igual, suave e doce,
Por sua mesma harmonica estructura,
E por tons naturaes, que de si tira,
Com as mais gratas sensações te falla
Ao delicado ouvido, á fantasia,
Falla-te ao esp'rito, e ao coração interno:
Variada nos musicos accentos
Tóma todas as formas, que tu queres;
Ora branda e frautada os sons adoça
Para cantar amores e prazeres;
Ora forte os sublimes sons levanta,
Para cantar Varões, e feitos d'armas.
He outra nova lingua; não a tóca
Profano vulgo; nem a mesma prosa,
Bemque possante e farta e bella e altiva,
Por mais que a tu releves, jámais póde
Com ella emparelhar gentil carreira:
Idioma sagrado d'altas Musas
Sóbe longe da terra aos astros puros,
Campêa pelo Olympo, e falla aos Deoses.

Se desejas de ver tantas grandezas
Com teus olhos, Amigo, acharás tudo:
Vai-te ao Luso Parnaso; ouvirás nelle
Moraes rimances, que esse grão Miranda

Ao som das cordas da tiorba então:
Ouvirás de Ferreira altos poemas,
Que Febo lhe inspirou em dias d'oiro;
Ambos de estilo presso e fundo e grave,
Ambos claros Filosofos Poetas,
Iguaes aos Vates Gregos; verás nelles
Doutrina sãa, decóro, escolha, e gosto,
Nem falta, nem sobeja, tudo exacto,
Imitação da bella Natureza,
Do verdadeiro e bom principio e base.
Nem tu deixes de lêr as brandas rimas
Do amoroso Caminha, que podião
Dobrar Filis ingrata a seus queixumes:
Em lêr doce Bernardes, que adormece
Ao som do mago verso, que descanta,
O patrio Lima seu, o Doiro e o Tejo.
Que te direi do grão Poeta! volve
O divino Camões, que novo idioma
Poetico creou com ousadia
No Poema immortal, que as Musas amão;
Em que deo brado ao mundo, eternizando
Os altos nomes dos heróes de Lysia,
Senhores de Neptuno e seu Tridente.
A este ajunta os dois, que as Musas honrão,
De variadas expressões e fallas,
O claro Andrade, que o primeiro cerco
Cantou da forte Diu vencedora,
De Lysia alto padrão, terror da Asia;

E o Corte Real, já memorando
Do forte Viso-Rei altas façanhas;
Já lamentando em funeral estilo
O misero Sepulveda, e a formosa
Leonor infeliz, e os caros filhos,
Em tanto amor gerados, todos moftos
Nas ardentes arêas Africanas,
Do irado Adamastor feroz vingança.
E cuidas que só nestes se resume
O luzido esquadrão dos bons cultores
Da Patria Lingua em numeros sonoros?
Ouve ainda com gosto os sons campestres
Desse douto Leonel, que o Mantuano
Vate faz nosso; e nos ensina grato
Todas as uteis artes camponezas:
Quanto não te dará gentil Camena
Do Lobo Cortezão e Peregrino,
Que com mil flores, que colheo nos prados,
Que os graciosos Lis e Lena banhão,
Suas prosas bordou, bordou seus metros!
Nem tu deixes de ouvir as harmonias
Das formosas Canções do altivo Veiga,
Que a bella Laura ainda hoje préza, e ama;
Nem as rimas de perolas toucadas,
Que opulento Fernão nos trouxe hum dia
Ou já dos reinos da Indiana Aurora,
Ou já desse paiz do Deos da Arcadia.
Se queres vêr n'uma só obra junta

Toda a baixella de mui ricos Vates,
Ao altisono Franco, grão Poeta,
De largo cabedal, de culta Lingua,
Pede te mostre os preciosos cofres
Da Eneada sublime, aonde encerra
Toda alta Lusa e Lacial riqueza,
Que elle podia, s'outros nos faltassem,
De toda a louçanía de palavras,
De toda a frase da dicção canora
Abastecer a Lusitana Lingua.

# O
# AUTHOR

*A's suas Musas.*

Eu quero ser só vosso, ó Musas; quero,
Antes que parta desta vida breve,
Dar-vos meus dias, ultimos momentos:
Longe de ruins cuidados, de fadigas,
De comprimentos cortezãos, de honras,
Que nunca fartão corações famintos,
Quero passar comvosco neste campo
A mim, e só a vós entregue todo;
E sob esses frondosos arvoredos,
Mais, que os de Algido frio, ou de Erimantho,
Mais que os do negro Crago deleitosos,
Cantar comvosco os alternados versos,
Huma hora sobre a Lesbica tiorba,
Outra hora ao som da Venusina Lyra:
Aqui hum dia chegue, quando queira
A morte, que já póde tardar pouco:
Eu em vosso regaço reclinando
A cabeça de louro guarnecida,
Cerrarei os meus olhos docemente,
E a vós darei o meu final suspiro.

# A

# A L F E O

*Exhortando-o a levar com paciencia os traba de sua vida.*

---

*A paciencia os casos facilita;*
*Soffrendo has de vencer fortuna e fados.*
*Sempre o animo ergue a cousas altas;*
*S' ellas faltarem, vejão, que não faltas.*

Castro Ulyssea C. IV. Est. 118.

---

Li tua carta, caro Amigo, e vejo
Em quaes duras fadigas vives; quantas
Afflicções e tormentas vais correndo,
Por guardar com firmeza, inda com risco,
Quanto te manda a Lei, o cargo, a honra.
Que queres, que de cá te diga? Em roda
Desse teu coração hum forte muro
D'alta constancia põe, em que despontem
Todas as setas da voraz inveja:
Encastellado co' as virtudes santas,
Que tens nessa tua alma pura e nobre,

Não desças da tenção, que levas prêga
Olhos no Ceo, e nessa clara estrella;
Que tanto te ligou á Patria: segue-a,
Como certo farol, na noite escura:
Anima-te com ella; não te acurves
Aos trabalhos da vida, que foi dada,
Para a vivermos entre bens e males:
C'o mesmo rosto igual, com que gozámos
A prospera fortuna, havemos firmes
De soffrer a má sorte: he este Amigo,
He este o fôro, com que já nascemos;
Ninguem se isenta: a provida Natura
Alterna as estações, alterna os tempos,
Ora serenos, ora mais nublados:
Assim revésa o bem e o mal; reparte
Seus prazeres, mas dá tambem seus agros.
De qualquer modo que succeda, humilde
Adóra sempre a alta mão dos Deoses;
Bemdiz o Ceo, se bens te dá benigno,
Bemdiz o Ceo, se te elle dá trabalhos.
Não os manda debalde a Providencia;
Tornão-se em nosso bem se os bem soffremos;
D'outros inda maiores nos presérvão,
Fataes ao coração do homem justo:
Folgada vida, vida sem fadigas,
Sem encontros do mundo, muitas vezes
Pende para as paixões, para os deleites,
E para os companheiros delle, os vicios.

# O AUTHOR

*A's suas Musas.*

Eu chamo só ditosos os meus dias,
Os dias meus, que eu só comvosco passo,
O' Pierides Musas: chóro os dias,
Que dispendo forçado c'os negocios
De gentes importunas, com visitas,
Com comprimentos vãos, com vãos cortejos.
Quando os fados, mais brandos a meus votos,
Me dão furtar-me huma hora a taes trabalhos,
Que grão prazer no peito me tresborda!
Lanço-me a vossos braços, Musas, lanço-me
No brando cólo, no regaço meigo
De ti, minha Urania, de ti Clio,
De ti Polymnia, de ti, bella Eutérpe:
Vós me c'roais a fronte: vós benignas
Me dais engenho, e esp'rito, e arte, e lima:
Então pego da Lyra, firo as cordas,
E faço soar nellas Deos, Natura,
Homens bons, e os Amigos, e a Virtude.

# AO DOUTOR
# JOSE DA SILVA XAVIER,

*Medico da Villa de Setuval, exhortando-o a celebrar em seus versos os grandes Filosofos do Seculo XVII.*

---

Demos louvor, ó Silva, aos Varões sabios,
Claros filhos do Sol e da Natura,
Deoses da terra. Tu, a quem Apollo
Raiou logo no berço, e os dois podêres
Seus te doou, os altos nomes canta
Dos sublimes Filosofos, que dérão
Luz á Verdade, nova força ás Artes.
Por qual começarás? Hum se apresenta,
Que por cima dos mais altêa a fronte,
Banhada em resplendor de luz formosa.
Em densa tréva estava o mundo envolto,
A Natureza Fysica coberta
D'um denso véo ainda não mostrava
Os seus segredos aos mortaes errantes;
Eis soa a voz do claro Verulamio,

Como divina voz d'um Deos do Olympo;
Combate o erro, as prevenções desarma,
E os vãos fantasmas, illusões antigas,
Que nas escólas barbaras reinavão,
Para os Cimmerios montes affugenta:
Novas vias ensina, que endireitão
Com mór certeza aos penetraes sagrados
Das Fysicas verdades recatadas.
A poderosa voz do Varão sabio
A marinha Albion ouvio, e a Gallia
E a bellica Germania, e o Belgio, e a Italia,
E as Nações Boreaes, e a clara Hesperia.
Eis já batendo as azas luminosas
Chega a doirada idade, em que parece
Renascer por si mesmo o esp'rito humano;
Vem com ella, c'roado d'alta gloria,
Descartes immortal, engenho vasto,
Qual d'antes se não vio: ensina o homem
Primeiro a duvidar, antesque pense;
E a evidencia ter por só verdade:
Elle cheio de luzes soberanas
Hum novo mundo amostra ao mundo inteiro.
Eis nasce nova Fysica sublime;
Nova ordem de coisas da Natura;
Outras novas sciencias: á porfia
Com viris forças esquadrões luzidos
De Filosofos sabios vão correndo
A fazer descubertas e conquistas

Nos vastos campos, que Natura off'rece,
Que pedem no teu verso alta memoria.

Do Orbe inteiro a descripção presenta
Geografo Varen, qual nunca vírão
Os seculos antigos: a teus olhos
A historia natural da terra escreve
Illustre Woodward; e della amostra
Robison sabio a nova anatomia;
E a nova Protogêa te dá Leibnitz,
Clarissimo Varão de immortal fama.
Co' a vasta theoria, em que he possante,
Da subterranea Fysica, que coisas
Nos não descobre Beccher, que merecem
Hum hymno excelso das Aonias Musas!
Quantas outras co' próvido soccorro
Dos instrumentos opticos descobrem
Hooke e Power, que de infindos entes
Povoárão a terra, e a mente humana
Com diversas noções enriquecêrão.

Prepara agora hum novo Canto, ó Silva,
Que desde o Sado teu, delle soberbo,
Soando vá por toda a terra; e leve
Em nobres rimas de canoro accento
De Cesi e de Colonna os claros nomes
Na formosa Botanica fecunda;
Esses de Hermánt, de Morison, de Grewe,

De Ray famoso, que inda os passa ávante,
Novos methodos dando, novas plantas;
E desse mais que todos soberano
Amavel Tournefort, hum Deos dos campos;
Qu' os thesoiros abrio da natureza,
E mostrou seus portentos, produzindo
Do Reino vegetal nova sciencia.
Eis já te chama a Fysica brilhante
A que cantes os seus: quem mais merece
Tua eloquente voz que o grande Newton,
Que qual Deos creador do dia, disse:
Haja luz e houve luz; e o Sol brilhante
Desde então estendeo mais claros lumes
Desde os berços da Aurora aos fins do Occaso!
Quem mais que o alto Guerrik, que na Germania
A Fysica illustrou com seus inventos!
Qu' o Britannico Boyle, d'alta fama,
Que d'azul atmosféra o peso indaga,
E a elastica natura desencerra!
Qu' o claro Torricelli, que calcúla
A medida do ar e a gravidade;
E huma nova Fysica te mostra!
Que o douto Poliniere; e o sagaz Hales,
Novo genio, que a statica pasmosa
Das plantas e animaes creou potente!

Qual louvor te não pede sublimado
No verso teu Ruysch, manejando

A util Anatomica sciencia!
D'um angulo da Belgica recebe
Tributos de respeito, que lhe rendem
Os sabios todos das nações polidas.
Qual os tres Bartolinos, Riolano,
E Malpighi, Varões de excelso nome,
Que muitas coisas, d'antes não sabidas,
Destros no corpo humano descobrirão!
Qual o sagaz Harveo, que nelle observa
O circulo do sangue! qual Santorio
Que em balança fiel a todo o instante
Subtil transpiração lhe mede exacto!

Com novo plectro ferirás as cordas
Da eburnea Lyra, quando já quizeres
Fazer nella soar Le Févre illustre,
Que a Chymica tirou de baixo estado;
O Indiano Homberg, hum astro novo,
Que mandou Jáva a esclarecer a Europa;
E o grande Lemery, que fez prodigios,
De que ainda se espanta o mundo inteiro.

Porem que canto guardas, mór que todos,
Para exaltar os teus, que bem fizerão
A' saude dos homens; que seus males
Co' as prestadias artes repellirão,
E mil vezes c'o provido soccorro
Já do leito da dôr affugentárão

A crua morte, que buscava ousada
A miseros mortaes roubar a vida!
Assim, assim ao bem da Humanidade
Seus profundos estudos consagrárão
O douto Sydenham, o sabio Redi,
Os eruditos Hoffman, Bellini,
E hum dos nossos, o sagaz Zacuto,
Honra immortal de Apollo honra de Lysia,
Que todos por seus meritos sublimes
Da tua Lyra os nobres sons demandão.

## 276

## AO MESMO

*Exhortando-o a celebrar na sua Poesia os grandes Filosofos do Seculo XVIII.*

Amigo, poisque minha carta pôde
Despertar o teu éstro, e te aparelhas
C'o verso nobre, que te inspira Apollo,
A' grande empresa de cantar daquelles
Filosofos sublimes d'alto nome,
Que o êvo d'oiro ennobrecêrão tanto;
Não te esqueças dos outros, que vierão
Depois delles ao mundo, onde de novo
Grande facho de luzes accendendo,
Na Natureza novas descubertas,
Novos progressos na Razão fizerão.
Hum seculo c'roado d'alta gloria
Levou na fronte seus excelsos nomes,
Que dão objecto a peregrino canto.
Tu nelle louvarás os Varões sabios,
Buffon, o novo Plinio, que divaga
Por todas as campinas da natura,

Que a seus extensos olhos se apresenta:
O claro Vallisnier, jamais cançado,
Que valles, campos, montes, altas serras,
Escarpados rochedos discorrendo,
No alcance vai das intimas verdades:
Guetard e Saussure, e o grão Valerio,
Que as grutas, os metaes, as duras pedras,
As minas, e as montanhas indagando,
Novos portentos descobrir pudérão:
Tambem Marsigli audaz, que se submerge
No profundo do mar, que grandes coisas
De lá nos trouxe á clara luz do dia,
Que inda a marinha Thetis recatava
Sob o ceruleo véo de immensas aguas.
Qual rima não merece sublimada
Linneo o Dioscorides moderno,
Que senhor dos segredos d'alta Flora,
Novo systema sexual das plantas,
A' prisca idade ignoto, patentêa!
Reduz com genio creador á Arte,
Quanto em diversas classes pôz natura!
Reaumur nos insectos quanto mundo,
Quanto Trembley descobre nos polypos!
Quanto já Lyonet nas mariposas!
Com estes te virão á eburnea Lyra
Du Hamel e Bonet, claros engenhos;
Daubenton, Jussieu, que lhes não cedem;
E Rozier illustre, que os iguala;

Que aos mineiros, que aos saes, que ás varias te
Qu' a outros muitos naturaes productos
Seus profundos cuidados consagrárão.

Não deixarás outros Varões prestantes
Sem o brado das Musas soberanas,
Vinslow, que a Anatomia manejando,
Mostra do corpo humano a mola e o jogo:
Valsava, e mais Albini; e mór que todos
Déstro Morgani, hum novo Deos na terra,
Que per si só huma época fizera,
Cheia de gloria, quando os mais faltassem.
Colherás de Helicon formosos loiros
Com que possas c'roar as doutas frontes
Ao nobre Lavoisier e ao claro Junker,
A Sthahl, e a Geoffre (*), Chymicos sublimes,
E ao subtil Macquer, a quem deo natura
Os corpos descompor, formar potente
Extracção dos metaes, que o mundo assombra.
Eis já outros em scena te apparecem
Com luzido esplendor Varões famosos,
Que todo o verso pedem d'altas Musas:
O illustre Backe o ar dos corpos fixa;
Scheel do fogo a natureza indaga,
Francklin descobre a Electrica virtude:
E o grande Priestley, que se eleva aos astros

(*) Geoffroy.

rias substancias te analysa.
ı que canto para os teus não pede
rcia e Smintha o tutelar Apollo!
e aponta para os novos genios,
Baglivio, douto Boerhaave,
r profundo, sabio Van Swieten,
:r illustre, que a Vaccina inventa,
n e Frank de immortal memoria,
ıgaz Cullen que com raro aviso
:rvoso systema as Leis te mostra.
lhes deo poderes soberanos
ırtes salutiferas celestes,
ı já déra a Chiron, quaes a Melampo
ı elle a ti te deo hum dia, quando
mente co' a Lyra alta sciencia
ou liberal, com que pudesses
novo alento restaurar as perdas
ıude do homem, e dá-lo á vida
is de o ter roubado ás mãos da morte.

## A
# FILENO

***Que pedia conselho sobre quaes Poetas devia ler.***

Tu me pedes conselhos, quaes Poetas
Depois dos claros Gregos e Romanos
Lerás nas horas ao prazer só dadas:
Que queres, que te diga? Que te inculque
A lição dos estranhos, que se estima

Mais macia, que branda cera, a tudo
Se dobra; a tudo mui cortez se inclina,
E quantas fórmas tu quizeres, toma:
Se Epica tuba altiva resoando
Esse teu peito inflamma, eis te apresenta
O immortal Camões o seu divino
Poema, honra das Tagides formosas,
Honra de Lysia, resplendor das Musas,
Em que póde levar por virgens mares
Desde as ribas do Tejo aos fins da Aurora
Os intrepidos Lusos Argonautas,
Novos Deoses do mar e do Oriente:
Vem Castro, herdeiro da Meonia tuba,
Que desde essa abrazada Troia trouxe
Por varios casos, espantosos riscos
O sabio Ulysses a fundar em Lysia
A grãa Cidade, e o poderoso Imperio,
Que estende o sceptro augusto a quatro mundos.

Queres ouvir a musica divina
Do Eolio Cantor, de Anacreonte,
D'Alceo, de Sappho, do Romano Cisne?
Quaes harmonicos sons nos não soltarão
As Lyras de Camões, alma sensivel
A's vivas affeições, que Amor lhe inspira!
As do Veiga, a quem Laura bella anima,
Bafejado d'Apollo! e as desta idade,
A's antigas iguaes, dos novos Deoses

Da Lusitana Cithara canora,
Brando e doce Garção, Dinis sublime,
Que os mélicos accentos entoárão
Ou á sombra dos myrthos amorosos,
Ou no Olympico circo resoando!

Gostas tu da singella natureza?
De ouvir cantar nos campos deleitosos
Puros amores, pastoris cuidados,
Alva innocencia de huma vida simples?
Quem melhor, que Miranda, que Ferreira
Os sons desfere da silvestre avêna?
Quem melhor que Camões; que os dois Ribeiros;
Qu' o amoroso Bernardes, doce e brando
Cantor do Lima; que o Apollineo Castro; (**)
Que o Lobo pastoral, em cujo seio
As Sicelides Musas derramárão
Mil bonitas gentis do campo ameno?

Se a lingua das paixões do centro d'alma
Commove mais teu peito, entra na scena,
Que nas margens do lugubre Mondego
Te apresenta Melpómene severa:

(*) Bernardim Ribeiro; e Antonio Ribeiro, author de h
Bucolica de dez Eglogas, impressa em Lisboa em 1586. 8.°

(**) Estevão Rodrigues de Castro, que compoz Rimas,
pressas em Florença em 1613, entre as quaes vem duas exce
tes Eglogas.

Já soão vozes, nunca ouvidas d'antes,
Do mais ardente amor, de fé constante,
De alvoroço e prazer e de ternura;
De medo e susto, e de esperança incerta;
De viva compaixão, de terror fero;
De aguda mágoa e dor; de voraz ira,
De vingança e furor; de tudo, quanto
Em perda immensa d'hum amor extremo
Agita hum coração sensivel, grande.
Tudo ouvirás na lamentavel Castro
Do Tragico primeiro d'alta Lysia.

Se para divertir teus pensamentos
Das tragicas imagens procurares
Os Comicos jocosos, que deleitão
Corrigindo ds costumes com seus casos,
Elysia em toda a arte rica, acode
A teus desejos: ei-lo põe em scena
O velho Gil, de fesceninas fezes
Untado o rosto, que dançando airoso
Ao som dessas doçainas com motetes,
Com instructivos joviaes cantares
As Atellanas farças te apresenta.
Que ouvir o grande Erasmo desejava;
Aonde, como em Ennio o Mantuano,
Podes achar muita palheta d'oiro.
Nem te fallece co' as Plautinas graças
C'os donosos primôres de Terencio

Nos Villalpandos já, já no Cioso,
Peças originaes do Luso Febo.

Pedes tu por ventura ás castas Musas
Em didactico estilo puro e bello
Poetica moral? na clara Lysia
Inda muito melhor, que em Grecia e Roma,
Monumentos se off'recem consagrados
A's instrucções do homem: lê as cartas
Do grave e douto Sá: torna a Ferreira,
Que grãa riqueza nellas! que doutrina!
Que profundo saber do mundo! quanta
Do coração humano alta sciencia!
Quantas regras de bem viver se encerrão
Na rica lingua, no sisudo metro,
Que a nenhum já de Lusos, já d'estranhos
Antigos, ou modernos, dão vantagem!
„ Separai estes livros d'oiro „ (disse
Hum dia ás Musas Febo) „ ponde-os ambos
„ Nas sacras aras da immortal Virtude.

# O AUTHOR

*Aos seus Livros.*

Salve, ó meus Livros, Livros escolhidos
Por vossos proprios meritos sublimes,
Minha saude e vida, meus prazeres;
Mimos dos olhos meus, altas delicias
De meu esp'rito, que vos ama terno:
Qu' seria de mim, se o iniquo fado
Me forçasse a viver de vós ausente!
Salve, ó grão pai dos Vates, douto Homero,
De vasta fantasia, e éstro ardente,
Que as Gregas hostes discorrendo accendes
Labaredas, que excitão homens, Deoses;
Salve, ó Marão divino, ó grão Poeta
De fundos sentimentos d'alma terna,
Que nunca cesso de te ler, nem canço.
Salve, Lucrecio, ó filho da Natura
Que te ensinou reconditos arcanos
Desse vasto Universo, nunca ouvidos

Na Lingua Lacial. Salve, ó grão Flacco,
Honra de Roma, honra de Venuza,
Com quem tenho vivido docemente,
A quem impresso trago na memoria,
E até na patria Lingua trasladado.
Salve, vós outros, que por muitas vezes
Cantar ouvio o alto Capitolio
No gentil coro das Pierias Musas.
Salve vós, que inda agora as paixões d'alma
C'o forte estilo commoveis potentes,
Demosthenes sublime, nobre Tullio.
Salve, Ferreira meu, que bem seguiste
Os Laciaes e Gregos; meu grão mestre,
De bom saber, de siso, de são gosto,
De proveito geral a todos: salve
Outra vez, homem de respeito e d'honra,
Zeloso Cidadão e Magistrado,
Filosofo e Poeta, amor dos Deoses.
Salve comtigo ó outro, que te iguala
Na sãa Doutrina, sabedor Miranda,
Mestre das Musas, Mestre da Virtude.
Salve, Camões sublime, grão Poeta,
Que déste brado á Lysia, decantando
As nauticas façanhas, que exalçárão
Desde o Tejo gentil aos fins do Ganges
O Lusitano Nome e o alto Imperio.
Salve, Castro de trompa altiva e forte,
Que inda desse teu éstro sublimado

Saltão faiscas do sagrado fogo
Da fulgurante Iliada, que accendem
Nos campos de Ulyssea ardidas tropas
De fortes Gregos, de valentes Lusos.
Salve com estes todo o coro inteiro
Dos outros Vates de canora Lyra,
Filhos do Tejo, Lima, Doiro e Lena;
Salve, ó Padres da Historia, grandes Mestres
Da vida humana; vós que relatastes
Feitos da Grega e da Romana gente
Herodoto, Thucydides, Sallustio,
Tacito e Livio. Salve, vós, ó Padres
Tambem da Lusa Historia venerandos,
Lopes, Pina, Galvão, illustre Barros,
C' os outros anciões, que a Lysia honrárão.
Salve, immortaes Filosofos, famosos,
Epitecto, Plutarcho, Xenofonte,
Que as virtudes moraes nos ensinastes.
E sobretudo salve, ó Livro Eterno
Das sublimes verdades, que benigno
O Ceo por nosso bem mandou á terra,
Farol luzente na carreira humana.
Salve, vós outros todos das mais classes,
De Nações varias, de differentes Linguas,
Que eu sempre muito amei, que aqui não posso
Hum por hum nomear, bemque sois ricos
De elegancia e doutrina; salve todos,
Não huma, duas, tres, porem mil vezes;

E ouvi as preces, que eu por vós só faço:
Rógo ao Ceo, que depoisque vos eu deixe
Finando estes meus dias já cançados,
Passeis a doutas mãos, que vos estimem
Como eu cá sempre vos prezei amigo;
Que ainda hum dia o novo dono vosso,
Quando vos registar, possa lembrar-se
Do antigo dono, que tivestes; possa
Meigo dizer-vos: vós, ó Livros, fostes
Do Duriense Elpino Lusitano:
Elpino vos amou mui ternamente,
E eu vos amarei por vós, por elle.

# A
# FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER

*Rogando-lhe que celébre em seus versos os mais esclarecidos Mathematicos Modernos dos dois ultimos Seculos.*

Os teus severos inclitos estudos,
Com que abranges o Ceo, e a Natureza,
Deixa, meu Stockler, repousar hum pouco;
Alguns momentos dá ao prazer doce
De tratar com as Musas: não debalde
Em ti formárão esse engenho raro,
Essa eloquente voz, com que bem podes
Louvar Deoses e Heroes, de Deoses filhos:
Semque saias da esfera luminosa,
Em que brilhas, qual Sol entre outros astros
Da sublime Sciencia, tu tens nella
Soberanos objectos a teu canto,
Que o merecem melhor, que heroes potentes,
Que valídos da terra: escolhe entre outros

Claros Varões o immortal Descartes,
Que com novo saber profundo hum dia
A *Algebraica Analyse* fecunda
Applica á *Geometrica Doutrina*,
Da-lhe mór força, e a faz mudar de aspecto,
Fructo melhor de seus estudos raros:
Escolhe depois deste o sublimado
Pascal, hum novo Euclides, e com elle
Esse maior Geometra do mundo
O excelso Newton, que a Natura espanta,
Por ver que lhe roubou os seus arcanos;
Que o mundo pôz em ordem, descobrindo
As leis da gravidade, não sabidas,
E as leis do movimento, alma de tudo.
Inda hoje não sabemos, se da terra
Foi hum mortal, se foi hum Deos do Olympo.

Louva o outro Varão de nome eterno,
Que depois de Cardano, de Bombelli,
De Tartaglia, e de Vieta, muito longe
Da *Algebra* os confins estender pôde,
Illustre Cavaleri, resolvendo
Dois Problemas subtis, que atormentavão
Os seus antecessores, dos escuros
*Indivisiveis* a doutrina aclára,
Hum grande vôo, que a Mathese exacta
Sobre os esforços dos antigos Mestres,
Altiva levantou até ás estrellas.

Com profundo buril em bronze grava,
Que aos seculos resista, o vulto excelso
De Wallis, que produz dos *Infinitos*
A famosa *Arithmetica*, que o leva
A's mais sublimes bellas descobertas
No Reino da Geometrica sciencia.
Grava tambem o d'outro, igual a elle,
Famoso L'Hopital, que em verdes annos
Resolve ousado com sagaz discurso
Mui difficeis problemas, que o c'roárão
D'altiva gloria, que inda agora dura.

Qual harmonico accento te não pede
O subtil Maclaurin, que aperfeiçôa
Com esforço maior, que os inventores,
Dessas *Fluxões* o methodo profundo!
Qual Muller e Simpson, que procurárão
Fazello inda mais simples nos seus modos!
Qual esse Varignon, que a impenetravel
Barreira rompe, que cerrava os passos
Ao *Novo Calculo*; e esses dois engenhos
D'Alembert, e Clairaut, que nova força
Com seus uteis progressos lhe augmentárão!

Das *Equações* a theoria quantas
Luzes recebe de Fontaine! Quantas
De Riccati, e já d'Euler, novo Newton,
De Bezout, de Cousin, e de La Grange!

Que a todos são devidos almos hymnos
Das Aonides Musas; que consagrem
Seus grandes nomes á immortal memoria.

Nem tu já deixarás de unir com estes,
Honra da Escocia, esse Barão de Neper,
Que trazer veio o provido soccorro
Dos promptos *Logarithmos*, que fórrão
Trabalho e tempo no penoso estudo,
E os calculos difficeis accelérão,
Grato dom, que elle fez á mente humana,
De que pede em teu verso hum brado eterno.

Quão altiloquo som terá teu canto
Quando fores alçar em nobre rima
Do Sol os claros filhos, fundadores
Da nova *Astronomia*! entre elles todos
Que voz darás a Keppler, que não dava
Por hum Reino huma só das descobertas,
Que fez no vasto imperio de Urania!
As orbitas elipticas descobre
Dos lucidos Planetas, e prescreve
Duas famosas leis do movimento:
O'alto genio, quanta gloria alcanças!
Com teus inventos ensinaste o homem
A conhecer os altos ceos, e os astros.
Eis outro vem com este, que sublime
Para si toda a lyra te demanda,

Varão de grão saber, maior que humano;
O telescopio, n'outras mãos inutil,
Tomando, já conquista novos mundos:
O igneo Sol, a magestosa Lua,
Dos Planetas satellites, estrellas
Fixas e errantes, e outras nunca vistas,
Com hum novo semblante se apresentão
Ao grande Galileo, homem celeste,
Que a hypothese famosa sustentando
Da mobil terra, se abalança ousado
A mudar por seus calculos profundos
Todo o antigo systema do Universo,
Então affronta, hoje excelsa gloria.
Vejo com elle vir nobre Gassendi
Ao canto teu, heroe, que das doçuras
Do somno se privava, cobiçoso
De gozar do estrellado ceo as vistas,
E ser senhor dos rutilantes astros.
Eis outros apar destes memorandos
A teu plectro já vem; os dois Bernoullis,
Da Germanica plaga novos Numes,
O Britanico Boyle, Hevelke, e Halley
Altos lumes do Ceo; o grão Cassini
Qu' ao Sol aperfeiçoa os movimentos,
Dos Cometas as orbitas indica;
A força, a marcha, a rotação, prescreve.
Qual padrão não merecem d'alta fama
As descobertas immortaes de Bradley,

Que mudão de semblante a Astronomia!
Qual os uteis inventos, que a melhorão
De Graham e Dollond claros Artistas!
Qual esses novos calculos sublimes
Do grande de la Caille, e Boscowich,
Que infinita riqueza lhe trouxerão!
Qual as obras dos dois engenhos raros
Leland, e Hell, que o Sol seus filhos chama!

Depois de Galileo, Cartesio, e Porta,
Quantas luzes a *Optica* recebe
De Gregory e Huyghens, inda primeiro
Que Newton, pelas suas descobertas
Sobre a luz e as cores, a fizesse
De todo triunfar com gloria e pasmo!
A estes darás hymnos, bem devidos,
Quaes os de Dirce que immortaes os tornem:
Tambem os has de dar em sons canoros
A Barbaro, e a Bouguer, e ao illustre Durer,
Que novas perfeições, que novas scenas
Souberão dar á bella *Perspectiva*.

Porem que metro de elevado estilo
Te não pede a *Mechanica* possante
Para o novo Archimedes, claro Leibnitz;
Para o douto Pascal, para os dois sabios
Musschenbroek e Mairan, rivaes famosos;
Para o nobre Truchet, para la Hire,

Que dos corpos as duas forças medem,
Que regras fixão, maquinas inventão,
A's obras dos mortaes apoio firme.

Colhe das matas do sagrado Pindo
O vivaz loiro: duas c'roas tece
E as frontes cinge aos dous Varões distinctos,
Sabio Castelli, illustre Mariotte,
De cujas mãos divinas recebêra,
Depois de Galilêo e Torricelli,
A valente *Hydrostatica* pasmosa
Mui altas perfeições, que a sublimárão.

Tece inda outras grinaldas primorosas
De lindas flores, de Helicon colhidas;
Com ellas ornarás hum dos Bernoullis
Que a nova *Hydrodynamica* te inventa;
Ornarás d'Alembert, que lhe dá forças,
E de novas verdades a enriquece.

Se tu inda mais queres grandes nomes,
Carregados de meritos sublimes,
Levanta ao som dessa Thebana Lyra,
Que Anfião já tocou com pasmo e gloria,
Huma estatua mais firme do que o bronze,
Mais do que o Frygio marmore soberbo:
Merece-ta Vauban, profundo engenho
Que a Architectura Militar creando

Em tantas praças tantos cercos fortes
Ensina e obra muitas coisas grandes
Que o enchem d'honras e cobrem d'alta gloria:
Mereça-te outra igual, que suba aos astros
Illustre Belidor: quantos avanços
Não faz nesta sciencia! quantos outros
Na *Hydraulica* e *Ballistica* potente!
Quantos na fulminante *Pyrotecnia*,
Que contra as tropas do cruel imigo
Augmenta as forças do fatal Mavorte!

Não menor monumento em teus rimances,
Depois de Pardiez e de Bernoulli,
Esperão ter Bouguer, e outra vez Euler,
Que aos nadadores pinhos do Oceano
Mais apta construcção, mais veloz curso,
E mais facil manobra derão sabios,
Fazendo por seus calculos profundos
A *Pratica Naval*, inda imperfeita,
Verdadeira sciencia, que pasmárão
Do immenso saber de mortaes homens
Os Deoses todos do Ceruleo Imperio.

Porem qual rima harmonica divina
Te não inspiraráõ as Musas todas,
Quando fores cantar, os que ensinárão
Da *Musica* sublime os elementos,
Da varia voz humana as consonancias,

Melopéa celeste, que os ouvidos,
Que a fantasia, e o coração encanta,
Que suaves prazeres n'alma entorna!
Como não soaráõ nas aureas cordas
D'entre elles com mais nobre e doce encanto
Esses raros engenhos d'alto nome,
De Tartini, Sauveur, Rameau, Riccati,
E d'outros quatro, que entre si repartem
Desta sciencia a gloria, o grão Martini,
E outra vez d'Alembert, La Grange, e Euler!

S' eu a Lyra, que as Musas te doárão,
Nas mãos tivesse, ó Stockler, cantaria
Todos esses Varões assinalados,
Mais dignos da potente voz de Febo
Qu' o duro Achilles, que o sagaz Ulysses,
Qu' o pio Eneas, que Pompeo e Cesar,
Qu' outros muitos heroes, que apregoárão
Os Vates Gregos, os Latinos Vates:
E se eu por fim quizesse n'um só homem
Louvar as perfeições de todos juntos
A ti alto Poema consagrára,
Que teus preclaros meritos c'roasse;
Mas pois o baixo metro meu não póde
Sobir a tanta alteza, tu os louva;
Que inda hum dia virá Poeta illustre,
Que por honra immortal da patria Lysia
A ti te cante, igual a todos elles.

# A
# HUM BOSQUE.

*Assumpto dado com os versos:*

O que neste lugar contente esteve
Contente declarou seu pensamento
E os prazeres tambem, que nelle teve.

Camões Eleg. VI.

---

Salve sagrado Bosque, onde Marina
A' sombra dessas frescas aveleiras
E junto dessa fonte cristalina,

Costuma vir passar as derradeiras
Horas do dia, quando o Sol doirado
Desce do Ceo ás serras sobranceiras;

Se eu posso alçar meu canto, e se o meu fado
Inda me dá repouso em verso brando
O' claro Bosque, tu serás cantado.

Aqui em paz serena o lédo bando
De singellos Prazeres innocentes
Entre teu arvoredo anda brincando:

Ei-los pendem dos ramos florecentes,
Quaes lindas borboletas de mil cores,
E brilhão, como estrellas reluzentes:

Ei-los pousão na relva, e frescas flores
Esperando a Marina; e em quanto a esperão
Recontão huns aos outros seus primores.

O' doce lida! Que entre si se esmerão
Por numerar seus dotes tão fermosos,
Mas nunca todos numerar pudérão.

Ora entoão seus cantos sonorosos,
Ora se banhão nessa fonte clara,
Ora dormem seus somnos deleitosos.

Os segredos de amor, que a Nynfa cara
Fiou de ti, seus ais, e seus suspiros,
Que cá de mim saudosa te soltára.

São sua mór fadiga: em varios giros
Correm tras elles: cada qual colhê-los
Pertende, e nelles dá fermosos tiros.

Namorão-se os Prazeres só de vê-los;
Disputão entre si tão rica presa;
Ardem todos por ella em brandos zelos.

Mas eis que vem Marina: a gentileza
Em seu rosto d'amor e d'alegria
Assombra o campo, assombra a natureza:

Deserta o bando da gentil porfia
E voa em turma a rodear Marina,
Que áquelle sitio os lindos passos guia.

Ferve em susurro o Bosque; ei-lo se inclina
Com seus ramos, sauda a Deosa, e lédo
Adora de seu rosto a Luz divina.

Mas como o não fará? Se este arvoredo
Inda guarda em seu centro recatado
Da celeste visão alto segredo;

Só elle vio n'um dia o Ceo rasgado
Abrir-se todo em luz, e hum novo lume
Raiar neste terreno afortunado;

Fóra da sorte e do geral costume
Vio dos astros descer essa alma pura
Em quem toda a belleza se resume;

E aqui depór de tanta fermosura
Os raios, encobrindo a face bella,
E tomando por mim mortal figura.

Só elle e eu então pudémos vê-la,
Guiados d'alto amor, que a só conhece,
Que só elle dá fé de quanto ha nella.

O' sacro Bosque, onde inda resplandece
Rastro daquella luz, que estas sombrias
Estancias com seus raios esclarece!

O' doces, ó ditosas alegrias!
Se acaso aqui pudesse livremente
Passar com ella o resto dos meus dias,

Soberbo do meu fado quão contente
Gozára teus prazeres, sãos, inteiros
Com ella, e só comtigo docemente!

A' fresca sombra destes teus olmeiros
Pendentes de seu cóllo me mostrára
Os formosos filhinhos meus herdeiros;

Ao som da minha Lyra me expressára
O casto amor, em que seu peito ardia,
E os versos, que eu componho, me cantára

Alli viesse a morte: expiraria
Em seus braços gentis; sua mão piedosa
Em doce paz meus olhos cerraria.

Então depondo o mortal véo, formosa
Marina em toda a luz resplandecêra
Mais brilhante, que estrella radiosa;

E, mostrando aos mortaes qual Deosa era,
Levar-me-hia comsigo ao Ceo luzente,
Donde por meu amor só cá viera:
O'Bosque, inda esta gloria me consente!

## SENTIMENTOS DE AMIZADE
### DE HUM
## ESPOSO Á SUA ESPOSA,
### LEMBRANDO-SE DA MORTE.

*Assumpto dado para se cantar com o verso*

„Primeiro amor deat' alma, ultimo della,

---

Este amor, que em mim arde casto, e puro,
Ninguem jámais mo arrancará do peito;
O' tu já desde os meus primeiros annos
Primeiro amor desta alma, ultimo della
Tu só serás: os laços, que nos prendem,
E n'uma só vontade nos atárão,
Por suas mãos os Deoses os formárão
A sua obra guardarão os Deoses.

Se por ventura os fados me obrigassem
Sobrar-te em dias, que tão triste agoiro!
(Os Ceos o tornem vão) por entre os troncos
Dos funebres Cypreštes, que cobrissem
De tuas cinzas a marmorea urna,

Em profundo silencio velaria:
De tua errante sombra, inda formosa,
Seria adorador, seria guarda
Do tumulo fatal de noite e dia
D'alli me não tirára; alli vivêra
De meu só pranto e dôr; alli gemêra;
E as tristes frias lagrimas serião
Destes meus dias unico sustento.
Ao cume das estrellas, onde léda
Fosses gosar do Ceo os bens eternos,
Subirão meus suspiros: tu piadosa
Rogarias aos Deoses, que mui cedo
Me levassem a ver-te; e de meus dias
Fizessem breve o misero desterro:
Quando chegasse a hora afortunada,
A tua urna abraçaria, e pondo
Na loisa os moribundos roxos beiços
Hum ternissimo osculo daria
E alli o lédo esp'rito soltaria.

Porem, se o que eu desejo, a mim primeiro
Desta vida mortal os Ceos me chamão,
Darei cheio de gloria entre os teus braços
O meu final suspiro; tu saudosa
Do caro Esposo o derradeiro alento,
No peito guardarás; e a mão piedosa
Cerrar-me-ha eternamente os olhos:
Sobre elles cahirão lagrimas tristes

Desses teus castos olhos desprendidas;
Unindo-me a teu peito estreitamente
Beijarás o meu rosto soluçando;
Ao entrar na escura região da morte
Inda então te ouvirei com voz gemente
Chamar por mim, e o eterno adeos dizer-me.

Ah! lança, Esposa, rosas, lança lirios
Sobre o meu corpo; dá-mo á terra leve:
Tu cá te fica em paz, de mim te lembra;
E semque sejas de outro amor vencida
Teu coração me guarda, e espera hum dia
Voar onde eu estiver c'os altos Deoses,
De ti contando, quantos bens te devo:
Com tanto que me prestes estas honras,
Embora venha a morte, descançado
Em teu regaço morrerei contente;
Irá minha alma agradecer aos Deoses
Ante seu throno as dadivas formosas,
Que em ti me dérão nesta vida humana:
Deoses, direi, o amor, que me inspirastes,
Santo o guardei té agora, e á Esposa cara,
Por quem no casto peito mo accendestes,
O dei inteiro, como vós mo déstes.
Foi o seu coração, sua alma bella
Primeiro amor desta alma, ultimo della.

# ENSAIOS
## DE
# TRADUCÇÕES LITERAES.

---

## TRADUCÇÃO
## DOS PRIMEIROS VERSOS
## DO LIVRO I.
## DA
# ILIADA DE HOMERO.

---

O' Deosa, do Peleio Achilles canta
A fatal ira, que infinitas mágoas
Aos Achivos causou; e muitas almas
Valentes dos Heroes antes de tempo
Mandou ao Orco; e os corpos insepultos
Aos cães e ás aves todas deo por pasto,
(Assim de Jove o arbitrio se cumpria!)
Depoisque desavindos se apartárão
Atrídes Rei do povo, e o divo Achilles.
Qual d'entre os Deoses foi, que os fez discordes

Pelejar? De Latona e Jove o Filho:
Este irritado contra o Rei, doença
Pestifera espalhou nas hostes; povos
Morrião, porque Atrides deshonrára
O Sacerdote Chryses. Tinha vindo
Dos Achivos ás náos ligeiras Chryses
A resgatar a Filha; preço grande
Do resgate offertando: elle trazia
Nas mãos do longe-vibrador Apollo
C'o aureo sceptro o laurel, e humilde orava
A todos os Achivos; e primeiro
Aos dois dos povos Capitães Atridas:
„ O' Atridas e Achêos de fina greva,
„ Assim vos dem do Olympio paço os Deoses
„ De Priamo a Cidade pôr por terra,
„ E ditosos voltar aos patrios Lares:
„ Dai-me a querida Filha: do resgate
„ Eis o preço; e acatai de Jove o Filho,
„ O largo-atirador Apollo. „ Todos
Os Achêos sussurrárão, que se désse
Ao Sacerdote acatamento e honra,
E se aceitasse o esplendido resgate;
Mas não aprouve a Atrides Agamemnon;
Com afronta o despede, e em taes palavras
Minaces rompe: „ Nunca mais te eu veja,
„ Velho, nas cavas náos ora detido;
„ Ora depois tornado: nem a mitra,
„ Nem o sceptro do Deos quiçá te valha,

„ Esta de mim não largarei primeiro,
„ Que nos meus paços envelheça em Argos,
„ Longe da patria, já urdindo as têas,
„ Já o meu leito compartindo: vai-te,
„ Não mais aqui me irrites, se tu queres
„ Ir salvo. „ Assim fallou: tremeo o velho,
E ao dito obedeceo; e taciturno
Do largo-resonante mar ás praias
Se foi; e feito ao longe, ao Rei Apollo,
A quem pario pulchrícoma Latona,
Desta sorte implorou: „ Ouve-me, ó Numen,
„ Trazedor-d'arco fulgido, que ampáras
„ Chrysa, e a divina Cilla, e forte em Tenedos
„ Impéras, ó Sminthêo; se eu algum dia
„ Com meus dons te c'roei teu pulchro templo;
„ Se de toiros e cabras pingues coxas
„ Te queimei, ouve tu estes meus rogos:
„ Por tuas setas castigados paguem
„ Os Danaos estas lagrimas. „ Orando
Assim fallou: ouvio-o Febo Apollo,
E do cume dos Ceos desceo sanhudo,
Aos hombros sobrepondo o arco, e aljava,
Cerrada de huma e de outra banda; as setas
Sobre os hombros do Numen iracundo
Horridas rangem, quando move os passos.
Vinha marchando semelhante á noite:
Como a tiro das náos chegou, sentou-se:
Dalli dispára a seta, e vai soando

Do arco coruscante o estalo horrivel;
E aos jumentos primeiro, e cães velozes
Atira: logo os homens fere, a frecha
Mortifera arrojando; de cadaveres
Muitas fogueiras de continuo ardem.
Por nove dias pelas hostes vibra
Apollo as frechas; mas alfim Achilles
No decimo chamou á falla os povos;
Porque em seu peito lho inspirára Juno,
De cristalinos-braços clara Dea,
Que vendo os Gregos perecer, havia
Delles piedade. Apenas se juntárão
As gentes, levantando-se d'entre elles
De pés-veloz Achilles, assim falla:
„ Atrídas, cuido agora, que devemos
„ Retroceder segunda vez errantes,
„ (Se pudermos fugir acaso á morte)
„ Porquanto a hum mesmo tempo a guerra, e a peste
„ Dóma os Achivos. Eia, consultemos
„ Ora algum Vate, ou Sacerdote, ou antes
„ Advinho, que tambem de Jove o sonho
„ Provém, o qual nos diga, porque o Febo
„ Apollo tanto iroso se nos mostra;
„ Se elle nos culpa de falsar os votos,
„ Ou faltar á Hecatomba; se elle acaso
„ Recebendo piadoso o sacrificio
„ De cordeiros, e cabras escolhidas,
„ Quer affastar de nós a dura peste. „

Tendo fallado assim, sentou-se Achilles:
O Thestórides Calchas s'ergue entre elles,
O mór dos agoureiros, que sabia
O presente, o por vir, e o já passado,
E fôra o que guiára dos Achivos
As náos á Troia, pelo Febo Apollo
Nas advinhas Artes doutrinado;
O qual com siso lhes prégou, e disse:
„ Achilles, grato a Jove, tu me mandas
„ Do Rei, que longe-vibra a seta, Apollo
„ As iras descobrir: eu tudo prompto
„ Te direi; porem tu promette, e jura,
„ Que sempre me serás propicio, e sempre
„ Soccorro me darás co' a voz, co' as obras;
„ Porquanto creio, que o Varão, que a todos
„ Os Argivos impéra largamente,
„ E a quem todos Achivos obedecem,
„ Se ha de irar contra mim; e quando se ira
„ Hum Rei potente contra o que he somenos,
„ Caso que nesse dia a ira enfrêe,
„ Certo depois a guarda no seu peito,
„ Atéque chegue a se vingar: pondéra
„ Tu pois, se me has de dar defesa, e amparo. „
Responde-lhe o veloz-cursor Achilles:
„ De mim muito confia, e o vaticinio,
„ Qualquer que sabes, nos revéla: eu juro
„ Por Febo, grato a Jove, a quem tu, Calchas,
„ Orando, aos Danaos os presagios sóltas,

„ Nenhum dos Danaos todos, sendo eu vivo,
„ E pisando esta terra, as mãos ousadas
„ Nas cavas náos te lançará; nem mesmo,
„ Se cuidas, Agamemnon, que se jacta,
„ Ser ora o mais valente das companhas. „
Animo cobra o Vate d'alto aviso:
„ Apollo não se irou, porque vós outros
„ Lhe faltasseis c'os votos e Hecatombas,
„ (Então lhe diz) mas sim porque Agamemnon
„ Desacatou o Sacerdote, e a filha
„ Não lhe tornou, nem recebeo resgate;
„ Por isso mágoas tantas vos tem dado,
„ O longe-frechador, e dará inda:
„ Nem da peste ha d'abster as mãos irosas,
„ Semque antes ao querido pai se entregue
„ A donzella de negros olhos linda,
„ Não vendida, e por preço; e se dedique
„ Sacra Hecatomba em Chrysa: por ventura
„ Então a nosso rogo o dobraremos.
Sentou-se, tendo assim fallado: entre elles
Eis Atrida Agamemnon se levanta,
Heroe, e alto senhor de vasto reino,
Indignado; de trevas afumadas
As entranhas em ira lhe intumecem;
E como ardente braza os olhos luzem;
E logo torvo, olhando a Calchas, disse:
„ Agoureiro de males, coisa grata
„ Nunca tu me auguraste; apraz-te sempre

„ Vaticinar os males; até agora
„ Huma boa palavra não tens dito,
„ Nem nada obrado; entre os Danaos ora
„ Vaticinando prégas, que taes males
„ Lhes manda o Grande-vibrador em pena,
„ Porque eu não quiz o esplendido resgate
„ Receber da Chryseida donzella,
„ Quando eu antes desejo tê-la em casa,
„ Poisque a prefiro a Clytemnestra esposa
„ Minha, que virgem desposei; que certo
„ Nem no corpo e feições do rosto, e siso,
„ Nem nos lavores he somenos que ella.
„ Mas eu a quero dar, se isto assim cumpre;
„ Antes quero, que seja salvo o povo,
„ Do que pereça; porem vós o premio
„ Logo me aparelhai; porque eu não fique
„ Sem premio só, entre os Argivos todos;
„ Qu' isto desar me fôra; todos vedes
„ Que o premio meu a estranho dono volta. „

# TRADUCÇÃO
## DO PASSO
## DE
# HEITOR EM HOMERO
## NO LIVRO VI. DA ILIADA

*Despedindo-se de seu filho Astianacte, e de sua mulher Andromaca.*

Assim fallava, e os braços estendendo
Seu filho procurava Heitor illustre:
Mas gritando o menino sobre o seio
Da ama bem cingida, retrocedé,
Do paternal aspecto horrorizado,
Temendo-se do bronze, e horrida crista
De equinas sedas, que medonhamente
Sobre seu capacete tremulava:
Rio-se seu padre e a grave mãi; e logo
O fulvo capacete da cabeça
Heitor illustre tira, e o põe em terra;
E depoisque beijou o filho amado,
E ao de leve o agitou nas mãos, supplica,

Dizendo a Jove, e ás outras Divindades:
„ Jove, e os mais Deoses, dai, que este meu filho,
„ Como eu, seja aos Troianos honra, e em forças
„ Mui famoso e potente reine em Troia;
„ [redacted], voltando da batalha,
„ Diga qualquer: *Muito mais forte he este*
„ *Que o pai*: e conte, morto seu inigo,
„ Os cruentos despojos; e a mãi folgue. „
Tendo fallado assim, nas mãos da amada
Consorte põe o filho seu querido;
No fragante regaço esta o recebe,
Por demais rindo, em lagrimas banhada.
Para a esposa magoado olha o marido;
E a afaga co' a mão, e assim lhe falla:
„ O' cara, por mim tanto não te aflijas;
„ Varão nenhum me mandará ao Orco,
„ Antesque o mande o fado; nem eu julgo
„ Homem haver, que ao fado escapar possa,
„ Ou cobarde, ou valente, desque nasce:
„ Tu porem para casa te retira,
„ E tuas obras cura e a téa e a roca:
„ A's criadas dá cargo que trabalhem:
„ A todos os Varões, e a mim primeiro,
„ Que nascemos em Troia, toca a guerra. „

# TRADUCÇÃO
## DO IDYLIO
## DE
# BION DE SMYRNA

*Na morte de Adonis.*

Eu chóro a Adonis: morreo o bello Adonis;
Bello Adonis morreo: comigo chórão
Os Amores: não durmas mais, ó Venus,
Em teu leito de púrpura; mesquinha,
Ergue-te, veste lucto; e os peitos fere;
A todos brada: He morto o bello Adonis.
Eu chóro a Adonis, e os Amores chórão:
Jaz Adonis formoso nesses montes
Com a candida coxa trespassada
Do alvo dente: elle agoniza, e enche
Venus de dor; por sua nivea carne
O rubro sangue mana; e se entorpecem
Os olhos sob as palpebras: a rosa
De seus labios já foge, e já com elle
Morre tambem o osculo, que Venus

Nunca mais deixará: he grato a Venus
O osculo, bemque elle já não viva,
Porem o triste Adonis moribundo
Já não sente, que a Deosa o está beijando.
Eu achão a Adonis, e os Amores chorão.
Atroz, atroz ferida tem na coxa
Adonis; mas maior no peito Venus.
Ululão junto delle os cães dilectos,
E as Oreades Nynfas o pranteião;
A mesma Venus, os cabellos soltos,
Por esses bosques vaga, mui dorida,
Desornada e descalça: as féras Sarças
Ferem-lhe os pés, poronde vai, e vertem
Seu sangue divinal; co' agudas vozes
Chorando corre longos valles; busca
Bradando o Assyrio Esposo, e o moço chama.
Junto do ventre negro sangue a Adonis
Altamente rompia, e desde a coxa
Se ensanguentava o peito, e as costas, antes
Niveas, de côr purpurea se tornárão:
Ai! ai! ó Venus, os Amores chórão,
Ella perdeo hum bello Esposo, e logo
A sacra formosura; porque, emquanto
Viveo Adonis, formosura rara
Era a de Venus: com Adonis morre,
Ai! ai! a formosura da alma Venus.
Todos os montes, e carvalhos dizem:
Ai de Adonis: e os rios vão carpindo

A dor de Venus; toda a fonte chóra
Pelos montes a Adonis; as boninas
Se tornão de dor roxas: triste Venus
Por valles todos e Cidades clama:
Ai! Venus, ai! morreo o bello Adonis.
E com triste clamor resôa o éco:
Morreo o bello Adonis. Quem não chóra
Ai! ai! o fero amor de Venus! tanto
Que da flaccida coxa vio manando
Purpureo sangue, os braços estendendo
Com gemidos bradava: espera, Adonis,
Misero Adonis, ah! espera, possa
Eu inda achar-te, e ter-te nos meus braços,
E ajuntar os meus labios aos teus labios.
Acorda por hum pouco, Adonis, dá-me
Hum osculo por fim, que de tua alma
A' minha boca, e ao meu peito corra
Esse teu esp'rito, teu amor suave
Nos beiços tomarei; beberei nelles
O teu amor; eu guardarei o beijo,
Como se fosse Adonis, pois me foges
Mesquinho; e foges para longe, Adonis,
E te vais a Acheronte, e ao incompassivo,
E triste Rei; mas eu infeliz vivo,
E sou Deosa, e nem dado me he seguir-te.
Meu Esposo recebe, ó Proserpina,
Pois inda mais dò que eu, és poderosa;
E quanto ha bom no mundo, a ti se torna.

Eu sou muito infeliz, que me atormento
Com nunca exhausta dôr o meu Adonis
Chorando, que morreo, e a ti te temo.
O' mais que todos suspirado Adonis,
Tu morres; e amor, bem como hum sonho,
De mim voou: está viuva Venus,
E os Amores em casa estão viuvos.
Já comtigo acabou meu cesto, Adonis;
E paraque caçavas temerario?
Sendo tu tão gentil, com as bravas féras
Brigar ousaste? Assim chorava Venus,
Assim choravão os Amores juntos.
Ai de Venus! morreo o bello Adonis,
E Venus tantas lagrimas derrama,
Quanto de sangue derramou Adonis.
As lagrimas, e sangue desparzido
Em terra, em flores se convertem: gera
O sangue a rosa, as lagrimas a anémone.
Chóro a Adonis; morreo o bello Adonis.
Não mais chores na selva o esposo, ó Venus:
Bem preparado está o thóro a Adonis,
Aparelhado o thóro tem decente.
Esse teu mesmo leito o morto Adonis
Occupe, ó Venus; bemque esteja morto,
He inda bello, como que adormece:
Alli n'aureo cochim o deposita
Nas molles vestes, com que se deitava,
E comtigo de noite o sacro somno

Dormia: a Adonis ama, indaque esteja
Com triste aspecto; e o põe entre grinaldas,
E flores; tambem flores, desque Adonis
Morreo, com elle todas se marchárão.
Tu o banha com myrtos, com diversas
Especies de oleo, com aromas unge,
Acabe todo o aroma, o teu Adonis
Acabou. Jaz deitado o tenro Adonis
No manto de escarlata: junto delle
Chorando gemem os Amores todos,
Cortados os cabellos, por Adonis:
Hum calca as setas, outro calca o arco;
Hum quebra a aljava de farpões prenhada;
De Adonis outro os borzeguins desata;
Este agua em aureos vasos traz; aquelle
As coxas lava, e aquelloutro a Adonis
Posto detrás co' as azas refrigéra:
Co' a mesma Venus os Amores chórão.
No lumiar da porta o facho todo
Hymeneo apagou; rompeo a c'roa
Nupcial; e não mais, ó Hymen, Hymen,
Não mais a cantilena he já que sôa,
Porem, Ai, ai! Ai, ai! morreo Adonis,
Acabou Hymeneo. As Graças chórão
O Filho de Cinyra: entre si dizem:
Morreo o bello Adonis: dizem isto
Com mais aguda voz, que tu, Dione,
Chórão a Adonis, té as Parcas chórão

A Adonis; e co' canto á vida o chamão;
Mas não as ouve; não porque assim queira,
Porem que o não soffre Proserpina.
Põe fim, ó Cytheréa, aos teus lamentos;
E ora assiste aos joviaes banquetes;
Pois tens segunda vez de prantear-te,
E n'outro anno chorar de novo a Adonis.

# TRADUCÇÃO
## DA
# ODE I.
## DE
# ANACREONTE DE THEOS. (*)

Cantar quizera os Atridas,
Quizera Cadmo cantar,
Mas minha Lyra rebelde
Só quer Amor resoar. (**)

(*) O Traductor teve motivos para fazer algumas notas ás tres primeiras Odes de Anacreonte que aqui vão.

(**) O Grego tem especial enfase e energia pelo verbo ἀντιφωνεῖ *antiphonein*, de que usa, que significa *contra-soar*, *contra-cantar*; *responder com som diverso*; porquanto o Poeta quer dizer, que elle tentára cantar os heroes, acompanhando-se de sua Lyra, mas que esta em vez de seguir a sua voz, encontrára seu canto, voltando-lhe sons diversos, e resoando somente Amor. Não nos atrevendo a dizer em nossa linguagem *contra-soar*, como disse Belleau em seu antigo Romance:

*Mais toujours elle frédonne*
*L'Amour, qu' elle contre sonne.*

Ha' pouco de novas cordas (*)
Toda a Lyra remontei:
E de Alcides as façanhas
Logo a cantar comecei;

Mas a Lyra, que eu tocava,
Sempre Amor me resoava.

---

Supprimos a falta de expressão com dar á Lyra o epiteto de *rebelde*, como fez o Author Anonymo da Traducção de Paphos:

*Ma Lyre rebelle ne soupiroit*
*que L'Amour;*

e se podia dizer tambem *contraria*, ou *discorde*, como se acha em Regnier na sua Traducção Italiana:

*Et par ella a me discorde*
*Amor prese a risonare.*

(*) Diz o Author, que remontára a Lyra com novas cordas, porque huma vez que fossem da mesma tempera, que as antigas, não a poderia fazer mudar de seus sons costumados; mas que a remontára toda com cordas de outra ordem, capazes de dar sons heroicos e varonis, quaes convinhão á Poesia Epica, ou Pindarica. Já Barnes, e Baxter notárão, que os antigos costumavão mudar de cordas na Lyra segundo era diversa a materia de seus canticos; e porisso Anacreonte diz na Ode XLVIII. *Trazei-me a Cythara de Homero mas tirai-lhe a corda, que canta os combates;* ou pelo dizer tambem em verso:

*Trazei-me de Homero a Lyra;*
*Mas tirai-lhe a rija corda,*
*Que os feros combates soa.*

que assimcomo aqui para cantar os prazeres de Bacho, queri

Adeos, Heroes, para sempre;
Cante outro vosso louvor;
As cordas da minha Lyra
Resoão somente Amor.

---

o Poeta que em lugar das cordas de som forte e canoro se puzessem outras de som brando e doce; assim pelo contrario, querendo cantar os valerosos feitos dos Atridas e de Cadmo, tentou remontar toda a Lyra, e substituir ás cordas suaves outras de som forte e altisonante: rastreárão por este pensamento D. Estevão Manoel de Villegas na Traducção Castelhana, Regnier na Italiana, e Dacier na Franceza.

# TRADUCÇÃO
## DA
# ODE II.
## DE
# ANACREONTE.

Deo a Natureza ao toiro
C'os cornos acometter;
C'os pés ferir ao cavallo;
A' lebre veloz correr.

Ao Leão de feros dentes
Mui grande abertura deo;
Aos peixes saber nadar;
A's aves voar ao Ceo.

Deo aos varões fortaleza: (*)
Dar não a pôde á mulher; (**)
Que dom pois lhe concedeo?
Extrema belleza ter:

(*) A voz Grega φρόνημα *Phronéma* tem dois significados; hum

Arma que póde os paveses
E lanças todas romper,
Poisque sabe a que he formosa,
O ferro e o fogo vencer.

---

de prudencia, outro de esforço, e ardimento. Os Interpretes desvairão em dois partidos: Henrique Estevão, Regnier, Dacier, e de la Fosse, e Villegas estão pela primeira significação; Elias André, Baxter, Barnes, Fischer, e outros pela segunda, querendo que o Poeta contraponha aqui a animosidade e valor do homem á fraqueza, e temor natural da mulher. Paw entende por φρόνημα grandeza de animo.

Esta segunda interpretação parece-nos mais exacta, e tanto mais, quanto se vê, que Anacreonte faz hum contraste entre as forças, ou armas dos animaes, e do homem, e as da formosura da mulher, mais poderosas que todas ellas, e sendo este o seu thema, não tem aqui lugar a prudencia do homem para figurar neste quadro, mas sim o seu valor, e fortaleza. Neste sentido traslada a palavra Grega o Author Anonymo da Traducção intitulada de *Paphos:*

*Et le courage aux hommes.*

O nosso Ferreira, receando desacertar do pensamento do Poeta, unio as duas significações de *Phronéma:*

*Aos homens deo esforço, e boa razão.*

o mesmo fez o moderno Francisco Xavier de Rogatis na sua Traducção Italiana:

*Diede il valore a gli uomini*
*Il senno e la ragion.*

(**) Henrique Estevão, Villegas, de la Fosse, e outros, entendendo *Phronéma* somente da prudencia, julgão que aqui diz o Poeta que a Natureza a não pôde dar ás mulheres; mas o velho

de Theos era muito avisado e cortezão para deitar em rosto ás damas, que elle muito queria lisongear, a falta natural de siso e de prudencia, sabendo que ellas se prezavão não menos de descrição, que de formosura; elle só quiz dizer, que a Natureza havia esgotado todo o manancial de seus thesoiros, e não tinha já que dar á mulher, depois de ter dado tudo aos animaes e ao homem; e nesta intelligencia disse Ferreira:

*Não tem que dar á feminil fraqueza.*

e Dacier: *Elle n'eut plus rien, dont elle pût faire présent aux femmes.* e Mr. de la Fosse:

*Et la femme fragile, où fut sa sureté?*

e Fischer: *Sensus est, non habuit, quod mulierculis daret.* E finalmente le Févre: *Nil amplius habebat natura, quod mulieribus largiretur; jam omnes suas facultates exhauserat;* e a Traducção de Paphos: *Que réservoit elle donc aux femmes pour le partage?*

Esta maneira de fallar suspende o espirito do Leitor, para melhor sobresahir depois a dadiva, que a Natureza achou para prendar tambem a mulher, dando-lhe a formosura, arma ainda mais forte, que todos os escudos, e lanças dos homens, ou pelo dizer em verso com Ferreira:

*Arma que ferro, e fogo inda mais dura.*

# TRADUCÇÃO I.
## DA
# ODE III.
## DE
# ANACREONTE.

*O Amor Perdido.*

N'alta noite, quando a Ursa
De Boote á mão virava,
E toda a gente dormindo
Dos trabalhos repousava:

Amor á aldráva da porta
Me bateo: Quem bate, digo,
E meu sonho me quebranta? (*)
Abre, me diz, sou amigo:

(*). Dizemos *Sonho* em lugar de *Somno*: como traduzirão Henrique Estevão, Barnes, Corsini, Catellano, Salvini e Mattei o que;

Não tens que temer de mim:
Sou hum menino coitado,
Que vago em noite tão escura,
Todo de chuva orvalhado.

Como o ouvi, compadecido
Luz accendo, e a porta abri;
Com seu arco, e aljava ao hombro
Hum menino alado vi.

Sentei-o ao fogo, e as mãos suas
Entre as minhas lhe aquentei;
E os seus cabellos, que em fio
Escorrião, lhe enxuguei.

Tantoque o frio venceo,
Logo o seu arco tomou:
Eia, provêmos, me diz,
Se a chuva a corda damnou. (*)

---

he mais conforme com o Grego, e com o espirito de Anacreonte nas Odes VIII. e XII.

(*) Este lugar do Texto acha-se bastantemente embaraçado pelas differentes maneiras, por que se lê; porisso seguimos a que nos pareceo mais natural.

Eis o atesa, e disparando
Qual o farpado tavão, (*)
C'uma seta me traspassa
Pelo meio o coração. (**)

---

(*) O Grego diz Οιστρος, isto he, o tavão, ou moscardo grande, que nasce nas extremidades dos feyos, que com a tromba aguda, e de tres farpas costuma ferir, e chupar o sangue de algũs animaes; como querendo dizer o Poeta, que veio a ficar tão furioso com a ferida do Amor, como o touro ferido do moscardo.

Os antigos Gregos fazião conceito, de que o mesmo era ser ferido do tavão, que ficar insano, ou furioso; que por isso fingirão que Juno para se vingar de Io, que Jupiter muito amava, fizera, com que hum moscardo de continuo a perseguisse por toda a parte. Desmarais supprimio esta imagem por julgar que teria pouca graça no Toscano; e Longepierre lhe substituio a imagem da abelha que houve por mais bella.

*L'ingrat me fait sentir une atteinte pareille*
*A la piqueure d'une abeille.*

mas não he esta a imagem do original, e nem conserva bem a allusão que o Poeta fez com ella ao furor que o Amor havia excitado no seu coração, que se exprime com mais energia pela ferida do moscardo, que da abelha. Póde ser tambem que Anacreonte só quizesse tomar aqui Οιστρος simplesmente por aguilhão que os Gregos costumão ajuntar muitas vezes com a imagem do Amor.

(**) O Grego diz: *o meio do figado*; nelle punhão os antigos o domicilio, e assento do amor: Platão seguio o mesmo que Anacreonte; e sabido he o lugar de Horacio Liv. I. Od. XXV.

*Cum tibi fervens amor, et libido,*
*Quae solet matres furiare equorum,*
*Saeviet circa jecur ulcerosum,*

Então salta em grandes risos: (*)
Da-me, amigo, o parabem:
Meu aroo não teve damno,
O teu coração o tem.

---

mas julgamos que não sobresahiria bem dizer em nossa linguagem poetica: *O meio do fígado.*

(*) O Grego diz Καχαζει voz imitativa, donde o Latino *Cachinnus*; e poder-se-hia dizer em linguagem vulgar: *Então salta ás gargalhadas, ou ás cachinadas.*

# TRADUCÇÃO

DA

# ODE III.

Da meia noite á hora, quando a ursa
Volta a mão de Boote, e a gente humana
Lassa repousa do trabalho, á aldrava
Da porta Amor me bate.

Quem bate, digo, e o sonho me interrompe?
Abre, me diz, menino sou, não temas:
Orvalhado da chuva, ando perdido
Em tão cerrada noite.

Enterneço-me então, isto escutando;
E accendo lume á pressa, e abro; e vejo
Hum menino; traz arco, aljava, e azas;
Perto do fogo o assento.

Entre as minhas as suas mãos lhe aqueço;
Expremo-lhe os cabellos, que escorrião
Em agoa, mas apenas vence o frio,
Eia, me diz, provêmos

(Eis-aqui o meu arco,) se o relento
O nervo lhe estruio: (*) então o entésa;
E qual a farpa do tavão, me passa
O meio das entranhas.

Salta logo o cruel em grande riso:
Folga, me diz, ó hospede, comigo;
Não se damnou meu arco, todo o damno
No coração te fica.

# TRADUCÇÃO
## DA
# ODE XI.
## DE
# ANACREONTE.

Dizem-me as Moças sorrindo:
Já estás velho, Anacreonte,
Péga tu do espelho, e vê,
Que hum só cabello não tens,
Que tens descalvada a fronte:
Eu cá não sei, se me resta
Cabello ou não: mas por certo
Que hum velho, quanto mais perto
De si vê a morte estar,
Tanto mais deve comvosco
Divertir-se, e lédo amar.

# TRADUCÇÃO
## DA
# ODE XVII.
## DE
# ANACREONTE.

Esta prata cinzelando
Della me forma, ó Vulcano,
Não hum corpo inteiro d'armas;
Que tenho eu c'os combates?
Porem fabrica-me hum copo,
Quanto he possivel profundo:
Nelle insculpe, não os Astros
Nem o carro, ou triste Orion;
Mas huma parreira, e cachos;
E com Bacho em companhia
Cupido e Bathyllo rindo
Roxas uvas expremendo.

# TRADUCÇÃO I.

## DA

# ODE XXXIII.

## DE

# ANACREONTE.

Não me fujas, vendo, ó Nynfa,
Estes meus brancos cabellos,
Nem, porque tens a formosa
Côr da fresca primavera,
Os meus amores engeites.
Vê tu, como nas grinaldas
Com as rosas mui vistosos
Os brancos lirios se enlação.

## TRADUCÇÃO II.

### DA

## MESMA ODE.

Não te vás de mim fugindo
De meu gesto descontente,
Por ver, que já estão luzindo
Alvas cãas na minha frente.

Indaque tens a côr grata
Dessa viçosa estação,
Nem porisso, ó Nynfa ingrata,
Engeitas minha affeição.

N'uma grinalda formosa
Vê tu bem, com quanta graça
Co'a bella purpurea rosa
O branco lirio se enlaça.

# TRADUCÇÃO
## DA
# ODE DE SAPPHO A PHAON.

Igual aos Deoses me parece aquelle
Que defronte de ti se assenta, e te ouve
De perto docemente conversando,
Docemente sorrindo.

Isto no peito o coração me assombra,
Que depoisque te ~~eu vi, jámais~~ me veio
Voz alguma á garganta, antes quebrada
A lingua se entorpece.

Eis já de veia em veia subtil fogo
Lavrando vai: c'os olhos nada vejo;
E sinto de continuo em meus ouvidos
Hum turbido zombido.

Geladas bagas por meu cérpo correm,
Hum frigido tremor me toma toda;
O rosto amarellece (*), e quasi morta
[illegible] respiro já [illegible]

(*) O Texto diz: *Estou mais verde que a herva*; mas esta imagem por muito vulgar não sahiria bem em nossa Lingua; como já notou o douto Traductor Portuguez de Longino, peloque lh substituimos *o rosto amarellece*, lembrando-nos da Egloga X. do *Segadores* de Ferreira, que diz na antepenultima oitava:

*A mão te treme, o rosto amarellece.*

# TRADUCÇÃO
## DO IDYLLIO
## DO
# AMOR FUGITIVO DE MOSCHO.

Pelo seu filho Amor em altas vozes
Bradava Venus: Se alguem vio acaso
N'alguma encruzilhada Amor vagando,
He o meu fugitivo.

Alviçaras darei, se mo descobres,
Terás por paga hum osculo de Venus:
Mas se mo trazes, não hum simples beijo,
Mais alto premio aguarda.

Bons sinaes o menino tem; tu podes
Entre vinte meninos conhecê-lo;
Não he alvo do corpo; he semelhante
A' cor de vivo fogo.

Seus olhos acres, são scintillantes;
A tenção má, porem palavras meigas;
E nunca falla como pensa, e as vozes
São, como o mel, suaves.

Mas quando se ira, o coração reponta
Feroz, e enganador, não diz verdade:
He menino doloso, e nos seus brincos
Ha só atrocidades.

Tem bom cabello, desenvolto gésto;
Pequenas as mãosinhas são; mas certo
Atirão longe; atirão tó Acheronte,
E ao mesmo Rei do Inferno.

O corpo nú, o esp'rito rebuçado;
E qual ave veloz, que os ares fende,
A huns, a outros vôa, homens, mulheres,
Nas entranhas se assenta.

Tem arco mui pequeno, e sobre o arco
Traz embebida a dura setta hervada;
Pequena setta, mas veloz alcança
A região Etherea.

Carrega aos hombros huma aljava d'oiro;
Mas dentro della fataes frechas guarda;
Com ellas a mim mesma muitas vezes
Me tem ferido o peito.

Sim; todas estas coisas são damnosas,
Todas: mas sobre tudo hé temerósa
Huma pequena facha, que elle accende,
Que ao mesmo Sol abraza.

Se mo houveres á mão, traze-mo preso,
Não te mova a piedade; e se o tu vires
Alguma vez em lagrimas banhado,
Aguarda, não te engane.

Indaque s'elle ria, traze-o preso:
Pois já se te quizer beijar no rosto,
Ah! foge que o seu beijo hé peçonhento,
E são veneno os beiços.

Se te disser: toma estas coisas, dou-te
Todas as minhas armas: nada toques;
São dadivas dolosas, que as tem todas
Em vivo fogo tintas.

# TRADUCÇÃO
## DO
# EXORDIO DO POEMA
## DE
# T. LUCRECIO CARO

*Sobre a Natureza das coisas.*

Mai dos Romãos, d'Eneas descendentes,
Prazer d'Homens, e Deoses, alma Venus,
Que o navigero mar, terras frugiferas
Sob os voluveis astros

Do Ceo adornas: tu, ó Deosa, fazes,
Que toda a especie de animaes se gere,
E nasça, e beba do aureo Sol as luzes:
De teu sereno aspeito

Fogem os ventos, e dos Ceos as nuvens
Odoriferas flores te submettem
Dédala terra; e se te estão sorrindo
Do mar tranquillo as ondas

O Ceo co' a luz, que espalhas de teus olhos,
Brilha sereno, quando o dia amostra
A verna face, e a aura solta spira
Do genital favonio.

Iscadas de teu fogo nas entranhas
Logo as aerias aves annuncião
Tua chegada, ó Deosa, e o fero gado
Sobre as lédas pastagens

Brinca saltando; e dos velozes rios
Atravessa as correntes; toda a casta
De animaes anciosa, já vencida
De teus afagos doces,

Te vai seguindo, aonde quer, que os guias;
Que alfim por montes, mar, rapidos rios,
Pelas casas frondiferas das aves,
Por verdejantes campos

**A todos brando amor no peito excitas:**
**Tu consegues co' amor, que ávidamente**
**De geração em geração propaguem**
**Os seculos fecundos.**

# TRADUCÇÃO
## DO
# LUGAR DE LUCRECIO

*Sobre a origem natural da linguagem, no seu mesmo estilo didactico.*

Foi a Natura, a que moveo o homem
A soltar varios sons da lingua: logo
As precisões da vida lhe fizerão
Das coisas todas expressar os nomes.
Não de outra sorte, que da lingua a infancia
Os meninos obriga a usar do gesto,
Quando faz, que elles mostrem com seu dedo
Os objectos, que vem: poisque persente
Cada hum sua força, que usar póde,
Antesque os cornos sobre as frontes cresção,
Com ellas o vitello irado arrosta,
E rival offensor outros afronta:
De Leões e pantheras os filhinhos
Já co' as unhas e pés e com seus dentes
Pelejão, mal lhe os dentes e unhas nascem:
E das aves a turba toda vemos

A's pandas azas confiar-se, e ousada
Tirar das pennas móbile soccorro.
Julgar pois, que hum só homem poz ás coisas
Os nomes, e que delle os outros homens
Os primeiros vocabulos tomárão,
He grãa sandice: pois, porque podia
Este só designar com a voz as coisas,
E proferir os varios sons da lingua,
E ao mesmo tempo o não pudessem outros?
Demais, se os homens entre si não tinhão
Inda uso da voz, donde a noticia
De sua utilidade lhes proveio?
Donde foi dada a este a faculdade
Primeira de fazer, que os mais soubessem,
E entendessem comsigo os seus intentos?
Quanto mais que hum só homem não podia
A muitos subjugar e constrangellos,
A que os nomes das coisas aprendessem,
Nem com razão nenhuma a surda gente
Ensinar, persuadindo, a que fizessem
O que queria; porque o não soffrêrão
Doceis, nem de algum modo consentírão,
Que as orelhas em vão lhes fatigasse
C'os varios sons de coisas, nunca ouvidos.
Em fim que admira tanto nesta parte,
Que a humana geração, que era dotada
De voz e lingua, com a voz notasse
Varios objectos, que no mundo via,

Segundo a varia natureza delles;
Se animaes mudos, gerações das feras,
Soltar costumão mui differentes vozes,
Quando a dor os agita, ou medo; ou quando
Prazeres sentem: que isto se conhece
Por pratica de factos bem sabidos:
Quando dos cães molossos as abertas,
Rasgadas e flexiveis bocas fremem,
Irosas reganhando os duros dentes,
De raiva commovidas ameação
Com mui diversos sons, que quando ladrão
E de seus ladros toda a terra atroão;
Porem quando se voltão com brandura
A lamber com a boca os cachorrinhos,
Ou pelos pés os movem, e fingindo
Já mordeduras c'os suspensos dentes,
Imitão brandos sorvos, co' gannido
Das vozes os afagão d'outro modo,
Que quando uivão nas casas solitarios;
Ou quando do senhor ás bastonadas
Chorando co' encolhido corpo fogem.
Por fim não vos parece que o relincho
He differente tambem, quando entre as egoas
De pungentes estimulos ferido
Do pennigero amor na flor da idade
Arde o cavallo, ou quando pelas largas
Ventas ás armas freme, ou d'outra causa
Agitados os membros seus, relincha?

Os volatis alfim, e varias aves,
Açores e Xofrangos, e os que buscão
Mergulhões nas marinas salsas ondas
Em varios tempos seu sustento e vida,
Diversas vozes soltão, do que quando
Sobre a comida, e sobre a presa brigão:
E em parte mudão com as sazões diversas
Os raucisonos cantos, como a idosa
Turba das gralhas, e essa grei dos corvos,
Quando se diz, que a agua, e as chuvas pede,
E ás vezes ventos e tormentas chama.
Logo se as affeições diversas forção
Os mesmos animaes, com serem mudos,
A formar varias vozes, quanto proprio
Mais he, que os homens com differentes vozes
Differentes coisas denotar pudessem!

# TRADUCÇÃO
## DE HUMA PARTE
## DO
# LIVRO I. DOS ENEIDOS
## DE
# P. VIRGILIO MARÃO.

Eu sou aquelle, que cantei outr'hora
Rusticos versos co' a delgada avêna,
E sahindo dos bosques solitarios
Fiz, que os vizinhos campos aprendessem
A obedecer ao avido colono,
Empresa grata aos Lavradores: ora
Canto as hórridas armas de Mavorte,
E o varão, que dos fados perseguido
Lá desde as regiões de Troia á Italia
Primeiro veio, e ás praias de Lavinio.
Elle muito na terra, e no mar alto
Foi por força dos Deoses combatido,
Por causa do rancor, nunca esquecido
Da féra Juno: muitas coisas duras
Soffreo na guerra, atéque edificasse

A Cidade, e entregasse ao Lácio os Deoses,
Donde procede a Geração Latina,
E os Albanezes Padres, e as muralhas
Da altiva Roma. Tu me conta, ó Musa,
A causas, qual dos Numes offendido
Foi por elle, ou por qual razão sentida
A Rainha dos Deoses tão piadoso
Varão forçou por tantas desventuras
A passar, e a soffrer tantos trabalhos:
Taes iras ha nos animos celestes!
Huma antiga Cidade houve, chamada
Carthago, habitação de Tyria Gente,
Fronteira á Italia, e ás Tyberinas fozes,
Opulenta, e nas Artes bellicosas
Fortissima; da qual se diz, que Juno
Sobre todas as terras estimára
Mais inda, do que a mesma Samos: teve
Suas armas alli, alli seu coche.
Já d'então pretendia, se lho os fados
Consentissem, fazella soberana
De todas as Nações; mas tinha ou vido,
Que prole vinda de Troiano sangue,
Derrubaria hum dia os Tyrios muros:
Que della nasceria hum Real Povo
Pujante em armas; que seria estrago
A Lybia: assim as Parcas o dizião:
Isto temendo a Filha de Saturno
A antiga guerra recordava; quando

Primeira a sustentou junto de Troia
Pelos caros Argivos; que das iras
As causas, e os crueis resentimentos
Não lhe tinhão sahido inda do peito;
De Páris a sentença n'alta mente
Gravada está; está gravada a affronta
De sua desprezada formosura,
E a geração odiosa, e do roubado
Ganymedes as honras. Accendida
A Deosa com taes coisas, os Troianos
Dos Gregos e do fero Achylles restos,
Arrojados das ondas, affastava
Longe do Lacio; e elles constrangidos
Dos fados muitos annos divagavão
De hum mar em outro mar. Tanto custava
Fundar o Imperio da Nação Romana!
Apenas inda á vista de Sicilia
As velas pelo mar lédos soltavão,
E rompião com bronzea proa as ondas,
Quando Juno, guardando no seu peito
A ferida immortal, assim comsigo
Fallava: „ Cederei da minha empreza
„ Alfim vencida? desviar de Italia
„ Não poderei o Capitão dos Teucros?
„ Certo os fados mo tolhem: mas não pôde
„ Pallas queimar a frota dos Argivos,
„ E mettellos no fundo pela culpa
„ E furor d'Ayax, filho de Oiléo?

„ Ella mesma das nüvens dardejando
„ Rapido fogo, as náos lhe espalha, e as ondas
„ Co' vento assanha; e quando estava chamas
„ Do trespassado peito respirando,
„ N'um turbilhão o corpo lhé arrebata,
„ Nas pont'agudas rochas o espedaça;
„ E eu, que sou dos Deoses soberanos
„ A Rainha, e de Jove Irmã, e Esposa
„ Trago guerra c'um povo ha tantos annos?
„ E haverá inda, quem de Junio o Numen
„ Adore, e lhe dê honra em seus altares?„
Taes coisas revolvendo no inflammado
Peito comsigo a Deosa á Eolia parte,
Habitação das chuvas e procellas,
Lugares prenhes de furiosos austros.
Aqui tem a seu mando o Rei Eólo
N'uma vasta caverna os luctadores
Ventos, e as ruidosas tempestades;
Que elle em ferros nos carceres refrêa;
Em torno das abobedas do monte
Raivosos rugem com fragor horrendo:
Sentado n'alta roca lhes preside
Eólo, e lhes dá Leis, e lhes amansa
Os seus furores, e lhes quebra as iras;
Se assim não fôra, arrebatárão rapidos
O mar, e a terra, e o vasto ceo comsigo,
E pelos ares varrerião tudo.
Isto temendo o Padre Omnipotente

Os fechou em masmorras tenebrosas,
E sobrepoz-lhe altissimas montanhas;
E hum Rei lhes deo, o qual por certo estilo
Os soubesse enfrear, ou já mandado
A seu tempo largar-lhe as froxas redeas:
A quem Juno supplica desta sorte:

„ Eólo, pois que o Pai dos altos Deoses,
„ E senhor dos mortaes te deo as ondas
„ Serenar, ou mover co' vento: sabe
„ Que huma Nação, minha inimiga, surca
„ O mar Tyrrheno, o Ilion e os vencidos
„ Penates para Italia transportando;
„ Sólta a furia dos ventos, mette a pique
„ As náos, ou as desgarra, e arroja os corpos
„ Pelo mar: eu quatorze Nynfas tenho
„ D'airoso corpo, dar-te-hei Esposa
„ A mais formosa dellas, Dinopêa,
„ Que sempre por taes meritos comtigo
„ Viva, e te faça Pai de gentil prole. „

Eólo então responde: „ A ti, Rainha,
„ Toca mandar, o que de mim desejas,
„ A mim obedecer: tu me tens dado
„ Este Imperio, este Sceptro; tu amigo
„ Me tens conciliado Jove: assento
„ Tu me tens dado nas celestes mesas,
„ Tens-me feito senhor das tempestades. „

Co' conto do bastão, assim fallando,
A hum lado fere a cavernosa serra;
Como em bravo esquadrão de rojo os ventos
Rebentão pela aberta porta, e varrem
Em turbilhão as terras: já se arrojão
A hum tempo sobre o mar o Euro, o Noto,
E o Africo frequente em tempestades,
E o voltão todo desde o fundo pego;
E as vastas ondas para as praias volvem.
Nisto o clamor dos nautas se alevanta,
O estridôr dos calabres assobia;
E negras nuvens de improviso roubão
Aos olhos dos Troianos ceo e dia,
Escura noite sobre o mar se estende:
Já trovejão os pólos, incessantes
Relampagos no ar fuzilão; tudo
Ameaça aos Varões presente a morte.
Logo os membros a Eneas se arrepião
De frio susto: geme, e erguendo aos astros
Ambas as mãos, em taes palavras rompe.

„ O' tres, ó quatro vezes venturosos,
„ Os que ante os olhos de seus pais pudérão
„ Morrer, de Troia junto aos altos muros!
„ O' Tydides, dos Gregos o mais forte,
„ Que só eu não pudesse honradamente
„ Finar meus dias no Troiano campo;
„ E já esta minha alma por teu braço

„ Arrancada exhalar na mesma parte,
„ Aonde o bravo Heitor apontoado
„ Sobre a lança de Achilles jaz, aonde
„ O grande Sarpedón, onde o Simóis
„ Arrebatados volvem sob as ondas
„ Tantos escudos, tantos capacetes,
„ Tantos d'altos Varões valentes corpos! „

Isto dizendo, c'o Aquilão bramindo
De encontro huma refrega rasga a vela,
E as maretas levanta até ás estrellas:
Quebrão-se os remos; eis a náo se cruza,
E ao embate dos mares rende o bojo.
Logo sobre ella cahe precipitado
Hum monte d'agoa: sobre as altas ondas
Pendem huns: entre as ondas mostra a outros
As entranhas da terra o mar aberto.
Remoinhão marulhos co' as arêas.
Tres náos leva de rojo o Noto sobre
Huns cachopos occultos; aos cachopos,
Que no meio das ondas já chamárão
*Aras* os povos Italos, horrendo
Cabeço á flor do mar. Euro cahindo
Do alto, vista lastimosa a todos!
Sobre os bancos e syrtes tres arroja,
E as afunda, e em montão d'arêa as cobre.
A huma, que o fiel Oronte e os Lycios
Levava, ante seus olhos fere em popa

Hum mar em alta serra alcantilado,
E o Piloto derruba, e o precipita.
A onda alli tres vezes a atropella
E n'um remoinho rapido a submerge.
No vasto pego poucos apparecem:
As armas dos Varões, as taboas boião,
E a riqueza de Troia sobre as ondas.
Eis já de Ilionêo a náo possante,
Já a do forte Achates, e aquelloutra,
Que leva Abantes, e a do velho Alethes,
Rende a tormenta, abertas as juncturas
Dos lados todas tomão agua imiga;
E se vão pelas fendas alagando.
Sentio Neptuno emtanto o mar revolto
Com grande murmurinho, e a tempestade
Sahir dos fundos váos, e gravemente
Indignado levanta sobre as ondas
A plácida cabeça, e pelas aguas
Os olhos alongando, vê de Enéas
Por todo o mar a destroçada frota,
Nem deixou de entender os dolos e iras
De Juno, sua Irmãa: o Euro e o Zefyro
Chamou a si; e desta sorte falla:
„ Tamanho atrevimento vos inspira
„ A vossa geração, que sem meu mando
„ Ousais turbar, ó ventos, ceos, e terra,
„ E levantar no mar tantas tormentas?
„ Taes ousadias .... mas convem por ora

„ Primeiro serenar as bravas ondas;
„ Depois mo pagareis com mór castigo.
„ Retirai-vos depressa, esta mensagem
„ Levai ao vosso Rei, que não a elle
„ Foi dado em sorte, mas a mim somente
„ O imperio do mar, e o senhorio
„ Do tremendo tridente; elle governe
„ As vastas rochas, vossa casa, ó Euro;
„ Nesses paços se goze Eólo, e tenha
„ O mando seu nos enclaustrados ventos. „
Apenas falla, ainda mais depressa
Applaca o bravo mar, e as densas nuvens
Afugenta, e do Sol as luzes torna.
Cymothoe, e o Tritão a hum mesmo tempo
Com esforço decíma de hum agudo
Cachopo as náos empuxão; c'o tridente
As ajuda Neptuno, e as vastas syrtes
Alarga, e todo o mar serena, e corre
Nas leves rodas sobre as altas ondas:
E como muitas vezes se alevanta
N'um grande povo sedição, e irado
O ignobil vulgo todo se alborota,
E já voão tições; pedras, e armas,
Subministra o furor; porem se vírão
Pio Varão de mérito sublime,
Calão-se, e parão para ouvillo attentos;
Elle os animos rege, e abranda as iras:
Assim do mar toda a braveza amaina.

Tantoque o Padre os olhos estendendo
Pelo pego, e levado em ar sereno
Vira os cavallos, e voando bate
As redeas á veloz carroça: buscão
Os Troianos cançados com seu curso
Ir arribar ás mais vizinhas praias,
E á Lybia costa as prôas endireitão.
Ha hum lugar n'uma enseada longa,
A quem faz porto natural na entrada
Huma Ilha c'os lados seus oppostos,
Em que as ondas do alto em flor rebentão,
E pelo sinuoso golfo espraião:
D'um lado, e d'outro estão vastos rochedos,
E dous altos cachopos, que ameação
O ceo. Por baixo delles largo espaço
Seguras dormem em silencio as aguas.
Fica imminente emcima huma floresta
Com mobil arvoredo, e hum bosque escuro
D'horrida sombra: fresca gruta entesta
De pendentes penhascos; aguas doces
Ha dentro, e assentos naturaes talhados
Em viva rocha, habitação das Nynfas.
Aqui amarra, ou retorcido dente
Das ancoras não prende as náos cançadas:
Da armada toda aqui com sete vasos
Juntos arriba Enéas; e os Troianos,
Cobiçosos de terra desembarcão,
E a arêa á tanto desejada gozão,

E seus humidos membros sobre as praias
Estirão: logo Achates as faiscas
Da pederneira tira, e o fogo em folhas
Recebendo, accendalhas põe de roda,
E em taes fomentos logo excita a chama,
Então cançados de trabalhos tantos
E o pão molhado, e os cereaes aprestos
Tirão fóra os Troianos, e o grão salvo
Ao fogo seccão; e sob a pedra quebrão.

Emtanto Eneas hum penhasco sóbe;
De lá c'os olhos todo o mar ao longe
Discorre, para ver, se acaso avista
A não de Anthêo, dos ventos arrojada,
E as galeras de Frygia; e a não de Capis,
Ou de Caico as armas n'alta popa:
Não divisa nenhuma: mas vagando
Vê errar pelas praias tres veados,
Após os quaes todo o armentio desce;
E grão rebanho pelos valles pasta.
Aqui pára, e na mão em continente
Toma o arco, e as velozes frechas, armas
Que comsigo trazia o fido Achátes;
E primeiro que todos prostra em terra
Tres guieiros, que ao ar altas cabeças
Com seus galhudos cornos arvoravão:
Depois co' as lanças todo o bando acoça
Entre os frondosos bosques; nem descança,

Semque primeiro vencedor derribe
Sete grandes veados, e o seu numero
Co' as náos iguale: daqui desce ao porto,
E a presa pelos socios seus divide:
Depois reparte os vinhos, que nos vasos
O bom Acestes na Trinacria praia
Carregára, e ao partir de lá lhe déra;
E os pezarosos animos consola,
Taes palavras soltando: „ O' companheiros,
„ (Pois que ainda dos males já passados
„ Nos lembramos,) ó vós, que já soffrestes
„ Os mais graves, tambem a estes cedo
„ Dará Deos fim: vós a braveza horrenda
„ Arrostastes de Scylla, e os resonantes
„ Cachopos; vós correstes os Cyclopeos
„ Rochedos: animai-vos, e deponde

E futuros manjares: das lombadas
Rasgão as pelles, e as entranhas mostrão:
Huns retalhão as carnes em pedaços,
E ainda palpitantes as espetão
Nos assadores: outros as caldeiras
Alção na praia, e lhe ministrão chamas.
Então refazem com guizado as forças;
E estendidos na relva se recheão
De annoso vinho, e carne montezinha.
Depois de satisfeita a fome, e as mesas
Levantadas, em praticas compridas
Procurão pelos socios seus perdidos;
Entre esperança e medo duvidosos
Se creião, que inda vivem; se os extremos
Fados já soffrem, nem chamados ouvem.
Comsigo o pio Eneas sobre todos
O caso ora de Oronte, ora de Amyco
Lamenta, e mais de Lyco os crueis fados;
E o forte Gyas, e Cloanto forte.
Hia já a finar o dia: emtanto
Do alto Olympo Jove contemplando
O velivolo mar, e as baixas terras,
E as praias, e os extensos povos, pára
No vertice do Ceo, e fita os olhos
Sobre os Reinos da Lybia. Quando estava
Taes cuidados no peito revolvendo,
Venus, mui triste, os olhos radiosos
Em lagrimas banhando, assim lhe falla:

„ O' tu, que com eterno imperio reges
„ Os interesses dos homens e dos Deoses,
„ E os assustas co' raio; qual excésso
„ Commetteo contra ti o meu Eneas,
„ Qual os Troianos, que depois de tantos
„ Trabalhos se lhes fecha o Orbe inteiro,
„ Porque a Italia não toquem? Tu por certo
„ Lhes prometteste, que passados annos
„ Delles virião os Romãos hum dia,
„ Delles os Capitães de Teucro sangue,
„ Que o mar, que as terras a seu mando houvesse
„ Que tenção nova te mudou, ó Padre?
„ A' fé, que eu só com isto consolava
„ A desgraça de Troia, e o triste estrago,
„ Máos fados com bons fados compensando.
„ Ora aos varões por tantas desventuras
„ Accossados persegue a mesma sorte.
„ Pôde Antenôr por entre Achivos salvo
„ Os Illyricos seios, e os Liburnos
„ Intimos Reinos penetrar seguro;
„ E vencer de Timávo as fontes, donde
„ Já feito hum mar por nove fozes corre
„ Com grão fragor do monte despenhado,
„ E com ruidosa enchente alaga os campos;
„ Elle com tudo alli fundou de Pátavo
„ A Cidade, e o assento aos Teucros; nome
„ Deo á Gente; e fixou de Troia as armas:
„ Ora em placida paz posto, descança.

„ Nós, tua prole, a quem do Ceo franquêas
„ O alcáçar, as náos (ó dor) perdidas,
„ Por ira de huma só, somos trahidos,
„ E das Italas terras affastados!
„ He esta a compaixão, com que nos honras?
„ Assim, senhor, nos restitues ao Sceptro?„
'ara ella o Pai dos homens, e dos Deoses
orrindo-se c'um gesto, que serena
) Ceo, e as tempestades, leve beijo
)eo na filha; e desta arte assim lhe torna:
„ O medo perde, ó Cytherêa; immoveis
„ Dos teus os fados são: tu a Cidade
Verás, e de Lavinio os promettidos
Muros: tu levarás do Ceo aos astros
O magnanimo Eneas sublimado:
Nem mudei de tenção. Elle (porquanto
Mais largo fallarei, pois te fatiga
Este cuidado, e os fados revolvendo,
Descerrarei os seus arcanos) elle
Grande guerra fará na Italia, e os povos
„ Ferozes domará: elle os costumes
„ Fundará, e a Cidade ás gentes, quando
„ Terceiro estio o vir reinar na Italia,
„ E passarem os Rutulos domados
„ Tres invernos: porem o moço Ascanio,
„ Que ora de Jûlo o sobrenome ajunta,
„ (Era Ilo, em quanto havia o Reino de Ilion)
Encherá com seu mando de annos trinta

„ O grande espaço; e o Reino de Lavinia
„ Mudará, e com muito poderío
„ Longa Alba munirá; e a Hectorea Gente
„ Aqui ha de imperar annos completos
„ Trezentos, té que prenhe de Mavorte
„ Ilia, Real Sacerdotiza, paira
„ Gemea prole. Depois lédo vestindo
„ Da Loba criadora a fulva pelle,
„ Receberá a gente, e os marcios muros
„ Rómulo levantará; e de seu nome
„ Lhe chamará Romanos. Eu a estes
„ Nem termos fixo no reinar, nem tempo:
„ Dei-lhe Imperio sem fim: áspera Juno,
„ Que agora o mar e a terra e os Ceos fatiga
„ Com receio, ella mesma os seus conselhos
„ Mudará em melhor; e já comigo
„ Aos Romanos, senhores do Universo,
„ E á Togada Nação será benigna.
„ Assim apraz: virão, correndo os lustros,
„ Tempos, em que á Phthia, e em que Mycen
„ De Assáraco a familia porá freio;
„ E sobre Argivos reinará vencidos.
„ Nascerá da formosa origem Cesar
„ Troiano, que porá ao Imperio termo
„ Co' Oceano, á fama co' as estrellas.
„ Será Julio, do grande Julo nome
„ Trazido. A este, rico dos despojos
„ Do Oriente, no Ceo segura hum dia

„ Receberás: este tambem com votos
„ Invocado será: então deixadas
„ De todo as guerras, seculos de ferro
„ Hão de abrandar-se: a alvá Fê, e Vesta,
„ E Quirino com Remo irmão, as santas
„ Leis hão de dar: com rigidos ferrolhos
„ Apertadas da guerra as crueis portas
„ Serão fechadas: sobre as feras armas
„ Sentado dentro o impio furor, e preso
„ Com cem laços de bronze sobre as costas,
„ Bramará co' a cruenta boca horrendo. „
Isto disse; e de Maya o Filho manda
Do alto, porque as terras, e da nova
Carthago os muros em hospicio aos Teucros
Se franqueem: nem Dido o fado delles
Ignorando, dos Reinos seus os lance.

# TRADUCÇÃO
## DA
# PREFACÇÃO
## DAS
# FABULAS DE FEDRO.

Eu poli a materia em versos jambos,
Qual primeiro inventou author Esópo;
Dois dotes tem o livro: move a riso,
E com sabio conselho ensina os homens.
Se alguem quizer taxar-nos, porque fallão
Não só féras, mas arvores, repare,
Que com fingidas fabulas brincamos.

# TRADUCÇÃO

DA

# FABULA I.

O

# LOBO E O CORDEIRO.

Hum Lobo, e hum Cordeiro sequiosos
A hum mesmo rio tinhão vindo: o Lobo
De cima estava, e a rez cá muito abaixo:
D'improba gula eis movido o Lobo
Motivo levantou de queixa, e disse:
Porque estando eu bebendo, a agua me turbas?
A lanígera rez repõe tremendo:
Como posso fazer, te rogo, ó Lobo,
O mal, de que te queixas? de ti corre
A agua para onde eu bebo: elle
Das forças da verdade repulsado,
Ha seis mezes, lhe diz, me maldisseste:
Responde a rez: não era então nascido:
Certo teu pai, lhe torna, me maldisse;

E assim arrebatando-a com injusta
Morte a lacéra. Para aquelles homens
Se escreveo esta fabula, que opprimem
Com fingidas razões os innocentes.

# TRADUCÇÃO

DE

# HUMA POESIA

DE

# M. ANTONIO FLAMINIO

*Ao seu Campinho.*

(Livro I. dos seus Poemas.)

Formoso Bosque, e vós, lucidas Fontes,
Vós das candidas Nynfas sacros Templos,
Quão ditoso serei, quão grato aos Deoses,
S'eu viver, e morrer no vosso seio
Puder: ora me fórça o fado acerbo
Ir a remotos climas, e meu corpo
Cançar já debil co' estranhas lidas.
Mas tu, Diana, destes montes guarda,
S'eu muita vez cantei os teus louvores
Co' a doce flauta, e ornei de flor as aras;
Faz, ó Deosa, que aqui eu volte cedo:

**Mas ou volte, ou mo negue a Parca, emquanto**
**O for de mim, serei de ti lembrado,**
**Formoso Bosque, ó vós lucidas Fontes,**
**O' das candidas Nynfas sacros Templos.**

# TRADUCÇÃO
## DE
## HUMA POESIA
## DO
## MESMO AUTHOR
## A
# PEDRO VIPERO

*Sobre a sua felicidade.*

(Do Livro II. de seus Poemas.)

---

O' feliz velho, velho venturoso,
Com que alto verso poderei louvar-te?
Pequena casa tens, mas aceadas
Alfaias, elegante leito, quadros
Que até os olhos eruditos prendem
Com as suas figuras: bem ornado
Gabinete, de livros grande copia,
Que a viver felizmente, e bem te ensinão;
Mesa limpa; manjares muito simples;
Hum criado fiel antigo e velho,

E ate teu companheiro, com quem folgas
Conversando passar teus doces dias,
E lédo gracejar; que o velho certo
He meigo, jovial, discreto e amavel.
Accresce a estes bens afortunados
O formoso jardim, que o mesmo velho
Corycio ao seu campinho preferíra,
E o Padre de Nausíaca chamára
De todos os jardins a flor: a isto
Ajunta, que velhice tens viçosa,
Candido esp'rito, candidos costumes,
E esses cinco sestércios, que cada anno
Da Cidade te vem, e sós te bastão;
Ambição, e temor da morte, e tudo,
Quanto amesquinha hum velho, está mui longe
De ti; que a sãa virtude, aos Deoses grata,
Todos os bens promette á vida, e á morte:
O' feliz velho, velho venturoso,
Com que alto verso poderei louvar-te?

# TRADUCÇÃO

DE

# HUM EPIGRAMMA

DE

## JOÃO GERARDO DE ROSSI,

DIRECTOR DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE PORTUGAL EM ROMA.

O

# RELOGIO DO AMOR.

Não sei, com qual sentido
Este relogio me quiz dar Cupido;
Eu lho acceitei, mas sempre he mentiroso:
Que do prazer nas horas presuroso
Corre, mas muito vagaroso e lento
Nas horas de tormento.

---

Non só con qual pensiero
Donar mi vole un oriolo Amore;

Io l'accettai, ma sempre é menzognero;
Che del piacer nell'ore
Corre troppo veloce, e troppo lento
Nell'ore del tormento.

Na Obra *Scherzi Poetici* e *Pittorici* impressa em Parma em 1795 por Bodoni fol. XVI.

375

# TRADUCÇÃO

DE

OUTRO EPIGRAMMA

DO

# MESMO.

O

# AMOR FILOSOFO.

Sobre antigo volume
Hum Amorito vi a lêr contino:
Eu disse: Eis alfim hum sabio Nume,
Que estuda os dogmas de Platão divino:
O' louca, ó falsa idea, qne eu formava!
De Epicuro os preceitos estudava.

---

Sopra antico volume
Leggere vidi attento un Amorino
E dissi: eccolo alfin quel saggio Nume

Che studia i dogmi di Platon divino
O folle e vana idea!
D'Epicuro i precetti egli leggea.

Scherzi Poetici fol. XXII.

# INDICE.

*A D. Francisco Rafael de Castro nomeado Reformador Reitor da Universidade . . . . a p. 3*

*A Fabricio avisando-o que tenha medida em seus estudos . . . . . p. 8*

*A Joaquim José Ferreira Gordo sobre os erros dos Filosofos . . . . . p. 11*

*Ao Doutor Simão de Cordes Brandão e Atayde sobre a direcção dos estudos . . . . . p. 17*

*A Antonio Alvares sobre os bens da Paz . . p. 20*

*A D. João Alberto de Noronha contra os Libertinos . . . . . p. 26*

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira sobre os prazeres innocentes da vida* . . . . p. 29

*Ao Doutor José Barroso Pereira sobre a desigualdade dos premios e fortunas* . . . . . p. 32

*Ao Capitão Manoel de Soisa sobre o Infante D. Henrique* . . . . . p. 3[illegible]

*A Almeno excitando-o a cantar Objectos dignos de sua Lyra* . . . . . p. 3[illegible]

*Ao mesmo sobre o mesmo Assumpto* . . . . p. 4[illegible]

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira sobre o prazer da leitura dos Poetas na solidão* - - p. 4[illegible]

*A Josino que havia enviado ao Author algumas de suas Poesias* . . . . . p. 5[illegible]

*A Fabricio sobre a indagação das Antiguathas* p. 55

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira sobre os objectos dignos da Poesia* . . . . . p. 58

*A Alexis no dia dos annos de D. Francisco Rafael de Castro* . . . . . p. 63

*A Lereno sobre a lição dos Poetas Portuguezes* p. 68

*A Dorindo sobre o solido merecimento do homem* . . . . . p. 72

*A Francisco de Borja Garção Stockler sobre o Genio das Mathematicas* . . . . . p. 75

*A Francisco José da Serra sobre o desprezo em que muitos tem a Lingua Portugueza preferindo-lhe as estranhas* . . . . . p. 78

*A Sylvio por occasião da morte de hum que muito tinha abusado de seu poder e riqueza* . . p. 80

*A Almeno paraque volte as suas Poesias em louvor do Author para outros assumptos que o mais mereção* . . . . . p. 82

*Ao Doutor José Barroso Pereira sobre a falta vulgar de alguns estudos uteis ao homem* . p. 86

*Ao Doutor Simão de Cordes sobre a Educação* . p. 88

*A Fileno sobre a variedade e mudança das paixões nas diversas estações da vida* . . . p. 91

*Ao Doutor José Barroso Pereira sobre a vaidade das coisas do mundo* . . . . . p. 9

*A Almeno, dando-lhe o Author conta de si* . p. 9

*Ao mesmo paraque venha com a sua Traducção da Metamorfose de Ovidio* . . . . . p. 9

*Ao mesmo rogando-lhe que venha com as suas novas Traducções da Metamorfose* . . p. 10

*A Anfriso no principio do Anno Novo* . . p. 11

*A Almeno, havendo o Author recebido Poesias delle em seu louvor* . . . . . p. 1

*A D. Maria Luiza de Vallare sobre o merecimento do antigo Poeta Antonio Ferreira* . p. 1

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, estando elle e o Author em ferias* . . . . p. 1

*A Alexis, que convidava o Author para festejar com versos o dia dos Annos de D. Francisco Rafael de Castro* . . . . . p. 1

*A Fileno sobre os Epicos Portuguezes* . . p. 1

*A Almeno na vinda de Silvio* . . . . . p. 142

*A Joaquim Ferreira de Sampaio no dia dos annos do Author* . . . . . p. 144

*A D. Francisco Rafael de Castro no dia de seus Annos* . . . . . p. 146

*Ao mesmo pouco antes do dia dos seus Annos* . . . . . p. 148

*A hum Amigo sobre os entretenimentos do Author* . . . . . p. 151

*A hum Amigo, que reprehendia o Author sobre o objecto de algumas de suas Poesias* . . p. 155

*A Silvio na morte de Almeno* . . . . . p. 158

*A Silvio Medico sobre o mesmo assumpto* . p. 161

*A João Baptista da Silva sobre o mesmo assumpto* . . . . . p. 163

*A Francisco de Borja Garção Stockler sobre os Estudos da Natureza* . . . . . p. 167

*A D. Maria Luiza de Valleré por occasião de ha-*

*ver louvado huns versos do Author sobre os prazeres innocentes* . . . . . p. 170

*A' mesma sobre o mesmo Assumpto* . . . p. 177

*A Manlio que muito entregue aos estudos da Filosofia Moral se esquivava aos convites dos amigos* . . . . . p. 181

*A Antonio Alvares sobre a preferencia das Poesias de Antonio Diniz e de Garção* . . . p. 183

*A Alexis sobre a affectação dos que escrevem por linguagem velha* . . . . . p. 186

*A hum Amigo sobre a Poesia Epithalamica de Antonio Ferreira, e Manoel de Galhegos* . p. 188

*A D. Maria Luiza de Valleré sobre o Pomar do Author* . . . . . p. 191

*A' mesma sobre a Horta do Author* . . . . p. 203

*A' mesma sobre o Jardim do Author* . . . p. 211

*A Lorino convidando-o para festejar o dia dos Annos de Fabricio* . . . . . p. 222

*A hum Amigo remettendo-lhe da Quinta humas galinhas de casta* . . . . . p. 224

*A Joaquim Ferreira de Sampaio. Convite* . p. 228

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira. Convite* . . . . . p. 230

*A hum Amigo contra os Causticos* . . . p. 232

*A Filinto sobre huma jornada, que o Author fez da Cidade do Porto a Vallongo* . . . p. 234

*A Joaquim Ferreira de Sampaio. Convite* . p. 238

*A Alexis sobre hum Sonho* . . . . . p. 241

*A Alcino dando o Author os motivos de lhe não ter escrito em verso* . . . . . p. 244

*O Author ás suas Musas* . . . . . p. 247

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira em louvor das Bellas Artes* . . . . . p, 250

*A Antonio Ferreira de Sampaio sobre a lição dos Prosadores Portuguezes* . . . . . p. 255

*Ao mesmo sobre o estudo da Lingua Portugueza pelo que respeita aos Poetas* . . . . . p. 260

*O Author ás suas Musas* . . . . . p. 265

*A Alfeo exhortando-o a levar com paciencia os trabalhos de sua vida* . . . . . p. 266

*O Author ás suas Musas* . . . . . p. 269

*Ao Doutor Jose da Silva Xavier exhortando-o a celebrar em seus versos os grandes Filosofos do Seculo XVII.* . . . . . p. 270

*Ao mesmo exhortando-o a celebrar na sua Poesia os grandes Filosofos do Seculo XVIII.* p. 276

*A Fileno que pedia conselho sobre quaes Poetas devia ler* . . . . . p. 280

*O Author aos seus Livros* . . . . . p. 285

*A Francisco de Borja Garção Stockler, rogando-lhe, que celebre em seus versos os mais esclarecidos Mathematicos modernos dos dois ultimos Seculos* . . . . . p. 289

*A hum Bosque. Assumpto dado* . . . . p. 298

383

*Sentimentos de amizade de hum esposo a sua esposa lembrando-se da morte. Assumpto dado* p. 303

# ENSAIOS DE TRADUCÇÕES LITERAES.

*Traducção dos primeiros versos do Livro I. da Iliada de Homero* . . . . . p. 306

*Do passo de Heitor despedindo-se de seu filho e mulher, em Homero* . . . . . p. 313

*Do Idylio de Bion na morte de Adonis* . . . p. 315

*Da Ode I. de Anacreonte* . . . . . p. 321

*Da Ode II.* . . . . . p. 324

*Da Ode III.* . . . . . p. 327

*Da mesma Ode* . . . . . p. 331

*Da Ode XI.* . . . . . p. 333

*Da Ode XVII.* . . . . . p. 334

*Da Ode XXXIII.* . . . . . p. 335

*Da mesma Ode* . . . . . p. 336

*Da Ode de Sapho a Phaon* . . . . . p. 337

*Do Idylio do Amor fugitivo de Moscho* . . p. 339

*Do Exordio do Poema de T. Lucrecio Caro, sobre a Natureza das coisas* . . . . . p. 342

*Do lugar do mesmo sobre a origem natural da linguagem* . . . . . p. 345

*De huma parte do Livro I. dos Eneidos de Virgilio* . . . . . p. 349

*Da Prefação das Fabulas de Fedro* . . . p. 366

*Da Fabula I.* O Lobo e o Cordeiro . . . p. 367

*De huma Poesia de M. Antonio Flaminio ao seu Campinho* . . . . . p. 369

*De huma Poesia do mesmo Author a Pedro Vipero* . . . . . p. 371

*De hum Epigramma de João Gerardo de Rossi, intitulado:* O Relogio do Amor . . . p. 373

*De outro Epigramma do mesmo, intitulado:* O Amor Filosofo . . . . . p. 375

FIM.

| *Erratas.* | | | *Emendas.* |
|---|---|---|---|
| p. 29 | v. 3 | ignominia | ignorancia |
| p. 50 | v. 5 | Lilia | Filis |
| p. 58 | v. 4 | Queixote | Quixote |
| p. 65 | v. 2 | na Lusa lingua | a Lusa lingua |
| p. 66 | v. penult. | c'roados | c'roadas |
| p. 81 | v. 4 | entre a tropa | e entre a tropa |
| p. 83 | | em a Nota, aonde se diz: Bispo de Malaca, devia accrescentar-se: e de Angola, a que se faz allusão naquella epistola. | |
| p. 176 | v. ult. | o ser | ser |
| p. 257 | v. 6 | Couto | e a Couto |
| p. 260 | v. 12 | vigorosa | vigoroso |
| p. 263 | v. 23 | ainda | inda |
| p. 267 | v. penult. | deleites | deleite |
| p. 279 | v. penult. | homem | home |
| p. 293 | v. 13 | hoje | e hoje |
| ibid. | v. 22 | Hevelko | Hevelio |
| p. 296 | v. 3 | e cobrem | cobrem |
| p. 318 | v. 10 | com | co'as |
| p. 320 | v. 3 | porem que | porem porque |
| p. 359 | v. 7 | e o pão molhado | O pão molhado |
| p. 361 | v. 7 | Então refazem com guizado as forças | c'o guizado |
| p. 364 | v. 20 | em que Mycenas | em que a Mycenas. |

# POESIAS
## DE
# ELPINO DURIENSE.

## *TOMO II.*

LISBOA,
*NA IMPRESSÃO REGIA.*

1812.

*Por Ordem Superior.*

[redacted]

3

## A' BENEFICENCIA

## DE DEOS.

Harpa sagrada d'oiro, que não sofres,
Que mãos te toquem dos mortaes profanas,
Consente-me huma vez, poisque a Virtude
O coração me inflamma,

Que sublime comtigo me remonte
Muito acima dos astros cristalinos,
E vá soltar teus sons melodiosos
Entre os Celestes Divos.

Ante o Solio de estrellas recamado
Do Supremo Adonai a magestade
Hei de adorar; e em canticos sagrados
Alçar os seus louvores.

Mas com qual nome o chamarei, que seja
Igual a seu poder, benigno, immenso?
Oh! s' eu fraco mortal achar não posso
Hum nome de ti digno,

4.

Sofre, que te dê hum, ó Deos Eterno,
Que o grato coração por ti me inspira:
Eu só te chamarei, se m'o consentes,
O Amigo do Homem.

5

# A'
# VIRTUDE.

O' virtude, ondequerque occulta estejas
Cá sobre a terra n'algum valle escuso,
Entre selvagens, menos já ferozes
Que os Cidadãos polidos;

Ou antes lá nos Ceos, só de ti dignos,
Desdeque irosa a nossos vicios, longe
De nós te foste; ah! torna, ó casta Virgem,
Torna outra vez ao Orbe.

Esta idade de aceiro, e duro ferro,
Tinta de sangue, e fogo, armada em guerra,
No oiro antigo da Saturnia idade
Benigna nos transforma.

Então de braços dados caminhavão
A boa Fé, e a candida Verdade;
A Rectidão regia os passos todos,
Sem lei, sem magistrado:

Nem trompa bellicosa despertava
Os molles somnos; nem pinheiro ousado,
Filho da selva, dos Idalios montes
Ao estranho mar descia:

Ocio brando, e tranquillo os povos tinhão;
Moderado trabalho era seu trato;
Contentes do que basta á vida humana,
Vivião longos annos.

Oh! se tu, Mãi benefica, tornasses,
De nosso rogo, e lagrimas movida,
Estes bens outra vez a nossos lares
Comtigo voltarião.

A guerra insana, que as nações devora,
Ambição de mandar, impia cubiça
De tantos ricos, que a pobreza insultão,
Monstros crueis e iniquos,

Ou lá para os Cimerios negros montes,
Tua luz não sofrendo, fugirião;
Ou antes de tropel precipitados
Irião ver o Averno.

Então dias em bella rosa envoltos,
D'entre os já mortos seculos surgindo,
Virião consolar o mundo inteiro
Dos dias, que perdêmos.

7

# A' S MUSAS

## EM LOUVOR DA VIRTUDE

## D A

# C O N S T A N C I A.

Cantemos, Musas, o Varão constante,
Obra do Eterno. Quando a Mão Potente
Por cume de estupendas maravilhas
Formou do nada o Homem,

Sellou sua alma co' a virtude santa,
E só porque a guardasse casta, e pura
Murou-lhe o coração de duro bronze
De rigida constancia.

Eia, diz Deos, mil asperos combates
Tens de encontrar, ó Homem; mas tu pódes,
Forte em teu muro, resistir trabalhos,
Vencer irosos fados. (*)

(*) Não se estranhe a Syntaxe deste lugar. Bernardim Ribeiro na Eglog. I. disse já:

„ Resistir grandes paixões
„ Vem de esforço, e valentia. „

C'os olhos sempre postos n'alta estrella,
Que te aponta dos Ceos, e a mim te guia,
Defende com valor a estancia honrosa
Da solida virtude.

Soou-te n'alma a voz celeste, e logo
Firme a seguiste, ó Socrates sublime,
Nem joelho dobraste ante os Tyrannos,
Nem medo houveste á morte.

# A ELREI
# D. JOSE I.

*As Musas cantão; dellas he sabida,*
*Não de metaes, de cedros, de esculpturas,*
*A Fama aos claros feitos concedida.*

Ant. Ferr. Liv. I. Cart. VIII.

Louvão-te, ó Rei, as Musas soberanas
Das coisas grandes, que fizeste em Lysia:
Pôde destro Machado em seu desenho
Formar teu Busto excelso;

Pôde o engenhoso Costa a Estatua altiva
Fundir-te em bronze, oitava maravilha;
E pôde Silva bosquejar-te a imagem
No rico Luso Quadro;

Porem teu coração, tua alma grande,
Tudo o que foste a ti, e aos teus, e ao mundo,
Não pudérão mostrar co' a subtil arte
Aos Seculos vindoiros:

**Só ás Filhas de Jove, Sacras Musas,**
**Foi dado trasladar em ricos versos**
**As sublimes virtudes, que te ornárão**
**O benefico peito.**

## PELA PROSPERIDADE
DO
## IMPERIO PORTUGUEZ
E DO
## PRINCIPE HERDEIRO. (*)

Deoses de Lysia, que no Olympo eterno
Volveis nas sabias mãos nossos destinos,
O' venerandos sempre, ó sempre honrados
Nas sacrosanctas aras,
Que Lysia vos erguêra;

Prestai-nos, quanto com ferventes rogos
As castas virgens, os meninos castos,
Por ella os curvos anciões vos pedem
Nos votos, que vós mandão,
C'os olhos no Ceo postos.



(*) Foi feita ao Principe D. José de saudosa memoria.

Tu, almo Sol, que no brilhante carro
O dia mostras, e outra vez o escondes,
E nasces depois outro, e sempre o mesmo,
Nunca, nunca tu vejas
Coisa maior, que Lysia:

(*) Por ella esqueças, quanto vês no curso,
Que desde o sacro Ganges vens abrindo;
Mais, que o Rheno, que o Támesis, que o Sena,
Que o ~~Ebro e Maçanares~~,
Ama o doirado Tejo.

Se aqui ultima Thetis carinhosa
Nos cristalinos braços te recebe,
Quando desces maior, mais magestoso
Do carro de diamante
A's praias do Occidente; (*)

Sempre cá tragas tão serenos dias,
Que as tres Filhas da Noite nunca possão,
Nem do seio do Sul malignos austros,
Ou raio procelloso,
Manchar seus puros ares.

---

(*) Allusão á crença dos antigos Lusitanos, que, segundo Posidonio, entendião, que o Sol se punha no seu Occaso muito maior, doque era em todo o dia; ao que tambem alludio o nosso Francisco de Sá de Miranda na Egloga VIII. Est. 67.

O' vós da Patria Tutelares, dai-nos
Costumes bons á docil mocidade,
Doce repouso á placida velhice,
Firmeza ao Luso Imperio,
A' clara Gente fama;

Se vossa obra he Lysia, e se abrasado
Ilion, de Laerte o Filho errante,
Por vosso alto decreto arando os mares,
Erguer no Tejo veio
Os muros de Ulyssêa;

Deoses, guardai-a, e guardai nella o sangue,
Qu' he sangue vosso, do formoso Joven, (*)
A quem já Lysia, d'alto amor vencida,
Reserva em rico dote
Hum Sceptro d'oiro fino.

Conservai-lhe constante essa divina
Tenção de bem fazer, que n'alma impressa
Trouxe de vós por dadiva celeste; (**)
Por nós huma alma grande,
Principe, os Ceos te derão:

(*) O Principe D. José.

(**) *Talent de bien faire* — era a letra da divisa, que havia tomado o Grande Infante D. Henrique.

Ou tu queiras imperio igual a Jove
Sublime exercitar na terra, e á frente
Deste Povo de Heroes obrar façanhas,
Que escureção memorias
De Gregos, e Romanos;

Ou antes folgues ser chamado Amigo,
Pai do teu Povo, (oh! nome doce, oh! nome
Que tu só prézas, que prezar só deves)
Mantendo o Luso Imperio
Em riça paz doirada;

Banindo o crime, e author do crime o oci
E atroz superstição em sangue tinta,
Em seu lugar padrão eterno erguendo
A' sabia industria, ás Artes,
A' solida virtude.

O quequerque tu fores, vive, e tarde
Vás ver o claro Avô no Ethereo Assento,
Que lêdo em ser por ti vencido, espéra,
Que novo Deos lá voltes,
Inda maior, doque Elle.

# AO
# PRINCIPE REGENTE.

*Tu rege mansamente e com justiça,*
*Estas sejão tuas artes . . . . . .*
. . . . . .
*Amor faz os bons Reis . . . . . .*

Ant. Ferr. Liv. I. Cart. 1.

Sê doce Pai da Patria, este só nome,
O' Principe, te baste; esta a divisa
Do Sceptro augusto, que te espera hum dia
No Throno de Ulyssêa:

Este formoso timbre, alta esperança
De grandes coisas, que de ti promettes,
As Tagides gentís já vão lavrando
Em telas d'oiro fino.

Entre os Divos celestes assentado,
O claro Avô dos Ceos em ti seus olhos
Fita; e na sacra mente já revolve
Tuas nobres façanhas.

Eia (de lá te diz já Deos) ó Filho,
Constante segue essa tenção formosa
De bem fazer aos homens, que em teu peito
Os Immortaes puzerão:

Despreza desses Cezares soberbos
As palmas, em humano sangue tintas;
Teus povos ama; em doce paz os rege;
Sê delles Pai, e Amigo.

17

EM LOUVOR

DA

# VIRTUDE DA CONSTANCIA

NAS

# ADVERSIDADES DA PATRIA.

Quando da Patria desditosa os fados
Não póde contrastar o varão sabio,
Seus duros males em silencio chora:
Por ella noite, e dia
Suspiros mil aos altos Ceos envia.

Se a seus fervidos rogos, e gemidos
Incompassivos Deoses se não movem,
Dos Deoses Soberanos, que alto impérão,
Adora reverente
Os Decretos fataes, e humilha a frente.

Dá, o que resta, á Patria em sãos costumes,
A vida lhe reserva casta e pura;
Firme a seu lado as lagrimas lhe enxuga
Nas tristes agonias
De seus funestos derradeiros dias.

Do nobre exemplo attonito estremece
Sobre o Throno o Tyranno, e menos duro
O braço enfrea, de furor armado,
Respeitando o semblante
Do homem justo, do varão constante.

Quando dos sete montes a Rainha,
Aos pés do forte vencedor prostrada
Depõe do mundo o magestoso sceptro,
Brama insofrido, e fero
Da liberdade o Defensor severo.

Por ti, não pela Patria desgraçada
Iroso fremes, e o rival não sófres:
Se a seu Imperio usurpador faltára,
Por seu misero damno
Em ti lhe deras outro igual tyranno.

A morte, que te dás, Catão soberbo,
Remir não póde seus grilhões pesados;
Ostenta embora o teu triunfo insano;
No peito o punhal crava,
Mas Cesar vence, e fica Roma escrava.

# A' MEMORIA
## DOS
# VARÕES PORTUGUEZES.

De nectar borrifado o Sacro Loiro
Sacóde sobre mim; divino orvalho
Por meus hombros esparze; dá-me esp'rito,
Torna-me hum Vate, ó Musa.

Assim, assim trocaste em niveo Cysne
O Thebano gentil: assim eu posso
Cantar, filhos dos Deoses, nobres Lusos,
Que o mundo inda hoje espantão.

Tu primeiro virás c'o rosto grave
A' frente augusta dos aládos Hymnos,
Egas, ó grão primor da excelsa Elysia,
Vassallo d'honra e brio:

Porcima desses astros te levanta
A acção leal, com que a palavra cumpres,
E te vais entregar ao Rei inimigo
A ti, a Esposa, e os Filhos.

Vós tambem soareis na eburnea Lyra,
Que altos feitos aos altos Ceos levastes,
O' Sem pavor Geraldo, ó tu, Corrêa,
Que o Sol sustens no curso.

Virão dar nova luz ao claro dia
Freitas fiel ao Rei, fiel Pacheco,
Vassallos de grãa fé, de grãa constancia,
Do bravo Conde espanto.

Virá Gonsalves, esse Heroe sublime,
Portento de valor e lealdade,
Que sob o mortal golpe, que o ameaça,
Intrepido não cede;

Mas brada ao Filho: „ Sê constante, e o posto
„ Por nosso Rei defende „: e assim bradando
Ufano de morrer, c'o sangue o campo
Junto ao Castello rega.

Nem tu sem rima igual, ó Nuno invicto,
Ficarás depois destes; mostra ao mundo
Essa espada, que ergueo aos Ceos teu nome,
No Hispano sangue tinta,

Quando com ella impávido rompeste
Cerrados esquadrões em campo raso,
De teu Rei n'alta fronte segurando
A nova Cróa, e o Loiro.

Mas eu, que intento? nem tu mesma pódes
Cantar, ó Musa, a clara serie immensa
Dos Heroes Lusitanos, que exaltárão
Com tanto feito a Patria.

# EM LOUVOR
DE
# MARTIM DE FREITAS,

*Alcaide Mor de Coimbra, no cerco, que lhe poz D. Affonso, Conde de Bolonha.*

Qual Genio, ó Musas, inspirou sublime
Hum novo pensamento d'honra e brio
Ao grande Heroe da Lusitana Gente,
Que inda hoje ouvido assombra
A Patria Elysia, e o mundo?

Mui leaes a seu Rei os nobres Lusos,
Sem as armas depôr, sem dormir somnos,
Velando no espigão do muro firmes
Desse asperrimo cerco
Feros combates sofrem.

Tu, claro Monda, os duros males viste:
Curvados anciões, sagrados Vates,
Candidas virgens, pavidos infantes
No regaço da fome
Morrião cruas mortes.

Juncada de cadáveres a praça,
Faltava pia terra, que os cobrisse,
Faltava pyra funeral ardente,
Que em chamas devorasse
Os insepultos corpos.

Poucos Varões, que restão só lamentão
De não morrerem na campina rasa,
Em cheo guerreando, não fraternas
Hostes, mas tropa imiga
De estranha gente e Reino.

Assim os Deoses sem piedade os Lusos
Entre apertos de morte ou d'honra deixão;
Porem constante e forte em taes extremos
Não cede aos duros astros
O valeroso Freitas.

Nem sede, ou fome, ou bárbaro trabalho,
Nem fatal risco, nem funesto nuncio
Da morte de seu Rei o faz descer-se
D'altas tenções fidalgas
De peito excelso e firme.

Sustenta a voz por Sancho; não consente
Mingoa em seu nome, que a algum outro ceda
Esse Castello, por que fez menagem,
Téque vejão seus olhos
Do Rei defuncto o corpo.

Este o pacto: por entre armadas filas
Do attonito Conde, com semblante,
Qual o de Jove, quando desce o Olympo,
Já parte o Heroe sublime,
Maior doque os seus fados.

Entra em Toledo; abre a fria campa;
Seu Rei vê morto; o Regio corpo adora;
Póe-lhe as chaves na mão, e desobriga,
Mais puro, que as estrellas,
Sua palavra d'honra.

*Guardei-te, ó Rei, a fé*, disse medonho
Com voz, que o peito a todos estremece:
E vem mais magestoso, doque fora,
Entregar do Castello
Ao novo Herdeiro as chaves.

Espanta-se do feito o bravo Affonso,
Não visto d'antes; e invejando a Freitas
A gloria, com que vem; por tão formosa
Acção trocar quizera
O novo Sceptro Augusto.

# EM LOUVOR
## DE
# NUNO GONSALVES.

No recontro fatal vencido e preso
O forte Capitão em duros ferros
Ante o Castello de Faria trazem
Os ferozes imigos.

Com torvo aspecto, que ameaça o mundo,
O alfange nu na crúa mão alçado,
Manda o Barbaro ao Pai, que persuada
Ao Filho seu, se entregue.

O grande Nuno o chama, elle apparece
No tope das ameas: c'um semblante
Mais medonho, que a guerra, os bravos olhos
Põe nelle o Pai severo.

„ Filho, bradou, esse Castello guarda:
„ Sê fiel a teu Rei, a mim, e á Patria:
„ Se a não pódes salvar contra os imigos,
„ Co' a espada em punho morre. „

E com tudo sabia a dura morte,
Que já sobre a cabeça lhe pendia;
Porem não de outra sorte a espera, armado
De intrepida constancia,
Que se de loiro marcial c'roado
No carro triunfal entre os applausos
Subisse vencedor ao Capitolio
Da Rainha do mundo.

# EM LOUVOR
## DO
# INFANTE D. HENRIQUE.

Fervia ao longe com fragôr medonho
O Mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessivel pego
As férvidas voragens.

Desestrados successos agoirando,
Pávido Nauta trespassar não ousa
O Bojadôr sanhudo, que guardava
Entre feros horrores
Os não surcados mares.

Tu, Filho caro da Natura, ó Genio,
Que tardaste em formar por tantos evos
O Lusitano Henrique, alfim hum dia
A empreza lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia.

Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desde o Sacro Promontório fúlge;
Tiro de Luz despéde, que allumia
Do tenebroso Oceáno
Os pélagos immensos.

Ide romper os mares, disse aos Lusos,
Com chaves immortaes téqui fechados:
Ide alargar por nova maravilha
A' Patria Lysia, á Europa
Os terminos do mundo.

Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E em promptos barineis ás ondas descem,
Deoses do mar potentes,
Os novos Argonautas.

Já lá longe das praias, onde Alcides
Poz balizas ao Orbe, as prôas surcão
Vastos desertos de profundas aguas:
E as barreiras quebrantão
Dos resguardados mares.

Que espectaculo grande a Natureza
Aos Lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encuberto
Aos olhos seus descerra!

Novos Tritões na azul campina lhe abrem
Facil estrada: novas aves voão,
E já proximas terras lhe annuncião;
Novos benignos astros
De estranhos Ceos lhes brilhão.

Eis d'entre as ondas já lá vem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos
Productos da Natura,
De ignota gente e nome.

Como do meio das cerradas nuvens
A Atlántica Madeira sahe formosa,
De verdejante folha, a trança ornada;
E vem com brando gesto
Saudar os Lusos Nautas!

Correm pelo ceruleo campo a vê-los
As mais Filhas de Thetis cubiçosas:
As Graças, Arguim, e as que guardavão
Hesperides formosas
Os ricos pomos d'oiro.

A torrida Ethiopia, ao Sol visinha,
Desdobra o escuro véo, que a fronte cobre,
E amostra a face magestosa: vê-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario Cabo;

Vê-se mais lédo ao mar co' a grãa corrente
Ja vir o Sanagá, e o curvo Gambea:
Vê-se o Filho do grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golfo as aguas.

Da intrepida façanha desusada
Os maritimos Deoses se espantárão,
Mas não Protheo, que próvido sabia
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.

Mal vio de longe as cortadoras proas,
Co' a fatidica voz, que tudo assombra,
„ O'Lusos Nautas, clama, ó vós ditosos,
„ Que os Fados cá vos chamão
„ Do Mar ao novo Imperio.

„ Por estas ondas, ora povoadas
„ Téqui em solidão desertas, cedo
„ Nesses ousados lenhos do Oriente
„ Virá toda a fortuna
„ Do aureo Indo ao Tejo. „

Soou mui longe a voz do Vate: ouvio-a
O Roxo Mar e estremeceo; e o Nilo,
E a soberba Damasco, e a Syria Alépo,
E o grande Egypcio Cayro,
E a rica Alexandria.

Ouvia-a e estremeceo a grãa Rainha
Do Adriatico Golfão: do alvo collo
Cahe-lhe o collar de nitido diamante;
Cahe-lhe da altiva fronte
A c'roa d'oiro fino.

EM LOUVOR

DE

# BARTHOLOMEO DIAS

*Descobridor do Cabo de Boa Esperança.*

Aos Lusos Soberanos não bastárão
Os triunfos do mar, quando, sahindo
De Sagres e do Tejo aventureiros,
A estranhos Ceos e ventos desfraldavão
Das cavas nãos soberbas
As atrevidas vélas.

Co' as intrepidas prôas diamantinas
Rompêrão fortes os cerrados muros
Do reservado Reino Neptunino,
Alto senhor de pelagos immensos,
Que o azul tridente volve
Do Atlante ao Indo e ao Ganges.

Sem medo o Bojador bramar ouvirão,
Troar o carro dos tremendos Deoses;
Rugir a Serra asperrima Leoa;
E assobiar com silvos horrorosos
O Drago das Hesperides,
As viboras das Gorgonas.

Nem temêrão tocar as bravas costas
Da adusta região, que o mundo parte;
Onde visinho o Sol, do carro ardente
Raios dardeja, alto terror aos nautas,
De Gregos e Romanos
De longo tempo herdado.

Mas não repousão animos constantes
Em buscar honra a si, e á cara Patria;
Ja sublimes maritimas empresas,
Maiores, que as primeiras d'alto espanto,
Impavidos commettem
Os Lusos Argonautas.

Preside á nova acção o claro Dias
Filho dos Astros: eis trespassa tudo,
Quanto undivagas náos ja descobrirão
Té onde as arenosas praias correm,
Que o longo Zaire inunda,
Da torrida Ethiopia.

Então com qual coragem denodado
A outro immenso golfão se arremessa!
Quão senhor das procellas, bravos Euros,
Caliginosos vortices vencendo,
D'Africa a méta occulta
Vai demandar ousado!

Em vão Neptuno o Tormentorio Cabo
De sustos povoou: em vão armado
De morte Adamastor, feroz Gigante
De cem braços e d'olhos cem, do Austro
Sob a medonha treva
Guardava os virgens mares.

Calca medos e azares, calca agouros
O sublime Varão; o monstro arrosta,
E os terminos vedados lhe devassa;
Alli ergue padrão a Lysia, e arvóra
Os pendões triunfantes
Das venturosas Quinas.

Assim de hum vasto mar á Europa ignoto
Os encantos quebrárão grandes Lusos;
E o passo abrirão já, porque o Gama,
A volta inteira d'Africa correndo,
Por novo rumo achasse
Insolito caminho;

Poronde fosse descobrir a Lysia
Os immensos thesoiros do Oriente;
Poronde nos trouxesse ao Tejo ufano
As perolas brilhantes, que adornavão
Do Sol os ricos paços,
E os thalamos da Aurora.

Isto tinhas na mente decretado,
O'grande Henrique, ó Deos dos Nautas, quando
No Lyceo Turdetano, onde brilhavão
Tuas sublimes luzes, revelavas
A Heroes da Lusa Gente
Os segredos dos mares.

# SOBRE
## OS FEITOS MILITARES
## DOS
# PORTUGUEZES.

---

**Quantos troféos alçados, quantos muros**
**Rotos a suas victorias se trocárão**
**Depois a muitos em desterros duros.**

**Ant. Ferr. Eleg. VI.**

---

Não teve Roma só na idade d'oiro
Camillos, Fabios, Scipiões, Horacios,
Varões de invicto coração, que dérão
Espanto e brado ao mundo:

Iguaes, ou mores que estes creou Lysia,
Que obrárão feitos de primor e d'honra
Na Europa, na Asia, na Africana terra,
D'Argiva tuba dignos;

Quando em raza campina denodados,
Co' a sempre vencedora espada em punho,
Desbaratavão Arabes, Hispanos,
Soberbos Turcos, Indos:

E com tudo sabião, que voltando
Não lhe havião romper os altos muros,
Para recebimento honroso, e entrada
De triunfal carroça;

Nem alto levantar-lhe em praça augusta
Bronzeas estatuas, marmores gravados,
Que seus excelsos nomes consagrassem
A's vindoiras idades;

Mas antes esperando em recompensa
A baixo estado vir humilde e escuro,
Morrer nos hospitaes em pobres leitos,
Ir nús á sepultura:

Assim Pacheco, Achilles Lusitano,
Que com valor incrivel sustentára
Os cem Reinos da Aurora avassallados
Ao grande Luso Imperio;

Assim Galvão, que palmas mil colhêra
Em Moro e Banda, e em Tidore e Java,
Que de Ternáte a c'roa rejeitára,
Fiel ao Rei, e á Patria;

Assim outros famosos d'alto peito,
Perseguidos alfim da torpe inveja,
Acabárão seus dias, arrojados
Na misera pobreza.

38

Que fôra já, se huma esperança certa
De galardão os Lusos animasse?
Que grandes feitos não fizerão todos
Nas bellicas fadigas?

# EM LOUVOR
## DE
# D. JOÃO DE CASTRO,
*Vice-Rei da India.*

Entra, que a Musa Soberana, ó Castro,
As portas te abre da immortal Memoria;
Não porque torvo co' a sanguinea espada
Feroz Cambaia enfreas;

Não porque á patria Elysia segurando
Rico Imperio da Aurora, em Goa entraste
Em grão triunfo, a ti melhor devido,
Que a Consules Romanos;

Mas sim, porque, qual rígido Fabricio,
Contente de obrar bem, servir a Patria,
Desse opulento Ganges rejeitaste
As nitidas riquezas.

As mãos vazias de oiro, as mãos intactas
Dos despojos da Asia ao mundo amostra:
He este o teu triunfo de ti digno,
Triunfo grato aos Deoses.

# A

# LISBOA

*Sobre a decadencia das nossas Conquistas da Asia.*

O' tu nos sete montes sublimada,
Mais que do Tybre a Lacial Rainha,
Clara Ulyssea, que do alto medes
Os Ceos e ultimos astros

Do Mundo Occidental, onde os brilhantes
Raios depõe o Sol, quando, descendo
Com toda a magestade de seus Lumes,
Vem dormir em teus mares:

Tu estendes dahi ao longe os olhos
Pela esteira inda impressa nessas ondas,
Que o Neptunino Gama ousado abrira
Do Tejo ao Indo, e ao Ganges:

Revolves inda'gora n'alta mente
Africos Climas, Indianas terras,
Aonde teus Heróes já te arvorárão
As triunfantes Quinas

E que vês tu dessa grandeza immensa?
ıe vês da gloria antiga, que ganhaste,
vando mares, superando povos,
Alçando altas Cidades?

Aonde estão os fortes, que vencêrão
a lança em punho, e o bravo peito á morte,
Hidalcão, Achem, Badur ufano,
O Çamori potente?

Aonde está a aurifera Malaca,
ıe inda treme do nome de Albuquerque?
ıde Dabul, Damão, Cochim, Cambaia,
Trofeos da Lusa Gente?

Já não trôa Chaúl do morro altivo,
error fatal dos Indianos povos;
ı não trôa Coulão, Tidôr, Ternáte,
Nem Cananôr soberba.

Já não se vê de mar em mar correndo
grossa Armada, que em naval batalha
pantou tantas vezes o Indostano,
O Turco, o Egypcio, o Arabe,

Que foi desse oiro fino de Çofála,
s rubis do Pegú, de tanta perla
, piscosa Manar, das ricas telas
Da opulenta Bengalla?

Que foi da muita alfaia, da baixella,
Dos aromas, das drogas, altas páreas,
Que pagavão do Indo subjugado
Os Reis, a ti Vassallos?

Só pelos fastos, que teus feitos guardão,
He que hoje o antigo teu valor sabemos:
Só por tuas ruinas te medimos
A passada grandeza.

Que não tranatorna o tempo! Oh prata aos
Não percas inda mais; nem que teus filhos,
Dos pais degenerando, desafiem
Seus iracundos raios.

## A' MEMORIA
### DO GRANDE
## LUIZ DE CAMÕES.

O sublime Cantor, que sobre as azas
Do sagrado Poema leva aos astros
O Gama illustre, e a Lusitana empreza
Dos Gangeticos mares,

Dizei, qual digna recompensa, ó Musas,
Teve a seu canto, de que se honra Apollo,
Que a tanto feito, a tanto Heroe valente
Deo immortal memoria?

Do rico Imperio da gemmante Aurora,
Onde soltou aos Ceos a voz divina,
Nem oiro, nem fulgente pedraria
Lhe deo a sorte avara.

De seus illustres méritos sublimes,
Que as estranhas nações tanto invejárão,
Só teve em premio, e galardão sobejo
A horrida pobreza.

Tu, Escravo de Jáva, ó só amigo,
Que o Ceo lhe déra em tanta desventura,
Entre as trevas da noite mendigavas
Seu mísero sustento.

Lysia, inda então dura ao som divino,
Cevada só em vil cobiça d'oiro,
Cerrou o peito esquivo aos seus queixumes,
Nem lhe enxugou seu pranto.

Inda agora, oh descuido torpe e cego!
Não saberia com desdoiro eterno,
Aonde as sacras cinzas repousavão
Do Lusitano Homero;

Se o generoso inclito Coutinho,
Co' a voz magoada os Manes invocando,
Não achasse, dos Deoses soccorrido,
A desprezada campa.

Assim, assim o Cidadão de Arpino (*)
De Syracusa aos espantados povos
O ignoto sepulchro descobria
Do sublime Archimedes.

(*) M. Tullio Cicero.

# A' MEMORIA

DE

# GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

Grandes gabos do Filho de Laerte,
Já nos campos Troianos, já nos mares,
Que naufrago vagava, em nobre metro
Cantou Meonio vate;

Mas feitos inda então não tinha obrado,
Por mais gentis, que a Argiva pluma os cante,
Que aos celestes umbraes o remontassem
Da verdadeira Gloria.

Tu, ó sublime Castro, a trompa altiva
Do Cantor Grego, já cançado, tomas;
Hum som mais alto, que o primeiro, fere
As fulgidas estrellas.

Guiado o Heroe por teu sonoro canto,
Novos climas commette, novos mares;
C'o intrepido valor transpõe ousado
As Herculanas métas;

De Thetis chega ás derradeiras praias,
Nunca antes vistas, onde o Sol descendo
Despe da fronte a magestosa c'roa
Dos fulgurantes lumes.

O sacro Promontorio, que conversa
Os noctámbulos Deoses, (*) do Occidente
Vendo chegar o novo fado á Lysia,
Quão alto aos Ceos s' eleva!

O Occeano hum longo espaço entrando
Vai co' as formosas Filhas de Anfitríte
Ledo saudar com plácido semblante
As Argivas galéras,

Eis surgem na doirada foz do Téjo;
D'um lado e d'outro as sinuosas ribas
Ufano alarga o Padre Rio, e hospéda
Os Argólicos Nautas

(*) Allusão á crença de nossos antigos Lusitanos, que tinhão, que os Deoses se ajuntavão de noite a praticar naquelle Promontorio.

Já sobre os hombros de soberbos montes,
De Ulysses obra, a inclyta Cidade
Aos astros sobe; sobe o Templo augusto
Da sabedora Deosa. (*)

D'alli que aureos costumes, Leis sagradas,
Quantas virtudes lúcidas nascêrão!
D'alli que Heroes sublimes, que fundárão
O Lusitano Imperio!

Emquanto a Lysia os Deoses conservarem,
Ao Grego Fundador amará Lysia,
E a ti, ó Castro, que o trouxeste ao Tejo,
Maior, doque era em Troia.

---

(*) Allusão á fabula do Templo de Minerva, fundado por Ulysses em Lisboa.

# A
# D. THOMAS,

*Marquez de Ponte de Lima, Mordomo Mór.*

Quando Jove aos mortaes benigno hum dia
Do almo seio te enviou ao mundo,
Com larga mão te deo em rico dote
Civis virtudes santas.

Debalde Marte te acenou c'o loiro,
Que cortou vencedora espada, ainda
Fumante em sangue humano: em vão te lembra

A alta fidalguia, o valimento,
As honras, teu poder, teus cargos, tudo
Fazes servir, menos aos teus, que aos outros,
Menos a ti, que á Patria.

De Rei valido nada jámais pédes
Para ti, para os teus; severo afastas
Com torvo aspecto as dadivas dos ricos,
Que os Cortezãos anhelão.

Novos palacios, que a soberba eleva,
Nem rica pedraria, nem thesouros,
Que a dependencia liberal off'rece,
O avito fundo augmentão.

Huma unida alfaia, hum só ornato
Jámais accresce a teus honrados lares;
Quaes recebeste dos avós os paços,
Taes ao herdeiro os deixas.

Pódes a Lysia, e aos que de ti vierem,
Mostrar hum coração independente;
Hum peito sem cobiça, huma alma nobre,
As puras mãos sem crime.

A

# D. DOMINGOS DE ASSIS MASCARENHAS,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal*

*„ As Musas vivem sempre, accendem fogo*
*„ Nos altos corações,*

Ferreira Liv. II. Cart. VII.

Claro sangue de Deoses, se do meio
De tantos teus trabalhos hum momento
Pódes roubar, ás santas Musas presta
Benevolos ouvidos.

Dá vida o verso a heroes depois da morte:
Que seria de tantos feitos raros
De teus avós sublimes, se os calasse
A augusta voz dos Vates?

Ainda vive entregue aos sons canoros
Da clara tuba, que Camões assopra,
O invicto Gama c'os Varões, famosos
Argonautas de Lysia:

Do bom Menezes não cessou a trompa
De resoar façanhas portentosas;
D'Albuquerque terrivel, cujo nome
Inda hoje assusta o Ganges.

Soando está na lyra harmoniosa,
Prenda, que Febo deo ao grão Quebedo,
O Quinto Affonso vencedor d'Arzilla,
E quanto Heroe valente

Obrou então proesas nunca vistas:
Nem faltou inda a voz potente ao grande
Corte Real, cantando os fortes Lunos
No cerco d'alta Dio.

No Elysio sólo as Musas não consentem,
Que huma só das acções gentis se perca,
Quando as gravão no marmore dos versos
Para memoria eterna.

A

# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Nomeado Reformador Reitor da Universidade, remettendo-lhe o Author alguns dos seus versos que lhe pedira.*

---

*Quum tot sustineas, et tanta negotia solus*
*——— in publica commoda peccem*
*Si longo sermone morer tua tempora.*

Hor. Liv. II. Epist. I.

*Contrario ao bem commum serei, se tente*
*Com meus versos, Senhor, pejar-te huma hora*
*De tempo, de que pende tanta gente.*

Fer. Liv. II. Cart. II.

---

Os toscos versos, que me pedes, Castro,
Castro de illustre sangue, d'alto aviso,
Oh honra desta idade, ahi tos mando,
Se assim os queres.

Não ousava, Senhor, mostrar-tos; tinha
Ora receio, de que em teus ouvidos
Com tom desafinado mal soassem
Meus rudes cantos;

Ou temia com razão pejar-te
O tempo, que dispendes, conversando
Os Deoses do Mondego, que vierão
Pedir-te amparo.

Não queira o Ceo, que assim te eu roube huma
A' obra excelsa, de que estás entregue;
Dá-te todo, Senhor, aos justos rogos,
Que elles te fazem.

De barbaros Alános feroz bando
Qual já viera do Aquilão gelado,
Cahio sobre o Mondego, e os ferteis campos
Talou co' ferro:

Ao Padre Rio, que nas frescas ribas
Jazia á sombra da oliveira, quebrão
A rica urna, e á sabia Filha pisão
O collar d'oiro.

Tu, misera Princeza, do aureo Sceptro,
Que o grão Diniz te dera, despojada,
Rotas as regias vestes, arrastravas
Horridos ferros.

Tuas Nynfas c'os filhos lagrimosas
Pelas margens do rio andão carpindo
Os crueis dias, que te lá levárão
Tamanho estrago.

Apressa-te, Senhor, corre a enxugar-lhe
Co' a mão piedosa as lagrimas, que chorão;
Serenar-lhe os temores, que as trespassão
De crua mágoa.

Quaes fôrão já d'alto valor armados
Os Heroes de teu sangue em brava guerra
Suster nos Reinos da gemmante Aurora
O Luso mando;

Tal tu agora vai aos campos, onde
Tantas Nynfas te chamão, tantos Deoses,
Vai quebrar os grilhões, que tem cativa
A Mãi das Musas.

Seus imigos lhe abate, ergue seu throno
E nos hombros armados de diamante

Não rudes versos, como os que ora mando,
Mas sublimes Canções, que espantarião,
As Musas Gregas, as Latinas Musas,
De ti cantára.

## AO DOUTOR
## CARDO RAIMUNDO
## NOGUEIRA,

*Sobre a mudança dos bons costumes.*

---

Emquanto em raso campo ensanguentado,
a guerra o forte Heitor brigava,
os vellos de lãa co' as lindas aias
Andrómacha tecia,

em se pejou o bravo Macedonio
nha dos Persas amostrando,
i e das Irmãas taréfa digna,
Os próvidos vestidos.

u, Roma altiva, quando o Amor honravas
da virtude, a roca, e o fuso
as nupciaes apresentavas
A's candidas donzellas.

87.

Nem Lusa gente, meu Nogueira, dantes
Cedia a Gregos, e Romanos, erão
Da mais nobre matrona nobre emprego
Domesticos trabalhos.

Quanto agora distamos, prole indigna,
Dos bons passados! torpe luxo e ocio
Escalou os costumes: he desdoiro
Cuidar da casa e filhos:

Pejão-se as donas dos roliços fusos,
Das têas, da costura, dos lavores:
Quanto ás mãis de familias foi já honra,
He hoje opprobrio ás filhas.

## AO DOUTOR
## JOSE CARDOSO FERREIRA
## CASTELLO,

*Sobre a decadencia dos nossos antigos costumes.*

Quanto dos bons passados já distamos,
Meu illustre Castello! ai, já quanto
Em nós degenerou a raça altiva
Dos varonis costumes!

Qual foi da antiga Lusitana gente
Cavalleiro, ou peão, que não lidasse
Por se avesar á athleticos trabalhos,
A si, á Patria util?

Era na paz seu jogo, e passatempo
Luctar c'o disco, lançar longe a barra,
Correr as alcanzias, entrar déstro
Nas justas, nos torneios.

C' os rijos enchadões volver a gleba,
Os pégos vadear, sobir as fragas,
Pisar c' os pés o frio caramello,
Montear as florestas.

Que não fazião na cruenta guerra?
Era seu timbre só sahir do campo
Tintos de sangue, em negro pó envoltos,
Ganhando immortal fama:

Qual primeiro arrostava o fero imigo,
Qual trepando a muralha encavalgava,
Qual ligeiro arvorava entre as ameias
As vencedoras Quinas.

Sem já despir nem malha, nem couraça,
Com que de dia pelejavão fortes,
Sobre o espigão do muro mal dormião
De noite escassos somnos.

Desta arte o grande Affonso alçava o throno
Sobre as ruinas do Agarene bando;
Desta arte sustentava o fero Nuno
Ao novo Rei o Sceptro.

Desta arte o grão Menezes o Africano
Domava; e o forte Castro, e Albuquerque,
De cem Vassallos Reis, hum novo Imperio
No Indo a Lysia alçavão;

## AO DOUTOR

# JOSE BARROSO PEREIRA,

***Em seu louvor.***

Quanto, Barroso amigo, os mais dos homens
Desmentem da virtude, que em seu peito
Logo ao nascer depositou benigna
A próvida Natura!

Ditoso tu, que a que te coube em sorte
Alta virtude, de mil bens tão rica,
Qual tu a recebeste, pura a guardas
No coração formoso:

Ella te guia em tudo, em tudo sempre
A facha da razão te vai diante,
A Lei regeu os teus passos, tenção recta
Aos feitos teus preside.

Não te muda huma hora, hum dia, hum anno,
Paixão nenhuma o coração te torva;
Na flor da idade, nos cançados annos,
Qual foste, es sempre o mesmo:

Se fallas, falla a honra, o brio, o siso;
Se ensinas, a doutrina exacta impéra;
Se empenhas a palavra, e a alguem promettes,
A tua voz he Numen.

O' alma bem nascida, ó alma grande,
Maior, que os fados teus, que a tua estrella;
Oh! se quizesse o Ceo, a nós benigno,
Que tantos dotes raros,

Que hum só d'hum Ser mortal hum Deos fizera,
Em mór theatro ao mundo se mostrassem,
Quaes os eu em ti vejo, tu serias
A fortuna dos povos.

A Razão, a Justiça, a sãa Piedade,
A solida Sciencia, as Artes todas,
Aureos costumes sempre reinarião
Sob o teu mando illustre.

# A
# JOAQUIM DE FOIOS,
## DA
## CONGREGAÇÃO DO ORATORIO,

*Sobre a falta do respeito devido aos Ministros da Religião.*

---

*Di multa neglecti dederunt*
*Hesperiae mala luctuosae.*

Horac. Liv. III. Ode VI.

---

Das Apollineas vestes adornado,
Com ricos dons ás Gregas Náos chegava,
Porque a Filha captiva resgatasse,
O Sacrifico Chryses.

Ora roga aos Acheos de finas grevas
Em miserandas lagrimas banhado;
Ora se dobra aos Capitães soberbos,
E a virgem Filha pede.

Porém feroz Atrídas Agamemnon
Não cede aos rogos do Varão piedoso;
Nem Sceptro, nem Laurel do Deos lhe acata,
Que as sacras mãos trazião.

„ Vai-te, importuno Velho, se não queres
„ Antes de tempo terminar teus dias;
„ Mais aqui te não veja. „ Disse, e torvo
As costas lhe voltava.

Pelas desertas praias taciturno
Sem sua amada Astynome partia
O sagrado ancião; e feito ao longe
Alçou ao Ceo seus olhos.

„ O' longe-vibrador Apollo, brada,
„ Vês-me aqui Pai, e Sacerdote, ambos
„ Sem honra; se de grato incenso e votos
„ As tuas aras cubro,

„ A ambos vinga, ó Santo Numen. „ Ouve
O Filho de Latôna, e á parte esquerda
Tôou; eis meneando a Peste horrenda
A furial cabeça,

De cem viboras crespa, sahe do Averno,
E por entre as Argivas tropas corre;
D'um lado e d'outro o fulminante facho
Sacode, e espalha a morte.

Quaes vem á cegadoira foice as messes,
Taes vão cahindo ao misero contagio
De mil e mil Heroes de peito forte
As bellicas falanges.

Assim, ó Foios meu, à Europa geme
Em cruas guerras de furor insano,
Dês que os homens sem lei desacatárão
Os Deoses, e a Virtude.

## EM LOUVOR
DE
## D. FR. MANOEL DO CENACULO VILLAS-BOAS
*Sendo Bispo de Beja.*

Já' o vento de Chrysa sópra: aonde,
O' Filho da pulcricoma Latona,
Me mandas tu voar já sublimado
Co' as Pindaricas azas?

A Beja apontas; eu já vou soberbo;
A Beja de hum só vôo me abalanço:
Salve, Varão de Lysia, que a ennobreces
Co' as inclitas virtudes,

Mais inda, do que os fortes vencedores,
Que nas margens gemiferas do Ganges
Colhêrão perlas, com que a frente ornárão
Ao Lusitano Imperio:

Tua doutrina he luminoso facho,
Tua moral sublime, rodeada
De feitos mais fulgentes que as estrellas,
Que luz não lança em Beja!

Não lança em Lysia, e no Paiz Romano,
Em todo o christão povo, em toda a parte,
Onde teu nome leva a fama excelso,
Tuas acções e escritos!

Ensinas, e, o que ensinas, obras: guias
Com a doce voz, ainda mais c' o exemplo
O teu rebanho: vai hum pai c' os filhos
C' os filhos seus, nutridos

No regaço da Fé, e doutrinados
Nos dictames dos Padres, que ainda agora
São da Igreja luzeiros, que allumião
O mundo escuro, e cego.

Tão alta, tão christãa Filosofia,
Engenho vivo, erudição profunda,
Unção sagrada, sentimentos nobres
Nos solidos escritos;

No trato c' os iguaes, e c' os pequenos
Singella candidez de peito aberto,
Branda cortezania, lêdo agrado
Em grave gesto unido,

Coração hospital a todos: recta
Tenção de bem fazer, que o peito anima:
Bondade sem limites; alma extensa,
Sublime, generosa;

67

Aonde, aonde encontrarão as Musas
Tantos dotes unidos, que decantem,
Senão em ti, ó honra desta idade,
O' Prelado de Beja?

## AO DOUTOR
## JOSE BARROSO PEREIRA

*Em seu louvor.*

Hermano coração, peito innocente,
Lisura, e honra, e brio, e fundo siso,
Aonde, aonde estão com mór luzeiro,
Senão em ti, Barroso?

Poisa em teus beiços candida verdade;
A incorrupta fé brilha em teus olhos;
Trasluz o coração no rosto claro;
Tal és, qual nos pareces.

Igual ao pensamento he sempre o dito;
Igual ao dito a obra, ó Alma grande,
Maior, que o teu destino, tu devias
Reger povos inteiros:

De tua doce voz, de teu exemplo
Que de regras de bem viver houverão,
Que de affeições e sentimentos nobres,
Que de costumes d'oiro!

Se as virtudes, do Eterno illustres filhas
Podessem todas acabar no mundo,
Em teu formoso peito se acharião
Do fero estrago isentas.

Dahi, dahi, como do Ceo Apollo
Derrama as luzes, e fecunda as terras,
Podias espalhar por todo o orbe
O germe das virtudes.

# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarcal, no dia de seus annos.*

Vejo Phebo ... alegria
Teu nome estar cantando ao som divino
Das nove Irmãas divina companhia.

Ferr. Liv. I. Cart. XIII.

Sangue dos Lusos Deoses, alto objecto
Das Aonides Musas, tu, ó Castro,
Reina na Lyra d'oiro, nova Lyra,
Que o Patarêo Apollo

Depois de lédo ver teus raros feitos,
Entrando hum dia no Castalio Coro
Das nove Irmãas no virginal regaço
Deixou, a ti sagrada.

„ Largai, lhes disse então (e sobre a fronte
Os celestes cabellos se agitárão);
„ Largai todo outro assumpto, cantai Castro,
„ Da Lysia terra Nume. „

Da Ambrosia boca solta os favos de Hybla;
E conta, quanto tu, ó Castro Illustre,
Nas sacras ribas do ancião Mondego
Obraste grande, eterno;

Digno de ti, e de teu nome excelso,
Digno de teus Avós, de Lysia digno:
Desde então as Pierides te cantão
No dia de hoje hum Hymno.

# A
# FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER,

*Exhortando-o, a que interrompendo algumas vezes os seus graves estudos, se volte ás Musas,*

---

Não tema noite fea
Quem vio Pindo e Parnaso,
Nem a urna Lethea:
Que não terá occaso
Seu nome Soberano em negro vaso.

Veiga Od. IX. do Liv. II.

---

Nem sempre pelos montes
Vaga em rapido curso a clara Cynthia
Apôs as bravas feras
O infesto dardo em alvas mãos brandindo:

Nem sempre o fatal arco
Ateza Apollo Agyreu: Vulcano
Na abrazada Officina
Nem sempre escudos forja, e peitos d'aço.

Nem sempre o Filho cego
Da formosa Acidalia a guerra accende,
Da aljava disparando
Já d'odio, já d'amor travessa flecha.

Tu nunca dás descanço
Aos severos estudos; de continuo
Lidas com Locke e Newton,
E a fysica e a moral natura sondas;

Porem Sócrates sabio
Não era assim: c'os moços, que ensinava,
Como se fosse hum delles,
Corria em ledos jogos prasenteiro.

Panthoides sisudo
C' os molles sons da Lyra temperava
As coisas mais severas,
Dando tregoa folgada a seus trabalhos.

E Scipião, depondo
O grão tedio dos publicos negocios,
As candidas conchinhas
Na recurvada praia procurava.

Deixa por algum tempo
O celeste compasso de Uranía,
Nem cures, douto Stockler,
Saber mais do que basta em curta vida.

Dá-te ao prazer das Musas,
Dá-te á Lyra, que está teus sons pedindo;
Ou canta Amor, ou feitos
De tanto Luso Heroe na paz, na guerra.

Aquelle, a quem Apollo
Revelou os segredos da Harmonia,
Não de austeras sciencias,
Mas só das Musas nome eterno espera.

## A'
# MOCIDADE PORTUGUEZA,

*Exhortando-a ao estudo da Poesia.*

Amai as Musas, ó Mancebos Lusos,
Desde meninos costumai-vos logo
A ler as obras immortaes, que Febo
Sellou co' a mão sagrada.

Quer vós vivais na paz, quer já na guerra,
Ou caminheis por deleitosos campos,
Ou lá por esses aridos desertos
Da inhospita Lybia,

Ellas vos seguem, doce companhia,
A qualquer parte, que fortuna varia
Vos leve; e vossas lidas, e cuidados
C'os cantos seus abrandão.

Ellas, ó moços, inspirar vos podem
Ou obras dignas, que canteis ao mundo,
Ou já dignas, que os outros de vós cantem
Ao som do metro altivo.

Cahirão as estatuas; os Colossos
Tragou o tempo, vorador dos evos;
Os Reaes monumentos, que existirão,
Nem já se sabe, aonde.

Mas não se perde o nome, não a fama
Do amigo das Musas: nem tu creias
P'rêcedoiros seus versos, se ellas gratas
Com bom semblante os virão.

Nos baixos de Cambaia, a náo já rôta,
Perdêra Elysia a rica lyra d'oiro,
Que soou desde o Tejó até o Hydaspe,
Que a seus heroes deo brado;

Se as amigas Pierides, se Febo
Por sobre os infamados arrecifes,
Apezar de Neptuno, a não guiasse
Para as desertas praias.

Tu, Mecôn, desde tuas fozes viste,
Espantado, tocar a arêa salvo,
A taboa n'uma mão, n'outra o Poema,
O Lusitano Vate. (*)

(*) Camões naufragando nos baixos de Cambaia, e salvando no meio do naufragio o seu Poema dos Lusiadas.

# AO DOUTOR
# RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA,

*Contra a Devassidão dos Costumes.*

---

Era no mundo a gente Lusitana
Outra Lacedemonia, e Esparta antiga.

Ferr. Carta III. do Liv. II.

---

A' mui severa Esparta não cedia,
Nogueira, a forte Lysia: heroes valentes
Avezados á sêde, ao sol, ao frio
No gremio seu criava.

Já em meninos se ensaiavão destros
Aos trabalhos, e ás bellicas fadigas:
Era seu trato cavalgar airosos:
Domar feroz cavallo:

Luctar c' o césto, tirar longe ao alvo;
Terçar a lança no gentil torneio:
Por duros bosques acoçar as feras:
Saltar profundos Vallos,

Qual não atravessava destemido
Do largo rio a rapida corrente?
Qual não trepava com gentil despejo
Fragosas penedias?

Porem hoje, oh vergonha sempiterna!
Oh deshonra de Lysia! os sumptuosos
Netos trocárão varonis costumes
Por feminis baixezas.

O ocio frôxo, e o torpe luxo trouxe
As delicias de Capua, e de Corintho:
Que alfim o aço rijo destemperão
Dos animos valentes.

Hum joga dia, e noite cobiçoso
Do luzente metal; outro só vive
Em banquetes esplendidos cevado,
Que as forças entorpecem.

Garrido alarde d'oiro lhe orna o peito,
Que não o forte arnez, luzida malha:
Por fero capacete na cabeça
Alto penacho ondêa.

Este as loiras madeixas embebendo
Em massas odoriferas rescende
De Indicos magos: dança effeminado,
Ou salta em torpes bailes.

Aquelloutro, qual Phrygio Paris, fraco
Damêja, e molles cantos gargantêa,
Affectando branduras estudadas,
Que herdou do infame Egypto.

Se isto ora vissem Albuquerques, Castros,
Se o visses, Nuno, alto terror de Hespanha,
Certo negáras, que esta fosse a raça
Dos esforçados Lusos.

A'

# NOITE.

Sagrada Noite, a ti este Hymno canto:
O' *Venus Tenebrosa*, ó *Mãi Primeira*
De quantos *Seres* em seu seio encerra
A próvida *Natura*.....

*Amor* he o teu *Filho*; he *Pai* do *Dia*;
Do sacro *Fogo Author*, que tudo anima;
Deos da *Natura Humana*, e da *Celeste*,
He *Alma* do *Universo*.

O' Tu *Primeiro* dos *Mortaes Nascido*
*Amor*, que desde o centro d'alta *Noite*
Com igneas azas nesse espaço escuro
Aos *Ares* te alevantas,

Levas na *Esquerda Mão* a *Facha Ardente*,
Que *Tenebrosos Mundos* alumia,
Dos *Ceos*, da *Terra*, dos *Profundos Mares*
Levas na *Dextra* as *Chaves*,

Abres da vida as aureas portas: Sôa
De hum *Polo* a outro tua voz potente
Dos *Animantes* toda a *Raça* chamas,
E em doces laços prendes:

Sobre elles sopras *Genitaes S'pritos*:
De teu *Fecundo Assopro* bafejado
Renasce o *Orbe*, e brota a serie immensa
Dos *Seculos* vindoiros. (*)

(*) As Trevas divinizadas debaixo do nome de Venus erão honradas pelos Egypcianos, como hum dos principios originarios, e universaes de todos os Entes, como se vê de Nicoláo de Damasco no seu livro dos Principios. Poeticamente se adoptão aqui estes principios, como se costumão adoptar outros da antiga Mythologia.

## AO
## MESMO ASSUMPTO

Noite, sagrada Noite, ó Noite eterna, (*)
Madre do Mundo, quando o immenso Cahos
Nem era Luz, nem Trevas, tu geraste
O Sol, e o claro Dia.

Desenvolves da cega massa informe
Os varios infinitos Seres: todos
Em harmonico acordo põe sugeitos
A teu potente braço.

Os Orbes se dividem: ignea Força
No Ceo convexo o alto assento busca:
O diafano Ar eis mais abaixo
Vasio espaço occupa:

(*) Os Egypcios nos seus Canticos repetião tres da Noite, como conta o mesmo Nicoláo Damascer Principios.

Sobre seus pesos estribada pende
Direita em equilibrio a densa Terra:
De plantas, de animaes, de brutas pedras
Estranhas fórmas veste;

O Mar sahindo das ceruleas grutas,
As ondas volve ás estendidas praias;
E os cristalinos braços alargando
Cinge a Virginea Terra.

No meio de tão ratas maravilhas
A hum assopro genital, que abriste,
Dos labios teus, ó Deosa, nasce o Homem,
Senhor deste Universo.

Em coche de çafira azul
De mil rubins, de verdes esme
Baixa d'Olympo a de risonho
Bellissima Acidalia:

Tiro de Luz, que os Orbe
Mais fulgente que os Sóes, do
Deixa por toda a parte odôr fr
Que a flava coma e

Os garços olhos radiosos
Sobre todo o Universo: tudo a
Tudo com ella remoçando as
Vive, vegéta, e gera

Sorri-se o Ceo de graças:
Em chama auri-rozada o Sol a
Já novos Orizontes brilhão: fa

No campo as cercaes sementes inchão
Nos almos regos, que Sylvano abríra:
De virentes pimpolhos se revestem
As pomíferas plantas.

A's vitreas Lapas de Neptuno a Deosa
C' o fulgurante facho desce; quanto
Sobre as ceruleas ondas borbulhando
Vivo cardume salta!

Que resta mais nesse Universo inteiro,
Que a ti, ó Grãa Rainha, te não ceda?
Que a teus assopros genitaes não tome
Nova energia e força?

Gentil donzella, se até aqui se esquiva,
As rubras faces de pudor tingidas,
Já tua chama sente; e hum seu suspiro
Faz renascer mil mundos.

# O
# AUTHOR

*A's suas Musas.*

Eu chamo só ditosos os meus dias,
Os dias meus, que eu só comvosco passo,
O' Pierides Musas: choro os dias,
Que dispendo forçado c'os negocios
De gentes importunas, com visitas,
Com cumprimentos vãos, com vãos cortejos,
Quando os fados, macios a meus votos,
Me dão furtar-me huma hora a taes trabalhos,
Que grão prazer no peito me tresborda!
Lanço-me a vossos braços, Musas, lanço-me
No brando cólo, no regaço meigo
De ti, minha Urania, de ti Clio,
De ti, Polymnia, de ti, bella Eutérpe:
Vós me coroais a fronte: vós benignas
Me dais engenho, e sp'rito, e arte, e Lima:
Então pego da Lyra, firo as cordas,
E faço soar nellas Deos, Natura,
Homens bons, e os Amigos, e a Virtude.

# A
# A L E X I S,

*Excitando-o a cantar os feitos dos Portuguezes.*

---

*Os antigos exemplos já deixemos:*
*Vencem os nossos . . . . . .*

Ferr. Liv. II. Cart. VIII.

*Vá Lusitania, se poder, primeira.*

Cart. X.

*Mores feitos ha cá, não tão bem escritos.*

Liv. I. Cart. II.

---

A quem preparas, ó amigo Alexis,
Os alvos hymnos, que lá estás compondo,
A' fresca sombra dos copados bosques
Do Ménalo sagrado?

Não os dês á lisonja, á dependencia;
A virtude tos pede: quantos Lusos
Varões, que a Patria com acções honrárão,
Ainda estão sem nome?

A ti só, ó grão Vate, está guardado,
Que os altos dons, as fúlgidas virtudes,
Com que no Ceo de Lysia já raiárão,
Cantes em metro altivo.

Vencem seus feitos inclitos, sublimes
Ou já na guerra, ou já na paz doirada,
Quanto de seus heroes a pluma escreve
Da fabulosa Grecia.

# AO DOUTOR
# RICARDO RAIMUNDO
# NOGUEIRA,

*Sobre a felicidade dos Povos.*

„ Com prazer a espera-lo já me movo:
„ Com prazer á alta empreza vivo
Ferr. Liv. I. Cart. XIII.

Com férvidos suspiros desejando
O bem dos homens, ó Nogueira, aos Deoses,
Pedia Reis benignos, que doirassem
Dos povos seus os fados.

Eis chega Apollo, e em clara luz raiando,
As trevas me abre do futuro incerto;
E mostra-me risonho ao longe o vulto
De hum Principe sublime.

„ Aquelle (diz) que tu lá vês benigno,
„ Virá hum dia a governar na terra,
„ *Rei Homem, Rei e Pai, Senhor e Amigo,*
„ Amor de seus Vassallos.„

Oh Principe divino, absorto exclamo,
Adorando de longe a Magestade,
Quando, quando virás? que paes ditosos
Hão de trazer-te ao dia?

Que nome excelso, nome de ti digno,
Terás, ó Sacro Numen? E quaes braços,
Entre que povos nascerás? que terra
Feliz te dará berço?

Serão teu throno os camarins d'Aurora,
Ou Aquilão gelado, ou Austro ardente?
Virás antes doirar d'ultima Hesperia
As praias, que o Sol ama?

Serás tu, ó meu Tejo, o patrio ninho
Do piedoso Varão? Será por dita
Algum dos Netos de Jose Primeiro
Da grande Augusta filhos?

Quem quer que fores, que o alto Ceo rese
Para fazer ditosos os vindoiros,
Eu já nesta aurea Lyra te anticipo
Estes candidos Hymnos.

Amor puro tos manda, não lisonja,
Não torpe adulação: áh! vem, vem cedo,
E não hum Reino, rege o Orbe inteiro,
Menor somente a Jove.

# O
# AUTHOR

*A' sua Lyra.*

O' tu, de minhas mágoas lenitivo,
Doce prazer desta alma, ó Lyra minha,
Com que o Ceo me prendou hum dia, quando
Nas faldas de Hippocréne

Das sublimes Piérides os rastos,
Adorando devoto, procurava
Beber das frescas aguas, que destillão
Os sagrados rochedos;

Qualquerque seja a minha sorte, sempre
Suave me acompanhas; sempre léda
Comigo entôas as canções divinas
Aos Deoses, e á Virtude.

# EM LOUVOR
## DA
# CIDADE DO PORTO,

*Patria do Author.*

Cantemos Cale, pois tu ousas tanto,
Casta filha de Jove: mas que parte
Escolhes a teu Canto
Dos bens immensos, que lhe o Ceo reparte?
Ah! louva os ricos dons, se tu pudéres,
Que a mão da flava Ceres
Da florecente taça de Amalthéa
Sobre seus campos liberal semêa.

Levanta aos astros em Canções divinas
A sabia industria, que mil artes cria,
De mil louvores dinas;
Por quem o Ceo formosos bens lhe envia.
Os Dorios ama, a elles só reserva
A provida Minerva
Tirar das Artes largas veias d'oiro,
Riqueza estavel, solido thesoiro.

Se tu mais queres, segue a larga esteira,
Que vão abrindo seus baixeis nadantes
Na cerulea carreira:
As azas sólta aos ventos inconstantes:
Ousada vôa a ver o rosto irado
Ao Baltico gelado:
Ou rompendo a travez do mar profundo,
Vai nas praias surgir do novo mundo.

Se mais te agradão marciaes fileiras
Co' a luz immensa, em que atéqui brilhárão,
Das virtudes guerreiras,
Que dos maiores inclytos herdárão,
Louva os claros Avós, que devastando
De Agár o torpe bando,
Sobre o montão de loiros, que colhêrão,
A Lysia novo Imperio, e Nome erguêrão.

## EM LOUVOR
## DAS
## DORIDES

Que claras Deosas sobre o Doiro vejo
Brilhar, ó Musa, que com doce encanto
Excitão teu desejo
A hum mais nobre, e mais mimoso canto?
Da minha illustre Cale as Nymfas bellas,
Mais lindas, que as Estrellas,
Poisque dellas mil honras recebêmos,
Na Lyra de marfim aos Ceos levêmos.

Pelas vir ver do lago, onde dormia,
Desperta o Padre Doiro, e apressurado
Desde alta serrania
Da soberba Orbion desce c'roado
De grinaldas de junco, e de espadana,
Brandindo a verde cana,
Buscando vem as praias do Occidente,
Onde ergue Cale a torreada frente.

Comsigo traz em bando numeroso
O forte Carrion, o fresco Arlanso,
O Támega ruidoso,
O Távora arrojado, e o Côa manso:
Suas grutas deixando cristalinas,
As Naiades divinas
Com elle vem em rapida corêa,
Lédas saltando pela branca arêa.

De Numancia, e Zamora as filhas bellas
Soltando aos ares suas tranças d'oiro,
Vestindo brancas tellas,
Em vão lhe offerecem todo o seu thesoiro:
Em vão lhe rogão, que a seus braços venha,
Com ellas se detenha,
E em suas margens o seu throno assente
Co' a rica urna de cristal luzente.

Nem promessas, nem dadivas, nem rogo
Nada o pode deter, que á Cale o chama,
Acceso em nobre fogo,
D'outras gentis Donzellas clara fama:
Eis chega, e quando as vê, de espanto cheio
Se prende em doce enleio;
E ufano mais, que o Têjo caudaloso,
Se julga com taes Nynfas venturoso.

Por vós, ó lindas Filhas de Anfitrite,
Póe nas praias de Cale o patrio Doiro
À seu curso limite,
E a urna pousa co' as areas d'oiro:
Por vós engeita, quantas Nynfas gera
A formosa Cythéra:
E eterno amor, eterna companhia
A Cale jura, que taes Deosas cria.

## AO
## MESMO ASSUMPTO.

O' musas, se nós tanto ousar podemos,
Firamos novo som da lyra d'oiro:
Com novo som cantemos
As bellas Nynfas do paterno Doiro:
Cantemos Lilia, e os olhos seus formosos,
Dois Astros radiosos,
Em cujo lume Amor seu facho accende,
Com que abrazar mil corações pretende.

Cantemos mais a candida Dorilla,
A loira Menalippe, a branda Flora,
E a terna Menasilla,
Que sahe apenas da primeira aurora,
Já vai hum novo Sol ao mundo abrindo
No rosto fresco, e lindo;
E a ti tambem, que tens, ó bella Alcina,
De Amor a idade, e as graças de Ericyna.

Cantemos Lydia, que gentis amores
Prendendo vai co' as tranças d'oiro fino,
Que aos ventos brincadores
Estende por seu colo cristalino:
Nem deixemos Eurynome formosa
De boca graciosa,
De cujos beiços encarnados pendem
Doces sorrisos, que mil almas rendem.

Após estas se exalte a linda Isbella,
Que apenas olha os corações conquista:
Louvai Marfiza bella,
Erro suave a Amor, que quando a avista
Da Mãi Cyprina a não estrema; e abrindo
As niveas azas, rindo
Vôa enganado das feições mimosas
A beijá-la no rosto, e mãos formosas.

E qual canção, harmonica Belina,
Mereces, quando o patrio Doiro encantas?
Quando co' a voz divina
Na maior ira o fero Amor quebrantas?
E tu tambem, ó candida Tamira,
Que já tocando a lyra,
Do Ceo descer fizeste ao som tão brando
Hum enxame de Amores volteando?

Louvai da honesta Alcippe o rosto dino
De frescas rubras rosas matizado,
A quem faz de contino
Hum timido pudor mais engraçado;
Amor a busca, a ella só deseja;
Mas Alcippe se peja,
Baixando os lindos olhos innocentes
Sobre os thesoiros seus, inda nascentes.

Cantai a linda Aglaura c' o doirado
Cinto das Graças, que dos Ceos lhe veio,
Que o corpo delicado
Airosa move com gentil meneio;
E Nize, a tantas Mãis tão desejada
De Hymeneo suspirada,
Que quando os meigos olhos alevanta,
O ar serena, e os mesmos Ceos encanta.

Que louvor dareis vós á branca Arima,
Que ao sangue de Neptuno accrescentára
As prendas d'alta estima,
Com que os cerules Deoses encantára?
E a Clycie, igual na fronte magestosa
De Jove á regia Esposa;
E a Crinaura gentil, que bem pudéra
Ser mais, que Venus, Deosa de Cythéra?

Em grandiloquo som cantar desejo
A Laura, e Dinamene, Irmãas mais bellas;
Que quantas banha o Tejo;
E as duas mais luzentes, que as estrellas,
Eurifile gentil de huma alma pura,
Tão cheia de ternura;
E a sabia Altêa, em quem com pasmo brilha
Sublime engenho, a Febo maravilha.

Alçai, Musas, alçai a voz sonora,
Marilia engrandecei de lindo aspeito,
Mais bella, do que Aurora;
Em cujo repousado casto peito
As formosas virtudes se assentárão,
Quando dos Ceos baixárão:
Natura por mostrar, quanto podia
Por nosso espanto a trouxe á luz do dia.

# A
# CATHARINA MICHAELA
# DE SOUSA,

*Quando esteve na Cidade do Porto.*

Com que gloria immortal brilhar já vejo
a nobre Cale as Filhas venturosas,
Que ao aurifero Tejo
veja dão, e ás Tagides formosas!
ôa sublime, ó Musa, a voz afina,
Entoa canção dina;
e Balsemão a Deosa, que honra o Doiro,
anta, se podes, nesta lyra d'oiro.

O' dos fados mimosa, ó Patria minha,
uanto esplendor das Musas Lusitanas
A sublime Rainha
em dar ás tuas Dórides ufanas!
á desde Balsemão astro brilhante
Sua luz radiante,
ais clara, que a das nitidas estrellas
or ti só veio derramar entre ellas.

Antesque Venus suba ao Ceo luzente,
E [illegible] os meigos olhos seus formosos
Em vivo amor ardente
Dobrar a gloria aos Deoses venturosos;
No carro d'alvas pombas despedido
Vôa primeiro a Gnido,
E entre as brancas Cyprinas alguns dias
Risonha passa em doces alegrias;

Assim de Balsemão a clara Déa,
Antesque deixe os campos Lusitanos,
E vá de prazer cheia
O Esposo vêr aos ultimos Britanos;
Visita Cale, que seu nome adora,
E nella se demora;
E Cale a mil cidades só prefere,
Que Amor por Cale o coração lhe fere.

Os altos Deoses, que de lá estão vendo
Gozar tanta fortuna o Doiro ufano,
Tal gloria appetecendo
Fórmão nos Ceos conselho soberano;
E já querem da Deosa enamorados
Deixar os Ceos sagrados;
E vir de todo, ó minha Patria amada,
Trocar por ti a Olympica morada!

## A'

## MESMA,

*Quando se embarcou para Londres.*

Já' te entregas ao mar no leve pinho;
Já tornas, clara Deosa, onde saudoso
Longe do patrio ninho
Ha muito te suspira o caro Esposo:
E qual fúlgido Febo, que alumia
A face ao almo dia,
Já vás c' os lindos olhos docemente
A estranho Ceo dar luz, e á estranha gente.

Esta gloria cem povos desejárão,
Desejárão do Tybre as Deosas bellas;
Por ella suspirárão
Do Rheno illustre as candidas Donzellas,
E vós, ó Nynfas, que a ribeira amena
Pisais do fresco Sena,
E vós, Damas gentis do Mançanares,
Vós, já lhe tinheis preparado altares.

Indagora accendidas d'alta chama,
Por vêr a Deosa aos Ceos votos envião,
Só com lhe ouvir a fama
Hum brando amor no coração lhe crião:
Mas dos supremos Ceos não lhes foi dado
Tão doce, e lédo fado:
A ti, feliz Tamiza, a ti cumpria
Duas vezes gozar esta alegria.

Em tuas margens outra vez o canto
Divino soltará aos sons da lyra,
Que cheia d'alto espanto
Soberba Londres n'outro tempo ouvíra,
Quando as Musas Britanicas pasmadas
Das canções desusadas
Emquanto á doce voz ouvidos derão,
Todas de Pope e Milton se esquecêrão.

Vai, Nynfa, ao Esposo teu; o Ceo te envia;
Mas depois de dorar a terra, e os mares,
Que ultima Thetis fria,
C' os braços cinge, ah! volta aos patrios lares
Dos teus lembrada, que saudosos te amão,
Que nas aras derramão
Aos Deoses votos, porque cedo vejão
Seu mór thesoiro, que cá ter desejão:

Que a Cidade de Ulysses inda espera
Por dadiva do fado seu ditoso
Ver-te em sublime esféra
Brilhar ao lado do prudente Esposo,
Quando Jove immortal a nós benino
Só por nosso destino
Junto ao Throno do Tejo refulgente
O fizer Deos da Lusitana Gente.

# A
# JOÃO BAPTISTA
# DA SILVA,

***Por haver dado a conhecer Almeno, e as suas Poesias ao Author.***

Os Deoses, Sylvio, sempre tem cuidado
Dos miseros mortaes; ou cedo, ou tarde
Vôa dos Ceos nas azas da alegria
O próvido soccorro.

Contra mim sacodio a torva Erinnys
Da torpe grenha viboras cruentas,
Mas véla o Ceo por mim, e a ti reserva
Trazer-me o doce alivio;

Que baixa alfim o Cyllenêo d'Olympo,
E de mando de Jove te annuncia,
Que venhas adoçar os meus trabalhos
C'o amizade de Almeno.

Tu me mostras Almeno; tu seus versos,
Divinos versos de hum Poeta raro;
E não cessas com elles de augmentar-me
Cada vez meu thesoiro.

Elles são meu prazer; duros cuidados,
Quaes néctares dos Deoses, me adormentão;
Nem póde inveja vil roubar-me huma hora
Tão solidos deleites.

Dê-se a outros o oiro avaro; dêm-se
Fraldadas Bécas, e Bastões guerreiros,
Doiradas chaves, Titulos pomposos,
Do mundo o Sceptro augusto.

Tu dá-me versos, ó meu Silvio, versos
Do sabio Almeno, dadivas celestes:
Não podem dar tão ricos donativos
Os Principes da Terra.

# A
# A L M E N O,

*Havendo mostrado ao Author o primeiro Livro da sua Traducção Portugueza da Metamorphose de P. Ovidio Nasão.*

Claro Filho de Apollo, illustre Almeno,
Com quanta gloria a aurea idade nossa,
Soberba de seu fado, os teus Poemas
Oppõe a Grecia, a Roma!

Logo ao nascer, os Deoses te enviárão
A branda Musa, que ao Peligno Joven
Ensinára a cantar em doce metro
As Trasmudadas Fórmas.

Então fitando em ti seus lindos olhos
Com meigo gesto, de sagrado nectar
Teus beiços borrifou, e disse: „ Cresce,
„ Serás, Almeno, Vate. „

Eis te entrega, e na terna mão te firma
A Lyra de oiro, que já Roma ouvíra:
Tu a tocas, Almeno, e os sons repetem
Os Sulmonenses cantos.

Torna a crear-se a *Maquina do mundo*:
Do escuro *Cahos* raia a *Luz*, e a *Ordem*:
*Desvairadas Idades* vão correndo;
E as *Agoas* as sepultão.

Resurge da ruina o *Mundo Novo*
Deoses em Homens, Homens se convertem
Em varios *Monstros*; já em *Loiro*, e *Pedra*
Alvas *Nynphas* se mudão:

Soão por valles, bosques, rios, montes
De mil amantes namoradas queixas;
Com mais formosas galas apparece
O Amor, e a Gentileza.

Aqui, aqui co' a branca mão abrindo
O virgem seio, aonde as Graças morão,
Novas graças te entorna nos teus versos
A Lusitana Musa.

## AO MESMO,

*Havendo mostrado ao Author algumas outras de suas Poesias.*

Jura o sagrado Tejo, que os teus versos
Hão de ser immortaes, Almeno, ou firas
As aureas cordas do Peligno Vate,
Ou Teïa Lyra toques.

De geração em geração cantados
Serão por lindas virgens, castos moços;
Ouvi-los-ha no berço o tenro infante,
Com elles embalado.

No santo coro do Castalio Monte
Do sabedor Miranda altas sentenças
Inda em grave alaúde vão cantando
As nove Irmãas de Febo.

Nem póde o tempo suffocar o estro
Do grão Poeta, que por virgens mares
Levou ao som da trompa ao rico Ganges
Os Lusos Argonautas.

Vós todas as manhãas, ó Musas, vindes
Croar de roxos lirios e violas
Os ternos Coros, que o immortal Ferreira
Alçou á triste Cástro.

Inda suspira Amor nas aureas cordas
Da Lyra de Lerenb; e o Lis e o Lena
Ao tom das mansas agoas vão soando
Da clara Nyufa o nome.

Vai o sereno Lima recordando
Os magos versos de Bernardes ternb:
As Náides repetem de Caminha
As amorosas queixas.

As pérolas que tu cá nos trouxeste,
Claro Fernão, dos camarins d'Aurora,
Ind' hoje fulgem nas madeixas d'oiro
Da Transformada Lysia.

Em que alvo dia ás lucidas estrellas
Anfriso não subio co' a bella Laura?
De lá nos sôa sempre o som divino
Da Venuzina Lyra.

Inda os sacros Poemas, Febo, escutas
Que o miserando caso memorárão
De Leonor infeliz, e os duros cercos
Da bellicosa Dio.

Os tempos tragadores, que consomem
Obras mortaes, o nome eterno guardão
Do grão Sá, que em Meonio verso accende
A guerra de Malaca.

Nem calarão jamais o douto Castro,
Que desde Troia trouxe ao claro Tejo
O grande Fundador do Luso Imperio,
Grego Cantor vencendo.

Assim tu, que no Ménalo sagrado
Da Arcadia os altos Deoses conversaste,
Que delles trasladaste á Lusa terra
Os vasos da eloquencia,

Jámais no mundo esquecerás: comtigo
Musas e Graças, candidos Prazeres,
Almeno, nos vierão; novo esp'rito,
Tu nova luz nos déste.

Honras a Patria com teus versos; honras
Os Amigos, a Lingua, as santas Musas:
Ensinas o Moral, os sãos costumes,
A solida virtude.

# A

# A L M E N O,

*avendo mostrado ao Author a continuação da sua Traducção Portuguezu da Metamorfoze de P. Ovidio Nasão.*

Que cuidas tu, que eu rógo aos altos Deoses
Illustre e sabio Almeno?
o lhes peço rebanhos numerosos
Da encalmada Calabria;
m da déstra Princeza de Sicilia
Riquissimas searas;
m o loiro metal, que em seus mineiros
O novo Mundo encerra.
fachadas de pórticos soberbos
Os olhos me não roubão;
n altas salas de entalhados tectos,
Em torno guarnecidas
rica estôfa de Flamengos pannos:
Ou doirada baixella,
e á gula offerece em sumptuosas mesas
Magnificos banquetes:

Nem julgues, que afanado só desejo
As espléndidas honras,
Que tantos cevão miseros humanos
Em férvida cobiça:
Pésa-me a borla, que me crôa a frente,
Quando d'alta cadeira,
Feito Orago de Delfos sobre as margens
Do gélido Mondego
Severo grito aos espantados moços
Co' as horridas Pandectas.
Por premio de taes lidas não pertendo,
Vestir fraldada toga
De vans cuidados afumada;
E ter no Areopago
Nas mal seguras mãos da santa Astrea
A próvida balança,
E a miseros mortaes co' a fatal vara
Dar vida, ou triste morte.
De que serve tirar a tantos alvos?
Com susto comprar honras,
Que não dão vida, nem mais doce somno,
Nem placida virtude?
Destas quimeras, destes vãos desejos
O tempo me descarta,
E a sãa Filosofia me preserva
Do misero contagio.
Se eu inda alguma cousa aos Deoses peço,
Peço somente, Almeno,

Alvos dias serenos, em que possa
Longe de ruins cuidados
Com saude viver, entregue ás Musas,
Em placido remanso.
Oh! se eu n'elle pudesse, caro Amigo,
Por só minha ventura
Ou ter-te a ti, e ouvir-te lêr teus versos
Ao som da branda Lyra;
Ou se o benigno Ceo me concedesse
(Se tanto bem me nega)
Huma só vez tocar como tu tocas
A frauta de Peligno,
Então, Almeno, fôra eu mais ditoso,
Que o Principe dos Persas. (*)

(*) Esta Ode sahio impressa sem nome, nem consentimento do Author na Collecção, que fez o Professor Caminha,

## A
## JOÃO BAPTISTA DA SILVA,

*Havendo trazido ao Author Poezias de Almeno.*

Dize, te rogo, Sylvio, dize Alcides,
Que em rico donativo
Colhidas das Hesperides me ceda
As lindas maçãas d'oiro:
Dize á formosa Venus, que me entregue
O bello pomo de Ida:
Pede a seu filho Amor, que me conceda
O arco, o coldre, as setas,
E sobre corações de brandas Nynfas
Me dê seu doce imperio:
Pede á candida Doris, que me traga
Em seu gentil regaço
Os ramos de coral dos fundos mares,
E de brilhante aljofar
Me cubra as praias todas do aureo Tejo:
Roga, se tanto podes,
A'Rainha dos Deoses magestosa,

Que a rica pedraria
Do Camarim de Jove me apresente:
Por dadivas tão bellas
Eu não, eu não trocára, ó Sylvio Amigo,
Do Sabio Almeno os versos. (*)

---

(*) Esta Ode sahio tambem impressa na Collecção do Jornal Encyclopedico do mez de Outubro de 1789, sem nome de Author.

# AO MESMO,

*E sobre o mesmo assumpto.*

Amado Sylvio, os versos, que nós temos,
Do caro nosso Almeno,
São-nos mais doces, que esses meles de Hybla,
Que os néctares dos Deoses;
São mais meigos, que Amor; são mais formosos
Que as rosas de Lucania;
Inda mais fulgem, doque a estrella d'alva,
Que o semblante da Aurora;
Inda mais mimos tem, tem mais jindezas
Que todas as tres Graças. (*)

(*) Entrou esta Ode no mesmo Jornal Encyclopedico sem nome.

# A
# A L M E N O,

*Sobre os encantos da sua Lyra.*

Ao som do canto teu, que me arrebata,
ando o tu sóltas da sonora Lyra,
tro me torno, do que sou differente;
De mim me encho e espanto.

Tu me dás arte e engenho, que não tinha;
s-me canora voz, que não soava;
citas-me hum sagrado ardor, que ferve
No centro de meu peito.

Põe-se as potencias d'alma em movimento,
olita energia em mim circula;
s já sólto da boca accesa em fogo
Versos que eu não sabia.

Vôo librado nelles sobre os astros
radiante Olympo, vejo Febo
jo as Musas Pierides formosas,
E o pai de todas Jove.

O' virtude sublime, ó dom divino
Da metrica Harmonia, que transformas
Hum terreno mortal em ser celeste,
Que o pões a par dos Numes.

# SOBRE O AMOR
## A's
# MUSAS.

As Musas podem dar-nos doces horas
e candido prazer, quaes nunca derão
em aureos paços, nem soberbas honras,
Nem fulgidos thesouros.

Ellas afastão rigidos cuidados,
ue se vão para os ricos poderosos,
ue mais inda desejão, devorados
De inextinguivel sede.

Ellas c'os sons da magica harmonia
ábitos feros em costumes brandos
eigas convertem: bem no meio d'alma
Doces paixões semêão.

A cadencia do metro sonoroso
anto valor e brio inspira n'alma!
om ella as Musas os Heroes excitão
A's inclitas façanhas.

Ellas depois os gravão no seu verso
Com traços mais profundos, e mais vivos
Que os do destro buril no duro bronze,
Para memoria eterna.

# A
# A L C I N O,

*Que louvára em verso latino alguns Heroes da Antiguidade,*

E nós inda estaremos duvidando?
E o vivo fogo, que se em nós levanta,
A outra lingua, ah crueis, iremos dando?

Ferr. Liv. II. Cart. X.

Cad' hum faça alta prova
De seu s'prito em tantas
Portuguezas conquistas e victorias.

O mesmo Liv. I. Od. I.

O pio Eneas e a travada guerra
Contra Turno infeliz a Roma deixa;
Deixa á vãa Grecia o valeroso Achilles,
Deixa o sagaz Ulysses.

Canta dos nossos: Que proezas raras
De valor e virtude estão pedindo
Esse teu canto, que tão mal tens dado
A' estranha lingua e gente!

Quanto Heroe perdeo nome, quanto feito,
De que hoje Lysia se honraria ufana
Por cima das estrellas, se os cantasse
A Portugueza Lyra!

Os que inda salvar póde a Musa, salva;
Salva co' a trompa altivo, ó claro Alcino,
Os sagrados Varões, com que doirárão
A Lusa Terra os Deoses.

# A' MEMORIA
## DE
# D. DOMINGOS DE ASSIS MASCARENHAS,

*Principal da Santa Igreja Patriarcal.*

Eu nesta nova lyra d'oiro fino
Preparo hum novo Canto: Vós, ó Musas,
A qual dos Divos o mandais? Soberbo
Não sofro baixo assumpto.

Ou louvo Deoses, ou de Deoses Filhos,
Bemfeitores do home: entre elles vejo
Brilhar com mór luzeiro, Heroe Sagrado:
O' grande Mascarenhas,

Tu meu Canto serás: do ethereo assento,
Onde bebes c'os Deoses recostado
Co'a rosea boca o nectar, ouve os Cantos
Que Amor de cá te envia.

Inda vive nos Lusos mui saudosos
Alta lembrança de teus dons divinos;
Mas inda mais em mim, que vi teu peito,
Teu animo sublime,

Quando teu coração abrindo todo
Em praticas sinceras sem reserva,
Os nobres sentimentos me soltavas
Do centro da tua alma.

A verdade, e a candura, e a fé, e a honra,
E a constancia, e modestia, e temperança,
As virtudes da paz todas unidas
Brilhavão nos teus Labios.

Amavel no teu trato, não cercado
De fastuosa tumida soberba,
Que os não iguaes arreda, só prezavas
A doce Humanidade.

Era teu timbre, que ante os olhos tinhas
Mais que os escudos e brazões paternos,
Fazer bem aos mortaes, amar constante
O homem justo, e sê-lo.

# AO DOUTOR JOSE BARROSO PEREIRA,

*Em seu louvor.*

Teu peito sempre igual . . . .

Ferr. Liv. II. Ode IV.

O' meu claro Barroso, eu pasmo, quando
Me recordo de ti, quando medito
Esse teu genio, e as dadivas sublimes,
Que os Deoses te doárão.

Engenho e esp'rito e exacção e sizo,
E o que he inda mais raro, fino tacto
De gosto, que Natura dá, não Arte,
São os teus dotes ricos.

A luz levas a tudo, a tudo a ordem.
Com sabedor compasso, demarcando
A huma hora isto, a outra hora aquillo,
Nas sabias mãos o prumo.

Nas coisas mais pequenas tão exacto,
Como nas grandes: qual o Sol, que brilha
Igual em todo o curso, és em teus feitos
Sempre igual a ti mesmo.

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL
# DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal,*
*em seu louvor.*

---

Se Heroes de peito d'aço em punho a espada
Por levantar a Lysia novo imperio,
Fôrão regar co' sangue de cem povos
Os Gangeticos Campos;

Tu só nasceste ao mundo, ó Castro illustre,
Para vir cultivar na paz doirada
Beneficas virtudes, que allumião,
Claro farol, os Lusos.

Tu lhes mostras a estrada d'alta gloria;
E qual Soldado, que primeiro ás hostes
Imigas se arremessa co' a victoria,
Na forte mão segura,

Entras por ella com firmeza d'alma,
Que hum só passo não torces da carreira;
Hum gentil esquadrão comtigo levas
De tuas acções raras.

Defensor da verdade, recto, e puro,
E nas tenções constante, nem te moves,
D'odio, cubiça, amor, inveja, ou medo,
Qual hontem foste, és hoje,

E serás amanhãa: o que promettes,
O que intentas obrar, o bem que fazes,
Nem fortuna, nem tempo, nem valia
T'o muda d'alta mente.

Taes virtudes em ti, que a ti só deves,
São mais nobres ainda, mais sublimes,
Que esses triunfos d'Asia, que as façanhas
De teus Avós famosas.

# A
# JOSE DE AZEVEDO,

*Da Congregação do Oratorio, em louvor da vida do Campo.*

Quão ditoso Azevedo he, quem vive
Longe de lidas, longe de tumultos,
Cultivando c'os seus a avita herdade
Em paz serena, e bella.

Ora marida os entonados chopos
Com as adultas varas das videiras;
Ora em agrestes arvores perfilha
Os mais castiços garfos.

Huma vez reclinado sobre a relva
Da fresca Alfarrobeira á sombra posa;
Outra seus somnos dorme ao som das aguas,
Que em mansa vêa correm.

Já folga vêr no prado os seus cordeiros
Tozar a tenra grama, e nas hervagens
Pastar suas cabrinhas, que ordenhadas
Lhe dão de leite rios.

Já vai dar volta a seus cortiços ledo;
Doces colmêas crésta, e de seus favos
O mel côr d'oiro, gotejando, exprême,
E em limpas talhas deita.

Como folga prear na rede as aves;
Ou com seus cães a mata devassando
A fugaz lebre, a timida gazella,
Mimos da sobria meza.

Eis põe a torta foice aos páes maduros,
Mas primeiro piedoso as fontes c'roa
De retorcida anzinha, e versos canta
Em louvor d'alma Ceres:

E a ti tambem dá canticos sagrados,
O' Moço, mostrador do curvo arado,
E a ti, ó Pan Tegêo, e a ti, Sylvano,
Guardador das extremas.

Se vós, Deoses campestres bemfeitores,
D'alma colheita lhe fartais seus lares,
He mais feliz, que os cortezãos, mais rico,
Que os Principes da terra.

# A
# MYRTILLO,

*Em louvor da sua Lyra.*

C'os sons da lyra, c'o prazer da mesa
Regalas os amigos:
De seus animos tristes afugentas
Os turbidos cuidados,
Que lá se vão aos cortezãos potentes
E aos ricos, nunca fartos:
Conversando comnosco docemente,
Lendo teus meigos versos,
Trazes mais cedo a linda primavera,
E fazes brotar flores
Sobre os baldios campos, onde dançõo
A bel prazer as Dryades.
Presentas mais cedo os brandos fructos
Do pomareiro Outono;
Quebras de seu ardor o fero estio,
E os Zefyros bafejão.
Comtigo o duro inverno se amacia,

E os tremedores gelos:
Neptuno te ouve, e já depondo as iras
Jaspeia o mar de leite.
Que ha, que ao canto teu não embrandeça?
Exulta a Natureza
De ver, que produzio em ti divino
Portento d'alto genio,
De quem Deoses, e Deosas se comprazem
No Ceo, no mar, na terra.

# AO DOUTOR
# SIMÃO DE CORDES,

*Sobre os diversos cuidados e prazeres do homem.*

Quão diversos não são, illustre Cordes,
Dos homens os desejos, e os prazeres!
Hum folga de correr o raso campo
Em rapido ginete;

Outro, postoque fraco, os dias gasta
Contando de avoengos vencedores,
Que seis feras cabeças de Reis Mouros
A's armas ajuntárão:

Qual descerrando os avarentos cofres,
Prenhes de onsenas, prenhes de trapaças,
Herdades, que abranger não póde, compra
Nas lisiras do Tejo:

Qual procura por novo estilo e arte,
Do natalicio alvergue deslembrado,
E até da morte, que já vem marchando,
Erguer soberbos paços:

Aquelle gosta destemido e forte
De escamosa coiraça armar o peito,
E ao fero som da barbara trombeta
Marchar ousado á guerra:

Tenta aquelloutro nos nadantes pinhos
Sobre as vagas azues do mar horrendo
Por entre Syrtes, onde habita a morte,
Ir a remotos climas,

Do patrio ninho não contente: nada
Outros mais prezão, que correr os bosques
E ballestar na umbrosa mata, e as feras
Varar c'o feroz dardo:

Tu lidas por sondar lá nessa Athenas
As santas Leis da próvida Natura;
Eu lido em descobrir antigos Celtas,
Avós da Lusa Gente.

Não deo a todos Jove o mesmo esp'rito;
Feliz, a quem em sorte coube hum peito,
Que vive sem cobiça em paz serena
C'os livros, co'a virtude.

# O AUTHOR

*A's suas Musas.*

Não busco, ó Musas, que os mortaes me chá-
mem douto Mestre, nem Poeta illustre, (mem
nem sabio Senador, excelsos titulos
De méritos sublimes,

Quaes eu não tenho; eu só desejo o nome
De Cidadão, de sua Patria amigo:
Oh! s'eu pudesse Bemfeitor chamar-me
Da fraca Humanidade!

Mas pois não posso, oh Ceos! alçar meus feitos,
Aonde voão meus desejos puros,
Faço o que posso: subo co'a alta idea
Muito acima dos astros:

De lá derramo imprecações, e iras
Contra os que enganão, contra os que atropellão
Os Homens, seus irmãos, e amigos; contra
Os horridos tyrannos.

De lá deixo cahir lagrimas tristes
Sobre o fecundo genio perseguido;
Sobre o talento desprezado; sobre
A misera virtude.

# A'
# LYRA DE ALMENO,

*Estando enfermo.*

*O' decus Phoebi, et dapibus supremi*
*Grata Testudo Jovis, ô Laborum*
*Dulce lenimen . . . . . .*

Horac. Liv. I. Ode 32.

Abençoada sejas, Lyra d'oiro,
ra do meu Almeno, que ora branda
m meiga voz, que o ar serena, cantas
As Graças d'Amizade, (*)

Ora sublime ao alto Ceo te elevas,
'azes soar nelle o varão justo,
e no Senhor confia, e delle espera
As eternaes doçuras. (**)

*) Tinha apresentado Almeno pouco antes huma Ode sobre
ıa amizade para com o Author.

**) Tambem poucos dias antes o tinha brindado com huma
e sobre a confiança, que a alma devia ter na Misericordia do
ıhor.

Ou elle lédo c'o as Camenas folgue,
E as margens pise do formoso Sado;
Ou ora enfermo sobre o leito gema,
Tu nunca o desamparas;

Igual em todo o tempo lhe apresentas
Teus harmonicos sons; c'os sons divinos
Adoças seus trabalhos, e amacias
Os agros, e asperezas.

Tomando-te nas mãos ha pouco, Almeno,
O'meu allivio, disse, ó Lyra minha
Comtigo he doce a vida, menos dura
Será comtigo a morte.

## AO
## M E S M O,

*Continuando a estar gravemente enfermo.*

Brilhantes honras, que os mortaes encantão,
arentos thesoiros, que não fartão
cobiçoso peito; altas medranças,
Que o Cortezão bafejão;

Não são, não são os alvos, a que tirão
a curta vida meus desejos puros;
ti, santa Amizade, a ti consagro
Meus candidos affectos.

Se d'algum Deos nas aras sacrosantas
eimo o aroma Nabathêo; se nelle
voltos ao celeste alcaçar mando
Os meus fervidos rogos;

Por ti, por ti, meu caro Almeno, sobem
Ceo meus pensamentos, meus suspiros:
mais potente desses Numes todos
Com voz humilde invoco:

Em lagrimas banhado ardentes, peço
Benefica saude ao doce Amigo,
Metade de minha alma; ah! peço, seja
De ti, de mim piedoso.

Se cumpre unir meus dias aos teus dias,
Eu cedo parte, e se he preciso, todos:
Vive tu, meu Almeno, e vive á Patria,
Vive á virtude, e ao mundo.

Ao mundo, que tu doiras com costumes,
Que ensinas com doutrina, dos Ceos dada,
Entornando na terra os ricos vasos
Da divinal facundia.

## A
## FRANCISCO DE BORJA
## GARÇÃO STOCKLER,

*Depois do Author ter visto as suas Poesias.*

Ou tu pretendas nos Olympios Campos,
aspondo a méta na carreira ousada,
orrer parelhas com o Eolio vate
Em Lyricas fadigas;

Ou já folgues, c'o a Cythara suave
ıal o Teïo Cantor, brandos prazeres
ı Natura e de Amor louvar, e as graças
Da candida Dione;

As nove Irmãas do Patarêo Apollo;
ıntos brios te inspirão no teu canto,
ıe atrás deixas c'os sons harmoniosos
Os Argólicos Cysnes.

Em teus versos gentis, divinos versos,
ım maior energia os rasgos sólta
ıma alma nobre, hum coração sensivel,
A rica fantasia.

Teu éstro he mais sublime, a voz mais doce;
O sorriso de Venus he mais grato;
Amor he mais pudico; são mais lindas,
Mais meigas as tres Graças.

# SOBRE A SEPULTURA DOS POETAS.

Não jaz em erma sepultura hum Vate:
m derredór da loisa volteando
vãa turba de espectros fugitivos
Horrifica vagueia:

Nem já em torno de furtivas luzes
e sepulcraes alampadas funestas,
bando pia de nocturnas aves,
Que brota o diro Averno:

Nem o tumulo cercão altos troncos
: funeraes Cyprestes, tristes guardas,
:m com surdo sussurro pavoroso
Visinho bosque ferve.

Alli só cantão Cysnes, alli s' ouvem
mos hymnos das Musas, que resoão
: doce som da maviosa frauta,
Ao meigo som da Lyra:

As gentis Graças, as doiradas Horas,
Brancas filhas de Jove, revezadas
Sobre a campa do Vate espalhão lyrios;
Rosa, e amaranto eterno.

# NA MORTE
## DE
# ALMENO.

Devido á lei fatal da natureza
des em fim, Almeno, o mortal corpo
fria Parca: e ao tenebroso seio
Da madre terra desces;

Porem não morres todo: a melhor parte
: ti cá nos ficou, que vive eterna
s obras immortaes, em que respira
Tua alma pura e grande,

Teus candidos costumes, teus desejos,
ıa moral, teu animo celeste,
ıvinos dons, que os altos Ceos benignos
Em ti nos tinhão dado.

Emquanto sobre as aras sacrosantas
censo receber a Fé sagrada,
ío de existir no mundo os teus escritos
Sellados co'a virtude. (*)

*) Allusão ás suas Poesias, e Orações sagradas.

# A
# JOÃO BAPTISTA DA SILVA,

*Sobre o mesmo Assumpto.*

*Debemur morti nos, nostraque.*
Hor. Art. Poet. ℣. 64.

Devemo-nos á morte: as urdideiras
Hão de dar fim a nossos dias breves;
Nem d'aurea lyra o som, ó Silva, ameiga
As truculentas Parcas:

Poetas Gregos, Laciaes Poetas,
Tambem os Lusos somno eterno opprime,
Nem escapou á seva Proserpina
Nosso querido Almeno:

E comtudo que coisa mór os Deoses
Jamais nos derão, ou darão, do que elle!
Viver devia seculos ditosos
A si, aos seus, ao mundo.

Mas nem amor das santas Musas póde
Remir o Vate dos escuros fados,
Nem solida virtude póde á morte
Roubar o Varão justo.

## AO DOUTOR
## JOSE DA SILVA XAVIER,

*Sobre o mesmo Assumpto.*

Quando o prazo fatal, que os Ceos marcárão,
Alfim acaba, não val arte, ou rogo,
Nem hervas morredoras, que afugentem
Os males de Pandóra.

Tu mesmo, ó grande Sylvio, ó sabio Filho
Do Nume de Epidauro, honra do Sado,
Não pudeste salvar o caro Almeno,
Metade da tua alma;

E comtudo o Grynêo Apollo, quando
Desceste do materno seio ao dia,
Liberal te doou co' a lyra d'oiro
O Balsamo sagrado.

Que esforços não fizeste por Almeno!
Que segredos da próvida Natura
Não indagaste, em lagrimas banhado
Para soster-lhe a vida!

Porem o mesmo Ceo, que no-lo déra,
Por nosso bem, não quiz que por mais tempo
Com seus costumes, candidas virtudes
Honrasse a Lusa terra.

# A' MEMORIA
## DE
# ALMENO.

Debaixo desta campa em somno eterno
o grande Almeno as frias cinzas dormem;
rem não cuides, que em funéreo bando
Negras aves da noite

Horridas crujão derredor da loisa:
os Meonios Cysnes, alvas pombas
r roda do seu tumulo revoão,
E a doce Filomela:

As castas Musas, as decentes Graças,
ntas a Urna cercão noite e dia;
li soltão seus canticos divinos,
Ao som da eburnea lyra,

Que os ares rompe, e aos altos Ceos levanta
raros dotes, meritos sublimes,
m que brilhou na terra o sabio Almeno,
Primor dos Lusos Vates.

Se meu canto tambem lugar merece
Depois do vosso, ó Musas, deixai, que elle
Em torno deste tumulo sagrado
Resoe os seus louvores.

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL
# DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia de seus annos, remettendo-lhe o Author algumas Poesias de Almeno.*

---

Eu te mando, Senhor, os aureos versos,
Que o claro Filho do Chrysêo Apollo
Sobre as margens do Sado descantava
Ao som da eburnea lyra.

Quando nas horas ao repouso dadas,
Largando hum pouco seus trabalhos duros,
Co'as alvas Musas passeava lédo
As Cetóbrigas praias.

Se elle ora inda vivesse, eu te prometto,
Que em vez de estranhas *trasmudadas fórmas*
Soberbo em sons divinos levantasse
Teu nome excelso aos astros.

Este brilhante dia, em que Lucina
Nos braços te afagou, quando desceste
Do seio maternal á luz da vida,
Fizera mais brilhante.

Cantára, como a próvida Natura
De siso, de prudencia, de constancia
Mais que humana, de amor ás santas Musas,
Ornou tua alma nobre:

Cantára como o divo Téjo ufano
A' Filha do Mondego predisséra,
Que honrar irias de Minerva o templo,
De Febo as santas aras;

Como acceso em desejos d'alta gloria
A' virtude, ás sciencias dando preço,
Na Lusitana Athenas criarias
As Letras, e os Costumes.

Porem se já não póde o Vate illustre
O Canto seu, aos immortaes devido,
A ti voltar, não ficarás sem honra
Da mão das castas Musas.

Eu delle a lyra herdei; eia, me disse
Já proximo a finar seus dias, toma
A lyra minha: exalta nella o Sabio,
De nome eterno digno.

.. Todas as cordas desde então, ó Castro,
A ti votei; se os Deoses me concedem,
Mais larga vida, ocio mais sereno,
Tu só serás meu Canto.

Cantarei este dia bem fadado,
Quando voltar no circulo celeste,
Cantarei as virtudes tão formosas
Que nelle nos trouxeste.

## AO DOUTOR
# RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA.

*Na morte do Doutor José Barroso Pereira.*

*Multis ille bonis flebilis occidit;*
*Nulli flebilior, quam tibi . . . .*
Horacio Liv. I. Ode XXIV.

——— Mas ah, que inda que seja
Choroso a todos, he a ti mais choroso.
Ferr. Elegia I.

Ah! quando terão fim, caro Nogueira,
De tanta perda as mágoas, e as saudades
De tão querido Amigo? somno eterno
Opprime o Varão justo,

Sem lhe valer sciencia, nem virtude,
Digno por certo de viver mil annos
A si, a nós, á Patria, ao mundo todo,
Aos fados sobranceiro.

Onde o Siso, o Decoro, a Singelleza,
A incorrupta Fé, a sãa Verdade,
O solido Saber, a Honra, o Zelo,
Beneficas virtudes

Acharão outro igual? Os altos Deoses
Maior, nem melhor alma tinhão dado,
Nem mais darão, indaque á terra voltem
Os Seculos doirados.

Elle acabou de todos pranteado,
De nenhum mais, do que de nós, Nogueira,
Que em seu amigo trato sempre achámos
Insolita doçura.

Mas nós pios em vão choramos ambos,
Ambos em vão aos Deoses o pedimos,
A nossos rogos surdos, que immutaveis
Os fados não revogão:

Que se mais brando, do que Orpheo Threïcio
A Cythara, que as arvores movia,
Ora tocasses, a seu corpo exangue
Sua alma não voltára,

Huma vez, que Mercurio á grei escura
A ajuntou co' a horrenda vara. He duro;
Mas sofrendo se faz mais leve a perda,
Que reparar não pódes. (*)

(*) Feita sobre a XXIV. do Liv. I. de Horacio, havendo o Author recebido huma Carta do Doutor Nogueira, em que lamentava a falta deste commum Amigo, e rematava seu lamento com os versos da mesma Ode

*Multis ille bonis flebilis occidit;*
*Nulli flebilior, quam tibi . . . .*

# NA MORTE
## DO
# MESMO,

Acabaste, Barroso, esta carreira
Mortal, devido aos Ceos, onde te foste
Com as santas virtudes, que adornárão
Tua alma grande, excelsa:

Onde agora acharemos sãa justiça,
Fortaleza, e constancia d'alma illustre?
Onde a verdade pura, que pousava
Serena nos teus labios?

Onde a modestia, a gravidade, a honra,
O siso, e discripção? onde acharemos
Hum tão suave acolhimento a todos,
Que a todos attrahia?

Nas tuas fallas placida ternura,
No coração bondade sem limite:
Doce beneficencia era a divisa
De teus brazões honrados.

Recta tenção até o fim levada,
Sem hum passo torcer da honesta via,
Regêo tuas acções; alfim já rico
De meritos sublimes,

Sem remorsos, com animo sereno,
Nos braços da virtude repousaste:
Dalli aos altos Ceos te trasladárão
N'um doce somno os Deoses.

# NO DIA ANNIVERSARIO
## DA MORTE
## DO
# MESMO.

Aquelle claro, aquelle puro espirito
De alto conselho cheio, e de prudencia,
Sempre será de mim cantado, e escrito.

Caminha Eleg. IV. á morte de Ant. Ferreira.

Este dia fatal, em que quizerão
Os Ceos avaros, que deixando a terra
De nós se fosse, a só viver com elles,
O candido Barroso,

Não passará sem canto delle digno:
Sobre a loisa, que cobre as castas cinzas,
Soltemos, Musa, nossos sons, não tristes,
Mas ternos, mas saudosos,

Inda lembrados da funesta perda
De tanto bem, que nos durou tão pouco:
Por entre os Hymnos sôem seus louvores,
Suas raras virtudes,

Amava a Patria Cidadão zeloso,
Inda mais do que a si: por ella havia,
Animo prompto a devorar fadigas,
Sofrer duros encontros.

Varão de paz, e de bondade a todos
Nas maiores disputas serenava,
E seus discordes animos unia
N'um mesmo sentimento.

Era a todos amor, brandura a todos,
Risonho gesto, sabedor conselho,
Sincero zelo, meigo aviso e rogo
Os corações ligava.

Eras, Barroso, hum novo Deos na terra;
Que mais facundo que d'Atlante o Filho
Co' a meiga voz em todos esparzias
Insolita doçura.

Ou tu ficar no mundo sempre houveras,
Para unir os mortaes em firmes laços,
Ou outro o Ceo nos désse, a quem passassem
Tuas claras virtudes.

# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal,*
*em seu louvor.*

---

Sprito generoso, inteiro, e forte,
Livre d'odio, d'amor, de medo, e pejo.

Ferr. Liv. II. Cant. XI.

---

Eu tóco a Lyra; sôa nella Castro:
Do roseo berço do fulgente Apollo
Té o declive occaso não ha nome
Mais grato aos altos Deoses.

Os Divos Immortaes dos Ceos supremos,
Fitando os olhos sobre Castro excelso,
Folgão de vêr a dadiva sublime,
Que dérão nelle á terra.

Justo, e sabio, tenaz na tenção recta,
Livre d'odio, d'amor, de inveja, ou medo,
Não torce hum passo da fragosa via
Da rigida virtude.

## AO MESMO,

*Havendo-se esquecido o Author de o obsequiar com versos no dia de seus annos.*

Passou teu claro dia, e meu, ó Castro,
Semque eu a eburnea Lyra desferisse;
E desde as aureas cordas remontasse
Teu grande nome aos astros.

Não foi, não foi, Senhor, feio descuido,
Não foi falta de amor; duros cuidados,
Que continuos em torno de mim vôão,
Tolhêrão-me a lembrança

De tão formoso dia, dia amavel,
Marcado nos annaes das castas Musas,
Em que nasceo a Lysia alta esperança
De verdadeira gloria:

Não de valentes feitos sanguinosos,
Mas de gentis, pacificas virtudes,
De prudencia, e saber, d'alta constancia,
De illustre zelo, e honra.

Porem s'então fiquei co'a muda Lyra,
Entregue todo a meus cuidados, juro
Vingar a afronta, que me fez meu fado,
Cantar-te sempre, ó Castro.

Qualquer dos dias, que o brilhante Febo
Ao mundo traz no carro de diamante,
He dia de cantar os teus louvores
Ao som da Aonia Lyra:

Qual dia raia na luzente esfera,
Que o tu não doires com acções brilhantes;
Que não faças hum bem assinalado
A's Letras, e á Virtude?

## A O M E S M O,

*Sobre o mesmo Assumpto.*

Os justos Ceos, Senhor, não consentirão,
ıe eu soltasse meu canto no teu dia,
a ditoso, em que nasceste ao mundo
A dadiva mais bella,

Que dar podião os Olympios Deoses:
volto em meus trabalhos me deixárão
rando-me da mente perturbada
O dia de teus annos.

Porem não foi, Senhor, sem justa causa:
ıe canto sonoroso, de ti digno,
gno dos Deoses, que te cá mandárão,
Podia a debil Musa

Alçar aos altos Ceos? ah! não quizerão
ı' eu supprisse o lugar do sacro Vate,
ıe teu dia natal cantava sempre
Co' a grave Lyra d'oiro· (*)

(*) Tinha falecido pouco antes João Pedro, douto Professor de ıetorica no Collegio Real dos Nobres, e Poeta de mui distincto :recimento, a quem o Excellentissimo Principal estimava mui- , o qual todos os annos costumava celebrar aquelle dia com ver- ı dignos delle, e do seu grande assumpto.

# D. MARIA LUIZA DE VALLERÉ,

*Mandando-lhe o Author algumas de suas Poesias que lhe havia pedido.*

Vós, illustre Senhora, me pedistes
Meus versos, toscos versos: que donaires
Lhes deo gentil Natura, que bem possão
Sahir á luz com brio?

Não basta algum engenho ter, se o tenho;
Não bastão bons desejos; só com elles
Não se póde montar ao cume excelso
Do ingreme Parnaso.

Não sofrem altas Musas no seu Coro
Debil Poeta lançar mão da lyra;
Nem consentem, que voz profana entõe
Celestes sons dos Deoses.

Assim me brada Horacio, assim Ferreira:
E vós quereis então, que trespassando
Seus avisos prudentes, das mãos solte
Mal nascidos poemas!

Mas pois quereis, vosso desejo he mando,
E com isso me honrais: lá vão meus versos;
Por vós, por vós já corre resalva-los
Da critica sevéra:

Que se os vós approvais c'o sello augusto
Do profundo saber, que em vós se admira,
Fico que sobirão com fronte altiva
A's fulgidas estrellas.

## A
## MONSENHOR FERREIRA,

*Mandando-lhe huns versos.*

Ferreira, caro Amigo, honra das Musas,
Honra da Patria Elysia: eis lá te mando
Versos, não cultos, qüaes os teus, que podem
Soar sobre o Castalio Monte, aonde
Preside o claro Delio;

Porem versos de humilde som, que apenas
Posso cantar nas faldas do Permesso;
Que nem me deo Natura, nem deo Arte
Huma altiloqua voz, que resoasse
Porcima de Hippocrene:

Porem se ellas faltárão, não me falta
Peito formoso, que o só bem deseja,
Que os fieis sentimentos d'alma puros,
Em facil metro exprime; e nelle louva
Beneficas virtudes,

Do homem bom, qual és; do homem recto;
Do que he fiel amigo, humano e terno;
Que estima as Artes, aos mortaes benignas;
Que a Patria préza; que só ama a honra,
E os candidos prazeres.

Tu disto te contentas; e isto basta,
Que te lá vá nos versos meus singellos;
Quanto lhes falta de elegancia, tanto
De verdade acharás nas lisas fallas
D'um coração, que sente.

# DELIO,

*Rico Negociante, que já velho edificava hum palacio.*

Magnifico palacio, que atrevido
C'o sublime mirante as altas nuvens
Escalando, devassa os Ceos vedados,
Ergues ufano, ó Delio.

Porem de que aço duro o tecto cobres,
Que a fulgurante mão do irado Jove
O não dardeje co' a medonha farpa
Do rubido corisco?

Com que ferrolho adamantino podes
Fechar seguro as bronzeadas portas,
Que os passos véde á horrida doença,
E á atroz irmãa, a Morte?

Hão de entrar as crueis, sem te acatarem,
Filhas da noite eterna, que indomaveis
Não se comprão com quanto oiro encerras
Nos avidos thesoiros.

# A
# FILINTO,

*Que se retirava da Corte para lugar ermo.*

*Coelum, non animum mutant.* ——

Horac. Liv. I. Epist. XI.

Por mais que fujas em veloz carreira,
Vão-te á la par correndo os vis cuidados;
Vão-te no encalço os sustos, os temores,
Crueis verdugos.

De si fugir não póde o homem: sempre
A si se leva co' as paixões, que o movem:
Ou deixe a Corte vãa, enfastiado
Do inutil fausto;

Ou vá ermar nos aridos desertos,
Entregue á solidão dos mudos bosques,
Furtando-se aos cuidados d'alto estado,
De que aproveita?

Mudaste de lugar, mas não de affectos:
Es lá o mesmo, que eras cá: podias
No meio dos tumultos da Cidade
Ser justo, e livre.

# A
# FABIO,

*Sobre os cuidados da vida.*

Não creias, Fabio, não, que só tu vives
De vorazes cuidados rodeado;
Entrão nas choças, entrão nos palacios,
A todos vão seguindo:

Que os avidos thesoiros ferrolhados,
Nem os altos brazões de nobre sangue,
Nem a chave doirada ao lado afasta
Os miseros tumultos.

Se vês dormir em molle leito o rico,
Em torno ao aureo pavilhão revoão,
Quaes aves agoireiras n'alta noite,
Os rigidos negocios.

Se vês correr em fervido ginete
Altivo moço as praças de Ulyssea,
Vão-lhe nas ancas os pesares feros,
Os zelos, os temores.

Sobre a baixella d'oiro, em lauta mesa
e gargantões lascivos ladeada,
ende a Sicula espada d'um cabello;
A todos ameaça.

# A
# D E L I O,

*Contra a sua avareza.*

Loiro metal famînto tens, ó Delio,
Nos bronzeados cofres ferrolhado,
A ti, e aos mais inutil; nem com elle
Podes peitar a Morte.

Do seio das riquezas, e regalos,
Em que ora dormes, peso vil ao mundo,
De rojo te trarão as duras Parcas
Aos horridos abysmos.

Alli, alli ver-te-has atropellado
De mistura co' aquelles, que ao relento
Jazião pobres ante as surdas portas
De teus fulgidos paços:

Então os que mil vezes despedidos
Co' as mãos vazias dos portaes se fôrão,
Hão-de exprobrar-te em rosto o feio crime
Da sordida avareza.

## AO DOUTOR
## SIMÃO DE CORDES,

*Sobre a sua preciosa Bibliotheca.*

O tempo escapa, ó Cordes, vão com elle
Tambem fugindo nossos dias breves;
Nem quanto tu tens lido, quanto sabes
Da antiga e nova idade

Te poderá vedar a morte certa;
Não se move a cruel, com quanto queiras
Offertar-lhe da sãa Filosofia,
De solidas sentenças.

Artistas destros, creadores Genios,
Varões, que dos Lyceos da Lusa Athenas
Os porticos soberbos espantárão,
Aonde, aonde existem?

Jaz o engenhoso Mello; jaz o Silva
De gosto fino; jaz o meu Barroso,
De grão saber, e siso: oh! tarde seja,
Mas tu irás traz elles.

Has de deixar hum dia os caros livros,
De papel fino, de gentil caracter,
De largas margens, de vinhetas bellas,
De rica vestidura.

Tristes delles, que irão a dono estranho,
Que os ha de amarlotar sem dó, sem mimo,
Que lhe ha de macular o oiro puro
C'os tabaquentos dedos:

Esta só mágoa levarás comtigo;
No mais espero de tua alma grande
Que Filosofo acabes os teus dias
Com serena constancia.

# A
# AMINTAS,

*Que pedia ao Author alguns conselhos de bem viver.*

Quaes conselhos darei, poisque os tu pedes
Para ti, para os teus? Não he preciso
A Febo orago recorrer, que ensine
Altissimos segredos.

Poucas regras de bem viver te bastão,
Não tiradas do portico de Athenas,
Mas de teu coração, dessa alma pura,
Que em ti diviso, e amo,

Respeita o culto da Nação, e os Deoses;
Ama teu Rei, e Patria, e seus costumes:
Ama os amigos bons, ama teu filho,
E mais que o filho, a esposa.

Acata os anciões, honra os maiores,
Guarda a fé da palavra: a mão benigna
Ao pobre estende: doão-te as desgraças
Da fraca Humanidade.

Não te soltes de todo, nem te prendas;
Entre os extremos segue sempre o meio:
Meão estado te contente: sabe,
Quanto saber te basta.

Da tenção recta nunca tu te desças;
E igual á tenção recta a obra seja:
Se fôres nesta róta, que mais falta
A ser feliz, e justo?

## A
## J O Z I N O,

*Tendo mostrado ao Author algumas das suas Poesias sagradas.*

Quando déste ao nascer os teus primeiros
gidos, já Calliopè formosa,
ompta a par de Lucina te esperava
Nos amorosos braços.

Tomou-te léda no mimoso collo,
como se em ti visse renascido
u harmonico Orfêo, que tanto amára,
Beijou-te o casto seio,

„ Tenro Menino (c'um sorriso disse)
Argivos Vates, Laciaes Poetas
Cantando has de vencer: será teu canto
„ A candida virtude.

# O
# AUTHOR

*A's suas Musas.*

Eu só hum nome cubiçoso busco,
O' Musas; vós m'o dai; não de Poeta,
Que não merece ser prezado Vate,
Senão hum genio raro;

Mas de honesto varão, constante, e firme
Em seguir as tenções da sua verdade:
Se vós isto me dais, vós me dais tudo,
Fazeis-me grato aos Deoses.

DICTADO

PARA A CAMPA

DA

# SEPULTURA DO AUTHOR.

Antesque desça ao coração da terra
A descançar em paz eterna, quero
Rastro deixar, de que vivi no mundo,
De que eu amei os Homens.

Mortaes, eu como irmão vivi comvosco:
Não fiz a ninguem mal, a todos sempre
Desejei ver felices; muitas vezes
Lamentei vóssos males.

Tu, que lês isto, no teu peito assenta
Este dictado, que na campa deixo:
*Faze todos os dias bem aos Homens,*
*Ou lho deseja ao menos.*

## AO
## MESMO ASSUMPTO.

Quando a campa cobrir meus frios ossos,
Não grave mão piadosa sobre a loisa
Magnifico epitafio:

Meu nome embora o passageiro ignore;
Ignore, onde eu nasci, e com quaes artes
Passei meus breves dias:

Só lhe baste saber, e isto só lavre
O sinzel no sepulchro: *Aqui descança*
*Hum Amigo dos Homens.*

## AO DOUTOR
## RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA,

*Na entrada da Primavera.*

---

Eis já chegou, Nogueira, a Primavera:
Em coche marchetado de esmeraldas,
De azues safiras, de rubis ardentes,
Desce a branca Acidalia;

Os cabellos de ambrosia aos ventos larga;
De seu perfume os ares embalsama;
Sólta do cinto encantador as Graças,
E os candidos Prazeres.

Tiro de luz dos lindos olhos vibra;
Dos Ceos serena as embruscadas nuvens;
Amaina os ventos, abonança os mares,
Ameiga as bravas féras.

No coração humano entra risonha:
O agro tira; placida converte
Habitos feros em costumes meigos;
Doces paixões semêa.

## AO MESMO ASSUMPTO

O' Deosa genial, ó grãa Rainha
De todo este Universo; vem que he tempo,
Co' as beneficas luzes de teus olhos
Dar nova vida aos Orbes.

Tu revezas n'um ninguo fecundo
As estações, os annos, as idades,
Os animaes, os homens.

Huns de teu seio immenso vão sahindo
A ver a luz do dia; outros já voltão,
Depois de ter girado no Universo,
A teus maternos braços.

Sem ti, sem ti, ó Deosa, que seria
Dos Orbes? quem daria vida ao mundo?
Sem ti as gerações acabarião,
Acabaria tudo.

Sólta tu pois os teus sorrisos, sólta,
Que em cada hum dos Seculos futuros
De hum só sorriso de teu gesto lindo
Ha de nascer hum Mundo.

# A
# A L T É A,

*No dia das suas bodas.*

Alfim de Amor vencida, Altêa, cedes;
E á luz do facho nupcial estendes
Trémula mão, e sobre a pyra juras
Eterno amor a Lysio.

De teus virgineos pudibundos labios
Pela primeira vez, ó clara Dea,
De teu Lysio soltaste o doce nome,
E Esposo lhe chamaste.

Este só nome, inda mais bello e puro
Por tua rosea boca proferido,
Leva comsigo de tua alma honesta
Todas as graças bellas.

## A HUMA FONTE
### DO JARDIM
### DE
## CORIELLA.

D'entre as cadadas grenhas desse bosque,
Donde tu brotas, ó amavel Fonte,
Por este ameno prado vens deseando
Com preguiçoso arroio.

Com grato murmurinho borbulhando
Entras formosa neste tanque, aonde
As tuas aguas jaspeadas formão
A' casta Delia banho.

O jasmineiro, que em redór te cérca,
Alvas estrellas sobre ti sacode;
Favonio te espaneja mil frescuras
Das prateadas azas.

A lactea estrella da marinha Venus
Nesses crystaes formosa se retrata:
A elles touca Aurora os seus cabellos,
E o Sol a fronte doira.

ɥui vem muita vez Corilla amavel;
ɔorda se encosta, e põe seus olhos,
lhos côr do Ceo, nas aguas tuas,
E as torna inda mais bellas.

ıtão chega hum menino mansamente
ia luz raiando, e c'um sorriso
he a face, e sobre o meigo collo
Sólta as rosas do somno.

# NO DIA DOS ANNOS
## DE
# LORINA.

A Deosa de Cythéra andava hum dia
C'os Prazeres, co' as Graças, c'os Amores
Passeando n'um prado; e lindas flores
D'aqui d'alli co' a gentil mão colhia.
Duas grinaldas fez: Meu Filho, vôa,
(Diz ella a Amor) ao Tejo vai, e cróa
Os dous mortaes, que adoro,
Astros brilhantes do meu Cyprio coro:
Leva por donativo estas capellas;
Com huma cingirás as tranças bellas
Da formosa Lorina,
De mil louvores dina;
Cinge com outra o Esposo
De todos os mortaes o mais ditoso:
He este o dia d'oiro,
Em que nasceo o teu, e o meu thesoir

# A' S RARAS PRENDAS
## DE
# MARILIA.

Donde te veio, Nynfa soberana,
sublime razão, que te allumia?
Onde essa alta virtude, mais que humana
Que teus desejos guia?

Donde essa graça tão formosa e pura,
ie prende as almas de amoroso encanto?
nde esse estilo cheio de ternura,
Esse divino canto?

Doou-te o Ceo taes bens, quando nasceste
tre os braços de Aglaia, e d'Euphrosina;
m hum grato sorriso recebeste
Os dons da mão divina.

Alto Genio, que os Deoses te enviárão,
ixou d'Olympo, e rodeou teu berço;
ando as doiradas horas te embalárão
Com doce e brando verso;

**Do Ceo te trouxe as graças de Thalia;**
**De Clio a pluma de brilhantes côres;**
**O sabedor compasso de Urania,**
**E a Lyra dos Amores.**

# A
# AGLAURA,

*No dia de suas Nupcias.*

D'entre todas ás Tágides formosas
Aglaura escolhe Amor, prazer dos astros,
ra doirar com ella os claros dias
Do venturoso Albano.

Risonhas Graças pelas mãos a trazem
› som divino de canções mimosas;
ia a serena luz, a luz divina
De Amor, e da Mãi bella.

Eis o Filho castissimo de Urânia
: flor toucadas as gentis madeixas,
cantico Amebêo festivo entoa;
Canta a gentil Aglaura;

Bemdiz o Esposo, de seu bem soberbo;
emdiz a Esposa rara, digna delle:
lhe róga, que tenha em longos annos
Ventura igual ás Graças.

Hum molle berço preparai, ó Nynfas,
No fim do nono mez, em que descance
Hum menino gentil, que ha de ser gloria
Da Lusitana Gente.

# A HUMA FONTE DO JARDIM DE CORILLA.

Nynfa gentil, que dessa selva corres,
ocada em fonte a forma, e vens risonha
las serenas aguas dispendendo
Por este ameno prado;

Amão-te os Deoses, e qual Deos podia
r-te formosa sem te amar, ó Nynfa?
dos os dias teus cristaes lusentes
Vem visitar os Deoses.

Mas não he esta a tua mór ventura:
ti na ardente sésta vem Corilla;
n tuas aguas crístalinas banha
Seus membros de alabastro.

# ALCIPPE,

## AMANTE E VIRTUOSA.

*Fallando a Alcino.*

A qualquer parte, que meus olhos volto,
Vejo presente Alcino: em vão me esforço
Por apagar em mim vivas lembranças,
Que delle n'alma existem.

Em vão imploro o Ceo: o Ceó he surdo
Aos tristes rogos meus: tudo fomenta
A viva chama, que meu peito abraza;
Tudo me desampara.

Qual Deos és tu, ou qual poder supremo
O Ceo, só por meu mal, poz em teus olhos,
Que tremo toda, que inda agora abafa
Minha alma de os ter visto?

O quequerque tu és, tu és honrado:
Tu nunca abusarás deste segredo,
Que Amor me arranca do profundo peito,
Por mais que eu lucto, e teimo.

Tu só sustentarás minha fraqueza:
ntra mim mesma sosterás minha alma:
r?o tuas virtudes casto asilo
Da innocencia de Alcippe.

A minha honra á tua se confia;
ma sem outra conservar não pódes:
nserva-as ambas, generoso Alcino,
Ama a virtude, e a Alcippe.

# A P A N.

O' das Nayades par, ó Pan campestre,
Que invios montes vagando, e escusos valles,
Mover costumas contra as bravas feras
De cles agreste turba:

O Deos dos Deoses e dos Homens deo-te
Ser dos bosques senhor, ou seja aonde
O roseo dia nasce, ou seja aonde
Em aureo leito dorme.

Tu as liquidas fontes dás, tu pastos,
Tu nos exidos as ovelhas guardas,
Tu de candido vello os seus pastores
Com mão benigna vestes:

A'quelles cordeirinhos, que nos prados
Vês com amigos olhos, quando passas,
Nem nos curraes infesto lobo empece,
Nem máo contagio os segue.

Oh! guarda-me, te peço, no meu campo
Aquelle terno recental, que espero
Sacrificar aos Deoses por Marilia
No dia de seus annos.

# A'

# VENUS FYSICA,

*Na entrada da Primavera.*

Já' vens, bella Erycina, ó Mãi das Graças,
Já vens c'o Filho teu no meigo collo
Dar nova vida, nova força, e arte
A' languida Natura.

Tu aclaras os Ceos, doiras as nuvens
Co' a luz formosa de teus lindos olhos;
Já ar aqueces com luzente facho;
Voão no ar as aves.

Desces á terra, brota o prado rosas;
O bosque sólta as verdejantes comas;
Já te abrolhão as arvores viçosas;
As feras se amacião.

Baixas ao vitreo mar, de que nasceste,
Sobre as ceruleas ondas fogo accendes;
Eis das limosas madrigueiras salta
O escamoso cardume:

Chegas ao homem taciturno, chegas
A' timida Donzella solitaria;
Já d'um e d'outro as castas mãos trementes
Em meigo laço prendes.

Eia, lhe dizes com hum sorriso doce,
Que enfia o coração dos dois esposos,
Amai-vos, e deixai de vós ao mundo,
Quem vosso amor imite.

# AO MESMO ASSUMPTO.

O' benefica Mãi de tudo, ó Deosa,
Senhora do Universo, ouve meus cantos
Só sómente bem divididos: ouve
Meu coração neste Hymno.

Crias com bafo a Luz, e o Mundo, e o Germe
De tão diversos infinitos Seres;
Sustens na mão potente os vastos Orbes
Em harmonico Peso:

C'um só acêno de teu gesto móves
As Estrellas, o Sol, o Mar, os Ventos;
Soltas dos olhos teus hum lume eterno;
Animas a Natura.

Já de escamoso peixe o mar povôas;
Ar fecundas de voantes aves;
Inches a terra de animaes, o campo
De sasonados fructos:

Eis com mór força o facho teu sacodes,
E d'uma só faisca fulgurante
Renasce o homem, e apár delle raia
A candida Donzella.

# A
# LYDIA,

*Retratando a Silvio, seu esposo.*

Quando te assentas a pintar, ó Lydia,
Deoses, e Deosas, que ás luzidas Artes
Presidem, derredor de ti se ajuntão,
Altas tenções te lembrão:

Por detrás da cadeira recostado
O Genio creador te inspira os rasgos;
De seus fecundos labios novos brios
Sobre o pincel te assopra.

Do matizado arco a Nynfa bella
Lindas côres te entorna na palheta;
Amor benigno aos seus Cupidos manda
Qu' os pinceis te apresentem.

Seus donaires gentis as Graças sóltão,
E os vão lançando em teu regaço, ó Lydia,
D'alva petrina todos seus encantos
Sólta a branca Acidalia.

Pinta agora, que manda a Deosa, pinta
stes momentos o teu Silvio bello;
ıs destra lança hum rasgo, que o distingua
Do seu formoso Adonis.

# A'
# NATUREZA,
## OU
# VENUS FYSICA.

O' Deosa omnipotente, he teu este Hymno:
A ti primeiro, ó Immortal Rainha,
Que a nenhum dos mortaes, que a terra habitão
A virgem Lyra voto.

Lá desde esse alto *Throno* do *Universo*,
Em que impéras ao *Ceo*, ao *Mar*, á *Terra*,
Desces benigna aos penetraes sagrados
Da próvida *Natura*:

C'o almo *Assopro* da *Virginea Boca*
As entranhas lhe aqueces: das sementes
Fazes brotar as *Gerações* futuras
De tão diversos *Seres*.

Elles nascem por ti; por ti recrescem;
Por ti só correm desvairadas sendas,
A ti tornão, depoisque alfim tocárão
As ballizas do *Tempo*.

Tu os recebes no teu seio immenso,
Mas o *Mundo* não deixas ermo; voltas:
C'um novo bafo de teus labios puros
Fecundas o *Universo*.

Novo esquadrão de Reis, de Heroes, de Lúsos,
De mil outras Nações de vario gesto,
Ia de vir povoar o *Mundo* inteiro,
Debaixo de teu *Mando*:

Oh! queiras, eu te rogo, ó Mãi benigna,
Nossos Netos dar na Lusa terra,
Taes já déstes á Roma, novos Titos,
Trajanos, e Antoninos.

## AO MESMO ASSUMPTO.

Sobre os doirados quicios bipatente
D'Olympo a porta se abre: n'alva concha,
Por que tirão seis niveas pombas, desce
A formosa Acidalia.

Oh! vem, ó Diva, ó linda Mãi de Amores,
Vem dar prazer ao mundo já cançado;
Vem risonha inspirar vitaes alentos
A' languida Natura.

Hum só de teus sorrisos amorosos,
Quando de rosea boca se desprende,
Fecunda o Universo, e o torna fertil
De mil brilhantes seres.

Eis te abrolhão as arvores viçosas;
As aves fazem ninho; as feras cria;
Co' a immensa turba do escamoso gado
Os mares intumecem.

Suspira o Varão terno; e seus suspiros
O esquivo peito da Donzella abrandão:
Nasce formosa prole, que domine
Depois de nós o mundo.

# A HUMA FONTE
## NA QUINTA
## DE
# CORELLA.

*Fies nobilium tu quoque fontium,*
*Me dicente.*

Horacio Liv. III. Ode XIII.

O' fonte amavel, mais formosa e bella,
e os transparentes jaspes, de meus versos
Serás sempre cantada.

A Aurora, quando sahe no roseo coche,
m fino aljofar te borrifa as aguas,
E o Sol raiando as doira.

Bordão-te as margens candidos junquilhos,
ues jacintos, frescos belvederes,
Filhos do Sol os lyrios.

A branca veia da corrente encrespão
eiras de mil côres, mais formosas
Que as perolas do Ganges.

Na ardente sésta, quando o Sol abraza,
A fresca sombra da purpurea olaia
Dos raios te defende.

Corilla em teus crystaes manhãa e tarde
Vem espelhar seu rosto, côr de neve,
E as tranças d'oiro fino.

# A' S RARAS PRENDAS
## DE
# MARILIA.

Donde te veio, Nynfa soberana,
A sublime razão, que te allumia?
Donde essa alta virtude mais que humana
Que teus desejos guia?

Donde essa graça tão formosa e pura,
Que prende as almas de amoroso encanto?
Donde esse estylo, cheio de ternura,
Esse divino canto?

Doou-te o Ceo taes bens, quando nasceste
Entre os braços de Aglaya e d'Euphrosina;
Com hum grato sorriso recebeste
Os dons da mão divina.

Alto Genio que os Deoses te enviárão,
Baixou d'Olympo, e rodeou teu berço;
Quando as doiradas horas te embalavão;
Com doce e brando verso:

Do Ceo te trouxe as graças de Thalia;
De Clio a pluma de brilhantes côres;
O sabedor compasso de Urania,
E a lyra dos Amores.

# A LILIA,

*Rogando-lhe que cantasse.*

Arde por toda a parte o vivo fogo
a facha, com que Amor a terra abraza:
ue será dos mortaes, se tu, ó Lilia,
O fero Amor não prendes?

Canta tu, Lilia, sólta a voz divina;
!ue ao som dos magos versos, que tu cantas,
uspende a furia Amor, e deposita
No teu regaço as setas.

# AOS ENCANTOS DE MARINA.

Hum dia Alcino á sombra deleitosa
De huma arvore frondosa
Vio a bella Marina estar dormindo:
Do rosto claro e lindo,
Que inveja dá ás lucidas estrellas,
Quiz ver de perto tantas graças bellas.

Eis chega, e o gesto amavel contemplando,
Vê, que em formoso bando

# A
# HUMA FONTE

*Da Quinta, em que o Author assistia.*

O' fonte amavel, ornamento illustre
ɔ sequioso bosque, com qual verso
Te darei salva?

Outra nenhuma fonte com mór copia
'aguas perennes corre: sejas sempre
Aos Deoses grata.

Nada ha mais puro, nada mais saudavel,
ıe tua branda cristalina lynfa,
Nada mais bello.

Tu me vês pela sésta reclinado
nto de ti sobre esta molle grama;
Ora dormindo

Ao som de tyas aguas leves somnos;
a admirando a placida corrente,
Com que te moves.

Humas vezes me vês lendo a Virgilio
Que me ensina a cultura desses campos,
Outras a Horacio,

Que a fonte de Bandusi transparente
Mais que o vidro me canta, e suas aguas
Muito parleiras.

O' Fonte, inda melhor, que a de Bandusi.
Que gratos versos te não déra o Vate,
Se elle te visse?

# A
# LYDIA,

*Retratando a seu esposo.*

Emquanto tu, ó Lydia, vais passando
Co' magico pincel ao quadro rico
Do loiro Sylvio as feições formosas,
Preside Amor aos rasgos.

Elle te guia o genio, e a mão mimosa,
Quando pintas os olhos seus celestes,
Quando as faces de rosa misturadas,
Quando a engraçada boca.

Mas qual celeste fogo Amor te accende,
Quando no gesto, quando nas maneiras
Lhe retratas, ó Lydia, as paixões ternas,
Que o Ceo por ti lhe inspira!

Já' raia a clara Deosa, Mãi do Mundo;
E seus fulgentes olhos estendendo
Sobre toda a Natura fogo accende
No Ceo, no Mar, na Terra.

Das doces chamas vividas sementes
Aquecidas abrolhão: o Ar dá aves;
A Terra os animaes; o Mar os peixes;
O Sol mais vivos lumes:

Por toda a parte o seu poder se sente,
Que os vastos corpos entre si marida;
A todos os confins deste Universo
O seu império estendel

Em tudo quanto existe, ó Deosa, vives,
Porem no coração do homem reinas:
eu throno excelso ~~na sua alma~~ assentas.

## AO CABELLO
### DE
## MARINA.

Pedio hum dia a Anfriso a linda Venus,
Que Amor fugido lhe levasse preso:
Como, lhe torna Anfriso, em ira acceso
Não sofre laço ou peiu.

Eu já te ensino, a Mãi lhe diz sorrindo,
Como tu, moço, poderás prendê-lo:
Quando o tu vires em furor bramindo,
Lança-lhe este cabello.

He d'aurea trança da gentil Marina,
A que Amor cede, quando mais se indina:

Eis-aqui o segredo
Como podes torná-lo manso e quedo.

# AO DOUTOR RICARDO RAIMUNDO NOGUEIRA.

——— em quanto nos defende
A vida breve longas esperanças,
Tu lédo o sprito estende
Por honestos prazeres, sans lembranças.

Ferr. Ode V. Liv. II.

O dia está sereno, a mesa prompta,
Fecha, Nogueira, os Livros,
E sob escuros alçapões enclaustra
Os barbaros Digestos:
Vem c'os Cupidos teus, co' as lindas Graças
Jantar hoje comigo:

# FILINTO.

*Siccis omnia nam dura Deus proposuit: neque*
*Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.*

Hor. Liv. I. Ode XIX.

VÊ, se adivinhas, ó Filinto amigo,
Qual maior donativo os Deoses derão
Aos homens? Eu bom premio te aparelho,
Se respondes com siso.

Não sabes? pois foi dar-nos gentil arte,
De amadornar os ríspidos cuidados
C'o expremido licor dos roxos bagos:
Aquelle, a quem o Numen

Iroso esta arte nega, tristes fados
Tem de passar em barbaros desgostos;
Por mais que lide por soltar-se hum dia
De negros pensamentos,

Que a vida azedão com profundas mágoas:
Em vão se esforça; nem o oiro póde,
Nem risonha fortuna, nem medrança
Afugentar tristezas:

Indaque corras no veloz cavallo
Té as extremas do mundo, a ti fugindo,
Vão-te nas ancas os cuidados duros,
Os sustos, os temores.

Somente o Deos, que a rubra fronte cinge
Com o pámpano verde, póde, Amigo,
Livrar o homem de pezares tristes;
Dar-lhe meigos prazeres.

# A
# ALEXIS,

*Convite.*

Alexis, fecha os Livros e as Pandectas,
Deixa dormir em ocio
As Leis decemviraes da altiva Roma;
E lança mão do Plectro
Aureo de Alcêo, e vem ao som da lyra
Cantar-me húmas taes Rimas,
Aquellas Rimas, em que tu costumas
Gabar as gentis graças
Da marinha Acidalia, e os mil encantos
De seu Collar divino.
Tu pódes tudo: tudo te obedece:
Quando sóltas teu canto,
Sorri-se Amor a ti, a ti off'rece
Da fera aljava as setas.
Tu o dobras a teu imperio: cede
A teus afagos meigo,
E a Mãi, que só por si o não movia,
Por ti o amansa e rege.

# A
# FABRICIO,

*Convite.*

Convido-te, que venhas neste dia,
Dia de meu natal, jantar comigo
Em genial franqueza, e sem cuidados,
Entre prazer e riso.

Apraz-me hoje off'recer-te em branca mesa,
Mais lauta do costume, hum jantar rico:

Mas não te ha de faltar, que muito gostas
ım limpissimo lombo recheado,
ıe excita o paladar, e desafia
O rubicundo Bacho.

Beberás licor almo, revezando
a o tinto do Doiro, e o Lavradio,
a o flavo da Atlantida Madeira,
Que excede o Olympio nectar.

Tu depois de beber em lédos brindes
ti, a mim, e aos teus, que bem te amamos;
ıe coisas bellas não dirás, bebendo,
De ouvir mui saborosas!

Contarás entre os cópos, não quietos,
ȣ proezas gentis da mancebia; (*)
ɔmo certeiro, do arco disparávas
Ao alvo a veloz setta:

Como co' a curta lança arrojadiça
ɔr cima d'alta torre bafordavas;
omo veloz de pés, voar soías
Na rapida carreira;

(*) Idade de Mancebo.

D'um só folgo subir cimeiros montes,
Avezado a trepar rispidas fragas,
Calcar no inverno o frio caramello,
Sofrer o ardor do estio.

Que não dirás das luctas, dos torneios!
Firme nas forças juvenis com outros
Teus iguaes te medias braço a braço,
A todos derribando.

Pedindo armas de folla airoso entravas,
Campião no terreiro; quantos piques
Manhoso feridor quebravas, dando
A teu contrario golpes!

Quantas vezes a espada lhe lançaste
Fóra da mão; e quantas outras destro
Com galhardo valor lhe desarmavas

Tornemo-nos depois aos copos: bebe
O doce nectar, que remoça as forças,
Dá alma e vida a velhos, e levanta
O esp'rito a coisas grandes.

Cheio de Bacho nos ardentes annos,
Farás acções mais bellas, mais luzidas
Do que fizeste, acompanhando a Marte
Na fresca mocidade.

## A
## A L F E O.

De nós o dia se despede: dize,
Hoje que feito obrámos, que elle leve
Para mostrar ufano
Aos seculos vindoiros?

Nos fastos eternaes, aonde o tempo
Grava as obras gentis, que os dias honrão.
Só este dia esteril
Ha de ficar sem gloria?

Não assim: antesque elle, a luz depondo
No regaço da noite a deposite,
Acção formosa obrêmos,
Que o torne bello, e grande.

Qual ha de ser? Eu to direi: façamos
A Bacho Semelêo hum sacrificio,
Que a patria Elysia espante,
Que inveja mova aos Deoses.

Cantemos nós, de pampano c'roados;
Ebrifestivos rubros Dithyrambos;
Ao som dos Sistros, dêmos
Hymnos ao Deos potente,

Que no Alto Doiro reina, em Niza, em Thebas,
E na frondente genial Madeira,
Que mór, que os Deoses todos,
Em todo o mundo impéra.

# A
# L E R E N O,

*Convite para Leitura de peças joviaes.*

Sacudâmos da frente esta velhice,
Que antes de tempo c'os trabalhos duros
Das escolas de Athenas nos tem feito
Nossos cabellos brancos.

Em deleitoso jogo hoje leâmos
O D. Quixote, e a Tabola Redonda
De Jorge, e de Miranda os Villalpandos,
E o Portuguez cioso

Do grão Ferreira: se ajuntar quizeres
Obra de nossa idade, a mór, que temos,
Ajunta-lhe as Quintilhas saborosas
Do claro Tolentino:

Primôres cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flores de toda a varia côr lançárão
Em seu regaço as Musas.

# A MYRTILLO.

Convido-te a jantar, Myrtillo, deixa
trabalhos da vida, e vem risonho,
senrugada a frente, os meigos copos
Beber de doce Bacho:

Ou tu queiras ardente Carcavellos,
gentil Lavradio, ou mais te agrade
frondosa Madeira o flavo nectar,
Ou d'almo Doiro o succo,

Todos cá tenho para ti já promptos,
n formosas garrafas assellados:
ano cada qual já sobre a mesa
Pertende a preferencia.

Por evitarmos ríspidas contendas,
beremos de todos: enxuguêmos
cada hum as rúbidas botelhas;
Bebamos trinta copos.

Mas se os invidos servos murmurando
quizerem contar, tantos bebâmos,
e elles na conta attónitos se percão,
Nem possão dizer, quantos.

# A

# ANFRISO,

*Convite no dia dos annos de Elpine.*

Tu a quem Bacho desde a tenra idade
Nas Britannicas mesas ensinára
Do sagrado licor, que fórma Deoses,
Os diversos solares;

Com qual dos vinhos, dize, brindaremos,
Bemque ausente de nós, a linda Elpine,
Que os fados doira do bizarro Alfeno,
Que a nós nos honra e ama?

Preferes por ventura o flavo nectar
Dessa frondente genial Madeira?
Ou antes do paterno Doiro queres
O roxo succo ardente?

Talvez mais gostes de fazer teus brodios
C'o fresco Lavradio ou Carcavellos;
Ou antes mais cobices o estrangeiro
Licor do loiro Rheno.

Todos cá tenho; todos cá te esperão;
De todos beberás, e entre bebendo
Irás de cada hum cantando alegre
As varias prendas ricas,

Que Natureza e Arte lhes doárão;
Depois de disputares largamente,
Decidirás de magistral Cadeira,
Qual delles he mais bello:

Então com este só aos mansos ares
Alçaremos no fim da mesa hum brinde,
Que daqui vá voando, e mil bens leve
A' generosa Elpine.

# A
# S I L V I O,

*Convite.*

——— ——— *Dissipat Evius*
*Curas edaces.*

Horac. L. II. Od. XI.

Co' a nota de dez annos assellada
Rica botelha do vermelho Bacho
Já está risonha sobre a branca mesa,
Por ti, por ti chamando:

Deixa, meu Silvio, os rispidos cuidados
Da velha Roma, que eu já deixo os Celtas;
E vem beber com prasenteiro gesto
Os nectares divinos.

Soltêmos doces brindes aos amigos,
Doces brindes a nós: nós hum a outro
Eterno amor jurêmos, odio eterno
A's horridas Pandectas.

# A
# A L E X I S.

Deixêmos a ambição ao rico avaro,
Que sempre o traz faminto:
Ao bravo General os seus projectos
De horridas campanhas,
Emque verta mais sangue humano, exposto
A's fulminantes balas.
Apôs as honras e a doirada chave
Definhem-se os Privados,
Sempre inquietos, sempre receosos
Não mude a veste a sorte:
Nós que temos com isso? a paz tranquilla
Nossa ambição só seja;
Em pacifico estado e com saude
Quem pede mais aos Deoses?
Vivamos, ó Alexis, nossos dias
Nos braços da alegria;
E se algum dissabor (que não he dado
Viver feliz de todo)
Vier acaso huma hora perturbar-nos
O placido socego,

Annoso vinho mais, que nectar, doce
O amargo tempére:
Bebamos, mas com siso o rôxo Bacho,
Que excita gratos somnos:
Vamos depois dormi-los socegados
Sobre a grama viçosa
A' fresca sombra dos Cyprinos myrtos,
Junto da branda fonte,
Que decima da rocha resonando
Cahe sobre a branca areia:
Alli vão ter de manso as bellas Graças
Co' a turma dos prazeres;
Alli com as brancas mãos, com as mãos mimosas
Cerrando-nos os olhos
Sobre nós soltem dos doirados cintos
Os sonhos mais formosos.

# A
# FILENO,

*Cuidadoso em demazia da sua saude.*

Indaque tu, Fileno, cada dia
s negras aras dos Tartareos Numes
: toiros cem, que a alta Chamusca envia,
Entre Sabêos perfumes
:rtas o espesso sangue em sacrificio,
unca Minos cruel farás propicio.

Lá te espera co' a urna, que revolve,
ıe os nomes todos dos mortaes encerra;
ıe tudo alfim na morte se resolve
Quanto vive na terra;
ı sejamos no mundo grãos senhores,
ı vil gentalha, e rusticos pastores.

Foges em vão do tormentoso pego
:ntar as ondas em nadante pinho,
ver querendo em plácido socego
Sem sahir de teu ninho:
n vão nocturno gélido relento;
n vão evitas o escaldado vento:

Infinitas veredas ha, poronde
A crua morte vem apercebida;
Que o braço e a foice temerosa esconde
A barbara homicida;
Entre as Lucanias rosas, no regaço
Da tua Lilia te armará seu laço.

Emquanto ella não vem, vive em remanso
Os alvos dias, que te os Ceos concedem
Por bem de Lilia, por teu só descanço:
Mas estes dias pedem,
Que tu, Fileno, os doires com mimosos
Brindes, que os fação inda mais formosos.

# A
# MONTANO.

Este dia, Montano, vai fugindo,
em torna mais no circulo celeste,
emque o convides c'os thesoiros todos
Do Antigo e Novo Mundo.

Antesque elle a formosa fronte esconda
as rubras ondas do Oceano Luso,
m conversar comigo, e em companhia,
Traze comtigo as Graças.

# A
# CASTALIO.

Sahe desse escuro Camarim, e larga
Os calculos profundos, com que medes
Os astriferos pólos, e governas
Na altiva mente os Orbes.

Deixa aos Deoses o alto regimento
Do Sol, da Lua, das estrellas todas,
Dos errantes excentricos Planetas,

Se ainda os livros teus, que tanto volves
rado te não tem de todo o siso,
ɜste dia de meu natal, ao menos,
Vem visitar meus lares.

Bacho te chama á mesa, aparelhada
ɜ manjares frugaes, mas bem guizados,
ɔnde Almeno, e Alfeo nossos amigos
C'os joviaes motêtes

Farão afugentar nossos cuidados;
c'um só Evohé alto soando
esfranzir-te essa testa, enverrugada
De asperrimos estudos.

Beberás; e depois de bem bebido
os astros montarás, se assim quizeres;
ı verás esses Ceos, já passeando
A bel prazer o Olympo.

# A
# FABRICIO.

Decrepita botelha, que lacrada
Guardei no dia, em que Hymineo sagrado
Te pôz nos braços a Marilia bella,
Por ti, Fabricio, chama.

Chama, que venhas do divino nectar
Beber succos donzeis, que nos remoção
O froixo sangue, e em sbeltos mocos tornão

# AO DOUTOR
# SIMÃO DE CORDES,

*Convite.*

*Qui Musas amat impares,*
*Ternos ter cyathos adtonitus petet*
*Vates.*

Horac. Liv. III. Ode XIX.

Não vês, ó Cordes, como ao longe os serros,
Togados d'alta neve, já branquèjão;
Como os rios co' agudo caramello
Já presos se coalhárão?

Os bosques desfallecem, nem já podem
Mais soportar seu peso; os rijos ventos
Do fundo pégo todo o mar revolvem:
Deixa reger os Deoses.

Se tu queres tornar o duro inverno
Em linda primavera, em fresco outono,
Ou se mais gostas, em calmoso estio,
Bebe o férvido Ponche.

Na Indica luzente porçolana
O almo Ponche já fumega ardente;
Por ti, por ti, ó Cordes, prompto espera,
Para soltar seus brodios.

Dize hum eterno Adeos ao inverno; bebe
Tres bons copos, seis copos, nove copos:
E depois de beber, dize que venha,
Quando quizer, a Morte.

# A
# PIERIO.

*——— Negatâ tentat iter viâ.*

Hor. Liv. III. Ode II.

Os diáfanos ares dividindo
Com azas, que aos mortaes o Ceo negára,
Atrevido por sobre as nuvens vôa
De Creta o sabio Mestre.

O grande Mongolfier, a quem descerra
A próvida Natura altos segredos,
Aerostatica náo fabrica ufano,
E surca ousado os ares.

Tu, Gallia, o viste desde a baixa terra
Alçar-se aos Ceos; attonitos o virão
O vermelho Germano, o fulvo Belga,
O tumido Britanno:

Espantárão-se os Euros: espantou-se
O bravo Escorpião, que a cola encurva;
E os gélidos Triões; estremecêrão
O Toiro, e o Sagitario;

Mas não teme o varão sublime, vendo
De estranhas formas semeado o Olympo,
E os ferventes Luzeiros, que allumião
Os tenebrosos mundos.

Nós porém, ó Pierio, inda mais sabios
Que Mongolfier, que Dedalo famoso,
Nem volante balão forjar queiramos,
Nem atrevidas azas.

Quatro botelhas do potente Bacho
Bebamos ora; e com gentil meneio
Sobre ellas calvagando montaremos
Mujto acima dos Astros.

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL
# DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor.*

De novas cordas, ó Musa,
Nossa lyra remontemos;
Vejamos, se em curto metro
Nobres sons alçar sabemos.

Já no Parnasso de Lysia
Os olhos ávida fitas;
A quem has de imitar nelle,
Se a Castro, e a Sá não imitas?

Bemque de longe os adora;
Vai-lhe seu rastro seguindo;
Que por só sua vereda
Chegarás ao Luso Pindo.

E porque tomes assumpto,
Bem igual a teus primores,
Vai no caminho cantando
D'ambos elles os louvores.

Sá, de Lysia Vate illustre,
Abrio n'um dia doirado
Do Mondego as ricas veias,
Com que foi regando o prado.

Eis se torna o Campo ameno;
Crescem boninas e flores;
Crescem bosques de loureiros
Nos vizinhos orredores.

As Musas, que de Hippocrene
Grutas e fontes deixárão,
Para aqui seus bellos córos
Com as tres Graças mudárão.

O nosso Sá, douto Mestre,
A si as chama e hospéda:
Fórma com ellas risonho
Companha formosa e léda.

Ora pondo em rude avêna
Os costumes dos pastores,
Faz os bosques resoarem
Seus innocentes amores:

Ora a tiorba tocando,
Alça o grave som, e canta
Tão prudente alta doutrina,
Que inda hoje o mundo espanta:

Que de sentenças, de regras,
De tenções d'alta verdade
Porque bem viver possamos
Ou no Campo, ou na Cidade!

Que profundos sentimentos
Do sabio peito não solta!
Quão Christãa Filosofia
Em muitas flores envolta!

Mas tu, que dirás de Castro,
Novo Sá, ó Musa? entõe
Tua voz mais nobre Canto,
Que por sobre os astros sõe.

A lyra, que elle desfere,
Quando canta em brando verso,
Foi dom divino de Apollo,
Que lha deo inda no berço.

Honrador das Musas honra
Com ella seu Téjo ameno;
Que de seus sons attrahido
Corre mais lêdo e sereno.

Varía os tons; e descanta
Ora a Endecha, ora a Quintilha,
Em que encerra agudos ditos,
Em que grande engenho brilha.

Huma vez louva os amigos,
Dando de amor claras provas;
Outra vez os desenfada
Com boas graças, e trovas.

Já convertendo seu estilo
Em cantares d'alta rima,
A Moral, a sãa Virtude,
E os bons costumes sublima.

Já d'alma contrita as vozes,
Com que a Deos piadoso brada
Esse santo Rei Profeta,
Ao Luso metro traslada;

E formando com seus rhythmos
Outro Psalteiro divino,
Canta de Deos as bondades,
Ao som d'árpa d'oiro fino.

Suspende, ó Musa, teu Canto;
Que já do Pindo estás perto:
Entrega a Phebo este assumpto,
Que o cante com mais acerto.

## AO
## MESMO,

*Escusando-se o Author de fazer versos pequenos pela difficuldade da Rima, e porque sem esta não erão graciosos.*

Verso pequeno sem rima
Não tem força, nem soido;
Seu curto metro encolhido
Em sons firmes não se arrima

Precisa de consoantes,
Que lhe dem airosa graça;
Mas eu cá por mais que faça,
Não acho desses brilhantes.

O verso grande, appoiado
Sobre seu rhythmo comprido,
Corre com garbo sostido,
Sem ser da rima ajudado.

O seu só metro he bastante
Co' as graças da melodia,
Para dar á Poesia
Huma belleza constante.

Eu avesado a taes versos
Mal ou bem, quando era moço,
Agora velho não posso
Já outros cantar diversos,

Outros pequenos, que sejão
Por seu consoante bellos:
E se tento ora fazellos,
Não vem taes, quaes se desejão.

Aqui me serro e me estreito;
Alli me estendo, e me espraio;
Ora subo, ora dèscaio,
Indo da rima ao preceito.

Não digo tudo, o que penso;
Nem, como eu penso, me explico:
Ora apoucado me fico,
Ora diffuso, e extenso.

Tu, Rima, os termos me enlêas;
Os pensamentos me prendes;
Que teu grande imperio estendes
Sobre as palavras, e idêas.

Muita vez te fazes muda,
Quando a meus versos te chamo;
Em vão rogo, em vão reclamo
Teu nobre favor e ajuda.

Muitas voltas dando errante
Por mil termos me remêxo;
Té que irado as trovas deixo
Por falta de consoante.

Mas bem me deixa vingado
Castro de ti, que te abranda:
Castro te rege, e te manda,
E te tem ao jugo atado.

Sob sua mão, qual cêra,
Todas as formas recebes;
Os trabalhos fazes leves;
Só a mim és dura e féra:

Castro, Castro, tu me ensina,
Jáque da Rima és Senhor,
Como posso em seu rigor
Fazella a mim mais benigna

Se por teu favor me inspira
Todos seus varios primôres;
Cantarei os teus louvores
Ao som da ditosa lyra.

# AO
# M E S M O
## SOBRE O MESMO ASSUMPTO
## NO DIA DE SEUS ANNOS,

*Havendo o Author tardado em apparecer com suas rimas de verso menor.*

---

**Tardei, e cuido que me julgão mal,**
**Que emendo muito, que emendando dano,**
**Ah Senhor, que ey grã medo ao máo engano,**
**Deste amor, que a nós temos desigual.**

Todos a tudo o seu logo acham seu sal:
Eu risco e risco; vou-me d'anno em anno.

Sá de Miranda Sonet. III.

Confesso, que emendo e limo,
Huma e muita vez meus versos;
Nisto de emendar as obras
São os parceres diversos.

Aquelles a quem natura
De ricas prendas dotou,
Hão mister mui pouca lima
Nas trovas, que ella dictou.

Mas outros, que não confião
Tanto assim de seu talento,
Julgão dever emendallas
Com muito vagar e tento:

Eu sou destes, não dos outros;
Cada hum seu pensar tem:
Siga cada hum seu norte
Qu' eu não condemno ninguem.

Que mal faz senhor ao mundo,
Quem suas trovas demora?
Quem as vai acrizolando,
Quem cada vez as melhora?

Não he pleito, que se espere
Decidido em breve prazo;
Não he negocio, que perca,
Se por ventura me atrazo.

Não he causa, de que penda
O bem do triste pupillo,
Ou da viuva, que busca
Na justiça o sacro asylo.

Nem he negocio de Estado,
Em que vai a Monarchia
Aproveitar os momentos
E resolver n'um só dia.

Mas dêmos, que melhor fora
Ser despejado na lima:
Como o posso ser, se eu ando
Ora abaixo, e ora acima.

Que mais quereis, que ardo todo
Em mui differentes fornalhas;

Quando cuido, que estou livre
Nas poucas horas, que restão,
Vem huns causticos mofinos,
Que todas ellas me crestão,

Horas, que eu bem queria
Gastar dos versos na emenda;
E estar com Phebo de espaço,
Que nelles severo entenda.

Eis hum daqui me abalrôa
Com historias muito estranhas,
E por cousas proveitosas
Mette arengas e patranhas.

Já outro em casa me assôma,
E com seus papeis me afronta;
E não farto de os ter lido,
Hum longo aranzel me conta.

Qual sanguixuga agarrada,
Ou qual bruxa macilenta,
Vem hum tal, que me não deixa
Que todo o sangue me aventa.

A pausada prosa estende:
Falla de seus ascendentes;
De brazões e de façanhas,
Cousas muito impertinentes.

Hum só conversa em prazeres,
De jogos, que tanto empecem,
Ou em cavallos de raça,
Que em campos do Téjo crescem.

Entra estoutro, e c'os alheios
Os seus serviços coteja:
Lamenta a falta de premio,
Alheio despacho inveja.

Vem hum Doutor, hum Poeta,
Huns polhastros mui parleiros,
Que nortadas me bafejão,
Como ventos berlengueiros.

Não ha fugir desta gente,
Por mais que em casa me encerre,
Podem hora, e não me posso

Lá no Campo, lá n'um bosque
De viçosa hera cerrado,
Limaria os meus rimances,
Sem ter mais outro cuidado.

Alli então poderia
A' sombra d'altos loureiros,
Illustre Castro, cantar-te
Louvores teus verdadeiros.

Poderia em nova rima
Cantar feliz Fevereiro,
E entre todos os seus dias
Seu claro dia primeiro:

Dia ditoso, em que Jove
Benigno te deo ao mundo;
Porque a Patria Elysia honrasses
Com teu engenho profundo.

## AO
## RETIRO DA SOLIDÃ

Neste lugar solitario,
Onde estou de mim contente,
Quero viver os meus dias
Mui longe de imiga gente.

Vão-se todos muito embora,
Não quero mais companhia
Do que as Musas e as tres Graças,
Do que a Paz, do que a Alegria.

Mas homem nenhum cá venha,
Salvo o meigo Anacreonte,
Horacio, Virgilio, e Fedro,
Que suas Fabulas conte.

Venha com estes tambem
O meu Sá, o meu Ferreira;
Depois de ter taes amigos,
Que pode haver, que eu mais queira?

# A
# ALMENO,

*Havendo-lhe rogado o Author muitas vezes que viesse a Lisboa.*

Almeno, que te demora
Que por mais que eu cá te chamo
Tardas em vir aqui vêr-me,
E em vão te escrevo e te clamo?

Empenho, porque tu cedas
Mais depressa a meu desejo,
As Nynfas todas formosas
Do Sado, e o teu patrio Tejo.

Se ainda assim te não moves,
Nem tua vinda mereço,
Rogo-te por tuas Musas,
Por teu Ovidio te peço.

# A
# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor.*

Canta, ó Musa, hum nome excelso
Se acaso tu ousas tanto:
Canta Castro, Castro illustre,

Entre as prendas, com que brilha,
Com maior clarão diviso
Assentado n'alta mente
O bom saber, o bom siso;

Não este, que o povo rude
Com vãos louvores acclama,
Engenho fogoso e vivo,
Que em projectos se derrama;

Não hum saber de apparato
Desses moços inexpertos,
Cujas theoricas bellas
São na práxe desconcertos;

Não hum saber lá de fóra,
Do que fazem grandes Reis,
Entretanto não sabendo
Nossos costumes e leis;

Não huma filosofia,
Tão ousada como cega,
Que este seculo vaidoso
Com váas soalhas nos prega:

Mas hum saber d'alto aviso,
Que em sãos principios se funda;
Hum saber, que vem do estudo,
Que vem da lição profunda:

Juízo firme e seguro,
Que só o dá sãa doutrina;
Que só a praxe prudente
C'o prumo nas mãos ensina.

Com elle Castro se rege,
Não por solta liberdade;
Com elle ajusta as idêas,
Segue a razão e a verdade.

Mas tu onde vais, ó Musa,
Ousada nos pensamentos,
Rebaixando estas grandezas
Com teus humildes accentos?

Só de as cantar n'alta lyra
O claro Alexis he digno,
Que para cantar a Castro.
Apollo lha deo benigno.

Canta tu, Alexis, Castro
Com alteza e com verdade;
O meu e teu Castro exalta
Por honra da nossa idade.

## AO
## MESMO,

*No dia de seus annos.*

Neste tempo, em que a virtude
A ingrata terra deixou,
E em que o vicio poderoso
Sceptro de ferro empunhou:

Castro da estreita vareda
Nunca jámais desatina;
Da vareda de honra e gloria,
Que o justo Ceo nos ensina.

Olhos postos n'alta estrella
Entra por ella constante;
A Razão, farol luzente,
Leva seu facho diante.

De si, da lei, da virtude
O seu nobre esp'rito cheio
C'o tempo não faz avença;
Nem arma a prazer alheio.

As tenções de seu governo
Com maduro siso estuda;
Depois de as ter resolvido,
Não se torce, não se muda.

Nem o desvião empenhos,
Nem o demora a privança;
Vai sua rota direita
Té que o fim devido alcança.

Tamanha firmeza d'alma
Em tempos taes muito espanta,
Que nunca os brios desmente,
Nunca de si se quebranta.

Mas esta tenaz justiça,
Esta constancia sevéra,
Cuidas tu que em si se fica

Seu coração generoso
A todos dá gazalhado;
Ninguem, que a elle recorra,
Delle sahe desconsolado.

Fazer bem á humanidade
He seu alvo, he só seu gosto;
Mais que a si, amar a patria,
Por ella a lidas exposto.

Estas virtudes divinas
Que seu peito ennobrecêrão,
Os Deoses do Ceo supremo
No dia de hoje lhe derão:

Dia fausto á Lysia terra,
Com Castro mais rico e ufano,
Serás contado por lédo
Entre os mais dias do anno.

# A
# G R O S F O,

*Domestico do Author, paraque o não negue ao Principal Castro.*

O' grosfo, já estou cançado
De aguentar caústicações:
Não quero em casa mais gente,
Não quero conversações.

Põe-te á porta, e véda a entrada,
Se alguem hoje entrar quizer:
Dize, que não estou em casa,

Não alardèa com gábos
As acções e lealdades,
Com que tem servido a Lysia:
Fallão por elle as verdades.

Não gasta o tempo, contando
De gentis Cavallarias;
Do theatro, caça e jogo,
Em que outros gastão seus dias.

Fallamos de Sá Miranda,
De Camões, do bom Ferreira,
De Bernardes, de Caminha,
De nossa idade primeira:

Nem falta Fernão, nem Lobo,
Nem Veiga, nem tu, que déste
Ao Grego Ulysses teu Canto,
E ao patrio Téjo o trouxeste.

Com que gosto ponderamos
O bom que tem seus escritos,
Ricos termos, culto estilo,
Graves sentenças, bons ditos.

Este os affectos commove,
E os baixos sentidos tira:
Aquelle dá bons dictames,
Nobres conceitos inspira:

Aqui tem donaire e gala,
Alli magica harmonia,
Aqui tem riqueza immensa,
Alli força e energia.

Seu estilo ora he conciso,
E se estreita em curta ráia;
Ora corre como o rio,
Que pelos campos se espraia.

Destes passamos a outros,
Grandes Varões Lusitanos,
Famosos Mestres da lyra
Qestes derradeiros annos.

Diniz, e Garção sublimes,
Que os pindaricos accentos
Té ás estrellas alcárão.

Ora nos lê suas Odes,
Por mãos de Febo asselladas:
Ora as Quadras aprazíveis,
De mil graças temperadas:

Já as Quintilhas airosas
Obra de gosto polido;
Já o Psalteio divino,
Em luso metro vertido.

Em tudo o que diz, e escreve,
Vai tão alto e tão profundo,
Que se lhe o prumo lançares,
Muitas braças tem de fundo.

He seu estilo concertado
Com tal siso, com tal tento,
Que nem mingoa, nem sobeja
Ou palavra ou pensamento.

Não tens a quem o compares,
Salvo a Ferreira, e a Miranda;
Como elles, diz muito em pouco,
Muita terra corre e anda.

Nossa Lingua Portugueza,
Quem melhor do que elle a falla?
Da antiga doirada idade
Os grandes mestres iguala:

S' ora a lingua maltratada
De todo se corrompêra,
Certo que nelle se achára
Tão pura, como antes era.

Não perco, mas lucro as horas,
Que assim com elle practico,
Que de seus conceitos fundos
Sempre me deixa mui rico.

Esta sim, ó Grosio, venha,
Entre só meu Castro amigo;
Mas deixe ao longe o Carrinho,
Não saibão, que está comigo.

# AMOR,

*Irado pelo roubo, que lhe fez Nise.*

Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que lá vi que Cupido te buscava;
Elle publica emfim que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava.

Camões Sonet. 118.

Amor se queixa
Que está roubado;
Que os farpões, Nise,
Lhe tens furtado.

Em ira acceso,
Qual fero Marte
Te busca, ó Nise,
Por toda a parte.

Ah! tem jurado,
Que se te alcança,
Ha de tomar
Crua vingança.

Mas tu não fujas,
De Amor não temas
Nem setta, ou dardo,
Ou vis algemas.

Se elle vier
Com fero ardor,
Põe-te risonha,
Ri-te de Amor.

Desses teus olhos
Com hum só mover
O bravo Amor
Pódes vencer.

Se contra ti
Os Ceos armar,

## A' FORMOSURA DE CORINA.

Pincel fecundo
Pintor apura;
Pinta, se pódes,
A Formosura.

Pinta n'um quadro
Corina bella,
Pinta, se pódes,
Quanto vês nella.

Oh Ceos, que rasgos
Já vão sahindo!
Que lindos olhos!
Que gesto lindo!

Tu me apresentas
A mór belleza,
Que formar póde
A Natureza:

Mas tu pintaste
Venus divina,
Porem mais bella
Inda he Corina.

# L I L I A

*Presa de Amor.*

Com Lilia bella
Amor brincava,
E Lilia rindo
De Amor zombava.

C'uma grinalda
De frescas rosas
Amor lhe atava
As mãos formosas.

Julgou-se Lilia
De Amor segura;
A prisão teve

# A
# MARILIA,

*Paraque não ceda a Amor.*

Amor, ó Marilia,
Irado lá vem,
Tu zomba de Amor,
Que eu zombo tambem.

Aindaque venha
Com todo o seu trem,
Tu zomba de Amor,
Que eu zombo tambem.

# A M O R

*Demudado em ave.*

Mudado em ave
Amor voava,
De Lydia o collo
Meigo buscava.

Alli batendo
As azas leve,
Sóbe a seu peito
De côr de neve.

D'alli co bico
Sem medo ou pejo
Na rosea boca
Lhe sólta hum beijo.

Recebe-o, Lydia,
Com doce agrado,
E lhe perdoa
Este attentado.

# OS
# DOIS SEGADORES
# ILVANO, E LERENO,

*Imitação de Ferreira.*

---

SILVANO.

Que usança he esta,
Lereno amigo,
Com que tu ceifas
O loiro trigo?

A ordem toda
Levas errada,
Segas hum rego,
E d'outro nada.

A espiga deixas?
Que tens diante,
E segas outra
Que está distante?

Já o teu rosto
Te amarelece,
E a curva foice
Já te enfraquece.
Lereno amigo,
Vai descançar
Tu já não pódes
Mais trabalhar.

Tua taréfa
Eu só farei,
Todo este trigo
Eu segarei.

LERENO.

Bem pódes ora
Vencer ceifando,
Mas tu não vences
Lereno amando.

S'eu aqui ceifo,
Nisso não lido;
Só trago em Lilia
O meu sentido.

S'eu Lilia vira,
Eu só segára
Sem descançar
Maior seara.

S'ora viessem
Os meus Amores,
Eu só vencêra
Mil segadores.

# OS
# DOIS LAVRADORES
# AONIO, E AGRARIO,

*Imitação de Ferreira.*

AONIO.

Quanto dó tenho,
Agrario amigo,
Ver mal logrado
Teu loiro trigo.

Tu semeaste
Em hora escura
Aristo trigo
Em pedra dura:

Fraca seara,
Toda está cheia
De ingrato joio,
De triste aveia.

## AGRARIO.

Eu já não curo
Dos Campos meus,
Outro destino
Me dão os Ceos.

De hum novo Campo
Sou Lavrador,
Não sirvo a Ceres,
Só sirvo a Amor.

Mas s'eu quizesse
Ter mór seara,
De grãa colheita
Rico ficára.

Rogára a Lilia,
Que aqui viesse;
Que os lindos olhos
Aqui estendesse.

C'uma só volta
Dos olhos seus
Luzir faria
Os Campos meus.

Venha aqui Lilia,
Mostre seus olhos,
Nascerá trigo
Desses abrolhos.

Venha aqui Lilia,
Que o espinho, e o cardo
Verás tornar-se
Em Lirio, e nardo.

Ah! vem, ó Lilia,
Aos Campos meus
Mostrar o imperio
Dos olhos teus.

# CUPIDO
## EM GUERRA.

Lá vem Cupido
Com gesto irado;
Guerra ameaça
Co' arco armado.

Por toda a parte
Dispara tiros;
Já vão soando
Tristes suspiros.

Marilia, foge,
Que o coldre sôa;
E a seta dura
Para ti vôa.

# MARCIA
## FERIDA DE AMOR.

Amor hum dia
Buscava geito,
Com que ferisse
De Marcia o peito.

Quando ella dorme,
Seu fogo activo
Amor lhe accende
No peito esquivo.

No meio d'alma
A setta crava;
E Marcia fica
De Amor escrava.

Não temas, Marcia,
Essa ferida,
Se Amor te fere
He doce a vida.

# A HUMA TRAVESSURA
## DE
# LILIA.

*Malo me Galathea petit lasciva puella,*
*Et fugit ad salices, et se cupit ante videri.*

Virgilio Eclog. III.

Ao som das agoas
Da fonte pura
De Amor cantava
A formosura.

Entre huns salgueiros
Occulta estava
Travessa Nynfa,
Que me espreitava.

De lá subtil
Estende o braço,
E hum pomo atira
Ao meu regaço.

Voltei os olhos,
E conheci
A mão formosa,
Que eu inda vi.

Eras tu, Lilia,
Por ti chamei;
Mas por teu nome
Em vão clamei.

Fugiste á pressa
Para a espessura,
E foste rindo
Da travessura.

Mas tu querias,
Assim fugindo,
Que eu sempre visse
Teu rosto lindo.

## A' FORMOSURA DE LILIA.

N'um prado hum dia
Amor entrando
Vio Lilia, e Venus
Andar brincando.

Correo ligeiro
Para saudar
A mais formosa
Filha do mar.

Mas tão parecidas
Amor as vio,
Que a mãi Cyprina
Não distinguio.

Ambas sauda
Com gentil graça,
A ambas beija,
Ambas abraça.

Qual de vós he,
Amor clamou,
A mãi formosa
Que me gerou.

# AMOR PREZO.

Amor hum dia
Voando vi,
Armei-lhe hum laço
N'elle o prendi.

Elle soltar-se
Em vão pertende,
Quanto mais lida
Mais s'elle prende.

Desfeito em choro
Gemendo afflicto
Alçou á Mãi
Piedoso grito.

Acode Venus:
Solta-me Amor,
Que o farei brando
A' tua dôr.

Eu já to sólto,
S'elle tambem
Me soltar alma,
Que lá me tem.

# A' MORTE
## DE
# LEANDRO.

Com firme peito as ondas procellosas
a arrostando o Nadadór de Abydo;
› que dos duros fados opprimido
ontar não pôde as agoas tormentosas.

Pondo os olhos nas praias amorosas
amou tres vezes: Hero; e submergido
ıtras tantas o nome seu querido,
:ou das bravas ondas invejosas.

Em fim cançado de luctar co' a morte,
rindo a debil voz já sem conforto:
ı vão trabalhas, disse, cruel sorte;

Hei de chegar ao desejado porto,
r mais que o mar resista bravo e forte,
não puder ir vivo, irei lá morto.

## AO
## MESMO.

Rendido da tormenta, que afrontava
Correr a morte sobre as ondas via
Leandro triste, mas morrer queria
Sequer junto da praia, onde Hero estava.

Emquanto assim c'os braços se esforçava
Pondo os olhos na luz, que ao longe ardia,
Chamava por seu bem: Hero, dizia:

## AO
## MESMO.

As vagas alterosas lá rompia
Pela alta noite o nadadôr de Abydo:
Bramia o vento, e o mar enfurecido
Triste morte cruel lhe apercebia.

De longe Amor c'os olhos o seguia,
Em seu futuro damno esmorecido,
E Hero vendo o pego revolvido,
Chorava, e votos mil aos Ceos fazia:

Nem Hero, nem Amor pôde seu fado
Vencer: naufrága o moço, e a sorte escassa
A' praia arroja o corpo mal logrado:

Que dôr o coração d' Hero traspassa!
Correndo a abraçar vivo o esposo amado,
Frio cadaver infeliz abraça.

# A' MORTE DE D. IGNEZ DE CASTRO.

Aqui da linda Ignez a formosura
Acabou: crueis máos morte lhe derão:
Inda sinaes do sangue, que vertêrão,
Estão gravados nessa penha dura.

Vendo as Nynfas tamanha desventura,
Sobre o pallido corpo aqui gemêrão,

alguns annos anonymo; e declarando depois elle ser obra sua, houve quem o puzesse em duvida, por lhe parecer peça muito antiga. Então fez o Author os seguintes, menos por mostrar que bem pudéra ter feito este primeiro, quem fazia os segundos, quanto por salvar-se do plagio, que sem fundamento se presumio. Por esta causa forão todos fundidos pelo mesmo molde do primeiro, porque a semelhança das feições depuzesse da origem e filiação de todos elles; que por isso não ha nelles maior variedade de pensamentos, nem de imagens, nem de expressões, nem de estilo, nem ainda de rimas, mas antes de proposito se buscou que todos fossem parafrazes do primeiro, e de huma mesma forma e maneira, como em mostra da mão original, que a todos produzio, e que nelles reinasse sempre o sentimento do coração, clave unica deste genero de Obra, e não o floreio e variedade da fantasia, que só tem lugar em peças de imaginação e enthusiasmo. Alguns destes Sonetos forão impressos com alteração na Collecção do Jornal Encyclopedico no mez de Junho de 1789 Art. IV. a pag. 409 e 413, e sem concurrencia do Author.

## AO
## MESMO.

Aqui a vida á linda Ignez cortárão
Antes de tempo as Parcas apressadas;
Barbaras mãos de duro ferro armadas
No tenro peito a morte lhe cravárão.

Do sangue seu, que em terra derramárão,
Inda essas penhas vejo ensanguentadas;

## AO
## MESMO.

Tu descanças, ó Pedro, e a crua morte
Pelo campo correndo vem armada
De barbaro punhal, e busca irada,
Triste de ti! a misera consorte.

Ella vendo descer o mortal corte
Em vão brada por ti desamparada,
Qu' o doce nome, e a vida desgraçada
Lhe corta a hum mesmo tempo a impia sorte.

Chorai, chorai a vossa desventura,
Pastoras do Mondego, Tejo, e Doiro,
E de Pedro chorai a mágoa dura.

Os lindos olhos, os cabellos d'oiro
De negro véo cobri, que a morte escura
De todo vos roubou vosso thesoiro.

## AO MESMO.

Se vês este lugar inda banhado
De fresco sangue humano, ó passageiro,
Sabe que á Gentileza, e ao verdadeiro
Amor aqui deo fim o cruel fado.

Só por ser bella, só por ter amado,
Hum barbaro punhal o derradeiro
Fio cortou de Ignez, e o ferro inteiro
No brando peito lhe ficou cravado.

Neste lugar Amor continuo mora;
E lembrado das magoas deste dia,
Sempre de pura dôr suspira, e chora.

De Ignez prostrado ante a urna fria
Inda hoje essas cinzas triste adora,
Onde de Amor formoso fogo ardia.

# AO
# JESUS.

Aqui de Ignez ministros sanguinosos
Com duro ferro o coração passárão,
Aquelle coração, onde morárão
Sentimentos de amor os mais formosos.

Os filhos, que a cercavão temerosos,
Tintos de sangue seu inda ficárão;
E co' a Mãi moribunda se abraçárão,
Ferindo o ar com gritos lastimosos.

O nome de seu Pedro, que lhe ouvirão
Soltar da boca fria, os sobranceiros
Montes por grande espaço repetirão.

E as Nymfas, que seus dias derradeiros
Tanto chorárão, muitos tempos virão
A triste sombra errar nestes outeiros.

## AO
## MESMO.

Neste lugar os fados rigorosos
Contra a innocente Ignez se conjurárão,
Duros punhaes seus peitos trespassárão.
Sem lhe valerem brados lastimosos.

Abraçada c'os filhos, que anciosos
Aos cruentos vestidos se apegárão

## AO
## MESMO.

Alçava Ignez aos Ceos piedoso brado,
Porém aos duros Ceos em vão bradava,
Que o agudo ferro o peito lhe passava
Deixando de seu sangue o chão banhado.

Neste funesto doloroso estado
A Pedro a moribunda voz alçava;
Por seu querido Pedro inda chamava,
Mas não a póde ouvir o Esposo amado.

Ao triste som as Nymfas acudirão,
E a gentil alma, aonde Amor vivia,
Sahir da roixa boca inda lhe virão.

Em memoria das mágoas deste dia
Inda hoje aqui vem, inda suspirão
Vertendo pranto sobre a cinza fria.

## AO

# MESMO.

Aqui antes de tempo o duro Fado
Deo fim á bella Ignez; ferro homicida
Seus peitos traspassou, e amortecida
Cahio sobre o seu sangue derramado.

Ao ver de Ignez o caso desgraçado
O Sol se escureceo, e espavorida
Tremeo a Natureza, que tal vida
Em mostras de immortal nos tinha dado.

Oh rosto lindo! oh clara formosura,
Roubada em ti nos foi nossa riqueza:
Tudo nos foi comtigo á Sepultura.

Sem ti ficou a terra sem belleza
Sem luz o dia, as Graças sem doçura,
Sem força Amor, sem honra a Natureza.

# A' MEMORIA
## DE
# D. JOÃO DE CASTRO,
*Vice-Rei da India.*

Eu não te louvo, ó Castro valeroso,
Desses claros triunfos, que alcançavas,
Quando os Indicos Reis avassallavas
A' Lei do Luso Imperio venturoso.

Maiores, que o valor tão portentoso
Duas virtudes são, que tanto amavas:
Verdade, com que os labios teus sellavas,
Desint'resse, que tinha o peito honroso.

Não faltou a palavra, huma vez dada:
Não tomou da riqueza do Oriente
Huma só joia a pura mão sagrada.

Este procedimento, mais potente
Que a mesma forte vencedora espada,
Te fez hum Numen da Indiana gente.

300

# A' MEMORIA
DO
IMMORTAL POETA
# LUIZ DE CAMÕES.

Aquelle, a quem descendo d'alta esféra
Apollo deo a Lyra, e a voz canora,
Que desde o Téjo até o mar d'Aurora
Os Lusos Gamas resoar fizera;

A' pobreza cedeo, e á morte féra
Sobre o leito de dôr; e se não fora
Coutinho illustre, certo que inda agora
Nem seu proprio jazigo se soubéra.

Não te péze, Camões, da desventura;
Que se em bens de fortuna te fez pobre,
Rico de móres bens te fez Nátura:

Os dons, que a sorte dá, a terra os cobre;
Mas não morre o Poema, em que inda dura
Teu esprito gentil, tua alma nobre.

## EM LOUVOR
### DO INSIGNE POETA
## ANTONIO FERREIRA.

*Mestre das Musas, Mestre da virtude.*

Ferr. Liv. II. Cart. IX. a Sá de Mir.

Quiz dar o Ceo á Lusitana Gente
Heroe guerreiro, que seu nome alçasse;
E deo-lhe Nuno, que de Lysia ornasse,
De loiro eterno a magestosa frente.

Do Sol quiz dar-lhe o berço refulgente,
E o Gama trouxe á luz, que assoberbasse
Nunca surcado mar, e descerrasse
A' culta Europa as portas do Oriente.

Quiz dar-lhe idade de oiro, em paz brilhante
Reina João; fortuna lisongeira
Lhe ergue no Téjo hum throno de diamante.

Quiz dar-lhe emfim por gloria derradeira,
Quem sãa doutrina em alta rima cante,
E deo-lhe o grande, o immortal Ferreira.

# EM LOUVOR
## DOS NOSSOS
# MAGISTRADOS POETAS.

Alguns dos Magistrados ajuntarão
As castas Musas co' a severa Astrea;
Ferreira, hum delles, a Moral semèa
Nos versos, que seu nome eternizarão.

Macedo e Castro a alta toga ornarão
C'os dois poemas de gentil idea;
Que a fundação Argiva de Ulyssea
Em heroica rima aos Ceos alçarão.

Lusos Heroes de Marte furibundo,
Que humilhárão da Asia inteira o colo,
Canta urano Diniz com som jucundo.

De Magistrados taes de polo a polo
Correm os nomes immortaes no mundo
C'o sello d'oiro, que lhes poz Apollo.

# A
# FABIO,

*Notado de severidade no exercicio do seu Governo.*

O mundo, ó Fabio, rigido te chama,
Por vêr, que trilhas tão fragosa via,
Sem comtigo levar em parceria
Os vicios seus, que por virtude acclama.

Não te cercão validos, nem te infama
De aduladores baixa companhia:
A Lei sómente esses teus passos guia;
Teu coração justiça igual só ama.

Tal firmeza de peito, que não cede
A rogos, a lisonja, a valimento,
Objecto he grato ao Ceo, que assim to pede;

Q' hum tão constante esp'rito inteiro e isento
Em tanta corrupção, que a tudo excede,
Ou o não ha, ou he o mór portento.

## AO
## MESMO,

*Havendo padecido em vida com summa constancia muitas perseguições dos inimigos de sua virtude.*

Foste, ó Fabio, gozar a paz sublime
De Deos onde só ha prazeres puros:
Já lá descanças dos trabalhos duros
Da baixa terra, de que o Ceo te rime.

Inveja lá não ha, não ha lá crime,
Q' infeste com seus halitos impuros:

# SOBRE
# CINCO GRANDES PRAZERES
# DA
# ALMA.

Eu não acho prazer sereno e puro,
Senão quando algum bem aos homens faço;
Quando co' amigo meu as horas passo;
Quando estou livre sem cuidado escuro:

Quando longe do vulgo baixo e impuro,
A' floresta das Musas me trespasso,
E alli, ao som do harmonico compasso,
Com seu conselho os versos meus apuro:

Ha inda outro deleite, que a alma sente,
Maior que tudo, que o só dá Virtude,
Quando lhe entrego o coração ardente:

Se firme a sigo, sem que o passo mude,
Não ha outro prazer, que mais contente,
Tudo o mais, que ha no mundo, he fraco e rude.

# SOBRE O PRAZER DOS POETAS.

Quem inda não compoz huma poesia
Nas brandas horas, em que vem benino
O claro Deos do plectro d'oiro fino
Mover c'os sons da lyra a fantasia;

Nunca bem soube, o que era huma alegria,
Hum suave prazer tão peregrino,

# DE ALMENO AO AUTHOR.

São tantas as riquezas do divino
Poeta, que a meus versos vou passando,
Que ás vezes deixo a Lyra desmaiando
De alcançalo no Canto peregrino.

Mas tu, ó Duriense, a cujo ensino
Se vai contente a Musa sugeitando,
Estás com teus louvores assoprando
Nas minhas mãos a flauta de Peligno.

Eis do Ladón as Nymfas cá vierão
De improviso habitar o Téjo undoso,
E os brandos delicados sons trouxerão.

Já por cima das ondas o formoso
Colo, e as cabeças nitidas erguêrão;
Hymnos te canta o plectro harmonioso.

# RESPOSTA
## DO
# AUTHOR.

*Pelos mesmos consoantes.*

---

NAs mãos tomaste a obra do *divino*
Poeta, que a teus versos vais *passando*
Nella trabalhas nunca *desmaiando*
De inda vencer seu canto *peregrino*.

A teu suave portentoso *ensino*
Já vais a Lacia Musa *sugeitando*,
Da mesma flauta tiras *assoprando*

## AO
## MESMO,

*Pelos mesmos consoantes.*

Quando, Almeno, teu cantico *divino*
Pela memoria absorto vou *passando*
Excito-me a cantar, mas *desmaiando*
Chegar não posso ao canto *peregrino.*

Debalde lido com teimoso *ensino*
Por ir meu rude genio *sugeitando*
Embóco a flauta em vão, porque *assoprando*
Não sôa, como em ti, nem no *Peligno.*

Logo não foi por mim, que cá *vierão*
As Nynfas do Ladón ao Téjo *undoso;*
Para ti só seus claros dons *trouxerão.*

Sólta tu pois o éstro teu *formoso,*
Qu' em ti as Musas novo Apollo *erguérão,*
Doando-te o seu plectro *harmonioso.*

## 310

## AO

## MESMO.

Tu que assoprando a flauta de Peligno
Com teu mimoso som o mundo encantas,
Illustre Almeno, e com bellezas tantas
Já vais vencendo o vate peregrino.

Tu, que tocando a harpa d'oiro fino
Muitas vezes aos astros te alevantas,
E sobre as azas das virtudes santas

## A' MEMORIA DO INSIGNE POETA
# PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO,
### CHAMADO NA ARCADIA CORYDON.

Junto da Fonte Santa, antigos Lares
Do sabio Corydon sentei-me hum dia, (*)
Recordando na vaga fantasia
De sua Musa os Lyricos cantares.

Então arrebatado, aos brandos ares
Inda saudosos delle, assim dizia:
Aqui o grande Corydon vivia,
Entregue a si, á Musa, e a seus pezares.

Devia ter em Lysia mór ventura
Quem Lysia tanto honrou co' plectro fino;
Mas foi-lhe a patria injusta ingrata e dura.

O seu só verso foi seu premio dino;
Que este o levou sublime á mór altura,
E o fez de hum ser mortal hum ser divino.

(*) Chama-se Fonte Santa hum sitio nas extremas de Lisboa para o poente; toma o nome de huma fonte vizinha assim chamada, aonde está a casa, em que habitava o Poeta Garção.

Eu não te louvo de Solar antigo,
Illustre Castro, nem de feitos raros
De teus maiores, mas dos dons preclaros,
Que a natureza repartio comtigo.

Es da Lei, da Razão, da Patria abrigo;
Es sabio, és honrador dos Varões claros;
Fiel amigo dos amigos caros;
De inveja, d'odio, de lisonja imigo:

Aos costumes, e ás Letras dás valia;
Amparo ao infeliz; soccorro ao pobre;
Tens a virtude sempre em companhia.

Por estes feitos de honra se descobre,
Tudo o que és, que não por fidalguia;
Quem isto faz, Senhor, he mais que nobre.

# A
# PEDRO ANTONIO CORREA
# GARÇÃO,

*E a seu Sobrinho Francisco de Borja Garção Stockler.*

---

Garção, Senhor do plectro d'oiro fino
Das Portuguezas Musas, que as pudéste
Do baixo estado de huma idade agreste
Alçar aos Ceos co' Canto teu divino.

Tu, sabio Stockler, que com raro tino
Da Natura as moções e as Leis soubeste;
Que energico vigor á Razão déste,
Fazendo-a forte com teu alto ensino.

No Ceo de Elysia Deoses Soberanos
Ambos sempre sereis; e a todos guia,
Emquanto houverem corações humanos.

Hum regerá co' a doce Melodia
O Parnaso dos Vates Lusitanos;
Outro os homens co' a sãa Filosofia.

A

# D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia d seus annos, havendo estado pouco antes doente.*

---

*Serus in Coelum redeas.*

Horacio Liv. I. Od. II.

---

LÁ te mando, Senhor, meu parabem
No dia festival dos annos teus;
E vai com elle amor e os votos seus
Pela tua saude e por teu bem.

[redacted]

## A O M E S M O,

*Havendo respondido ao Author, e trazendo em prova da difficuldade de hum bom Soneto o lugar de Boileau no verso 95 e seguintes do Cant. II. da Arte Poetica.*

*Un sonnet sans défauts vaut seul un long Poème;*
*Mais en vain mille Auteurs y pensent arriver,*
*Et cet heureux Phénix est encore à trouver.*

He difficil, Senhor, mas não he raro,
Salvo se for em França, que hum Poeta
No curso de hum Soneto toque a meta,
Que lhe poz Boileau austero e avaro.

O grão Camões, esp'rito á Lysia caro,
A'quelle alvo tirou feliz a seta;
E tu, ó Castro, qual Eolio Atleta
Colhes no mesmo campo louvor claro.

Até eu mesmo, se chegar ao anno,
Melhor qu'ora, cantando-te prometto
Desmentir esse Vate Gallicano:

Que Poeta, que tem tão alto objecto,
Qual tu és, póde bem fazer ufano
Hum bom *poema longo*, e hum *bom Soneto*.

316

## AO MESMO,

*Sobre o mesmo.*

Não he, Senhor, tão raro hum bom Soneto,
Se o vós tendes por tal, que elle só seja,
De Catullo huma peça, em que se veja
Bem expressado hum natural affecto.

# A
# FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER.

Tomando a facha da Razão por guia
Por não trilhadas rótas endireitas,
E a teu sublime calculo sujeitas,
Quanto em seu seio a Natureza cria.

Segues firme a Verdade, que allumia;
O engano, o erro, a prevenção engeitas;
E as trevas huma e outra vez desfeitas,
Fazes sempre raiar o claro dia.

Quem não dirá, que o Ceo, quando nasceste,
Por honra nossa a Lysia só mandado,
Te deo esse alto genio, dom Celeste?

Cumpre pois teu destino, e lédo fado:
Parte comnosco os ricos bens, que houveste,
E faze o Luso Imperio afortunado.

# A
# HUM PRESBYTERO,

*No dia de sua primeira Missa.*

---

Novo Ministro, a cuja voz sagrada
Descendo Deos do throno omnipotente
Com a turma dos Anjos refulgente
Vem hoje nesse altar fazer morada:

Adora a Magestade, que encerrada
Contem essa de pão fórma apparente:
Offrèce o Filho ao Pai, hostia innocente,

## A D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

*Principal da Santa Igreja Patriarchal, alludindo a materia dos Sonetos do anno antecedente.*

Os Poetas, ó Castro, consentirão
Que puzesse Boileau a hum bom Soneto
Leis tão severas, que hum só bom quarteto
Feito desta arte nunca mais urdirão.

Ora Francezas tropas cá surgirão
(Que assim de Jove o manda alto Decreto)
E de seu marcial estranho aspecto
Graças e Musas pávidas fugirão.

Heide então presentar-vos neste diá
Em que nasceste a Lysia mór, que humano,
Hum Soneto gentil, qual eu quéria?

Fique inda esta obra excelsa para o anno
Que eu juro de fazer hum Poesia
Que salve a Lei de vate Gallicano.

## AO MESMO ASSUMPTO.

Eu prometti, Senhor, que já neste anno
Vos faria hum Soneto muito bem feito
Que entrasse com grão brio o passo estreito
Que aos Vates poz o vate Gallicano.

Errei porém com manifesto engano
Que vós que sois o assumpto mais perfeito,
Sois maior do que a Musa: e hum tal objeito

## 321

## AO

## MESMO.

Este dia sagrado, ó Castro, a Musa,
Poisque nelle mil bens o Ceo nos déra,
Com novo Canto celebrar quizera,
Canto, que ouvisse toda a Gente Lusa.

Porém a mente attonita confusa,
Vendo o que agora he Lysia, e o que antes era,
Só os seus tristes fados considera
E dar-se a festivaes Canções recusa.

Vou pois, Senhor, sem galas de alegria,
Sem versos de primor e de beldade,
Fazer-vos hoje a minha cortezia.

Acceitai-me benigno a sãa vontade,
Que outr'ora já vos deo, em tão bom dia,
Em doce rima votos de amizade.

# SOBRE HUMA PERSEGUIÇÃO.

. . . Cahio-me hum coração
Em sorte, que muito empece;
Qu' outro Senhor não conhece
Salvo justiça e razão.

F. de Sá de Miranda Egl. VIII.

Em vão Melampo com atroz maldade,
Quer que eu siga, como elle, a tyrannia:
Não póde hum peito, que a virtude cria,
Servir infame á vil iniquidade.

Soou-me n'alma a voz d'alta verdade,
Quando nasci á clara luz do dia:

# SAUDADE NA MORTE DE FRANCISCA. (*)

O' Alma illustre, aos santos Céos levada,
Alma bella na terra, inda mais bella
Lá nesse Empyréo, aonde, feita estrella,
Brilhas do Sol divino alluminada;

Se esta minha alma, cá sem ti deixada
Por ventura te lembra, tem tu della
Devida compaixão: roga por ella
A Deos que a leve á Olympica morada.

Não tem o mundo já, que me contente;
Que pois me falta a tua companhia,
Vivo só com a dôr, que o peito sente:

Que emquanto não chegar o claro dia,
Em que eu te vá lá ver no Ceo luzente,
Não terei mais momento de alegria.

(*) Tia do Author.

## A
## VITO JOSE DE MELLO
## LISBONENSE,

*Cosmografo e Piloto da Carreira da India.* (*)

---

O' novo Deos do mar, illustre Vito
A quem Neptuno deo de Thetis fria
Reger as bravas ondas; e Urania,
Medir os astros com sublime esp'rito:

De ti já sólta a Fama immortal grito
Do Téjo ao Ganges, onde nasce o dia;
E o Nome teu, aos Nautas honra, e guia,

## A MADAMA
# CLEMENTINA,
ROMANA,

*Depois de cantar huma aria.*

IMPROMPTO.

---

Não mortal, não de humana arte composto,
Nem he humana voz, nem sp'rito humano
Isto, que eu ouço, e vejo.

Ant. Ferr. Soneto LVIII. Liv. I.

---

Nynfa, que d'harmonia o som jucundo,
Qual nunca ouvido foi d'humana gente,
Trazer vieste ás praias do Occidente
Lá desde a antiga Capital do mundo.

Se Deosa és, não sei, que me confundo;
Certo não és mortal, que o Ceo potente
Huma voz tão divina não consente
A crie em si a terra, ou mar profundo.

Se tanta fôra, Orpheo, a melodia
De teu sonoro plectro, a esposa cara
Trouxeras apôs ti á luz do dia:

O Deos cruel de todo se abrandára,
Nem condição tão dura te poria,
Nem outra vez dos olhos ta roubára.

# A' FORMOSURA DE LILIA.

Venus buscando a Amor andava hum dia,
E a todos seus por elle procurava;
A mim me perguntou, onde elle estava,
E eu lhe disse, que em Lilia o acharia.

A Lilia corre, e vê que Amor dormia

# A
# DORINDO
# POETA,

*Embarcando-se para o Norte.*

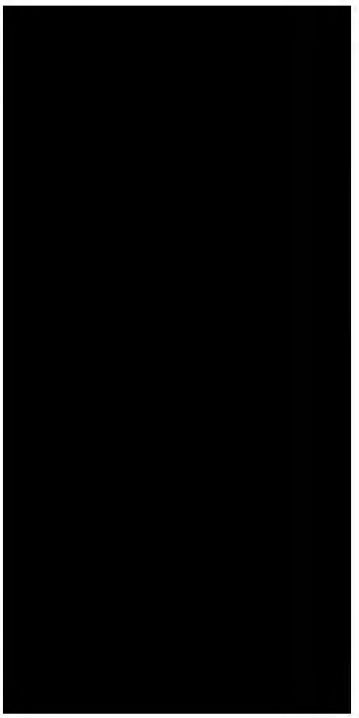
---

Guiado das esplendidas estrellas,
Já lá vais demandar gelado pólo;
Deixando Delos, vai comtigo Apollo
E a turba toda das Aonias bellas.

Regem-te a náo de Thetis as Donzellas;
Neptuno manso te submette o collo,
E os ventos todos enclaustrando Eólo
Só de hum fresco galerno te enche as velas.

Venus, e o Filho em doce companhia
Te irão seguindo, emquanto navegares,
C'o as lindas Graças, filhas d'alegria;

Que da terra, do Ceo, dos fundos mares
Deoses e Deosas com gentil porfia
Transferem para a náo seus proprios lares.



# INDICE.

*A Beneficencia de Deos* . . . . . a p. 3

*A' Virtude* . . . . . p. 5

*A's Musas em louvor da Virtude da Constancia* . . . . . p. 7

*A ElRei D. José I.* . . . . . p. 9

*Pela Prosperidade do Imperio Portuguez e do Principe Herdeiro* . . . . . p. 11

*Ao Principe Regente* . . . . . p. 15

*Em louvor da Virtude da Constancia nas adversidades da Patria* . . . . . p. 17

*' Memoria dos Varões Portuguezes* . . . p. 19

*Em louvor de Martim de Freitas, Alcaide Mór de Coimbra, no cerco, que lhe poz D. Affonso, Conde de Bolonha* . . . . . p. 22

*Em louvor de Nuno Gonsalves* . . . . . p. 25

*Em louvor do Infante D. Henrique* . . . p. 27

*Em louvor de Bartholomeo Dias, Descobridor do Cabo da Boa Esperança* . . . . . p. 32

*obre os Feitos Militares dos Portuguezes* . p. 36

*Em louvor de D. João de Castro, Viso-Rei da*

*A D. Domingos de Assis Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarchal* . . . . p. 50

*A D. Francisco Rafael de Castro, nomeado Reformador Reitor da Universidade, remettendo-lhe o Author alguns dos seus versos que lhe pedira* . . . . . p. 52

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, sobre a mudança dos bons costumes* . . . . p. 56

*Ao Doutor José Cardoso Ferreira Castello, sobre a decadencia dos nossos antigos costumes* . . p. 58

*Ao Doutor José Barroso Pereira, em seu louvor* p. 60

*A Joaquim de Foios, da Congregação do Oratorio, sobre a falta de respeito devido aos Ministros da Religião* . . . . . p. 62

*Em louvor de D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas sendo Bispo de Béja* . . . . p. 65

*Ao Doutor José Barroso Pereira em seu louvor.* p. 68

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia de seus annos* . . . . . p. 70

*Francisco de Borja Garção Stockler, exhortando-o, a que interrompendo algumas vezes os seus graves estudos, se volte ás Musas* - p. 72

*Mocidade Portugueza, exhortando-a ao estudo da Poesia* . . . . . p. 75

*o Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, contra a devassidão dos costumes* . . . . p. 77

*Noite* . . . . . p. 80

*o mesmo assumpto* . . . . . p. 82

*Natureza, ou Venus Fysica na vinda da Primavera* . . . . . p. 84

*Em louvor das Dorides* . . . . . p. 94

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 97

*A D. Catharina Michaela de Sousa, quando esteve na Cidade do Porto* . . . . . p. 101

*A' mesma, quando se embarcou para Londres* . 103

*A João Baptista da Silva, por haver dado a conhecer Almeno, e as suas Poesias ao Author* . 106

*A Almeno, havendo mostrado ao Author o primeiro Livro da sua Traducção Portugueza da Metamorfose de P. Ovidio Nasão* . . . p. 108

*Ao mesmo, havendo mostrado ao Author algumas outras de suas Poesias* . . . . . p. 110

*A Almeno, havendo mostrado ao Author a continuação da sua Traducção da Metamorfose de P. Ovidio Nasão* . . . . . p. 113

*A João Baptista da Silva, havendo trazido ao Author Poesias de Almeno* . . . . . p. 116

*Ao mesmo, e sobre o mesmo assumpto* . . p. 118

*Almeno, sobre os encantos da sua Lyra* . p. 119

*obre o Amor ás Musas* . . . . . p. 121

*Alcino, que louvára em verso latino alguns Heroes da Antiguidade* . . . . . p. 123

*memoria de D. Domingos de Assis Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarchal* . . . . . p. 125

*o Doutor José Barroso Pereira, em seu louvor* p. 127

*D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* . p. 129

*Ao mesmo, continuando a estar gravemente doente* . . . . . p. 141

*A Francisco de Borja Garção Stockler depois do Author ter visto as suas Poesias* . . . . p. 143

*Sobre a Sepultura dos Poetas* . . . . . p. 145

*Na morte de Almeno* . . . . . p. 147

*A João Baptista da Silva, sobre o mesmo assumpto* . . . . . p. 148

*Ao Doutor José da Silva Xavier, sobre o mesmo assumpto* . . . . . p. 149

*A' memoria de Almeno* . . . . . p. 151

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia de seus annos, remettendo-lhe o Author algumas Poesias de Almeno* . . . . . p. 153

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, na morte do Doutor José Barroso Pereira* . p. 156

*Na morte do mesmo* . . . . . p. 158

*No dia anniversario da morte do mesmo* . p. 160

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* . . . . . p. 162

*Do mesmo, havendo-se esquecido o Author de o obsequiar com versos no dia de seus annos* p. 163

*Do mesmo, sobre o mesmo assumpto* . . . p. 165

*A D. Maria Luiza de Valleré, mandando-lhe o Author algumas de suas Poesias, que lhe havia pedido* . . . . . p. 166

*A Monsenhor Ferreira, mandando-lhe huns ver-*

*Ao Doutor Simão de Cordes, sobre a sua preciosa Bibliotheca* . . . . . p. 175

*A Amintas, que pedia ao Author alguns conselhos de bem viver* . . . . . p. 177

*A Josino, tendo mostrado ao Author algumas das suas Poesias sagradas* . . . . . p. 179

*O Author ás suas Musas* . . . . . p. 180

*Dictado para a Campa da Sepultura do Author* . . . . . p. 181

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 182

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira na entrada da Primavera* . . . . . p. 183

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 184

*A Altéa, no dia das suas bodas* . . . . p. 185

*A huma Fonte do Jardim de Corilla* . . p. 186

*Ao dia dos annos de Lorina* . . . . . p. 188

*A's raras prendas de Marilia* . . . . . p. 189

*A Aglaura, no dia de suas Nupcias* . . . p. 191

*A huma Fonte do Jardim de Corilla* . . p. 193

*Alcippe amante e virtuosa, fallando a Alcino* p. 194

*A Pan* . . . . . p. 196

*A Venus Fysica, na entrada da Primavera* p. 197

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 199

*A Lydia, retratando a Silvio, seu esposo* . p. 200

*A' Natureza, ou Venus Fysica* . . . . p. 202

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 204

*A Lydia, retratando a seu esposo* . . . p. 213

*A Revolução da Natureza Fysica, ou Primavera* . . . . . p. 214

*Ao Cabello de Marina* . . . . . p. 215

*Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira* . p. 216

*A Filinto* . . . . . p. 217

*A Alexis, Convite* . . . . . p. 219

*A Fabricio, Convite* . . . . . p. 220

*A Alfeo* . . . . . p. 224

*A Lereno, Convite para leitura de peças joviaes* . . . . . p. 226

*A Myrtillo* . . . . . p. 227

*A Anfriso, Convite no dia dos annos de Elpine* . . . . . p. 228

*A Silvio, Convite* . . . . . p. 230

*A Alexis* . . . . . p. 231

*A Fileno, cuidadoso em demazia da sua saude* . . . . . p. 233

*A Montano* . . . . . p. 235

*A Castalio* . . . . . p. 236

*A Fabricio* . . . . . p. 238

*Ao Doutor Simão de Cordes, Convite* . . . p. 239

*A Pierio* . . . . . p. 241

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* p. 243

*Ao mesmo, escusando-se o Author de fazer versos pequenos pela difficuldade da Rima, e porque sem esta não erão graciosos* . . p. 247

*Ao mesmo, sobre o mesmo assumpto no dia de seus annos, havendo o Author tardado em apparecer com suas Rimas de verso menor* . p. 250

*Ao Retiro da Solidão* . . . . . p. 256

*A Almeno, havendo-lhe rogado o Author muitas vezes que viesse a Lisboa* . . . . . p. 257

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, em seu louvor* p. 258

*Ao mesmo, no dia de seus annos* . . . . p. 261

*A Grosfo, Domestico do Author, paraque o não negue ao Principal Castro* . . . . . p. 264

*Amor, irado pelo roubo que lhe fez Nise* . p. 269

*A' formosura de Corina* . . . . . p. 271

*Lilia presa de Amor* . . . . . p. 272

*A Marilia, paraque não ceda a Amor* . . p. 273

*Amor demudado em ave* . . . . . p. 274

*Os dous Segadores Silvano, e Lereno, Imitação de Ferreira* . . . . . p. 275

*Os dous Lavradores Aonio, e Agrario, Imitação de Ferreira* . . . . . p. 278

*Cupido em guerra* . . . . . p. 281

*Marcia ferida de Amor* . . . . . p. 282

*A huma travessura de Lilia* . . . . . p. 283

*A' Formosura de Lilia* . . . . . p. 285

*Amor preso* . . . . . p. 286

*A' morte de Leandro* . . . . . p. 287

*Ao mesmo* . . . . . p. 288

*Ao mesmo* . . . . . p. 289

*A' morte de D. Ignez de Castro* . . . . p. 290

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 292

*Ao mesmo* . . . . . p. 293

*Ao mesmo* . . . . . p. 294

*Ao mesmo* . . . . . p. 295

*Ao mesmo* . . . . . p. 296

*Ao mesmo* . . . . . p. 297

*Ao mesmo* . . . . . p. 298

*A' memoria de D. João de Castro, Viso-Rei da India* . . . . . p. 299

*A' memoria do Immortal Poeta Luiz de Camões* . . . . . p. 300

*Em louvor do insigne Poeta Antonio Ferreira* p. 301

*Em louvor dos nossos Magistrados Poetas* . p. 302

*A Fabio, notado de severidade no exercicio do seu Governo* . . . . . p. 303

*Ao mesmo, havendo padecido em vida com animo constante muitas perseguições dos inimigos da sua Virtude* . . . . . p. 304

*Sobre cinco grandes prazeres da Alma* . . p. 305

*Sobre o prazer dos Poetas* . . . . . p. 306

*De Almeno ao Author* . . . . . p. 307

*Resposta do Author, pelos mesmos consoantes* p. 308

*Ao mesmo, pelos mesmos consoantes* . . . p. 309

*Ao mesmo* . . . . . p. 310

*A' memoria do insigne Poeta Pedro Antonio Correa Garção, chamado na Arcadia Corydon* p. 311

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal* . . . . . p. 312

*A Pedro Antonio Correa Garção, e a seu Sobrinho Francisco de Borja Garção Stockler* . p. 313

*A D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarchal, no dia dos seus annos, havendo estado pouco antes doente* . p. 314

*Ao mesmo, havendo respondido ao Author, e trazendo em prova da difficuldade de hum bom Soneto o lugar de Boileau no verso 95 e*

*Ao mesmo assumpto* . . . . . p. 320

*Ao mesmo* . . . . . p. 321

*Sobre huma perseguição* . . . . . p. 322

*Saudade na morte de Francisa* . . . . p. 323

*A Vito José de Mello Lisbonense, Comosgrafo e Piloto da Carreira da India* . . . . p. 324

*A Madama Clementina, Romana, depois de cantar huma Aria* . . . . . p. 325

*A' Formosura de Lilia* . . . . . p. 326

*A Dorindo Poeta, embarcando-se para o Norte* . . . . . p. 327

F I M.

| *Erratas.* | *Emendas.* |
|---|---|
| p. 29 est. 4 Graças | Garças |
| p. 46 est. 4 O oceano | Pelo Oceano |
| p. 56 est. 3 O Amor | o amor |
| p. 77 est. 3 Vallos | vallos |
| p. 82 est. 2 põe | pões |
| p. 86 v. 14 coroais | cr'oais |
| p. 90 est. 2. v. 2 Numen! E quaes braços | Nume? Entre quaes braços |
| p. 95 est. 2. v. 4 offerecem | off'recem |
| p. 108 est. 4. v. 1 terna | tenra |
| p. 113 v. 15 offerece | off'rece |
| p. 114 v. 5 frente | fronte |
| p. 118 v. penult. ¡indezas | lindezas |
| p. 119 est. 1. v. 3 differente | ¢iff'rente |
| p. 223 est. 2. v. 1 ardente | cadente |
| p. 320 est. 2. v. 2 muito | mui |
| p. 323 *no titulo*, Francisca | Francisa |

*Deve accrescentar-se ás Erratas, e Emendas do Tom. 1.*

| | |
|---|---|
| p. 315 Eu choro a Adonis | Choro Adonis |